



Escola de Formação Política Miguel Arraes

A ATUAÇÃO POLÍTICA DOS SOCIALISTAS

Curso de formação, capacitação
e atualização política

Módulo IV

A ATUAÇÃO POLÍTICA DOS SOCIALISTAS



Sede própria – SHIS QI 5 Conjunto 2 Casa 2
CEP 71615-020 – Lago Sul – Brasília, DF
Telefax: (61) 3365-4099/3365-5277/3365-5279
www.fjmangabeira.org.br
www.tvjoaomangabeira.com.br

DIRETORIA EXECUTIVA

Diretor-Geral: *Carlos Siqueira*
Diretor-Financeiro: *Renato Xavier Thiebaut*
Diretor de Assessoria: *Marcos Rezende Villaça Nunes*
Diretor de Cursos: *José Carlos Sabóia*
Diretora-Administrativa: *Carmen Soriano Puig*

CONSELHOR CURADOR

Membros natos

Governador *Eduardo Henrique Accioly Campos*
Carlos Siqueira

Membros eleitos pelo Diretório Nacional do PSB

Deputada *Luiza Erundina de Sousa*
Roberto Amaral
Prefeito *Serafim Fernandes Corrêa*
Kátia Born Ribeiro
Mari *Elisabeth Trindade Machado*
Antônio César Russi Callegari

Membros eleitos pelo Conselho Curador

Jaime Wallwitz Cardoso
Dalvino Troccoli Franca

James Lewis Gorman Jr.

Deputado *Alexandre Aguiar Cardoso*
Ministro *Sérgio Machado Resende*
Adilson Gomes da Silva
Álvaro Cabral
Carlos Eugênio Sarmiento Coelho da Paz
Silvânio Medeiros

Suplentes

Paulo Blanco Barroso
Elaine Breintebach
Paulo Bracarense
Joe Carlo Vianna Valle
Manoel Antônio Vieira Alexandre

CONSELHO FISCAL

Cacilda de Oliveira Chequer
Auxiliadora *Maria Pires Siqueira da Cunha*
Antônio Marlos Ferreira Duarte

Suplentes

Marcos José Mota Cerqueira
Dalton Rosa Freitas

FICHA TÉCNICA

Diretoria Fundação João Mangabeira

Diretor-Executivo: *Carlos Siqueira*
Assessor Diretor-Executivo: *Adriano Sandri*

Organização do conteúdo

Cesar Callegari e Sinoel Batista

Coordenação técnica do conteúdo

Alexandre de Freitas Barbosa

Coordenação pesquisa

Ana Carolina Pires Evangelista

Assistentes de pesquisa

Manoela Miklos e Claudia Cristina dos Santos

Autores

Módulo I – História da formação política brasileira
Adriano Sandri, Bernardo Ricupero e Maurício Fronzaglia

Módulo II – História da formação do capitalismo

Alexandre de Freitas Barbosa e Ricardo Luiz Chagas Amorim

Módulo III – O socialismo no mundo contemporâneo

Luis Bernardo Pericás, Osvaldo Coggiola e Robério Paulino

Módulo IV – A atuação política dos socialistas

Alexandre de Freitas Barbosa, Kjeld Jakobsen e Robério Paulino

Ficha catalográfica

A atuação política dos socialistas

Curso de formação, capacitação e atualização política (4 : 2008 : Brasília, DF)

Escola de Formação Política Miguel Arraes – Fundação João Mangabeira : Brasília, DF
(266 p. : il. ; 25cm. (Coleção Curso de formação, capacitação e atualização política, 2007. ;
Módulo IV)

ISBN 978-85-60441-10-5

Textos baseados nas aulas apresentadas durante o *Curso de formação, capacitação e atualização política*, realizado no www.tvjoaomangabeira.com.br, em junho de 2007.

1. Ética. 2. Ciência Política (inclui Teorias Políticas. Ideologias). 3. Política. 4. Democracia. I. Fundação João Mangabeira. II. Curso de formação, capacitação e atualização política. III. Título. IV. Módulo IV



Escola de Formação Política Miguel Arraes

A ATUAÇÃO POLÍTICA DOS SOCIALISTAS

Curso de formação, capacitação
e atualização política

Módulo IV
Brasília, 2008

OS AUTORES

ADRIANO SANDRI é formado em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí, mestre em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais e doutor em História das Relações Internacionais pela Universidade de Brasília.

ALEXANDRE DE FREITAS BARBOSA é mestre em História Econômica pela USP e doutor em Economia Aplicada pela Unicamp.

BERNARDO RICUPERO é doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo e professor do Departamento de Ciência Política dessa universidade. É autor de *Caio Prado Jr. e a nacionalização do marxismo no Brasil* (São Paulo, Editora 34, 2000), *O romantismo e a idéia de nação no Brasil* (São Paulo, Martins Fontes, 2005) e *Sete lições sobre as 'interpretações do Brasil'* (São Paulo, Alameda, no prelo).

KJELD JAKOBSEN é consultor em Relações Internacionais e mestrando em Ciência Política da USP.

LUIZ BERNARDO PERICÁS é formado em História pela George Washington University e doutor em História Econômica pela USP. Pós-doutorado em Ciência Política Flacso (México) e em História pela Universidade do Texas em Austin. Foi professor-visitante destas duas instituições. Traduziu para o português diversos autores, como Jack London, John Reed, James Petras, Christopher Hitchens, Edward Said, Slavoj Zizek e José Carlos Mariátegui. É autor de *Che Guevara e o debate econômico em Cuba* e *Mystery Train*, entre outros.

MAURICIO FRONZAGLIA é formado em Ciências Sociais pela USP, mestre e doutorando em Ciência Política pela Unicamp. Professor de Ciência Política e Evolução das Idéias Sociais do Curso de Ciências Econômicas da Universidade Presbiteriana Mackenzie e pesquisador do Cedec e Ceipoc-Unicamp.

OSVALDO COGGIOLA é professor titular de História Contemporânea do Departamento de História da USP e doutor em História Comparada das Sociedades Contemporâneas pela Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, França.

RICARDO L. C. AMORIM é professor-pesquisador do NPQV, vinculado ao CCSA da Universidade Mackenzie. É também doutorando em Desenvolvimento Econômico do Instituto de Economia da Unicamp e membro da Sociedade Brasileira de Economia Política (SEP).

ROBÉRIO PAULINO, economista e doutor em História Econômica pela USP, é professor do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

ESTRUTURA GERAL DO CURSO

Aula Inaugural

Módulo I – História da formação política brasileira

- **Aula 1** – O que é política numa dimensão ética.
- **Aula 2** – A história do Brasil numa dimensão ética.
- **Aula 3** – O pensamento político brasileiro.
- **Aula 4** – Teorias da democracia.
- **Aula 5** – Instituições políticas brasileiras: evolução e situação atual.

Módulo II – História da formação do capitalismo

- **Aula 1** – Liberalismo, capitalismo e desenvolvimento.
- **Aula 2** – Capitalismo, imperialismo e subdesenvolvimento.
- **Aula 3** – O capitalismo do século XX: do Estado do Bem-Estar Social ao neoliberalismo.
- **Aula 4** – Formação econômica do Brasil, industrialização e os impactos recentes da abertura.

Módulo III – O socialismo no mundo contemporâneo

- **Aula 1** – Teorias do socialismo.
- **Aula 2** – O socialismo depois da III Internacional.
- **Aula 3** – O socialismo no Terceiro Mundo.
- **Aula 4** – Experiências de Estados socialistas.
- **Aula 5** – Experiências de socialismos em Estados democráticos.
- **Aula 6** – História do socialismo no Brasil.

Módulo IV – A atuação política dos socialistas

- **Aula 1** – Os socialistas e os direitos humanos, sociais e do trabalho.
- **Aula 2** – Os socialistas e a atuação no plano internacional.
- **Aula 3** – Os socialistas e o desafio do desenvolvimento brasileiro.
- **Aula 4** – O socialismo depois da queda do Muro de Berlim.



RESENHAS E INDICAÇÃO DOS AUTORES

MÓDULO I – HISTÓRIA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA

Aula 1 – O que é política numa dimensão ética

O texto faz uma abordagem da dimensão ética da política em uma perspectiva histórica, iniciando-se com as abordagens de Platão e Aristóteles, concentrando-se posteriormente nas discussões dos pensadores clássicos da era moderna e contemporânea como Nicolau Maquiavel, Thomas Hobbes, Jean Jacques Rousseau, Karl Marx, Max Weber, Adorno e Horkheimer e, finalmente, Habermas. Nessa aula o objetivo é fundamentar o sentido ético da política e dar o alicerce para uma reflexão sobre a atividade política tanto dos indivíduos, das ONGs e dos movimentos da sociedade civil, como dos partidos e dos governos, na atualidade.

Autor: Maurício Fronzaglia

Aula 2 – A história do Brasil numa dimensão ética

O texto apresenta numa linha histórica as relações entre os diferentes atores da construção do Brasil moderno a partir da situação dos povos indígenas pré-existentes, a colonização portuguesa, a escravatura africana, a imigração proletária europeia e asiática e as várias fases do capitalismo brasileiro.

Autor: Adriano Sandri

Aula 3 – O pensamento político brasileiro

Desde, pelo menos, a independência, o pensamento político brasileiro tem enfrentado a questão de como lidar com instituições “importadas”, que não se formaram com referência às condições do país. O problema começa pela criação do próprio Estado brasileiro e ganha dramaticidade com a proclamação da República, onde se evidencia o choque entre afirmações grandiosas, prometendo a “coisa pública”, e as prevaletentes práticas particularistas. Esse ambiente estimulou pensadores autoritários, como Oliveira Vianna, a procurar entender o que chamou de “país real” escondido por trás do “país legal”. O contexto surgido com a Revolução de 1930 contribuiu, por sua vez, para que autores conservadores, como Gilberto Freyre, democratas, como Sérgio Buarque de Holanda, e marxistas, como Caio Prado Jr., aprofundassem a

exploração de quem somos. Mais recentemente, o golpe de 1964 incitou Florestan Fernandes a buscar traços mais permanentes do que chamou de uma autocracia burguesa no Brasil. O texto procura examinar até que ponto essas diferentes análises continuam a nos ajudar a entender os principais dilemas políticos de nosso país. O objetivo é discutir a complexa história da democracia no Brasil, mostrando as suas principais limitações e desafios.

Autor: Bernardo Ricupero

Aula 4 – Teorias da democracia

O texto procura apontar para os traços principais do debate contemporâneo em torno da democracia. Nossa democracia, a democracia representativa, forma diferente da democracia direta dos gregos antigos, é uma criação recente, datando do contexto posterior à independência dos Estados Unidos. Desde então, tem aparecido aqueles que defendem e criticam a democracia moderna. O artigo se concentrará no debate desenvolvido desde a publicação, em 1942, do livro de Joseph Schumpeter, *Capitalismo, democracia e socialismo*. Contra os argumentos de Schumpeter, de que a democracia seria basicamente um método para a seleção de líderes, os defensores da democracia participativa procuram recuperar a dimensão ética desse regime político. Por fim, Robert Dahl tem buscado desenvolver uma teoria da democracia que combine seus aspectos descritivos e normativos. O objetivo da recuperação destas teorias é o de refletir sobre as várias concepções e limites da democracia no mundo contemporâneo, em especial no Brasil.

Autor: Bernardo Ricupero

Aula 5 – Instituições políticas brasileiras: evolução e situação atual

O texto se propõe a elaborar uma reconstrução histórica das instituições políticas brasileiras, desde a época do Brasil Colônia até os dias atuais – abarcando a Independência do Brasil, a Abolição, a República, a Revolução de 30, a ditadura militar e a redemocratização – tendo como pano de fundo as lutas sociopolíticas do período. Desta forma, mostra a evolução das instituições ao longo da história. Além disso, o texto concentra-se de maneira mais enfática na configuração atual das instituições políticas brasileiras, discorrendo sobre o funcionamento das diversas esferas do Estado, sobre o federalismo e a descentralização administrativa.

Autor: Maurício Fronzaglia



MÓDULO II – HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DO CAPITALISMO

Aula 1 – Liberalismo, capitalismo e desenvolvimento

O texto apresenta as definições e propõe uma periodização para o capitalismo, destacando o processo de acumulação primitiva de capital, a relação entre a burguesia nascente e o Estado Absolutista, bem como descreve o processo de proletarização da força de trabalho. Ao final, discute-se a importância da Revolução Industrial para a consolidação do capitalismo e o papel desempenhado pelo liberalismo nesse contexto histórico.

Autor: Alexandre Barbosa

Aula 2 – Capitalismo, imperialismo e subdesenvolvimento no mundo e no Brasil

O texto discute o capitalismo no período pós-Revolução Industrial, quando se estrutura uma divisão internacional do trabalho, entre países centrais e periféricos. Procura descrever o significado do imperialismo e das suas várias teorias, assim como este processo se recoloca no século XX, no contexto de industrialização, e depois no bojo da aplicação das políticas neoliberais. São apontadas aqui as contribuições da teoria do subdesenvolvimento e da dependência para se compreender o papel do Brasil no sistema internacional.

Autor: Ricardo Amorim

Aula 3 – O capitalismo do século XX: do Estado do Bem-Estar Social ao neoliberalismo

Esta aula pretende apontar as principais transformações presenciadas pelo sistema capitalista depois da crise de 1929, e que tiveram por objetivo frear o avanço do socialismo. Recupera o significado das políticas keynesianas e descreve o papel do Estado do Bem-Estar Social nos países desenvolvidos no pós-Segunda Guerra Mundial. Depois discute o contexto pós-anos 80, marcado pelo avanço das políticas neoliberais e pela globalização desregulada, apoiada na financeirização da economia, e responsável pela redução dos gastos sociais e pela flexibilização trabalhista, gerando um processo de crescente exclusão social tanto nos países desenvolvidos como nos subdesenvolvidos.

Autor: Ricardo Amorim

Aula 4 – Formação econômica do Brasil, industrialização e os impactos recentes da abertura dos anos 90

O texto remete o leitor às contribuições de autores clássicos como Caio Prado Jr. e Celso Furtado sobre o sentido e as características da economia e da sociedade brasileiras durante o período colonial. Descreve a importância da expansão cafeeira e a sua interligação com a expansão da indústria e do assalariamento. Depois descreve as transformações observadas no país durante o período de industrialização por substituição de importações. Finalmente, apresenta os impactos negativos do novo modelo de inserção externa e de intervenção do Estado, adotado nos anos noventa, concentrando a análise sobre os problemas sociais.

Autor: Alexandre Barbosa

MÓDULO III – O SOCIALISMO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Aula 1 – Teorias do socialismo

Este texto procura trazer à tona o debate entre os socialistas utópicos e o socialismo marxista dito científico. Discute a contribuição de autores como Proudhon, Fourier, Owen, dentre outros, para se pensar o socialismo antes de Marx, muitos dos quais podem ser recuperados nos dias de hoje. Em segundo lugar, o texto recupera a visão do socialismo em Marx, chegando aos debates da I Internacional e, também, ao debate sobre reforma e revolução. O texto inclui como complemento uma parte que aborda a principal vertente teórico-política do marxismo no século XX, o leninismo.

Autor: Luiz Bernardo Pericás

Aula 2 – O socialismo depois da Revolução Russa e da constituição da III Internacional

Nesta aula discutem-se as circunstâncias que levaram à Revolução na Rússia, seu impacto estruturante na ordem mundial do século XX, no movimento e no pensamento socialista, a partir das idéias de Lênin e da III Internacional. Esmiuça a ascensão econômica, política e militar da



União Soviética no cenário mundial, bem como aponta as dificuldades que levaram ao stalinismo e que estariam na base de sua exaustão posterior.

Autor: Robério Paulino

Aula 3 – O socialismo no Terceiro Mundo

A idéia deste texto é mostrar como o socialismo se transforma à medida que vai sendo assimilado em outros países, que procuram pensar a sua própria realidade, fugindo dos esquemas da III Internacional. É o caso da assimilação do marxismo por autores como Caio Prado Jr. no Brasil e José Carlos Mariátegui no Peru. Mais tarde, com a experiência cubana e chinesa, novos modelos de socialismo são estruturados, enriquecendo o arsenal teórico e de práticas socialistas, até então reféns das formulações dos países desenvolvidos e da experiência soviética.

Autor: Luiz Bernardo Pericás

Aula 4 – Experiências de Estados socialistas

Nessa aula são analisadas as experiências políticas em Estados de governos revolucionários socialistas do século XX, dentro do contexto local e mundial em que tais revoluções foram realizadas. São analisadas as experiências da União Soviética, da China e Cuba.

Autores: Luiz Bernardo Pericás, Robério Paulino e Osvaldo Coggiola

Aula 5 – Experiências de socialismos em Estados democráticos

O socialismo não se impôs politicamente só através de revoluções, mas atuou e, à vezes, conduziu processos políticos em muitos países do mundo, com maior ou menor força. Nessa aula são analisadas as experiências significativas das duas correntes mais expressivas: atuação dos partidos socialistas e de partidos socialdemocratas do século XX.

Autor: Osvaldo Coggiola

Aula 6 – História do socialismo no Brasil

No século XX, o socialismo esteve presente na política nacional, representando todas as mais expressivas correntes ideológicas internacionais. Nessa aula são apresentadas as mais relevantes vertentes socialistas organizadas que atuaram no Brasil, desde o anarcossindicalismo,

passando pelas correntes leninistas, até a fundação das novas organização políticas do final do século XX.

Autores: Robério Paulino e Osvaldo Coggiola

MÓDULO IV – A ATUAÇÃO POLÍTICA DOS SOCIALISTAS

Aula 1 – Os socialistas e os direitos humanos, sociais e do trabalho

O texto parte da evolução seqüencial dos direitos de cidadania nos países desenvolvidos, começando pelos direitos civis, para depois chegar aos direitos políticos e sociais. É ressaltada a contribuição histórica dos movimentos e partidos socialistas para a consolidação destes direitos. Revela também como as dimensões de gênero e raça têm sido mais recentemente incorporadas na discussão dos direitos de cidadania. Finalmente, discute os obstáculos hoje colocados para a universalização destes direitos, enfocando a importância de experiências como a economia solidária.

Autor: Kjeld Jakobsen

Aula 2 – Os socialistas e atuação no plano internacional

O objetivo desta aula é discutir a atuação dos socialistas em fóruns internacionais, incluindo a Primeira, a II e a III Internacional, passando pela cooperação sindical em escala mundial e chegando até ao processo atual de constituição de uma sociedade civil global, onde ONGs e movimentos de contestação ao regime capitalista travam lutas comuns, aproveitando-se das novas redes globais.

Autor: Kjeld Jakobsen

Aula 3 – Os socialistas e os desafios do desenvolvimento brasileiro

Este texto procura sintetizar inicialmente as principais formulações teóricas sobre o processo de desenvolvimento socioeconômico. Num segundo momento, e aproveitando-se dos demais textos produzidos neste e nos demais módulos, o texto elenca um conjunto de constrangimentos que hoje devem ser enfrentados para se lograr a ampliação do potencial econômico, social e



político do país juntamente com a redução expressiva das desigualdades sociais e regionais. A partir de então, pode-se pensar numa pauta de temas que deveriam figurar em qualquer projeto de desenvolvimento nacional.

Autor: Alexandre Barbosa

Aula 4 – O socialismo depois da queda do Muro de Berlim

Nesta aula são discutidas as conseqüências para o movimento socialista do desaparecimento do sistema soviético e da predominância do credo neoliberal. O objetivo é o de apontar algumas das novas formulações realizadas no campo socialista neste novo cenário político. Aponta ainda as contradições presentes no atual momento do capitalismo e que não têm sido motivo de análise por parte dos autores liberais.

Autor: Robério Paulino

AULA INAUGURAL FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DO PARTIDO SOCIALISTA BRASILEIRO (PSB)

Margarida Vieira e Carlos Siqueira

Você estará acompanhando e participando, durante o curso, de um projeto de construção de uma sociedade socialista democrática e solidária, com igualdade de direitos na lei e na prática, respeito aos semelhantes em suas idéias e sonhos, com diálogo constante entre homens e mulheres de todas as idades. Todos se sentirão incluídos, pois trabalham e decidem em comum, possuem o necessário para viver bem alimentados, com saúde, amplo acesso à educação, conhecendo e produzindo cultura, com segurança, lazer e transporte, em meio ambiente saudável. Problemas e divergências vão ocorrer. O esclarecimento, o debate, a decisão pela maioria de pessoas, com igualdade real, vão favorecer as soluções. Todos serão e se sentirão gente.

Ainda estamos longe de chegar a esta sociedade, mas em sessenta anos, o PSB contribuiu para nos aproximarmos de uma vida melhor. Se você já milita no PSB, vai se identificar nos projetos e lutas. Se não, vai se surpreender em ver funcionando, em nosso país, um partido fiel a seus princípios e programa. Como em toda organização humana, houve erros em avaliações, decisões e ações. Apesar de algumas pessoas tentarem utilizar a legenda para objetivos puramente pessoais, predominaram amplamente as ações coletivas e partidárias. Podemos dizer isso, pois examinamos material escrito interno e externo ao partido, imagens e depoimentos diversos.

Vamos narrar de maneira sintética os momentos mais importantes desta construção.



1. O Partido Semente (1947-1965)

Em 1945, quando findava o Estado Novo, formou-se a Esquerda Democrática. Seu objetivo era combinar as transformações sociais com ampla liberdade civil e política. Baseava-se num conceito amplo de esquerda: socialismo construído de forma gradual e legal, nacionalismo e defesa da democracia. Diferenciava-se dos udenistas que defendiam o liberalismo econômico e do socialismo autoritário e estatista dos comunistas. “O Partido não considera socialização dos meios de produção e distribuição a simples intervenção do Estado na economia” e “realizar-se-á gratuitamente, até a transferência, ao domínio social, de todos os bens possíveis de criar riqueza, mantida a propriedade privada nos limites das possibilidades de utilização pessoal, sem prejuízo do interesse coletivo”.

Entre seus fundadores estavam: João Mangabeira, Domingos Vellasco, Hermes Lima, Rubem Braga, Osório Borba, Joel Silveira, José Lins do Rego, Jader de Carvalho, Sergio Buarque de Hollanda e Antonio Candido.

Em 1947, a Esquerda Democrática transformou-se no Partido Socialista Brasileiro, com o mesmo programa e propostas. Propunha-se a ser um partido de “todos os que dependam

do próprio trabalho”. Defendia reformas imediatas como a nacionalização de áreas economicamente estratégicas, a ampliação dos direitos dos trabalhadores, a garantia de saúde e educação públicas, além do desenvolvimento da democracia e dos meios de participação popular. Em sua estrutura partidária já trazia uma novidade que caracterizaria o perfil democrático e conscientizador do PSB: os Núcleos de Base. Através deles, a militância poderia se envolver no projeto partidário, discutir as questões nacionais e, através da soma das opiniões debatidas, formar a orientação e o alvo da sua ação. A imprensa partidária teve na *Folha Socialista*, desde 1947, um centro de debates. Em 1950, tornou-se um semanário, vendido em bancas, combinando o debate político com as informações cotidianas. Os representantes eleitos prestavam contas e tinham seus mandatos discutidos. Combatiam aumentos indevidos em seus salários. Tinham grande preocupação com o trato do dinheiro e bens públicos. O PSB sempre lutou para trazer sua militância e as camadas oprimidas do povo para a arena da ação política e da participação direta nos rumos da nação, despertando-as da apatia política e do conformismo com uma realidade que lhes é adversa. O PSB foi pioneiro na campanha do petróleo, com a atuação par-

lamentar de Hermes Lima e com a organização popular através da UNE, dirigida na época por socialistas: Roberto Gusmão (1947/48) e Rogê Ferreira (1949/50). Na questão agrária, desde 1948, fizeram propostas inovadoras como as cooperativas agrícolas que produziam alimentação, trabalho e renda em terras abandonadas na periferia de São Paulo ou o Código da Terra, que incluía a distribuição, a questão ecológica, a política trabalhista e agrícola. Teve lideranças destacadas nos anos 60, como Francisco Julião, que foi deputado estadual e federal do PSB de Pernambuco, e João Pedro Teixeira, presidente da Liga de Sapé, na Paraíba, e que, assassinado pelo latifúndio, deu base ao filme: “Cabra Marcado para morrer”.

O Partido também teve atuação marcante na Frente Parlamentar Nacionalista, desde 1956, sob a liderança de seu deputado federal, Barbosa Lima Sobrinho.

Nos processos eleitorais, salientaremos alguns momentos. Em 1952, Osório Borba foi candidato do PSB ao Governo de Pernambuco, com apoio do PCB. Venceu em Recife e Olin-da, mas foi derrotado pelo voto do interior, entretanto, abriu caminho para a “Frente do

Recife” que levou Pelópidas da Silveira (PSB) à prefeitura. Esta foi uma administração brilhante, voltada para obras que beneficiaram principalmente as classes mais desfavorecidas. Foram criadas associações de bairro e audiências coletivas quinzenais, nas quais o prefeito discutia com o povo os problemas da cidade. Miguel Arraes o sucedeu e em 1962, com apoio da Frente que incluía o PSB, tornou-se governador. O combate ao analfabetismo e a defesa dos direitos dos trabalhadores rurais marcaram sua administração.

Em 1953, o PSB apoiou Jânio Quadros, vereador progressista, para a prefeitura de São Paulo. Os socialistas tiveram participação na Secretaria de Higiene, dando ênfase ao saneamento básico; na Secretaria de Alimentação, enfrentando os intermediários; e na Empresa Municipal de Transportes. Com pequena margem de votos na Convenção, obteve o apoio do partido para a candidatura a governador. O grupo paulista, crítico a Jânio Quadros, retomou a direção do Partido em 1957 e em 1960 a Convenção Nacional do PSB rompeu com Jânio, apoiando o Marechal Lott. A aproximação com Jânio trouxe crescimento eleitoral, mas perda de substância política.



Uma característica que sempre marcou e marca até hoje a história do PSB é a postura democrática. Mesmo discordando dos comunistas, posicionaram-se contra a cassação dos seus mandatos e ofereceram legenda para seus candidatos. Em 1950, mesmo derrotados por Vargas, defenderam sua posse. Frente às pressões udenistas para derrubá-lo, o senador socialista Domingos Vellasco declarou: “A posição dos socialistas é a de quem alerta o sr. Getúlio Vargas. Desejamos, como defensores da Constituição, que ele se mantenha na Presidência da República até o fim de seu mandato. E assim desejamos porque, como socialistas democráticos, somos contrários a qualquer golpe, a qualquer ditadura, a qualquer substituição de governo que implique retrocesso político, mas exigimos dos poderes constituídos a punição de todos os corruptores e dilapidadores da fortuna pública”.

Em 1960, após a renúncia de Jânio Quadros, o PSB participou ativamente da campanha da legalidade contra a tentativa dos militares e setores conservadores de evitar a posse de João Goulart. O governo de Jango foi marcado pela busca das reformas de base. Os conservadores organizaram-se para manter os privilégios. Nesse cenário, o PSB ampliou sua participação nas lutas sociais e no Parlamento. No movimento estudantil, a maior liderança

do Partido era Altino Dantas; no movimento sindical urbano era o presidente do sindicato dos metalúrgicos de São Paulo, Remo Forli; na luta pela reforma agrária, Francisco Julião.

João Mangabeira foi ministro de Minas e Energia e depois da Justiça no período parlamentarista do Governo Goulart. Aurélio Viana, Barbosa Lima Sobrinho, Domingos Vellasco, José Joffily, Jamil Haddad, Adalgisa Nery e muitos outros foram lideranças parlamentares nacionalmente respeitadas. Em 31 de março de 1964, deu-se o golpe militar que derrubou Goulart. Em 1965, o Ato Institucional Nº 2 extinguiu os partidos políticos.

A maioria dos militantes do PSB foi para o MDB onde Aurélio Viana tornou-se uma das lideranças. Alguns foram para atuações mais radicais, como Altino Dantas, que foi para a ALN (Aliança Libertadora Nacional). O PSB se dispersou durante o regime militar. Quando houve a abertura política alguns como Pelópidas da Silveira ficaram no PMDB, outros como Jamil Haddad, Saturnino Braga e Rogê Ferreira foram para o PDT e outros como Antonio Candido, Sérgio Buarque de Hollanda e Fúlvio Abramo ajudaram a fundar o PT.

Apesar de ter pequena expressão eleitoral, ser mais um partido de quadros do que de

massas, o PSB lançou assementes não apenas de uma ampla democracia partidária como de uma atuação política fiel a seu programa, voltada para o socialismo e a liberdade. Seu presidente João Mangabeira, desde a

Esquerda Democrática até sua morte em 1964, é considerado uma das figuras mais respeitadas na vida política brasileira, por sua honestidade, inteligência, princípios firmes de defesa do socialismo democrático.

2. A Refundação do PSB (1985/1989)

Conquistada a democracia em 1985, articula-se no Rio de Janeiro um grupo de professores e estudantes universitários para organizar um partido socialista. Para resistir e vencer a ditadura, a sociedade civil desenvolveu inúmeras lutas. Organizou as associações de bairro, as comunidades eclesiais de base e, principalmente, a “Campanha pelas Diretas”, criando um tecido social mais amplo para a participação política.

Para obter a habilitação do PSB foram procurados remanescentes da antiga Esquerda Democrática como Joel Silveira, Rubem Braga, Jader de Carvalho e Evandro Lins e Silva que concordaram em assinar o manifesto de reorganização. O escritório de Evandro, na Avenida Rio Branco, tornou-se a sede das reuniões semanais.

No dia 2 de julho, ocorre a reunião de “refundação” do PSB. O manifesto apresenta

o mesmo programa e estatuto do período 1947/65. Com os mesmos propósitos socialistas e democráticos, mostram que, 40 anos depois, as mesmas formas de exploração persistiam, agravadas pela brutalidade da ditadura militar. Apontam a necessidade de trabalhar também contra a discriminação racial, opressão às minorias, às mulheres e crianças, violências contra culturas alternativas, degradação da qualidade de vida, depredação do meio ambiente, e genocídio de nações indígenas. Propõe uma cidadania ativa, a incorporação de novos direitos sociais, democratização dos meios de comunicação e defesa da soberania nacional. Em conclusão: descentralização completa do poder em uma economia gradativamente socializada. A Comissão Diretora Nacional terá Antônio Houaiss como presidente e como membros: Marcello Cerqueira, Roberto Amaral, Evandro Lins e Silva, Jamil Haddad, Joel Silveira, Rubem Braga e Evaristo de Moraes Filho. Entre os



que assinam a Ata de Reorganização vamos encontrar, ainda, professores e pesquisadores respeitados hoje como César Guimarães, Wanderlei Guilherme dos Santos e Eli Diniz. Está também o estudante Cláudio Besserman Vianna, que vai se tornar o admirado humorista Bussunda.

Habilitado, o PSB participa com alguns candidatos próprios às eleições municipais nas capitais e apóia candidatos progressistas e de esquerda.

Como Saturnino Braga (PDT) venceu as eleições para prefeito do Rio de Janeiro, sua cadeira no senado será ocupada pelo suplente, Jamil Haddad, em março de 1987.

Em maio, a Convenção dos fundadores elege como presidente da Comissão Diretora Nacional, Jamil Haddad e como secretário-geral, Roberto Amaral.

O gabinete do senador vai se articular com o gabinete de liderança do PSB, oferecendo condições para a organização das comissões municipais e estaduais e para as publicações que discutem as idéias do partido. Da tribuna, Jamil expõe suas concepções e projetos, e apresenta o PSB ao país.

Em 1987 o partido tem seu registro provisório e solicita registro definitivo.

No Primeiro Congresso Nacional, em outubro de 1987, o PSB passa a ter identidade. É oposição ao Governo Sarney, tem dez metas imediatas que vão da reforma agrária à socialização dos setores essenciais, do ensino público e gratuito em todos os níveis ao direito irrestrito de greve, liberdade sindical e jornada máxima de trabalho de 40 horas semanais.

Definem: “Que socialismo queremos”:

Socialismo é sinônimo de uma sociedade que aboliu a propriedade privada capitalista dos meios de produção, os quais passam a ser propriedade cooperativas ou coletivas dos criadores das riquezas, os trabalhadores.

Apresentam: “Que partido queremos”:

É socialista, com compromisso revolucionário e democrático, com filiado militante, sem lideranças privilegiadas, enraizado no movimento social e sindical e atuação parlamentar como consequência da organização dos trabalhadores e todo o povo.

Em o “PSB e o movimento social” tornam-se princípios:

- Respeito à independência e autonomia e às decisões de congressos das categorias.
- Formação de colegiados de deliberação.
- Recusa da prática do paralelismo.
- Estímulo à solidariedade entre os movimentos sociais.

Em julho de 1988 é aprovado o registro definitivo do PSB. A organização partidária traz crescimento e atrai parlamentares que concordam com as idéias definidas pelo Partido. Há um grande trabalho na Constituinte. Inicialmente, o PSB contava apenas com o senador Jamil Haddad (RJ) e a deputada Beth Azize (AM) que aliam-se aos setores progressistas e de esquerda. Aos poucos Abigail Feitosa (BA), José Carlos Sabóia (MA), Raquel Capiberibe (AP), Ademir Andrade (PA), José Luis Guedes (MG), entram para o PSB e formam uma bancada pequena, mas de grande qualidade. Só Jamil apresentou 123 sugestões na primeira fase, todas ligadas aos princípios partidários e necessidades da população como: reforma agrária, possibilidade de ação popular, punição exemplar à tortura. Das 536 emendas que apresentou posteriormente, 114 foram aprovadas.

A Constituição Cidadã, aprovada em outubro de 1988, coroa o esforço inicial do PSB refundado.

Em 1989, o PSB vai solicitar a intervenção federal no Pará, para enfrentar a violência de assassinos de trabalhadores e lideranças parlamentares, entre elas o deputado estadual José Carlos Batista e o vereador Manoel Cardoso de Almeida, do PSB. A impunidade é completa.

Na campanha eleitoral, o PSB tem participação decisiva. Dois anos antes da formação da Frente Brasil Popular, o PSB já fizera a proposta. Depois de muitas negociações, são escolhidos: Luiz Inácio Lula da Silva (PT), à Presidência da República, e José Paulo Bisol, senador pelo Rio Grande do Sul, que se transferiu para o PSB, para vice-presidente. Participou também o PCdoB. A campanha desperta grande entusiasmo e as pesquisas apontam crescimento constante. Collor vence o primeiro turno e Lula fica em segundo lugar. O PSB participa das articulações que ampliam a frente para o segundo turno com o PDT, PSDB, PPS, PV, progressistas do PMDB e lideranças do movimento social. O governador de Pernambuco, Miguel Arraes, apóia Lula no 2º turno. No comício final, na Candelária, fica junto com o presidente do PSB, Jamil Haddad, e o secretário-geral, Roberto Amaral.



3. Miguel Arraes no PSB (1990/2005)

Em março de 1990, o governador Miguel Arraes, convidado pela direção nacional, ingressa no PSB. O partido que recomeçara com lideranças de classe média, que após grandes esforços estava organizado em todo o país e com registro definitivo, contava agora com uma das mais importantes lideranças populares. Com sua experiência, capacidade de mobilização e de análise política, vai fazer com que o Partido tenha um grande crescimento eleitoral, superando a cláusula de barreira mais à frente. O momento político era de ápice do neoliberalismo, confundindo até pessoas de esquerda. Com serenidade e firmeza, Arraes chamava a atenção para o fato de que o neoliberalismo é o liberalismo tradicional com nova roupagem, trazendo mais miséria, mais fome, mais exploração. O centro de suas lutas está na nação, nas desigualdades sociais e regionais. E será o povo o responsável pela transformação. Para isto, o PSB tem de se transformar em um partido popular. No fim do ano será, pelo PSB o deputado federal mais votado do país.

Entre 1990 e 1992, o Governo Collor vai encontrar no PSB uma oposição conseqüente. O Partido será reconhecido como guardião

da Constituição. Entra com diversos recursos contra inconstitucionalidades: confiscos do Plano Collor, taxa para conservação de rodovias (obteve deferimento), decreto dando ao presidente direito para privatizar estatais sem passar pelo Congresso. Os deputados socialistas reagem contra a destruição da máquina pública. Miguel Arraes lê da Tribuna da Câmara o Manifesto da Frente Parlamentar Nacionalista que condena a desestatização desenfreada que inclui até a Usiminas. As administrações municipais socialistas começam a mostrar uma forma de governar com intensa participação dos setores mais oprimidos da população, com políticas centradas na educação, saúde, geração de emprego e renda. Os programas partidários na TV e rádio apresentam estas experiências que recebem elogios e o Partido ganha novas filiações.

A denúncia de corrupção feita pelo irmão de Collor, em maio de 1992, leva o PSB, pelas falas de Miguel Arraes e do líder na Câmara, Célio de Castro, a solicitar uma CPI. O senador José Paulo Bisol e o então deputado federal pelo Rio de Janeiro, Jamil Haddad, participam da CPI. Ao lado da investigação no Congresso a população se mobiliza no “Fora Collor”,

a partir de agosto. O relatório, com provas cabais de desvios dos recursos públicos, é aprovado. Evandro de Lins e Silva, fundador e refundador do PSB, participa da comissão de juristas que elabora o pedido de *impeachment*. Barbosa Lima Sobrinho, presidente da ABI e ex-deputado federal do PSB, faz a entrega do pedido ao presidente da Câmara. Decidida pelo Congresso a continuidade da investigação, Collor é afastado e assume o vice, Itamar Franco.

A CNE do PSB avalia ser Itamar Franco pessoa com boa avaliação ética e defensor, quando senador, dos interesses nacionais. Jamil Haddad assume o Ministério da Saúde e Antônio Houaiss, da Cultura. Ao tomar posse, em novembro de 1992, Jamil diz: “A administração socialista (...) instalará neste ministério a religião do interesse coletivo. E a probidade é seu primeiro mandamento”. Sua atuação foi importantíssima para a saúde no país. A descentralização, prevista pela Constituição e consolidada com a Lei Orgânica de Saúde de 1990, via Sistema Único de Saúde (SUS), começa a ser realizada com a criação dos Conselhos Municipais de Saúde, instrumento de definição das políticas e de sua fiscalização. Injeta recursos nos laboratórios oficiais para a produção de medicamentos. Recupera os

hospitais universitários em convênio com o MEC. O presidente assina o decreto proposto por Jamil para os remédios genéricos. A reação da indústria farmacêutica multinacional foi tão grande que apenas quando Serra foi ministro da Saúde de FHC é que a aplicação acabou sendo efetivada. Atuou na revisão dos registros de remédios retirando medicamentos danosos e fantasiosos. A rede pública hospitalar sucateada começou a ser recuperada. Para a prevenção foi fortalecida a vigilância sanitária, programas de vacinação e saneamento básico. Como primeiro vice-presidente, Miguel Arraes assume a Presidência do PSB, em 2002.

No Ministério da Cultura, Antônio Houaiss vai ter como prioridades: reverter a indigência e sufocação das atividades de recuperação do patrimônio histórico e artístico e o apoio às atividades artísticas, particularmente o cinema.

Em setembro de 2003, em Maceió, vai se realizar o IV Congresso Nacional do PSB.

Depois de proposto pela CNE e discutido em reuniões preparatórias é aprovado “Um Projeto Para o Brasil” que passa a ser o eixo da atuação partidária. A luta política deve ser intensificada para a população elevar sua



consciência e sua força. O Estado deve ser forte e não inchado, regulador, planejador e investindo nas áreas estratégicas.

Reconhecendo duas grandes lideranças, o Congresso elege Jamil Haddad, presidente de Honra, e Miguel Arraes, presidente do PSB.

Em 1994, o PSB vai apoiar novamente a candidatura de Lula a presidente. Mas o Plano Real, adotado em março pelo Governo Itamar, tendo Fernando Henrique como ministro da Fazenda, obtém ótimos resultados e leva-o à Presidência.

Se a campanha de 1989 tivera um caráter forte de frente, inclusive com o candidato a vice, Bisol, do PSB, a campanha de 1994 ficou concentrada no PT. Mas nos diversos níveis o PSB teve crescimento eleitoral, passando de 15 deputados estaduais para 33, de 11 para 15 deputados federais, elege Ademir Andrade, do Pará, para o Senado, e dois governadores: Miguel Arraes, em Pernambuco, e João Capi-beribe, no Amapá.

Em novembro de 1995, no Recife, ocorre o V Congresso Nacional do PSB. Dois temas centrais de debate serão o neoliberalismo e a nova lei de partidos.

Sobre a globalização e neoliberalismo, Tânia Bacelar sintetizou de forma brilhante as mudanças. A economia capitalista em ciclo de baixa, nos anos 70, vai fazer três movimentos:

1. Reestruturação positiva ou mudança na organização da produção. O investimento básico hoje é no conhecimento.
2. Globalização, prevista por Marx, levando à concentração e centralização do capital. É enorme o poder dos atores globais enfraquecendo os Estados-Nação.
3. Financeirização da riqueza. Um ano de movimento cambial corresponde a 18 vezes toda a produção mundial. O neoliberalismo é a ideologia da retirada do Estado e da centralidade do mercado adaptada ao momento econômico do capitalismo. É o único caminho? Não. Projetos nacionais podem garantir inserção na economia mundial sem esta subordinação incrível a que o Brasil se submete.

No debate sobre a nova lei dos partidos, Carlos Siqueira apontou a intenção do legislador: reduzir a influência dos partidos de esquerda (PSB, PPS, PV, PDT) pela cláusula de barreira. Qual a estratégia do PSB? Tentar mudar a lei no Congresso e crescer sua representação na Câmara, nas próximas eleições.

O ano de 1996 foi de eleições municipais. O PSB teve um crescimento enorme. De 59 prefeitos eleitos em 1992, passou para 150. Nas capitais elege o prefeito de Belo Horizonte e as prefeitas de Maceió e Natal.

Em 1997 a Fundação João Mangabeira promove seminário sobre as administrações municipais socialistas. Além de haver a troca de experiências para melhor governar, os socialistas passam a ter um perfil comum de administração.

Sendo o ano de comemoração dos cinquenta anos do PSB, em novembro, ele vai discutir em seu VI Congresso Nacional, em Brasília, a construção de um grande partido nacional e popular por meio de um projeto de inclusão social que preserve a soberania, fortaleça a federação, consolide e unifique os movimentos populares e dê solução às desigualdades sociais e regionais. Como se pode ver, os Congressos Nacionais do PSB não são apenas para a escolha de seus dirigentes, mas um espaço de amplo debate dos problemas nacionais e as possibilidades de superá-los no caminho do socialismo democrático.

Em 1998, Roberto Amaral desenvolve, de forma participativa, o Programa de Governo do PSB. É uma combinação dos princípios

e experiências do PSB para orientar o exercício do poder em sociedades capitalistas, favorecendo os caminhos para o socialismo. A Fundação João Mangabeira vai promover, em Brasília, Curso de Capacitação de Instrutores em Formação Política. Os 38 militantes de 18 estados vão preparar-se para multiplicar a formação política em suas regiões.

Nas eleições presidenciais, o PSB integra novamente a aliança de esquerda de apoio a Lula. Logo após o segundo turno, Arraes apresenta um texto de grande profundidade: “As eleições de 1998 e o golpe de 1964” mostrando que os objetivos do grande capital internacional e nacional impostos em 1964 cada vez mais se realizam. A única forma de enfrentar o desafio é desenvolver amplo movimento popular.

Em 1999, além de realizar diversos seminários, debates e publicações, o PSB realiza seu VII Congresso Nacional, em novembro, em Brasília. Antônio Houaiss, primeiro presidente do PSB refundado, falecido há pouco, será homenageado.

Em 2001, o PSB decide ter candidato próprio à Presidência. A idéia é oferecer ao eleito- rado outra opção além de Lula para buscar a mudança. No 2º turno, as esquerdas apoiariam o mais votado dentre seus candidatos.



Quais devem ser os eixos do Programa? A sugestão de Arraes é aprovada por unanimidade do Diretório Nacional. São eles:

1. Inserção, sem submissão aos EUA, no mundo global. Mercosul como ponto de partida.
2. Auditoria da dívida pública, interna e externa. Há investimentos sociais urgentes.
3. Revisão das privatizações feitas pelo governo federal.
4. Restabelecimento da federação.
5. Fortalecimento do Estado como agente de desenvolvimento para reduzir disparidades regionais.

O VIII Congresso Nacional do PSB, realizado em novembro de 2001, em Brasília, confirma a decisão pela candidatura própria à Presidência da República.

Em 2002 esta decisão será levada à prática. Anthony Garotinho, governador do Rio de Janeiro, que saiu do PDT e se filiou ao PSB, será candidato a presidente da República e o deputado federal do PSB do Maranhão, José Antônio, será vice. Os compromissos básicos serão:

- Com a soberania – autonomia decisória.
- Com a solidariedade – nação de cidadãos.
- Com o desenvolvimento – projeto coerente
- Com a sustentabilidade.
- Com a democracia ampliada.

A candidatura obteve mais de 15 milhões de votos, mas ficou em terceiro lugar. No segundo turno, o PSB apoiou Lula.

Os resultados para a Câmara Federal, com 22 eleitos, foram decisivos para vencer a cláusula de barreira.

Em 2003, o PSB tem novas responsabilidades. Roberto Amaral assume o Ministério de Ciência e Tecnologia. Será sucedido em 2004 pelo deputado federal por Pernambuco, Eduardo Campos. Em 2006, Sérgio Resende, também do PSB, assume o cargo.

A política teve continuidade, sendo situada em quatro eixos:

- Inclusão social, com redução das desigualdades regionais.
- Desenvolvimento econômico agregando inovações.
- Ampliação da formação de pesquisadores em áreas estratégicas.
- Intensificação da cooperação internacional com afirmação da soberania nacional.

A atuação do partido no Congresso foi de apoio ao Governo Lula, mas mantendo fidelidade ao seu programa. Na reforma da previdência, a bancada não aceitou o pacote enviado pelo governo. Defendeu previdência complementar pública e não privada. Na reforma tributária

apresentou emendas: taxaço da especulaço financeira com a taxa Tobin, desoneraço na área produtiva e nas folhas de pagamento.

Em 2004, o PSB cresce nas eleiçoes municipais. Dos 133 prefeitos eleitos em 2000, passa agora para 176. é o nono partido mais votado. Em 2005, o PSB e o Brasil vão perder Miguel Arraes. No dia 13 de agosto ele falece.

O IX Congresso do PSB realizou-se poucos dias depois, sob a Presidência de Roberto Amaral, que salientou o compromisso, individual e coletivo com a continuidade da obra de Arraes.

Na Declaraço Política define:

- Só a construçáo da justiça social poderá gerar a verdadeira estabilidade.
- Como todo o povo, o PSB sofre com a erosáo da esperança e dilapidaço do patrimônio ético-político.
- O PSB reafirma a governabilidade e busca a apuraço de toda e qualquer irregularidade ou desvio de conduta no poder público.
- O PSB defende política econômica soberana e reforma política profunda.
- Eduardo Campos foi eleito presidente do PSB para o triênio: 2005-2008.

4. Os novos desafios

Nas eleiçoes de 2006, o PSB apoiou a recandidatura vitoriosa de Lula à Presidência. Elegeu três governadores: Eduardo Campos (PE), Wilma de Faria (reeleita-RN) e Cid Gomes (CE).

Em 2007, a bancada do PSB no Senado é composta de: Antônio Carlos Valadares (SE), Patrícia Saboya Gomes (CE) e Renato Casagrande (ES).

Na Câmara dos Deputados, tem hoje 29 parlamentares e formou a bancada de esquer-

da de apoio ao governo federal, composta de 78 deputados. Ao lado do PSB estão o PDT, PAN, PMN e PHS, sob a liderança do deputado federal do PSB de São Paulo, Márcio França. Quase 200 dos municípios são governados por prefeitos do PSB, e 1.879 vereadores socialistas apresentam projetos e fiscalizam a administração de suas cidades.

A Fundação João Mangabeira realizou, no dia 21 de janeiro, Seminário de Planejamento Estratégico dos Segmentos Organizados do



PSB. Cada um deles realiza seu Congresso Nacional um dia antes do Congresso Nacional do PSB. Eles contribuem para a integração do partido e seus representantes no Executivo e Legislativo aos movimentos sociais.

A Juventude Socialista Brasileira (JSB) que teve seu primeiro Congresso Nacional em 1993 tem como meta a conscientização e politização dos jovens para a construção do socialismo.

O Movimento Sindical Socialista, com seu primeiro Congresso Nacional em 1997, propõe um sindicalismo livre, democrático, classista, autônomo e de luta, comprometido com a construção do socialismo.

A Secretaria da Mulher, teve seu primeiro Congresso em 1999. Para buscar a sociedade socialista é necessário alcançar a igualdade de gênero.

O Movimento Negro do PSB foi criado em 2003. Luta pelo socialismo democrático com justiça e equidade, unidade na diversidade.

O Movimento Popular Socialista realizou seu primeiro Congresso em 2005.

Depois de examinarmos estes sessenta anos do PSB, entendemos a razão do orgulho

dos militantes do Partido. A semente lançada em 1947 rendeu bons frutos. Um pequeno partido, com diminuta presença nos movimentos sociais, poucos parlamentares e ocupantes de mandatos no Executivo, tem hoje uma ampla representação política em todo o país, cresce nos movimentos sociais e é respeitado pela fidelidade a seus princípios e a seu programa. Com densidade, faz a crítica à sociedade capitalista em que vivemos e apresenta proposições voltadas para a sociedade futura, que será, temos certeza, socialista e democrática.

Se acompanhamos toda a construção do PSB, de suas idéias, lideranças e ações na sociedade e nos espaços de poder, se nos sentimos herdeiros desta história com resultados brilhantes em condições tão adversas, novos desafios se apresentam para o PSB e para todos nós, socialistas.

Carlos Siqueira, Primeiro-Secretário Nacional do Partido, apresentou uma tese no IX Congresso do PSB, em 2003, estimulando o desenvolvimento de um projeto de ampliação dos objetivos estratégicos do PSB. Parte das preocupações historicamente básicas da esquerda e marcantes na vida do PSB: a igualdade, a justiça, a liberdade e a participação. Como incluir no projeto estratégico do Partido de mudanças estruturais na sociedade, os novos

problemas e atores que não se limitam à oposição do proletariado e burguesia ou socialismo e capitalismo. Na diversidade e pluralidade da vida social contemporânea, há relações outras de dominação e subordinação como as de gênero ou as étnicas que precisam não só ter espaço de fala, mas também passarem a ser parte do processo de libertação socialista. A democratização precisa ser aprofundada com a participação cidadã, mas precisa ser estendida às diversas instituições sociais como a família, a escola, as igrejas, os serviços públicos...

Para tornar realidade esta ampliação de objetivos teremos de desenvolver, pelo menos seis pontos:

1. incluir esta diversidade com sentido de conjunto;
2. as diversas vozes precisam ter elos de ligação entre suas demandas e a luta política;
3. estas diversidades devem aparecer em suas falas, em sua dignidade e identidade, sem se dissolverem;
4. as necessidades do “aqui e agora” têm que ser contempladas, ao lado dos objetivos de médio e longo prazos;
5. o projeto ampliado deve ter um compromisso ético-político com o presente e o futuro dos sistemas vivos do planeta, re-

volucionando a vida das pessoas em um meio ambiente saudável;

6. assumir como valores fundamentais:
 - a) O igualitário e o popular retomando as aspirações dos excluídos, discriminados e oprimidos não apenas entre os trabalhadores da cidade e do campo. Os jovens encontram enormes dificuldades de acesso ao mercado de trabalho. As mulheres enfrentam a violência doméstica e salários mais baixos que os homens nas mesmas atividades. Com aposentadorias ridículas, os idosos passam a trabalhar como antes para se sustentar.
 - b) O democrático não apenas na vida política, mas em toda a vida social.
 - c) O libertário, combinando o aprofundamento das liberdades pela democratização da riqueza social com o respeito à diferença. Serão excluídas as liberdades de torturar, explorar, oprimir, discriminar.

Todo este projeto de uma nova esquerda no Brasil só será factível numa nação soberana, capaz de se incluir na globalização sem subserviência aos interesses do grande capital e das grandes potências.



O desafio que está posto hoje para o PSB, a ser enfrentado sob a liderança do governador Eduardo Campos e com a participação das lideranças emergentes do Partido somando-se à experiência histórica acumulada por diversos companheiros, é formular um projeto para o Brasil, capaz de ampliar substancialmente as conquistas do atual governo.

Uma esquerda capaz de ter clareza nas políticas urbanas, quando 80% dos brasileiros moram nas cidades, cercados de problemas. Uma nova esquerda capaz de reorganizar o pacto federativo, para que prefeitos e gover-

nadores deixem de ir à Brasília com pires nas mãos. Uma nova esquerda capaz de formular e implementar um desenvolvimento sustentável, construindo um mercado interno sólido, uma produção interna com grande valor agregado, enfrentando a cultura do consumo supérfluo do capitalismo, garantindo a convivência com a natureza e não sua destruição.

Este desafio é de todos nós. Durante e após o curso, com concordâncias e discordâncias, com complementações, com pensamento e ação, você pode e deve enfrentar os desafios do presente como ator desta história.

SUMÁRIO DO MÓDULO IV

Módulo IV – A atuação política dos socialistas

- Aula 1 – Os socialistas e os direitos humanos, sociais e do trabalho 35
Kjeld Jakobsen
- Aula 2 – Os socialistas e a atuação no plano internacional 96
Kjeld Jakobsen
- Aula 3 – Os socialistas e o desafio do desenvolvimento brasileiro 148
Alexandre de Freitas Barbosa
- Aula 4 – O socialismo depois da queda do muro de Berlim 213
Robério Paulino



APRESENTAÇÃO

O curso é um percurso. O último módulo não é a etapa final, mas a abertura para a concretização desse curso/percurso.

A Fundação João Mangabeira (FJM), por meio da escola de formação política Miguel Arraes em parceria com o Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americano (Cebela), entende ter construído e oferecido um instrumento formativo básico que responde aos princípios políticos do Partido Socialista Brasileiro (PSB).

Socialismo: um princípio motivador e norteador, questionador e desafiador. Não uma doutrina, mas um caminho que se faz ao caminhar. Um caminho que faz história, pois nos ensina com sua história, com seus acertos e erros, mas que não nos acorrenta e aprisiona.

Liberdade: o princípio que fez nascer, num contexto histórico de um bilateralismo ideológico e político exacerbado, o PSB, portador de uma proposta que germinou e que terá seu futuro promissor na medida em que defender e praticar a ética da verdadeira democracia em todas as instâncias políticas e sociais.

Tanto a escolha das temáticas como dos autores dos textos se inspirou nos dois princípios do socialismo e da liberdade. O enfoque acadêmico sério, científico, orientou essas escolhas, procurando evitar os enfoques ideológicos-partidários e a visão proselitista.



O curso agora está à disposição de quem quiser utilizá-lo para promover o debate político, a formação de uma atitude ética e democrática no agir político.

Neste Módulo IV a FJM pretende provocar reflexões coletivas, sem excluir as individuais sobre a questão dos Direitos Humanos, para os quais o socialismo deu uma fundamental contribuição na área dos direitos sociais e do trabalho, sobre a dimensão internacional da política nesse momento de globalização econômico-cultural; sobre os desafios do desenvolvimento brasileiro; e sobre o espaço ideológico que se criou com a queda do Muro de Berlim.

A todas as pessoas que utilizarem esse instrumento de formação política a FJM agradece a confiança e pede contribuições críticas para que possamos aperfeiçoar nosso serviço cívico e político.

Adriano Sandri

Coordenador de Cursos da FJM

Módulo IV

*A atuação política
dos socialistas*

AULA 1 RESENHA

O texto parte da evolução seqüencial dos direitos de cidadania nos países desenvolvidos, começando pelos direitos civis, para depois chegar aos direitos políticos e sociais. É ressaltada a contribuição histórica dos movimentos e partidos socialistas para a consolidação destes direitos. Revela também como as dimensões de gênero e raça têm sido mais recentemente incorporadas na discussão dos direitos de cidadania. Finalmente, discutem-se os obstáculos hoje colocados para a universalização destes direitos, enfocando também a importância de experiências como a economia solidária.

AULA 1

OS SOCIALISTAS E OS DIREITOS HUMANOS, SOCIAIS E DO TRABALHO

Kjeld Jakobsen

Introdução

- ▶ Os socialistas, ao longo da história, exerceram um papel fundamental para a implantação dos direitos
- ▶ A implantação de direitos está longe de ser concluída no mundo
- ▶ A divisão do módulo em cinco partes, além da introdução: Os direitos de cidadania, A conquista dos direitos, A internacionalização dos direitos trabalhistas, A constitucionalização dos direitos humanos e Os socialistas e os direitos no Brasil

Se estivéssemos observando e acompanhando à distância a forma como os direitos de uma maneira geral foram se incorporando aos usos e costumes dos seres humanos, poderíamos voltar muitos séculos atrás, particularmente ao tempo do iluminismo e ainda do renascimento, pois foram momentos quando ocorreram grandes transformações políticas, religiosas, econômicas e sociais no mundo.

O mundo ao qual nos referimos inicialmente tem centro na Europa Ocidental, pois foi a região que se tornou hegemônica economicamente e politicamente desde o início da idade moderna e os novos costumes e regras que foram surgindo se irradiavam a partir dela.

Mesmo quando Marx lançou sua famosa convocatória: “Operários do Mundo! Uni-



vos!”, o mundo ao qual ele se referia era basicamente o dos países europeus industrializados e, quando muito, incluía a América do Norte. Este mundo somente se ampliaria a partir do século XX com a Revolução Russa, ascensão da hegemonia americana, Revolução Chinesa, descolonização da África e Ásia, entre outros processos.

Como é nossa intenção discutir o papel dos socialistas no processo de conquista de direitos, teremos que deslocar a nossa observação mais para diante na história, particularmente, para o momento em que a

industrialização começou a se consolidar nos países do hemisfério norte.

A partir deste marco observaremos como os direitos se constitucionalizaram, isto é, como a luta social os transformaram em direitos assegurados por leis nacionais e normas internacionais e como isto chegou aos países de desenvolvimento mais tardio.

Há ainda duas observações muito importantes que aparecerão no texto e que podem ser importantes para pensar a estratégia dos socialistas nos dias de hoje:

1) Os socialistas exerceram diretamente ou indiretamente um papel fundamental para a conquista dos direitos e sua expansão, bem como para ampliação da democracia no mundo, mas não foram os únicos atores e nem sempre agiram sozinhos.

Geralmente foram os inspiradores do ideal da igualdade entre as pessoas, assegurado por meio dos direitos, mas várias vezes, as iniciativas para transformá-lo em lei partiram dos liberais, porque queriam manter o apoio eleitoral dos

trabalhadores. Em muitos casos houve também alianças dos socialistas com os liberais ou com os democratas cristãos ou com os pequenos proprietários rurais para assegurar a aprovação de leis que garantissem os direitos sociais.

2) A consolidação do processo da conquista de direitos no mundo ainda não está concluída. Em muitos lugares ainda nos defrontamos com a negação dos direitos civis básicos tais como a liberdade de organização e expressão, por exemplo. A tortura como punição ainda é uma prática comum em muitos países e uma grande parte da humanidade não conhece o que sejam direitos sociais básicos. Práticas trabalhistas inaceitáveis como a escravidão ainda persiste no século XXI e viola os direitos básicos de milhões de pessoas.

Além disto, em todo o mundo, convivemos todo o tempo com tentativas de revogar ou reduzir o alcance dos direitos em nome do aumento da competitividade das empresas.

Quando se fala em flexibilidade das relações de trabalho para reduzir custos de produção ou em ajustes fiscais para equilibrar as contas dos países, normalmente o que está em jogo é a proposta de reduzir os direitos trabalhistas e sociais, pois se tenta promover o ajuste das contas, às vezes necessário, re-

duzindo salários e benefícios e não reduzindo lucros, bem como, no caso dos governos, diminuindo o orçamento das políticas sociais e não cobrando os devidos impostos sobre as empresas ou dos mais ricos.

Este “moderno” conflito de interesses nada mais é do que a velha luta de classes teorizada por Marx, apesar da nova roupagem. A sua persistência, reforça a importância do papel dos socialistas nos dias de hoje.

Os direitos de cidadania

Antes da primeira revolução industrial havia políticas de alívio da pobreza em vários países europeus executados por meio da igreja, como na Inglaterra ou por meio das Corporações de Ofício “Guildas”, como nos Países Baixos e outros.

O problema é que os que dependiam do auxílio alheio para viver não eram consideradas pessoas emancipadas e, portanto, livres ou então no caso das “guildas” ficavam presas a elas permanentemente. O “benefício” era concedido unilateralmente sem negociação entre as partes, pois não havia reconhecimento de qualquer nível de igualdade entre elas.

O processo que ocorreu posteriormente para a constituição de direitos é, entre outras coisas, o estabelecimento de direitos individuais e conseqüentemente a possibilidade de contratação deles, por exemplo, entre patrão e empregado ou entre governo e sociedade. Se há a possibilidade de estabelecer contratos é porque se reconhece níveis de igualdade entre os contratantes.

Em 1950, um sociólogo inglês Thomas H. Marshall escreveu um ensaio chamado “Cidadania e Classe Social” que se tornou um clássico no meio acadêmico. (MARSHALL, 1964)



Ele definiu a consolidação dos direitos de cidadania como um processo que começava pela conquista dos direitos civis e que se desenvolveria pela obtenção dos direitos políticos até alcançar o acesso aos direitos sociais.

Direitos civis, de acordo com Marshall, dizem respeito à liberdade pessoal; liberdade de palavra, pensamento e fé; o direito à propriedade e a concluir contratos e o direito à justiça. Os direitos políticos são os que asseguram o direito de votar e ser votado e os direitos sociais

se refere ao bem-estar econômico, à segurança e a viver civilizadamente de acordo com os padrões que prevalecem na sociedade.

As quatro instituições que assegurariam o respeito a estes direitos seriam:

- Os tribunais para salvaguardar os direitos civis em geral e também para garantir o respeito a qualquer um dos três tipos de direitos aos membros mais vulneráveis da sociedade nacional.
- Os corpos representativos locais e nacionais como via de acesso à participação na tomada de decisões e na aprovação da legislação.
- Os serviços sociais para garantir um mínimo de proteção contra a pobreza, doença e outros infortúnios e, em particular, as escolas para garantir o acesso de todos os membros da comunidade nacional aos elementos básicos da educação.

Apesar da relevância destas constatações, elas foram criticadas porque se referiam somente à maneira como o direito à cidadania se desenvolveu na Inglaterra, o que não correspondia à realidade de outros países, e porque se referia unicamente aos homens, uma vez que as mulheres estiveram excluídas do acesso a estes direitos por um longo tempo após sua implantação.

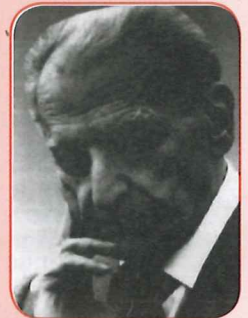
Se considerarmos a existência do sufrágio livre, secreto, universal, adulto e igual; das

liberdades de expressão, consciência, reunião, associação e imprensa, bem como a proibição de prisões sem julgamento, como pressupostos de Estados democráticos possuidores de direitos civis e políticos, havia somente quatro países no mundo até 1914 que cumpriam estas condições: Nova Zelândia, Austrália, Finlândia e Noruega. Se desconsiderarmos o direito de voto das mulheres, poderíamos agregar ainda, a França e a Suíça. Desta forma, a rigor, nem a própria Inglaterra se incluiria. (ELEY, 2005: 23)

Mesmo assim, a sua interpretação sobre o processo de implantação de direitos é relevante e o fato era que as massas queriam cidadania, isto é, queriam participar em termos de igualdade na comunidade política do Estado-nação e os elementos de cidadania descritos por

Marshall foram aos poucos introduzidos na Inglaterra como decorrência da pressão e das greves “dos de baixo” a partir do “mal estar” causado pelas mazelas da industrialização e da ausência da maioria da população dos espaços políticos decisórios.

Uma das conclusões importantes que podemos tirar é a de que os direitos de cidadania nascem da luta pela igualdade. O cientista político italiano, **Norberto Bobbio**, ao refletir sobre as diferenças entre posições políticas de direita e de esquerda, grosso modo, chegou à conclusão de que quem é de esquerda tende a ser mais propenso a defender a igualdade, ao contrário dos de direita que preferem as regras de mercado, isto é, onde cada um depende de si mesmo. (BOBBIO, 1995)



Neste sentido, a defesa dos direitos de cidadania é uma característica da esquerda e, portanto, isso inclui os socialistas.¹

A conquista dos direitos

- ▶ Direitos de Cidadania na concepção de Marshall: direitos civis, políticos e sociais
- ▶ Instituições que garantem os direitos: tribunais, corpos representativos, serviços sociais e escolas
- ▶ Pressupostos de democracia e os países que os atendiam até 1914
- ▶ A pressão dos “de baixo” por direitos
- ▶ Segundo Bobbio, quem defende a igualdade é a esquerda

1 Os termos esquerda e socialista, utilizados neste texto, não se referem a partidos específicos, mas às posições políticas de defesa da igualdade de direitos para todos e transformação social defendidos por trabalhistas, social democratas, anarquistas, socialistas e comunistas de diferentes tendências.





“Que a classe dominante se sinta ameaçada na iminência de uma revolução comunista! Que a classe operária nada perderá com ela, a não ser sua prisão. Mas terá um mundo a conquistar! Prole-

tários de todos os países, uni-vos!” (MARX; ENGELS, 1981: 45). Essa convocação de Marx e Engels no **Manifesto Comunista** em 1848, para os trabalhadores se organizar e se emanciparem, além do estímulo ao exercício da política enquanto classe social, também ilustra como eles identificavam os operários: prisioneiros.

De acordo com Marx, numa sociedade capitalista, uma grande parte da população é reduzida à escravidão salarial. Os capitalistas por si mesmos nada produzem. Vivem como parasitas do trabalho da classe operária porque detém os meios de produção e exploram os trabalhadores por meio da apropriação da mais-valia que é a diferença entre o valor do que é produzido, descontando deste, o custo do salário, matéria-prima e desgaste das máquinas. O lucro dos capitalistas advém do trabalho excedente. (MARX, 1984)

Porém, ele também disse que o sistema capitalista, assim como já ocorrera com sistemas anteriores, como o feudalismo, contém os germes de sua própria destruição, pois dependem da exploração de outra classe social.

À medida que o sistema capitalista se fortalece, o que só é possível ampliando a mais-valia, aumenta a exploração dos trabalhadores e acirra-se o conflito de interesses entre as duas classes, levando a uma revolução para derrubar a classe capitalista dominante e instalar um novo sistema econômico, social e político. Esse seria ainda socialista antes que toda a exploração e classes desaparecessem, dando lugar ao comunismo.

Essa era uma base política e ideológica importante para os setores sociais que se opunham à exploração crescente e à miséria advinda das duas primeiras revoluções industriais, principalmente na Europa Ocidental.

Marx não foi o primeiro a defender idéias igualitárias ou socialistas, pois outros o fizeram, antes e depois dele, inclusive por meio de teorias muito diferentes como os socialistas utópicos Saint-Simon, Owen, Fourier, entre outros, os anarquistas como Proudhon, Kropotkin, Bakunin e Malatesta e os reformistas como Bernstein.

Porém, ele teve a genialidade de entender o funcionamento do capitalismo nos primórdios da industrialização e, principalmente, a de elaborar uma alternativa política para os trabalhadores, que era a de se apropriarem dos meios de produção, assumir o poder do Estado e destruí-lo quando fosse possível assegurar o funcionamento de uma sociedade sem exploradores e explorados.

Porém, nem todos os seguidores das idéias de Marx interpretavam a sua estratégia e a luta de classes da mesma forma. Frequentemente eram traduzidas na criação de sindicatos, associações de trabalhadores e partidos políticos de cunho socialista que terminavam por se restringir às reivindicações mais imediatas do que a transformação política e social que Marx

propunha, embora muitos deles mantivessem os princípios da ditadura do proletariado e outros conceitos marxistas nos seus estatutos até meados do século XX. Por exemplo, o Partido Socialista Alemão (SPD) somente reformou os seus durante o famoso Congresso de Bad Godesberg em 1959.

As reivindicações principais por direitos sociais que estas organizações sindicais e partidárias faziam, era salário digno; jornada de trabalho de oito horas diárias; proibição do trabalho de crianças; proteção à saúde, maternidade e velhice; entre outras.

O SPD alemão foi fundado em 1875 e cresceu rapidamente devido ao vigoroso desenvolvimento industrial do país que buscava um espaço como grande potência e que ao final do século XIX possuía uma das maiores economias da Europa. Diante do crescimento eleitoral do partido, Bismarck, o chanceler alemão introduziu uma série de leis que por um lado criavam obstáculos para a organização dos socialistas e por outro atendiam uma série

de reivindicações dos trabalhadores, como forma de tentar cooptar a nascente classe operária alemã.

A Alemanha registrou as primeiras iniciativas de implantação de direitos sociais por meio de seguros saúde e proteção contra acidentes de trabalho. O Quadro 1 demonstra os momentos em que os esquemas de bem-estar social foram introduzidos em diversos países.



QUADRO 1 – Ano de implantação de direitos sociais por país

PAÍS	DIREITOS SOCIAIS			
	Acidentes de Trabalho	Seguro Saúde	Aposentadoria	Seguro Desemprego
Alemanha	1884	1883	1889	1927
Áustria	1887	1888	1927	1920
Bélgica	1971	1944	1924	1944
Dinamarca	1916	1933	1922	—
Finlândia	1895	1963	1937	—
França	1946	1930	1910	1967
Holanda	1901	1929	1913	1949
Inglaterra	1946	1911	1925	1911
Itália	1898	1928	1919	1919
Noruega	1894	1909	1936	1938
Suécia	1916	1953	1913	1911

Fonte: FLORA et al in: SASSOON, 1996: 137.

Esta primeira fase da implantação de direitos sociais, composta principalmente por direitos trabalhistas e previdenciários, no final do século XIX e início do século XX, evoluiu até o início da II Guerra Mundial. Porém, era voltada basicamente para os trabalhadores urbanos e financiada pelas contribuições dos empregadores e empregados num esquema de capitalização coletiva.

Muitos destes esquemas foram reformados posteriormente. As características de universalização dos direitos sociais para o conjunto da população e o alargamento do conceito de proteção social surgiram após a guerra com o regime de acumulação capitalista do fordismo.

Por exemplo, a Constituição francesa de 1946 aprovou artigos assegurando a igualdade

de gênero, pleno emprego, direito de greve, direito à educação, seguridade social e co-gestão das empresas. Na Itália, o primeiro artigo da Constituição dizia que “A Itália é uma república democrática fundada no trabalho” e ela também assegurava o direito de greve, liberdade sindical e a participação dos trabalhadores nas organizações políticas, econômicas e sociais. Além disso, foi implantado um esquema de previdência social, saúde e segurança no trabalho administrado por institutos criados com esta finalidade. Na Inglaterra, o Plano Beveridge provocou a aprovação de novas leis sobre seguro desemprego e pensões em 1946 e sobre serviço de saúde em 1948, durante o governo trabalhista coordenado por Clement Atlee.

Posteriormente houve novas reformas nos países europeus ao longo do processo de mobi-

lizações de estudantes e greves de trabalhadores nos anos 1960, a chamada Era da Revolta, principalmente as reformas, universitária e do mercado de trabalho.

A crise do modelo fordista e do sistema econômico de Bretton Woods em meados dos anos 1970 representou a ressurreição do ideário liberal e o início da tentativa de desmonte

do Estado de Bem-Estar Social no mundo com a proposta de considerar os direitos como mercadorias aos quais somente os que pudessem pagar por eles teriam acesso.

No entanto, como já foi mencionada anteriormente, esta é ainda uma disputa inconclusa, embora, pelo menos, as políticas neoliberais mais radicais venham sendo derrotadas.

Uma questão importante é a participação dos partidos socialistas nisso, pois esta determinou a forma como os direitos sociais foram introduzidos em cada país, bem como o conceito e alcance do Estado de Bem-Estar Social.

A fundação da II Internacional dos Trabalhadores em 1889 deu impulso aos partidos socialistas, principalmente, na Europa, além de ser um período onde os sindicatos também se consolidavam em função do desenvolvimento da industrialização. Por exemplo, a Trade Union Congress (TUC) da Inglaterra, a mais antiga central sindical do mundo ainda existente, foi fundada em 1868 e a CGT francesa é de 1895.

A primeira experiência de governo socialista por meio de uma revolução ocorreu em 1917 na Rússia, seguido pela Mongólia onde o Partido Comunista local assumiu o poder em 1924. Os PCs ainda viriam a governar outros países após o fim da II Guerra Mundial por

meio de diferentes processos de tomada de poder como na Albânia e Iugoslávia, onde os comunistas dirigiram a resistência contra os nazistas e assumiram o poder com a derrota destes ou como nos países bálticos, os demais do Leste Europeu e a Coreia do Norte por meio da ocupação pelo exército soviético no final da guerra ou ainda por meio de novas revoluções como na China e posteriormente em Cuba.

No caso dos partidos socialistas ou sociais democratas que chegaram ao poder pela via eleitoral, a primeira experiência foi do Partido Trabalhista da Austrália, em 1910, que durou pouco, embora sua vitória fosse coerente com o fato de este país ter adotado o direito do voto para as mulheres já em 1902, bem como ter



sido o primeiro a adotar a jornada de trabalho de 8 horas ainda em 1888, o que demonstrava a força da classe trabalhadora australiana.

Na Europa, as primeiras experiências de governos sociais democratas foram na Suécia em 1917, porém em aliança com o Partido Liberal e na Dinamarca em 1924 em aliança com o partido dos pequenos proprietários rurais. Na Inglaterra, o Labor indicou o primeiro ministro pela primeira vez em 1924. Na Áustria, os socialistas compuseram o governo com partidos de centro em 1933. Na Noruega e Finlândia os sociais democratas chegaram ao poder, respectivamente, em 1935 e 1937 e na Nova Zelândia, o Partido Trabalhista venceu as eleições em 1935 e compôs o governo com o Partido dos Maoris, o partido de representação da população indígena local. Aliás, foi neste país que as mulheres conquistaram o direito de voto pela primeira vez no mundo, em 1893.

De qualquer maneira, depois da guerra, se os partidos socialistas não participavam da coalizão governamental, eram, na pior das hipóteses, os principais partidos de oposição e continuavam com muita influência sobre a implantação das políticas sociais.

O seu declínio relativo é mais recente, devido aos efeitos dos ajustes neoliberais dos anos 1980 e 1990 e as transformações na sociedade, bem como as dificuldades que estes partidos têm enfrentado para reencontrar o discurso da defesa dos direitos numa conjuntura onde o modelo fordista, que era o principal

Após o fortalecimento dos regimes fascistas em diversos países europeus nos anos 1930, o *comintern* soviético reviu a sua política para o exterior e passou a recomendar que os partidos comunistas locais adotassem a estratégia de constituir frentes amplas antifascistas e, assim, a Frente Popular na Espanha governou de 1936 a 1938 quando foi derrubada por Franco e a Front Populaire, composto por socialistas, comunistas e radicais governou a França entre 1936 e 1937.

No entanto, eram poucos os casos em que os partidos socialistas tinham votos suficientes para governarem sozinhos. A exceção mais marcante tem sido o Partido Social Democrata Sueco que não depende de coalizões desde 1932, embora até o fizesse para ampliar a governabilidade.

sustentáculo econômico do *welfare state*, foi superado.

Alguns partidos sociais democratas, como o Labor dirigido por **Toni Blair** na Inglaterra, tentou apresentar uma nova



teoria, a chamada Terceira Via que combinaria a política econômica neoliberal com o respeito aos direitos sociais. Embora a Inglaterra tenha preservado algumas políticas importantes de proteção social, mesmo após os 18 anos de Thatcherismo, como a política de saúde, a realidade é que os dez anos de Blair e sua Terceira Via não recuperaram os níveis de renda e direitos que a população perdeu a partir de 1979 e a popularidade do Partido Trabalhista encontra-se hoje no seu nível mais baixo de popularidade em toda a história.

Contudo, um dos que teorizou sobre o papel dos partidos socialistas para a implantação dos “estados de bem-estar sociais” foi um estudioso sueco chamado **Gösta Esping-Andersen** a partir de um estudo sobre a introdução dos direitos sociais em 18 países de economias avançadas entre 1930 e 1980. Para ele, os esquemas de bem-estar social avançaram mais naqueles aonde o trabalho foi “desmercadorizado” (ANDERSEN in: Lua Nova, 1991).



“Desmercadorizar” o trabalho significava deixar de tratá-lo e, conseqüentemente, o trabalhador como mercadoria. Desta forma o acesso aos direitos sociais seria inerente ao ser humano e, portanto, o direito das pessoas à proteção na velhice por meio da aposentadoria, à saúde, à proteção contra o desemprego, à educação, entre outros, estaria simplesmente ligado à existência delas e não a outros determinantes, como, por exemplo, estar empregado e ser capaz de contribuir para o sistema de bem-estar social.

Este conceito é parte do que ele denominou de “social democratização do capitalismo”, onde os benefícios não são necessariamente vinculados à contribuição de cada indivíduo como condição para acessá-los.

Os demais componentes da “social democratização do capitalismo” seriam:

- A solidariedade que significa que a cobertura do Estado de Bem-Estar Social deve ser universal, a partir da compreensão dos próprios

sindicatos e partidos socialistas de que a não cobertura dos que não podem contribuir individualmente, criaria uma divisão na própria classe trabalhadora, entre os que têm direitos e os que não têm, dentro do mesmo sistema capitalista.

- A redistribuição de renda para promover a equidade entre as pessoas por meio dos impostos de renda que são retirados dos que ganham mais, para elevar o nível de



vida dos que ganham menos. No entanto, este aspecto requer alto nível de mobilização de poder.

- Esta mobilização também é importante para assegurar o pleno emprego, pois assim se eleva o poder de barganha dos trabalhadores e seus aliados. Porém, para assegurá-lo, os trabalhadores tanto devem ser suficientemente poderosos para superar a prioridade do mercado de estabilizar preços, quanto devem estar preparados para sacrificar ganhos individuais em benefício da coletividade.

O modelo que alcançou estas condições é o escandinavo. Porém, como as estruturas de poder variam, isto implica no estabelecimento de diferentes regimes redistributivos e de bem-estar social. Com isto se conformaram ao menos outros dois modelos de bem-estar social, inclusive com nuances.

Um deles é o que o autor denominou de modelo conservador e que tem origem nos direitos sociais concedidos aos trabalhadores na Alemanha, por Bismarck e nos países sensíveis às reivindicações da igreja católica. Poderia também ser chamado de modelo corporativo, porque a condição de acesso era a pessoa estar inserida no mercado de trabalho. Por consequência, os sindicatos lutavam por direitos para aqueles que representavam e não para o conjunto da sociedade. Este é o modelo

que se implantou em países como Áustria, Alemanha, França, Itália, entre outros, apesar da força relativa da mobilização de poder dos sindicatos e dos partidos socialistas.

O segundo modelo é o que Esping-Andersen denominou de liberal e poderia ser chamado de “Estado de Bem-Estar Social de mercado”. Têm acesso aos direitos, os que podem pagar por eles e tem ajuda do Estado, somente quem está abaixo de certo nível de renda a ser mensurado. Predomina em países como EUA, Austrália, Japão, entre outros, porque ali a posição de poder dos partidos mais ligados à burguesia era maior.

Portanto, o balanço da mobilização do poder de classe pode ser medido de acordo com o nível de socialdemocratização do capitalismo e os fatores que predominam, tais como o salário social, que somente se fortaleceu em diversos países após a II Guerra Mundial, ou a opção entre a concepção de direitos sociais e atendimento aos pobres.

Nos países, como os escandinavos, onde a “social democratização do capitalismo” avançou mais, houve uma aliança dos sindicatos com os partidos socialistas e os de representação dos pequenos produtores rurais e camponeses, formando uma grande mobilização de poder na construção do Estado de Bem-Estar Social. Foi a chamada “aliança

vermelha e verde” e que inclusive contribuiu para solidificar as divisões no campo político da oposição da direita.

Nos demais países da Europa continental, esta mobilização não foi capaz de romper o esquema corporativo implantado antes da construção da aliança, pois este modelo havia se solidificado entre os próprios trabalhadores, como o exemplo mencionado da Alemanha, e mesmo algumas tentativas posteriores à II Guerra Mundial, não conseguiram avançar tanto em termos de universalização dos direitos e redistribuição de renda.

Nos países onde predominava o modelo liberal, houve uma hegemonia expressiva dos

partidos liberais e burgueses, sem a existência de partidos socialistas capazes de desafiá-los para assegurar um outro modelo de Estado de Bem-Estar Social. Frequentemente, os sindicatos também estavam ganhos para a idéia das contribuições privadas em detrimento do pagamento de maiores impostos para sustentar o sistema universal.

Atualmente, até o modelo social democrata escandinavo é questionado e os partidos socialistas que governaram estes países por longos períodos têm sido substituídos no poder por governos de caráter neoliberal. Mesmo assim, apesar de alguns ajustes e reduções de direitos, o caráter essencial deste modelo tem sido preservado.

A internacionalização dos direitos trabalhistas

- ▶ Conceito marxista de mais-valia
- ▶ Luta de classes e reação dos trabalhadores
- ▶ Outras teorias socialistas como anarquismo, socialismo utópico e reformismo
- ▶ Os primeiros direitos sociais (Quadro 1, p. 44)
- ▶ Direitos sociais após a segunda guerra mundial e as reformas nos anos 1960
- ▶ Participação dos socialistas na conquista dos direitos
- ▶ Poder dos partidos comunistas e socialistas: revoluções, eleições e frentes de esquerda



- ▶ Crise eleitoral e a “terceira via”
- ▶ Os três modelos de *welfare state* de acordo com o Gösta Esping-Andersen
- ▶ Primórdios do sindicalismo e dos direitos trabalhistas
- ▶ As primeiras “constitucionalizações” de direitos
- ▶ A criação da OIT
- ▶ O tripartismo
- ▶ O funcionamento das conferências e da criação de normas
- ▶ O conteúdo das normas principais
- ▶ As Normas Fundamentais de Trabalho e o vínculo com os direitos humanos
- ▶ As normas da OIT em outras organizações internacionais
- ▶ O sistema de seguimento da OIT

Foi uma longa luta para que os Estados de Bem-Estar Social se consolidassem nacionalmente e muitos começaram a perceber que os direitos seriam melhor garantidos na medida em que fossem adotados por mais países, pois além de justo e politicamente correto, a igualdade generalizada no âmbito do capitalismo evitaria a concorrência entre empresas por meio de custos de produção mais baixos em função de direitos trabalhistas e sociais reduzidos ou inexistentes.

Por exemplo, Daniel Le Grand era um industrial francês que, entre 1840 e 1853, reiteradamente solicitava aos diferentes governos europeus que promulgassem uma legislação trabalhista comum para assim eliminar a concorrência entre empresas. Chegou a propor vários projetos de leis internacionais versando sobre jornada de trabalho, trabalho noturno, atividades insalubres ou perigosas e regulamentação do trabalho de crianças. (OIT, 1998, p. 1)

Até o final do século XIX e início do século XX, houve várias iniciativas para promover encontros supranacionais de governos com o intuito de discutir a aprovação de leis comuns e criar mecanismos para aplicá-los. Em 1900 foi fundada a Associação Internacional de Legislação do Trabalho que de certa maneira foi uma precursora da Organização Internacional de Trabalho (OIT) e que realizou diversas conferências.

Paradoxalmente, a primeira revolução na forma prevista por Marx ocorreu na Rússia em 1917, um país onde nem o capitalismo estava tão adiantado e nem o proletariado era tão expressivo se comparado com Inglaterra, França ou EUA. No entanto, esta revolução levantou temores entre empresários e governantes, contribuindo para que a questão

social fosse tratada com maior atenção daí por diante. Aliás, os dois primeiros países a constitucionalizar direitos trabalhistas foram a URSS e o México, sendo que este também passou por um processo revolucionário entre 1910 e 1918, embora com desdobramentos muito diferentes da União Soviética.

A I **Guerra Mundial** terminou em 1918 e o mundo assistira a um processo de destruição e mortes que nunca ocorreu antes e por consequência havia ambiente para que fossem criadas instituições internacionais com o intuito de preservar o mundo da repetição de conflitos semelhantes.



As negociações de paz com a Alemanha ocorreram por intermédio do Tratado de Versalhes. Foram coordenadas pela Inglaterra, França e EUA pelo lado vencedor, mas a agenda prioritária deles, não era necessariamente a mesma. À França interessava neutralizar a Alemanha definitivamente e vingar-se. À Inglaterra interessava que a França não se tornasse a potência hegemônica no continente e aos EUA interessava a paz na Europa e regras que favorecessem o livre comércio para expandir sua economia.



O presidente americano **Woodrow Wilson** dos EUA introduziu uma inflexão na política externa do seu país ao substituir a política imperialista

de busca da influência pela promoção do livre comércio e disseminação da democracia. O objetivo era fortalecer o comércio de produtos americanos e ampliar a influência dos EUA não mais por intermédio da política do *Big Stick* e da Diplomacia do Dólar dos seus antecessores, mas pela disseminação dos “valores americanos”, particularmente o liberalismo econômico e a democracia representativa.

Ele defendia que uma instituição internacional que reunisse nações com governos representativos, seria suficiente para assegurar a paz mundial, pois estes para serem representativos teriam que, necessariamente, ser eleitos de forma democrática. Num ambiente democrático, bastaria à maioria dos países membros exercerem pressão moral sobre aque-



le que adotasse políticas equivocadas para que mudasse de rumo. Por isso, a Liga não previu nos seus Estatutos, o uso de mecanismos coercitivos. Esta doutrina ficou conhecida como o “idealismo wilsoniano”.

Os 14 pontos defendidos por Wilson, em Versalhes, como base para o acordo de paz, propunham uma nova divisão geográfica e política para a Europa, uma política de desarmamento, início da descolonização, evacuação das tropas estrangeiras da URSS, liberdade de navegação nos mares com ou sem guerra, eliminação de barreiras comerciais e a criação da

Liga das Nações. Os EUA também se opunham às retaliações aos países derrotados.

Nem todos os pontos foram contemplados. Por exemplo, França e Inglaterra transformaram parte do Império Otomano em novas colônias; a indenização exigida da Alemanha foi imensa e as novas fronteiras na Europa não seguiram exatamente a proposta norte-americana. Embora os EUA não viessem a participar dela, a Liga das Nações foi criada e funcionaria com base na sua proposta, isto é, sem instrumentos coercitivos.

No bojo das negociações de paz, havia também as preocupações em relação à “questão social”, pois terminada a guerra, os trabalhadores voltariam a pressionar pelo atendimento de suas reivindicações. O exemplo da URSS estava na mente de todos, além das tentativas revolucionárias debeladas na Alemanha e Hungria logo após o fim da guerra.

Wilson era do Partido Democrata e havia proposto algumas leis trabalhistas nos EUA. Seu “idealismo” vinha de encontro à visão de um setor importante dos socialistas que já não era partidário da revolução proposta por Marx e sim a favor de reformas.

O início do século XX nos EUA foi um momento onde o pensamento progressista estava muito presente e na eleição presidencial de 1912 quando ele foi eleito, também disputaram a eleição os candidatos Teddy Roosevelt,

pelo Partido Progressista, e Eugene Debs, pelo Partido Socialista. Este último alcançou 6% dos votos no que foi provavelmente o melhor resultado eleitoral que a esquerda norte-americana alcançou em toda sua história.

Este espírito idealista foi contemplado na parte XIII do Tratado de Versalhes que aprovou a criação da Organização Internacional do Trabalho (OIT) e uma Carta do Trabalho que, por sua vez, apresentou uma série de princípios, entre eles:

o trabalho não é uma mercadoria; a liberdade de expressão e de associação é essencial para o progresso constante; a pobreza em qualquer lugar constitui um perigo para a prosperidade de todos; a luta contra a necessidade deve prosseguir com energia incessante em cada nação e mediante um esforço internacional, contínuo e concertado, no qual os representantes dos trabalhadores e empregadores, colaborando em pé de igualdade com os representantes dos governos, participem em discussões livres e em discussões de caráter democrático com o fim de promover o bem-estar comum. (OIT, 1998, p. 7)

Particularmente, o último princípio que propunha o “concerto” tripartite, rompia com a visão marxista de transformação social via luta de classes e revolução. Apesar do importante papel do “idealismo wilsoniano”, os socialistas europeus contribuíram sobremaneira para definição dos princípios de funcionamento da OIT e o primeiro Diretor Geral foi um socialista francês, **Albert Thomas**.



Talvez o mais impressionante seja o fato que a OIT, depois de quase 90 anos de existência, ser até hoje a única organização internacional onde dois setores sociais distintos – trabalhadores e empresários – participam diretamente de sua gestão, embora, sem dúvida, os primeiros sejam os maiores interessados, pois os empresários, a rigor, não necessitam de uma instituição como esta para defender seus interesses.

Todo o funcionamento da OIT é tripartite. Desde a composição de seu Conselho de Administração, passando pelo quadro funcional do escritório sede em Genebra e de outras

estruturas regionais ou nacionais, até a composição de reuniões de mera consulta, embora nas votações os governos representem 50% e os trabalhadores e empregadores 25% cada.

Além de preservar seus princípios, o papel da OIT é elaborar normas, estimular a implantação nos países membros e promover sua aplicação por aqueles que os adota.

As normas da OIT são convenções, recomendações e declarações. A figura jurídica

mais importante é a convenção que normalmente vem acompanhada por uma ou mais





recomendações. Elas são negociadas e aprovadas nas **Conferências Anuais da OIT** que, em tese, é a instância máxima da organização composta por delegações tripartites de cada Estado membro. Nestas conferências debatem-se vários aspectos do tema trabalho e há um mecanismo para que as convenções e recomendações afins sejam negociadas e aprovadas.

A elaboração delas se inicia pela sugestão de, pelo menos, uma das partes de regulamentar determinado tema e que, se for aceita pelo Conselho de Administração, será debatida numa das próximas conferências. A assessoria técnica do escritório central elabora a proposta de uma convenção e sua respectiva recomendação que é apresentada aos três grupos com antecedência. Na conferência, essa proposta é discutida em cada grupo separadamente e também em conjunto quando ocorre uma negociação entre as três partes sobre o conteúdo e os termos. Normalmente buscam-se posições consensuais, porém podem ocorrer votações. Aliás, é usual que se inicie o processo votando se o que está em discussão é uma nova convenção ou tão-somente uma “recomendação”, a opção normalmente preferida pelos empregadores.

Além das convenções e recomendações que são aprovadas nas conferências, ocorrem,

periodicamente, reuniões especiais sobre temas específicos que também podem aprovar recomendações e declarações. Situa-se nessa categoria, por exemplo, a Declaração sobre Normas e Princípios Fundamentais da OIT relacionada à globalização.

Uma convenção, uma vez aprovada, é submetida à apreciação de cada Estado Nacional membro da OIT que por sua vez decide se a ratifica ou não. Uma vez ratificada, a legislação nacional deve ser adaptada ao conteúdo da convenção e devidamente obedecida.

É possível relacionar os temas em discussão nas convenções com aspectos conjunturais de cada momento ao longo deste quase um século. A Convenção Nº 1 tratou da regulamentação da jornada de trabalho na indústria e, embora não falasse em quantidade de horas de trabalho, foi inspirada pela famosa reivindicação do movimento operário internacional, oito horas de trabalho, oito de descanso e oito horas de lazer.

As demais convenções que foram aprovadas entre 1919 e 1939 (início da II Guerra Mundial) trataram também de várias reivindicações dos trabalhadores que vinham sendo defendidas desde o século XIX, como a proteção ao desemprego, à maternidade, ao trabalho noturno, aos acidentes de trabalho; idade mínima para o trabalho na indústria; descanso

semanal; seguro contra doença, velhice, invalidez e morte etc.

Os temas debatidos antes da II Guerra correspondiam a reivindicações históricas e muito concretas dos trabalhadores. Já, os

temas tratados durante o período da Guerra Fria – 1948 a 1989 – podiam ser considerados mais “políticos”, mas nem por isso menos importantes, e os socialdemocratas tiveram uma participação importante também ali.

As convenções dessa época tratavam de liberdade sindical, negociação coletiva, trabalhadores migrantes, política de emprego, discriminação, igualdade de pagamento, representação sindical, estatística de trabalho, servidores públicos, trabalho forçado,² entre outros, e tratavam também das “modernas” ameaças à saúde no trabalho devido à radiação, benzeno, amianto e a possibilidade de adquirir diferentes cânceres.

O neoliberalismo, marca do modelo econômico, social e político dos anos 90, também influenciou o mecanismo de formulação de normas. Os temas discutidos eram relacionados às novas formas de trabalho, como a convenção sobre trabalho em tempo parcial, o trabalho a domicílio, intermediação de trabalho, créditos em caso de falência, entre outros. Com o fim do socialismo real nos países do Leste Europeu, o grupo dos trabalhadores perdeu importantes aliados nas estruturas da OIT, pois esses países normalmente votavam a favor de novas convenções.

Um outro dado dos últimos 15 anos, é que se aprovou uma média de apenas 1,3 con-

venções por ano, contra 2,2 durante a Guerra Fria e 3,2 antes da II Guerra Mundial, o que demonstra a pressão interna dos empresários e governos defensores da “flexibilização” dos direitos dos trabalhadores.

Atualmente, há mais de 170 países membros da OIT e cerca de 200 convenções aprovadas. Quase 25% destas dizem respeito a normas específicas sobre os direitos de trabalhadores no mar que representam uma situação particular.

Entre as demais convenções, existe um núcleo que tem origem em normas internacionais de direitos humanos fundamentais.

² “Trabalho forçado” é um termo espanhol que significa trabalho escravo. Em 1957 aprovou-se a Convenção 105 que proíbia o trabalho forçado de prisioneiros de consciência ou por razões político-ideológicas. Era uma medida voltada à condenação dos *Gulags* da URSS e dos “campos de reeducação” na China, e outros países.



São as oito convenções e suas recomendações que tratam de liberdade sindical, proteção contra trabalho forçado, trabalho infantil e discriminação.

Esse núcleo tornou-se também a referência para as reivindicações do movimento sindical junto a outras instituições multilaterais para tentar reforçar o respeito pelas normas básicas de trabalho, bem como de iniciativas governamentais como as Diretrizes para Empresas Multinacionais da Organização para a

Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e o Pacto Global da ONU.

O núcleo também tem sido denominado de Normas Fundamentais do Trabalho. Estas são derivadas de vários itens da Declaração de Direitos Humanos da ONU como o direito à livre organização e expressão, liberdade de ir e vir, proibição da escravidão, proteção à criança, bem como o combate ao racismo, discriminação de gênero e outras intolerâncias.

As Normas Fundamentais da OIT são compostas pelas Convenções 87 de 1948, sobre a Liberdade Sindical e o Direito de Sindicalização; 98 de 1949, sobre o Direito de Sindicalização e Negociação Coletiva; 29 de 1930, sobre o Trabalho Forçado; 105 de 1957, sobre a Abolição do Trabalho Forçado; 138 de 1973, sobre Idade Mínima; 182 de 1999, sobre Abolição das Piores Formas de Trabalho Infantil; 100 de 1951, sobre Igualdade de Remuneração, e a 111 de 1958, sobre Discriminação no Emprego e Ocupação.

Essas convenções são consideradas fundamentais, porque se pressupõe que, se forem plenamente respeitadas, os trabalhadores são capazes de defender seus próprios interesses. Se todos puderem se organizar livremente e negociar periodicamente seus contratos de trabalho com os empregadores, sem ter que competir no mercado de trabalho com escravos e crianças ou com setores sociais que são discriminados e trabalham por menos, em tese os contratos seriam justos e construídos de forma democrática.

Porém, na prática, apesar dessas normas formarem a base do arcabouço jurídico que deveria garantir os direitos fundamentais dos trabalhadores, ainda assim, elas têm que ser complementadas por outras normas da OIT e se os trabalhadores realmente quiserem melhorar a qualidade de seus contratos de trabalho, o que necessitam é mudar a correlação de forças politicamente a seu favor e assegurar que as normas sejam respeitadas universalmente, o que, normalmente, não são.

A OIT, além do mecanismo tripartite para elaborar as normas, possui também um sistema de supervisão sobre sua aplicação. Todos os países membros devem apresentar relatórios periódicos de avaliação do desenvolvimento da aplicação das normas que ratificaram. Esses relatórios são monitorados por Comitês de Especialistas nos diferentes temas, que emitem recomendações e oferecem ajuda técnica caso os países membros o queiram. Por exemplo, poderia acontecer que determinado direito continue sendo desrespeitado num país porque este não conseguiu criar uma legislação nacional eficaz e, nesse caso, os técnicos da OIT poderiam orientar e ajudar a corrigir o problema.

Existem também políticas de promoção do respeito às normas por meio de capacitação e publicações ou ainda de programas



especiais, como, por exemplo, o **Ipec** (Programa Internacional de Erradicação do Trabalho Infantil).

As violações que eventualmente ocorreram podem também ser denunciadas por intermédio da apresentação de queixas que serão analisadas nas diferentes instâncias da OIT. Inicialmente os comitês que tratam

dos diferentes assuntos solicitarão esclarecimentos ao governo do país em questão, e, posteriormente, à luz dos fatos emitirão pareceres reconhecendo ou não, ou em parte, a procedência da queixa e farão também alguma recomendação para lidar com o problema. Se a queixa for sobre violação da liberdade sindical, ela será tratada pelo Comitê de Liberdade Sindical do Conselho de Administração que se reúne três vezes ao ano para analisar os casos apresentados.

Em cada conferência anual, a Comissão de Aplicação de Normas se reúne para discutir e emitir resoluções sobre o desenvolvimento da aplicação das normas no geral e em países específicos. O segundo caso, normalmente, envolve países onde determinadas normas são violadas de forma contumaz e visa constrangê-los, pelo menos moralmente, para que corrijam o problema. Os casos piores são mencionados num “parágrafo especial” da resolução. Há ainda a possibilidade de ser aprovado um monitoramento direto do problema por meio de comissões de investigação ou da instalação de um representante especial e permanente da OIT no país em questão. No limite, o país acusado pode perder o direito de voto na organização conforme prevê o art. 33 da Constituição da OIT.



Ao longo dos últimos anos, ficou claro que a OIT não possui “dentes” para coagir seus membros a serem mais rigorosos no cumprimento das convenções fundamentais e, portanto, seria fundamental adotar uma série de medidas para fortalecer o papel da organização ou encontrar outros mecanismos para que os direitos fundamentais sejam respeitados, mesmo numa conjuntura desfavorável para os trabalhadores.

A constitucionalização dos direitos humanos

- ▶ Os primeiros direitos internacionais
- ▶ A Declaração Universal dos Direitos Humanos e outros tratados internacionais
- ▶ A primeira Conferência Internacional de Direitos Humanos da ONU e o seu contexto
- ▶ A campanha internacional contra o *apartheid*
- ▶ A Conferência de Direitos da ONU em Viena e o seu contexto
- ▶ Os direitos humanos das mulheres
- ▶ As novas doutrinas de direitos humanos
- ▶ O Alto Comissariado, a Comissão e o Conselho de Direitos Humanos da ONU

Se formos discutir o surgimento de leis que dizem respeito à proteção dos direitos humanos e principalmente as medidas que foram aprovadas ao longo da história para limitar as ações dos poderosos contra os mais vulneráveis na sociedade poderemos voltar ainda mais na história do que a Renascença. Por exemplo, o instrumento do *habeas corpus* tem origem na Inglaterra do século XIII, o iluminismo e as revoluções burguesas da Holanda, Inglaterra e França também intro-

duziram uma série de proteções ao homem, como a eliminação da servidão, fim da tortura como método de punição e para conseguir confissões, entre outros.

Porém, aqui nos ataremos à discussão do desenvolvimento da democracia e da normatização dos direitos humanos a partir do século XIX.

Apesar de suas limitações, podemos considerar que a I Convenção de Genebra de 1864

foi a primeira norma internacional de defesa dos direitos humanos a ser criada. Nesta, os países signatários se comprometiam a cuidar de todos os feridos de guerra independentemente de sua nacionalidade. Ela foi seguida por outras disposições sobre guerra marítima de 1907 e prisioneiros de guerra de 1929.

Entretanto, as normas internacionais mais abrangentes sobre direitos humanos começaram a ser produzidas no âmbito da ONU após a II Guerra Mundial como um reflexo ao genocídio e à violência praticada pelos regimes nazi-fascistas, uma vez que a Liga das Nações não conseguiu evitar a guerra e nem adotar medidas neste sentido para proteger a integridade dos seres humanos.

A primeira norma com valores universais foi a Declaração Universal dos Direitos Humanos aprovada pela ONU em 1948. Posteriormente, nesse mesmo âmbito, foi aprovada a Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial em 1965 e, em



1966, foram aprovados o Pacto Internacional de Direitos Civis e Políticos, o Protocolo facultativo a ele e o Pacto Internacional de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais. A convenção e os pactos somente alcançaram as ratificações necessárias para vigorar, respectivamente, em 1969 e 1976.

Na Europa foi aprovado em 1950 o Convênio Europeu dos Direitos Humanos e Liberdades Fundamentais. No continente americano a Declaração Americana dos Direitos e Deveres do Homem data de 1948 e a Convenção Americana sobre Direitos Humanos que ficou mais conhecida como o Pacto de San José da Costa Rica de 1969.

Na Europa quem decide sobre questões relativas às suas violações é o Tribunal de Justiça da União Européia, com sede em Estrasburgo, e nas Américas quem trata dos direitos humanos é a OEA, por meio de sua Comissão Interamericana de Direitos Humanos e da Corte Interamericana de Direitos Humanos, com sedes, respectivamente, em Washington e San José.

Para marcar o aniversário de 20 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, a primeira conferência da ONU realizada especificamente para tratar do tema, ocorreu em Teerã, a capital do Irã em 1968 e que avançou pouco, pois era o auge da Guerra Fria, quando não se permitia adotar resoluções sobre qualquer país e nem que a Comissão de



Direitos Humanos, então existente, tomasse medidas diante das denúncias que recebia, sob a justificativa da soberania nacional e do princípio da não-intervenção em assuntos internos garantidos na Carta das Nações Unidas.

Realizar a Conferência no Irã governado pelo Xá Reza Pahlevi era uma contradição muito grande, pois o governo deste país era particularmente conhecido pela forma truculenta como tratava suas dissidências e oposições políticas por meio de uma polícia política secreta chamada *Savak* que se tornou famosa pela crueldade com que tratava seus prisioneiros.

Nesta época, as organizações da sociedade civil ainda não buscavam incidir sobre este tipo de conferência.

A primeira vez que a ONU ditou uma norma que se tornou obrigatória para os Estados membros foi em 1977 contra o regime do *apartheid* na África do Sul considerado um crime de lesa-humanidade, quando o Conselho de Segurança aprovou um embargo de armas àquele país.



Os princípios sobre a defesa dos direitos humanos estabelecidos até então foram sendo incorporados também em resoluções, convenções e recomendações de outras organizações e agências especializadas do sistema ONU que tratam do trabalho, educação, saúde, alimentação, infância e desenvolvimento.

Em 1993, realizou-se a segunda Conferência das Nações Unidas sobre Direitos Humanos em Viena na Áustria, numa conjuntura muito diferente da anterior e com a participação de mais de mil ONGs entre elas algumas que haviam se tornado conhecidas e influentes como a Anistia Internacional, *American Human Rights Watch*, entre outras. As resoluções desta conferência conseguiram romper algumas das barreiras mencionadas anteriormente.



Os pontos principais da Declaração e o Programa de Ação da Conferência trataram do papel da ONU na área de direitos humanos quanto à destinação de recursos e fortalecimento dos mecanismos de atuação, inclusive a criação de um Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos. Também incluíram posições sobre os grandes princípios como igualdade, dignidade e tolerância que envolveram o combate ao racismo, xenofobia e outras intolerâncias; a promoção da igualdade de condição e

os direitos humanos das mulheres; os direitos da criança; os direitos dos portadores de deficiências; o direito de não ser submetido a tortura e/ou desaparecimento forçado; e os direitos das minorias nacionais, populações indígenas e trabalhadores migrantes.

Alguns outros itens trataram de cooperação, desenvolvimento e fortalecimento dos direitos humanos; educação em direitos humanos; implementação e métodos de controle e o acompanhamento dos resultados da conferência.

A conferência também avançou no debate de algumas doutrinas como universalidade dos direitos humanos, legitimidade do sistema internacional de proteção aos direitos humanos, direito ao desenvolvimento, direito à autodeterminação e o estabelecimento da inter-relação entre democracia, desenvolvimento e direitos humanos. (ALVES, 2001: 106 e 107)

Foi reservado um capítulo especial para os direitos da mulher que inicia com a declaração que *Os direitos humanos das mulheres e das meninas são inalienáveis e constituem parte integrante e indivisível dos direitos humanos universais*. Parece um preciosismo, porém foi uma afirmação absolutamente necessária diante das discriminações e violações diversas dos direitos humanos das mulheres que ocorrem, principalmente, nos conflitos armados. (ALVES, 2001: 127)



Houve ainda uma série de outros parágrafos que trataram deste aspecto, além da preocupação quanto às questões de gênero incluídas nas demais conferências sociais da ONU nos anos 1990, em particular, na IV Conferência Mundial sobre a Mulher realizada em Beijing, em 1995.

A Conferência de Viena, apesar da polêmica, aprovou a criação de um Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos como forma de dar mais agilidade e presença concreta diante das situações mais graves. O primeiro Alto Comissário foi o diplomata equatoriano **José Ayala Lasso**, eleito em 1994, e a



seguinte, eleita em 1997, foi a ex-presidente da Irlanda **Mary Robinson** ligada ao Partido Trabalhista daquele país.



A conferência aprovou também uma resolução que embora fosse bastante vaga, acabou dando margem para a criação do Tribunal Penal Internacional em 1998, cuja jurisdição, no entanto, não é aceita por vários países incluindo os EUA.

Um dos aspectos mais importantes da reforma da ONU proposta pelo secretário-geral e que se viabilizou em 2006 foi a substituição da antiga Comissão de Direitos Humanos por um Conselho de Direitos Humanos eleito pela Assembléia Geral das Nações Unidas, de forma a reduzir a possibilidade da participação de contumazes violadores dos direitos humanos.

Em junho de 2006, houve a sessão inaugural do novo Conselho e que aprovou como seu primeiro ato formal, a Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas.

O Brasil votou a favor, pois a Declaração reforçaria as garantias já existentes na legislação brasileira no tocante aos direitos dos povos

indígenas e outros 29 países também votaram a favor da aprovação do documento que já foi discutido e modificado ao longo de 20 anos. O “lobby” de países como Canadá e Estados Unidos, com grande população indígena, apresentou muitas ressalvas às discussões ligadas a este tema, tanto é que Canadá e a Federação Russa foram os únicos dois países que votaram contra a Declaração. (Os EUA não fazem parte do Conselho, mas acompanham suas atividades sob o *status* de observador)

A preocupação com as questões de integridade territorial e autonomia dos territórios levou ainda Marrocos, Argélia, Gana, Nigéria, Senegal, Tunísia, Bangladesh, Filipinas, Ucrânia e Argentina a se absterem da votação.

Embora haja uma diferença enorme na forma como os direitos humanos são tratados pelo mundo afora, desde situações de opressão quase total até a incorporação de um grande número de direitos, hoje já se fala nos direitos de terceira geração que são os direitos ao desenvolvimento, a um ambiente sadio e ecologicamente equilibrado, à paz e à propriedade sobre o patrimônio comum da humanidade.

Os socialistas e os direitos no Brasil

- ▶ Número de trabalhadores urbanos e modelo de organização sindical o início do século
- ▶ Mobilização sindical e política no início do século
- ▶ A primeira Caixa de Aposentadoria e Pensões e outros direitos antes da Revolução de 1930

- ▶ O primeiro governo Getúlio Vargas e a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT)
- ▶ O progresso da previdência social entre 1930 e 1964
- ▶ As lutas sociais entre 1945 e 1964
- ▶ A mobilização política durante a ditadura
- ▶ A política social da ditadura
- ▶ Os socialistas, a Constituinte de 1987 e os direitos sociais
- ▶ A política social do Governo Lula

Nos países de capitalismo mais tardio como o Brasil, é mais difícil aplicar as mesmas teorias que serviram para explicar a introdução dos direitos sociais na Europa e demais países industrializados. Ao analisarmos a conquista dos primeiros direitos sociais, algumas condições até coincidem, como a vinculação dos direitos com a industrialização. Porém, quando comparamos a mobilização de poder e a aliança do movimento sindical com os partidos socialistas, o processo se difere significativamente, até porque o período de democracia formal no século XX foi muito mais curto aqui do que na Europa.

Se partirmos dos três modelos de *welfare state* formulados por Esping-Andersen, o brasileiro seria considerado um modelo conservador, porém ainda menos abrangente que nos países europeus aonde este modelo foi implantado.

Tampouco se reconhece no Brasil, a mesma mobilização de poder entre sindicatos e par-

tidos socialistas como ocorreu na Europa. Na verdade, ambos eram fracos nos primórdios da industrialização brasileira e nos momentos em que poderiam representar alguma diferença, ocorreram golpes ditatoriais que restringiram sobremaneira a atuação de partidos políticos e dos sindicatos.

Da mesma forma, os liberais e os partidos representantes dos pequenos produtores rurais, eram também pouco representativos, de modo que a possibilidade de construir alianças de classe também era remota.

O valor da produção industrial brasileira somente superou o da produção agrícola na década de 1950. O Partido Comunista do Brasil foi fundado em 1922 e consolidou uma razoável presença junto à classe operária urbana, mas conviveu com pouco tempo de legalidade política e, por isso, tinha pequena influência parlamentar. O PSB que elegeu seus primeiros



parlamentares após 1945, nunca atingiu uma grande representatividade e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) nasceu de uma relação com os sindicatos, facilitado pelo Estado e tampouco era totalmente coeso ideologicamente.

Em 1890, se contabilizava a existência de 55.000 operários no Brasil, número que evoluiu para cerca de 297.000 em 1920, porém ainda inferior a 1% da população total. Nesta época, as organizações sindicais eram as Associações ou Sociedades de Auxílio Mútuo, criadas para

socorrer os membros e seus familiares vitimados pelo desemprego, doença ou morte diante das precárias e insalubres condições de trabalho.

Esse tipo de organização começou a desaparecer com o fim da escravidão e o crescimento do operariado devido à chegada dos imigrantes europeus que traziam algumas idéias e experiências de organização política e sindical que começaram a substituir o mutualismo por reivindicações sindicais.

Os sindicatos se organizavam por ofício e por municípios formando uniões e federações com representação geográfica e profissional mais ampla, embora praticamente limitada ao Rio de Janeiro e São Paulo. Em 1906 realizou-se o I Congresso Operário Brasileiro que aprovou a fundação da Confederação Operária Brasileira (COB), o que ocorreu em 1908.

Os primeiros sindicatos eram muito influenciados pelos anarquistas e pela sua estratégia de luta direta. Entre 1917 e 1920 ocorreu mais de cem greves somente em São Paulo, sendo a **greve geral de 1917** a mais importante.



No entanto, outras correntes de esquerda também se faziam presentes e buscavam organizar os trabalhadores politicamente em torno de reivindicações mais amplas, como o I Congresso Socialista Brasileiro realizado em 1901 que reivindicou liberdade de reunião, direito de greve, proteção no trabalho para mulheres e menores, salário mínimo e caixa de pensões para idosos e incapazes.

O Bloco Operário e Camponês, braço político eleitoral do PC que estava na ilegalidade, apresentou candidatos às eleições de 1927

defendendo várias reivindicações de caráter social como salário mínimo; contratos coletivos de trabalho; seguro social contra invalidez, desemprego, enfermidade e velhice a cargo do Estado e do patronato; licença gravidez remunerada; medidas de proteção à saúde e segurança no trabalho e fomento ao cooperativismo e consumo. (RODRIGUES, 1979)

Naquela época havia poucos parlamentares que se preocupavam em amenizar as más condições de trabalho e ausência de direitos sociais. Destacou-se o deputado Mauricio de Lacerda, um liberal, incansável defensor dos direitos dos operários que chegou a ter seu

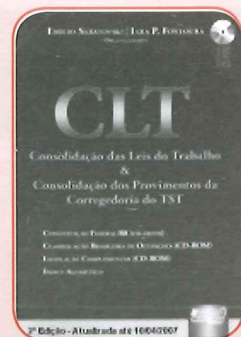
mandato cassado em 1919 sob a acusação de ser bolchevique. Foi dele a iniciativa de apresentar uma lei que criou o Departamento Nacional do Trabalho que posteriormente se transformou em Conselho Nacional.

Os ferroviários eram a categoria de trabalhadores mais numerosa naquela época e várias vezes demonstraram seu poder de mobilização. Em 1923, temerosa de uma greve que pudesse prejudicar o transporte de café para o porto de Santos e conseqüentemente a exportação do produto, a câmara de deputados aprovou a Lei Eloy Chaves que instituiu a Caixa de Pensões dos Ferroviários.

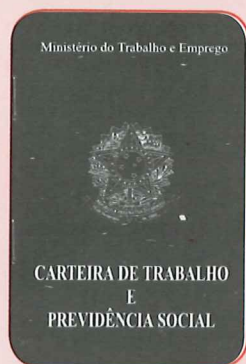
Em 1925, um decreto legislativo concedeu 15 dias de férias remuneradas por ano para os trabalhadores na indústria, comércio e bancos e em 1926 foi promulgado o primeiro Código do Menor, que entre outros itens, fixou a jornada de trabalho dos menores de idade em seis horas diárias. Estas duas medidas foram duramente criticadas pelos empresários da época que haviam acabado de fundar o Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Ciesp).

No entanto, “novos direitos somente viriam a ser concedidos após a Revolução de 30” e a posse de Getúlio Vargas como presidente. Ele representava a nova burguesia industrial e entendia que as relações de trabalho frente ao desenvolvimento industrial tinham que ser regulamentadas até para que os trabalhadores cooperassem com o processo.

No período entre 1931 e 1943 foram aprovadas várias leis que asseguravam direitos trabalhistas e previdenciários aos trabalhadores urbanos. Estas leis foram incluídas num arcabouço jurídico em 1943 aonde também figuravam as regras para a criação e funcionamento dos sindicatos que se denominou **Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT)**.



O seu conteúdo era relacionado com jornada de trabalho, salário mínimo, férias, aposentadoria, pensões, entre outros. Até 1938, foram criados os Institutos de Aposentadoria e Pensões (IAPs) dos funcionários públicos federais, marítimos, bancários, comerciários, industriários, portuários e trabalhadores em transportes. (Em meados dos anos 1960, eles foram todos unificados sob o Instituto Nacional de Previdência Social – INPS pelos militares)



Apesar deste avanço na Constitucionalização dos direitos sociais no Brasil, eles se limitavam aos trabalhadores urbanos com contrato regular de trabalho, expresso por intermédio da

Carteira de Trabalho assinada, o que cobriria no máximo 37% dos trabalhadores ocupados, uma vez que os demais se encontravam na agricultura aonde os direitos não vigiam.

Além disto, estes direitos sociais não representaram uma continuidade de um processo de conquista de direitos de cidadania, pois a liberdade de organização e de expressão e os direitos políticos foram totalmente abolidos pelo golpe decretado por Getúlio Vargas em 1937 e a instalação do Estado Novo com tonalidades fortemente fascistas. Estes direitos foram impostos de cima para baixo como instrumento de cooptação e favoreceram a interferência do Estado nos assuntos sindicais e conflitos trabalhistas até hoje.

Após o retorno do regime democrático em 1945 houve avanços na organização dos trabalhadores devido ao crescimento do operariado e o início de organização dos trabalhadores na agricultura. Os socialistas se apresentavam no cenário partidário por intermédio do Grupo Compacto do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e do Partido Socialista Brasileiro (PSB), principalmente. O PC após curta existência legal a partir de 1945, foi posto na ilegalidade em 1948, quando se acirrou a Guerra Fria.

A maioria das propostas que propunham algum avanço na legislação ou na política em geral, advinham dos votos da coalizão PTB e Partido Social Democrático (PSD) no Congresso Nacional, com apoio ou não, dependendo do assunto do PSB e outros partidos pequenos.

Vários governos apostaram numa agenda de desenvolvimento por meio da substituição de importações e grandes investimentos em infra-estrutura, e no início dos anos 1960 havia um forte debate na esquerda sobre uma agenda de reformas de base que incluíam a reforma

agrária, tributária, bancária, administrativa, eleitoral, urbana, entre outras.

Estas reformas foram, todavia, frustradas pelo golpe militar de 1964. Este até manteve a agenda desenvolvimentista, porém o modelo político e social foi autoritário e o movimento social somente conseguiu retomar a iniciativa política na segunda metade dos anos 1970, como parte da luta pela redemocratização do país e também como enfrentamento dos efeitos da crise do fim do paradigma de desenvolvimento do pós-guerra.

Ainda assim, houve alguns programas com caráter social, como o Sistema Nacional de Habitação, o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), o PIS/Pasep e o Estatuto da Terra. Estes também foram impostos de cima para baixo e, às vezes, com segundas intenções como o FGTS que, embora gerasse recursos para investir em habitação e saneamento básico, atendeu à reivindicação das empresas multinacionais que reivindicavam a extinção da estabilidade no emprego que beneficiava aos que conseguiam permanecer no mesmo trabalho por mais de nove anos e meio.

Foram tempos difíceis para os sindicalistas autênticos e para os militantes socialistas e comunistas. Alguns pegaram em armas para resistir à ditadura, mas foram derrotados por meio de assassinatos, torturas, prisões e exílio. Se contarmos o período entre o golpe em 1964 até a primeira eleição direta para presidente da república em 1989, foram 25 anos de ausência de democracia.



Porém, podemos considerar também que houve momentos de maior distensão, mesmo sob os governos militares, a partir da segunda metade do governo **Geisel** e sob o primeiro governo civil de José Sarney a partir de 1986, quando inclusive havia

o processo de reorganização partidária e busca de legalização dos partidos de esquerda.

Foi também o tempo do debate da **Constituinte** que durou de 1987 até 1988 com a promulgação de uma nova Constituição que ampliou a cobertura dos direitos civis, políticos e sociais no Brasil.



Ressurgiu também um movimento social expressivo que se manifestou fortemente na segunda metade dos anos 1970 por meio do movimento estudantil universitário, seguido pelo movimento sindical e as primeiras grandes greves no ABC paulista no final dos anos 1970 e que depois se espalharam pelo país. Posteriormente, as articulações sociais do campo e da cidade, as organizações feministas, bem como várias ONGs que atuavam no combate à pobreza, em defesa do meio ambiente e em defesa de outras causas também se fizeram presentes.

Os parlamentares de esquerda e alguns liberais mais ao centro conseguiram introduzir na nova Constituição uma série de direitos

na chamada área de assistência social, como o direito à aposentadoria por idade e dos trabalhadores rurais, mesmo que nunca tivessem contribuído para a previdência social, ampliação da licença maternidade para 120 dias, criação da licença paternidade, estabelecimento de recursos para capacitação profissional, entre outros, além de avanços na área política e ambiental.

O Brasil é hoje signatário dos principais tratados internacionais relativos aos direitos humanos e trabalhistas. Por exemplo, entre as Normas Fundamentais de Trabalho, somente não ratificou a Convenção 87 da OIT, sob a justificativa que esta se choca com a unicidade sindical imposta pela Constituição brasileira.

Porém, apesar destes esforços, o respeito pelos direitos, inclusive os assegurados em lei, ainda deixam muito a desejar. Ainda convivemos com situações de trabalho escravo, trabalho infantil, perseguições a ativistas sindicais, discriminação de gênero e raça, prostituição infantil, tráfico de seres humanos, homofobia, violência policial e carcerária, entre outras violações dos direitos humanos.

Vários ativistas sociais e sindicais são assassinados anualmente, principalmente em conflitos no campo. Mesmo que eventualmente, alguns deles nunca se assumiram como socialistas, morreram por que defendiam os mesmos ideais de justiça e igualdade.

Desde o início dos anos 1990, também enfrentamos as iniciativas para introduzir as

políticas de Estado Mínimo no Brasil, por meio de privatizações, reforma do Estado e reforma da previdência social.

Porém, aparentemente a fase mais aguda do neoliberalismo foi superada, principalmente, pela sua incapacidade de solucionar os problemas econômicos e elevar o nível de renda população. Hoje é discutido e implantado uma

série de direitos na área social, como a Bolsa Família e o Programa de Eliminação do Trabalho Infantil que são programas redistributivos de renda com recursos do Estado.

Há também um estímulo especial de parte de diferentes esferas de governo para a implantação de arranjos produtivos locais, como uma tentativa de gerar emprego e renda na ausência dos grandes investimentos empresariais na indústria.

Estes arranjos também pressupõem a organização dos trabalhadores de outra forma, por meio de cooperativas e associações, que, aliás, lembram algumas iniciativas dos socialistas europeus no passado quando tentavam contornar a extração da mais-valia assumindo eles mesmos o controle dos meios de produção, sem que isto necessariamente significasse uma revolução nacional. Temos atualmente

no Brasil vários exemplos de empresas que faliram e que indenizaram os trabalhadores entregando-lhes a posse das fábricas e das máquinas como ocorreu na Comforja, em São Bernardo do Campo, e na Cobertores Parahyba, em São José dos Campos.

Possivelmente, o momento em que a situação brasileira mais lembra a teorização de Esping-Andersen, seja agora, porque temos um movimento sindical e social forte, bem como a existência de partidos socialistas no parlamento que somam quase um terço dos parlamentares e que conseguiram construir uma aliança com os liberais do centro político, o que lhes dá a maioria.

A história dirá se isto será suficiente para promover as mudanças que este país necessita na economia e nos direitos de cidadania.

Referências bibliográficas

ALVES, José Augusto Lindgren. *Relações Internacionais e Temas Sociais: a década das conferências*. Brasília: IBRI, 2001.

BOBBIO, Norberto. *Direita e Esquerda: Razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Editora Unesp, 1995.

ELEY, Geoff. *Forjando a democracia: a história da esquerda na Europa, 1850 – 2000*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.



MARX, Karl. *O capital*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1983.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Global Editora, 1981.

OIT. *Las normas internacionales del trabajo: manual de educación obrera*. Genebra: Oficina Internacional del Trabajo, 1998.

SASSOON, Donald. *One hundred years of socialism*. Londres: Fontana Press, 1996.

RODRIGUES, José Albertino. *Sindicato e Desenvolvimento no Brasil*. São Paulo: Editora Símbolo, 1979.

ESPING-ANDERSEN, Gösta. *As três economias políticas do “welfare state”*. São Paulo: Revista Lua Nova, setembro de 1991.

CRÉDITOS DAS IMAGENS

www.storm-magazine.com/novodb/arqmais.php?id=...

www.primeiralinha.org/MANIFESTO/manifestocom.htm

www.upf.edu/cms/cms/grec/en/0607/0501.html

<http://www.webkits.com.br/news/articlefiles/>

commons.wikimedia.org/wiki/Image:President_Wo...

<http://perso.orange.fr/joel.puissant/persd/thomas.jpg>

http://www.safp.cl/seminarios/cieplan/logo_oit.jpg

www.voltairenet.org/article132272.html

<http://mediafilter.org/CAQ/caq63/images/caq63apartheid10.jpg>

http://www.culturabrasil.org/anistia_logo.jpg

<http://www.ohchr.org/english/about/hc/Ayala-Lasso.jpg>

http://www.euroresidentes.com/Blogs/mary_robinson.jpg

http://www.cecac.org.br/Imagens%20Utiliz%E1veis/l_COB.jpg

http://www.cecac.org.br/Imagens%20Utiliz%E1veis/foto_bras_1917.jpg

http://www.jurua.com.br/shop_images/20249.jpg

<http://www.chicorulez.com.br/imagens/carteiradetrabalho1.jpg>

<http://www.caiuaficha.com.br/biografias/geisel.jpg>

<http://www.senado.gov.br/comunica/historia/imagens/asmbl1.jpg>

PARA SABER MAIS SOBRE O TEMA

O objetivo deste suplemento é aprofundar o conhecimento dos conteúdos desenvolvidos em aula. Nele, você encontrará indicações e referências de materiais que possibilitam a discussão e oferecem elementos para a reflexão sobre os temas abordados. As obras e textos aqui listados são um complemento daqueles já citados no “Texto de Referência”.

Livros

ARRIGHI, G. *O Longo Século XX, dinheiro, poder e a origem dos nossos tempos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BEAUD, M. *História do capitalismo: de 1500 a nossos dias*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

BELTRAN, Ari Possidonio. *Direito do trabalho e direitos fundamentais*. São Paulo: LTr, 2002.

BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola, e PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*, v. 2. Brasília e São Paulo: UnB/Imprensa Oficial, 2000.

BOBBIO, Norberto. *A era dos direitos*. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

BOUCAULT, Carlos E. de A. e ARAUJO, Nadia de (Orgs.). *Os direitos humanos e o direito internacional*. Rio de Janeiro: Renovar, 1999.

CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultura*. 3 vols.; v. 1, *A Sociedade em Rede*; v. 2, *O Poder da Identidade*; v. 3, *Fim do Milênio*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CATANI, Afrânio. *O que É Capitalismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

CHAUÍ, Marilena. *O Que É Ideologia*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.



- COMPARATO, Fábio Konder. *A afirmação histórica dos direitos humanos*. São Paulo: Saraiva, 1999.
- DORNELLES, João Ricardo W. *O que são Direitos Humanos*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- FERREIRA FILHO, Manoel Gonçalves. *Direitos Humanos Fundamentais*. São Paulo: Saraiva, 1996.
- GUIA DE DIREITOS HUMANOS: Fonte para Jornalistas. São Paulo: Cortez, 2003.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.
- HOBSBAWN, Eric (Org.). *História do marxismo*. São Paulo: Paz e Terra, 1991.
- _____. *A era das revoluções. 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- _____. *A era dos extremos. O breve século XX. 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LIMA, Alceu Amoroso. *Os Direitos do Homem e o Homem sem Direitos*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- LYRA FILHO, Roberto. *O que é Direito*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- MAGNOLI, Demétrio. *O Mundo contemporâneo*. São Paulo: Moderna, 1996.
- MARQUES, Rosa Maria. *A Proteção Social e o Mundo do Trabalho*. São Paulo: Bienal, 1997.
- NETTO, José Paulo. *O que é marxismo*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- OFFE, Claus. *Problemas estruturais do Estado capitalista*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- POLANYI, Karl. *A Grande Transformação*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1980.
- REIS FILHO, Daniel Arão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (Orgs). *O Século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- REMOND, René. *O Século XX – De 1914 aos nossos dias*. São Paulo: Cultrix, 1993.
- SANDRONI, Paulo. *Novíssimo dicionário de economia*. São Paulo: Best Seller, 1999.
- SINGER, Paul. *O Capitalismo*. São Paulo, Moderna, 1987.
- SPINDEL, Arnaldo. *O que é Comunismo*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- _____. *O que é Socialismo*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

Artigos

- DOISE, Willem. *Direitos humanos: significado comum e diferenças na tomada de posição*. In: *Psic.: Teor. e Pesq.*, 2003, v. 19, n. 3. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722003000300002&nrm=iso&lng=pt>

FARIA, José Eduardo. *Direitos humanos e globalização econômica: notas para uma discussão*. In: Estud. av., ago 1997, v. 11, n. 30. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141997000200004&lng=pt&nrm=iso>

KOERNER Andrei. *O papel dos direitos humanos na política democrática: uma análise preliminar*. In: Rev. bras. Ci. Soc., out. 2003, v. 18, n. 53. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092003000300009&lng=pt&nrm=iso>

LAFER, Celso. *A ONU e os direitos humanos*. In: Estud. av., dez. 1995, v. 9, n. 25. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141995000300014&lng=pt&nrm=iso>

OLIVEIRA, Isabel de Assis Ribeiro de. *Direito subjetivo - base escolástica dos direitos humanos*. In: Rev. bras. Ci. Soc., out 1999, v. 14, n. 41. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091999000300003&lng=pt&nrm=iso>

POGREBINSCHI, Thamy. *Emancipação política, direito de resistência e direitos humanos em Robespierre e Marx*. In: Dados, 2003, v. 46, n. 1. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582003000100004&nrm=iso&lng=pt>

SACHS, Ignacy. *O desenvolvimento enquanto apropriação dos direitos humanos*. In: Estud. av., Ago 1998, v. 12, n. 33. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141998000200011&lng=pt&nrm=iso>

Sítios na internet

Enciclopédia Eletrônica Wikipedia – Verbete para Socialismo, disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismo>>

Enciclopédia Eletrônica Wikipedia – Verbete para Direitos Humanos, disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Direitos_humanos>

Enciclopédia Eletrônica Wikipedia – Verbete para Direitos Sociais, disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Direitos_sociais>

Enciclopédia Eletrônica Wikipedia – Verbete para Direitos do Trabalho, disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Direito_do_Trabalho>



Sítio “Mundo do Socialismo”, <<http://www.moreira.pro.br/pagcent.htm>>

Instituto Rosa Luxemburgo, <<http://www.insrolux.org/>>

Sítio “Gramsci e o Brasil”, <<http://www.acesa.com/gramsci/>>

Sítio “comunismo.com.br”, <<http://www.comunismo.com.br/>>

Biblioteca Virtual História do Marxismo no Brasil, <<http://www.fafich.ufmg.br/marxismo/index.htm>>

Sítio “comunism.org”, <<http://www.communism.com/>>

Biblioteca Virtual de Autores Socialistas, <<http://www.ucm.es/info/bas/es/marx-eng/>>

Biblioteca Virtual Revolucionária, <<http://www.geocities.com/autonomiabvr/index.html>>

Sítio em inglês sobre a história do marxismo e dos movimentos operários “History Archive: a history of the revolutionary working class”, <<http://marxists.org/history/>>

Biblioteca Virtual de Direitos Humanos da USP, <<http://www.direitoshumanos.usp.br/>>

Alto Comissariado das Nações Unidas para Direitos Humanos, <<http://www.ohchr.org/spanish/>>

Rede de Direitos Humanos & Cultura, <<http://www.dhnet.org.br/inedex.htm>>

Human Rights Watch, <<http://www.hrw.org/>>

Revista de Direitos Humanos da Universidade de Harvard, EUA, disponível em: <<http://www.law.harvard.edu/students/orgs/hrj/>>

Portal Conectas-SUR Direitos Humanos, <<http://www.conectasur.org/>>

SUR – Revista Internacional de Direitos Humanos, <<http://www.surjournal.org/call5.php>>

Instituto Observatório Social

Centros de Pesquisa

Centro de Estudos Marxistas/UNICAMP – <<http://www.unicamp.br/cemarx/>>

NEILS – Núcleo de Estudos de Ideologias e Lutas Sociais da PUC-SP – <<http://www.pucsp.br/neils/>>

NEG – Núcleo de Estudos da Globalização da UNESP – <<http://globalization.cjb.net/>>

IEA USP (Instituto de Estudos Avançados) – <<http://www.iea.usp.br/iea/>>

IETS – Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade – <<http://www.iets.org.br>>

IUPERJ - Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política – <<http://www.iuperj.br/>>

Grupos de Pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco – <<http://www.propesq.ufpe.br/propesq/pesquisa/grupo.html>>

NEC – Núcleo de Estudos Contemporâneos da UFF – <<http://www.historia.uff.br/nec/>>

Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos – <<http://www.cebela.org.br/>>

CEBRAP (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento) – <<http://www.cebrap.org.br/index.asp>>

NU-SOL Núcleo de Sociabilidade Libertária/PUC-SP – <<http://www.nu-sol.org>>

CEGeT – Centro de Estudos da Geografia do Trabalho da UNESP – <<http://www2.prudente.unesp.br/CEGET/>>

Rede Nacional de Direitos Humanos – <<http://www.rndh.gov.br/>>

Fundação Espanhola de Estudos Libertários Anselmo Lorenzo (*Fundación de Estudios Libertarios Anselmo Lorenzo*) – <<http://www.cnt.es/fal/home.php>>

Fundação Espanhola de Estudos Marxistas (*Fundación de Investigaciones Marxistas*) – <http://www.fim.org.es/01_01.php>



REDEM – Rede de Estudos de Economia Mundial (*Red de Estudios de la Economia Mundial*) – <<http://www.redem.buap.mx/>>

Centro de Estudos em Economia e Sociedade da Universidade de Cornell, EUA (*Center for the Study of Economy and Society*) – <<http://www.economyandsociety.org/contact.shtml>>

Centro de Estudos em Direitos Humanos da Universidade de Harvard, EUA – <<http://www.humanrights.harvard.edu/>>

Instituto de Direitos Humanos da Universidade Complutense de Madri, Espanha – <<http://www.ucm.es/info/derecho/estudios/idh.htm>>

Centro de Direitos Humanos da Faculdade do Chile – <<http://www.cdh.uchile.cl/>>

Centro Argentino de Estudos Legais e Sociais (Centro de Estudios Legales y Sociales – CELS) – <http://www.cels.org.ar/Site_cels/index.html>

Instituto Interamericano de Direitos Humanos – <<http://www.iidh.ed.cr/>>

Filmes

Título: 1900

Título Original: Novecento

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 134 min.

Ano de Lançamento (Itália/Alemanha/França): 1976

Direção: Bernardo Bertolucci

Sinopse: O filme faz uma retrospectiva histórica da Itália desde o início do século XX até o término da II Guerra Mundial, com base na vida de Olmo, filho bastardo de camponeses, e Alfredo, herdeiro de uma rica família de latifundiários. Apesar da amizade desde a infância, a origem social fala mais alto e os coloca em pólos política e ideologicamente antagônicos.

Através da vida de Olmo e Alfredo, o filme retrata o intenso cenário político que marcou a Itália e o mundo nas primeiras décadas desse século, representado pelo fortalecimento das lutas trabalhistas ligadas ao socialismo em oposição à ascensão do fascismo.

“Novecento” tornou-se um épico aclamado no mundo inteiro, sendo considerado pela crítica internacional como uma das principais obras do grande cineasta italiano Bernardo Bertolucci.

(Fonte: <http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=170>)

Título: Pelle, O Conquistador

Título Original: Pelle Erobreren

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 158 min.

Ano de Lançamento: 1988

Direção: Bille August

Sinopse: O filme, baseado no livro de Martim Anderson Nexø intitulado *Infância*, retrata a luta de dois imigrantes suecos – pai e filho – que tentam a sorte na Dinamarca, no final do século XIX. Enfrentando a discriminação dos dinamarqueses, Pelle e seu envelhecido pai, conseguem apenas um emprego mal remunerado e péssimas acomodações numa fazenda, onde vivem um cotidiano freqüentemente cruel, num universo bizarro de camponeses, patrões e mulheres infelizes. O ator Pelle Hvenegaard – que tinha 13 anos à época – foi escolhido entre duas mil crianças. Seu nome coincide com o do personagem porque sua mãe leu o livro durante a gravidez. O filme recebeu tanto a Palma de Ouro em Cannes, quanto o Oscar de filme estrangeiro, feito antes só alcançado por *Ran* de Akira Kurosawa.

(Fonte: <http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=245>)

Título: A Classe Operária Vai ao Paraíso

Título Original: a Classe Operária va in: Paradiso

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 125 min.

Ano de Lançamento: 1971

Direção: Elio Petri

Sinopse: Lulu é um operário metalúrgico, que perde um dedo em acidente de trabalho e é envolvido em movimento de protesto. Descobre assim a vida sindical. Neste momento, Lulu divide-se entre as tentações da sociedade de consumo e as convocações da esquerda tradicional, numa radiografia do impasse ideológico de muitos trabalhadores. Ganhou o prêmio David di Donatello 1972 de melhor filme, além da Palma de Ouro no Festival de Cannes 1972.

(Fonte: http://www2.uol.com.br/mostra/30/p_exib_filme_355.shtml)

Título: Como Era Verde o Meu Vale

Título Original: How Green Was My Valley

Gênero: Drama/Romance

Tempo de Duração: 118 min

Ano de Lançamento: 1941

Direção: John Ford

Roteiro: Richard Llewellyn

Sinopse: Aos 60 anos, Huw Morgan relembra a vida de sua família em uma pequena cidade



mineradora do País de Gales. Suas reminiscências revelam a desintegração da unida família Morgan, enquanto capta os sentimentos e problemas daquele tempo.

Narrando sua vida de garoto, Huw descreve o cotidiano dos Morgan, família protestante cuja renda provém do trabalho árduo em uma mina de carvão. A mentalidade puritana e mesquinha que ora acalenta, ora repudia seus iguais em função da manutenção da boa conduta, da moral e de um humanismo aparente é o mote para um filme de enfoque político. A obra contextualiza um momento de crise da economia mundial ao retratar as péssimas condições de trabalho da época, greves, dificuldades financeiras. Mas também trabalha de forma delicada a ética capitalista que começa a ser impressa no imaginário do trabalhador ao mostrar a relação conflituosa com o pensamento comunista e a fé na superação das dificuldades e a melhoria do padrão de vida através do trabalho. Baseado no famoso romance de Richard Llewellyn e vencedor de 5 Oscar, “Como era Verde o Meu Vale” ganhou do clássico filme “Cidadão Kane” a disputa pelo Oscar de Melhor Filme e é um marco na história de Hollywood.

(Fonte: <http://www.cineminha.com.br/filme.cfm?id=1798>)

Título: Tempos Modernos

Título Original: Modern Times

Gênero: Comédia

Tempo de Duração: 87 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 1936

Direção: Charles Chaplin

Roteiro: Charles Chaplin

Sinopse: Um operário de uma linha de montagem, que testou uma “máquina revolucionária” para evitar a hora do almoço, é levado à loucura pela “monotonia frenética” do seu trabalho. Após um longo período em um sanatório ele fica curado de sua crise nervosa, mas desempregado. Ele deixa o hospital para começar sua nova vida, mas encontra uma crise generalizada e equivocadamente é preso como um agitador comunista, que liderava uma marcha de operários em protesto. Simultaneamente uma jovem rouba comida para salvar suas irmãs famintas, que ainda são bem garotas. Elas não tem mãe e o pai delas está desempregado, mas o pior ainda está por vir, pois ele é morto em um conflito. A lei vai cuidar das órfãs, mas enquanto as menores são levadas a jovem consegue escapar.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/tempos-modernos/tempos-modernos.asp>)

Título: Daens – Um Grito de Justiça

Título Original: Daens

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 138 minutos

Ano de Lançamento (Bélgica, Holanda, França): 1992

Direção: Stijn Coninx

Sinopse: O filme é passado na virada do século, no norte da Bélgica, em plena Revolução Industrial. A história é desenvolvida em torno da vida dos trabalhadores de uma fábrica de tecidos, na cidade de Aalst. Naquele momento as pessoas estavam condenadas a um estado de miséria absoluta. A imagem da exploração de crianças e mulheres nas fábricas é o ponto alto da trama. A vida da sociedade local passa a ter uma nova direção com a chegada de Daens, um padre revolucionário que se muda para a cidade que se muda para a cidade e vai morar na casa de seu irmão jornalista.

(Fonte: http://www.video21.com.br/padrao.php?page=acervos_&res=935)

Título: Germinal

Título Original: Germinal

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 158 min.

Ano de Lançamento (França): 1993

Direção: Claude Berri

Sinopse: No Segundo Império, jovem desempregado desce ao inferno quando aceita emprego em mina. O cruel Chaval, o bondoso Toussaint Maheu e o amor de Catherine fazem parte de um cotidiano de miséria, maus-tratos, alcoolismo e uma rebelião que pode acabar em tragédia. Baseado na obra clássica de Émile Zola, é um retrato do cotidiano duro dos trabalhadores e de suas lutas contra as imposições muitas vezes desumanas do capital.

(Fonte: <http://www.planetaeducacao.com.br/novo/artigo.asp?artigo=54>)

Título: Os Miseráveis

Título Original: Les Misérables

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 131 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 1998

Direção: Billie August

Roteiro: Rafael Yglesias, baseado em livro de Victor Hugo

Sinopse: Baseado na obra homônima de Victor Hugo, destaca a situação social francesa no século XIX. Após cumprir 19 anos de prisão com trabalhos forçados por ter roubado comida, Jean Valjean (Liam Neeson) é acolhido por um gentil bispo (Peter Vaughan), que lhe dá comida e abrigo. Mas havia tanto rancor na sua alma que no meio da noite ele rouba a prataria e agride seu benfeitor, mas quando Valjean é preso pela polícia com toda aquela prata ele é levado até o bispo, que confirma a história de lhe ter dado a prataria e ainda pergunta por qual motivo ele esqueceu os castiçais, que devem valer pelo menos dois mil francos. Este gesto extremamente nobre do religioso devolve a fé que aquele homem amargurado tinha perdido. Após nove anos ele se torna prefeito e principal empresário em uma pequena cidade, mas sua paz acaba quando



Javert (Geoffrey Rush), um guarda da prisão que segue a lei inflexivelmente, tem praticamente certeza de que o prefeito é o ex-prisioneiro que nunca se apresentou para cumprir as exigências do livramento condicional. A penalidade para esta falta é prisão perpétua, mas ele não consegue provar que o prefeito e Jean Valjean são a mesma pessoa. Neste meio tempo uma das empregadas de Valjean (que tem uma filha que é cuidada por terceiros) é despedida, se vê obrigada a se prostituir e é presa. Seu ex-patrão descobre o que acontecera, usa sua autoridade para libertá-la e a acolhe em sua casa, pois ela está muito doente. Sentindo que ela pode morrer ele promete cuidar da filha, mas antes de pegar a criança sente-se obrigado a revelar sua identidade para evitar que um prisioneiro, que acreditavam ser ele, não fosse preso no seu lugar. Deste momento em diante Javert volta a perseguí-lo, a mãe da menina morre mas sua filha é resgatada por Valjean, que foge com a menina enquanto é perseguido através dos anos pelo implacável Javert. (Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/miseraveis-98/miseraveis-98.asp>)

Título: O Encouraçado Potemkin

Título Original: Bronenosets Potyomkin

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 74 minutos

Ano de Lançamento (Rússia): 1925

Direção: Sergei Eisenstein

Roteiro: Nina Agadzhanova e Sergei Eisenstein

Sinopse: Em 1905, na Rússia czarista, aconteceu um levante que pressagiou a Revolução de 1917. Tudo começou no navio de guerra Potemkin quando os marinheiros estavam cansados de serem maltratados, sendo que até carne estragada lhes era dada com o médico de bordo insistindo que ela era perfeitamente comestível. Alguns marinheiros se recusam em comer esta carne, então os oficiais do navio ordenam a execução deles. A tensão aumenta e, gradativamente, a situação sai cada vez mais do controle. Logo depois dos gatilhos serem apertados Vakulinchuk (Aleksandr Antonov), um marinheiro, grita para os soldados e pede para eles pensarem e decidirem se estão com os oficiais ou com os marinheiros. Os soldados hesitam e então abaixam suas armas. Louco de ódio, um oficial tenta agarrar um dos rifles e provoca uma revolta no navio, na qual o marinheiro é morto. Mas isto seria apenas o início de uma grande tragédia.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/encouracado-potemkin/encouracado-potemkin.htm>)

Título: Rocco e Seus Irmãos

Título Original: Rocco i Suoi Fratelli

Gênero: Aventura

Tempo de Duração: 182 minutos

Ano de Lançamento (Itália/França): 1960

Direção: Luchino Visconti

Sinopse: Em busca de uma vida melhor a viúva Rosaria Parondi e seus filhos – Rocco, Simone, Vincenzo, Ciro e Luca, partem da miserável Sicília (Sul da Itália) para a industrial Milão. Na cidade grande, cada irmão segue um rumo diferente. Simone (Renato Salvatori) tenta ganhar a vida como pugilista enquanto Rocco (Alain Delon) sonha em voltar à sua terra natal. Quando Simone é abandonado pela amante, que se envolve com Rocco, tem início a degradação de uma família corrompida pelos valores e costumes de uma sociedade hostil. O capitalismo italiano permeia esse épico em que uma família de imigrantes do sul passa por um doloroso processo de desagregação tentando adaptar-se à vida de uma grande cidade industrial do norte.

(Fonte: <http://www.webcine.com.br/filmssc/rocirmao.htm>)

Título: Milagre em Milão

Título Original: *And Starring Pancho Villa as Himself*

Gênero: Drama

Ano de Lançamento (Itália): 1951

Direção: Vittorio De Sica

Sinopse: Fábula clássica de Vittorio De Sica, premiada com a Palma de Ouro de Melhor Filme no Festival de Cinema de Cannes em 1951. Totò (Francesco Golisano) é um órfão que, quando bebê, foi descoberto por Dona Lolotta (Emma Gramatica) em sua horta. A generosa velhinha cria o menino em seu espírito de bondade e pureza de coração. Quando ela morre, Totò passa anos em um orfanato, de onde sai com o ímpeto irresistível de ajudar os miseráveis “sem-teto”, que vivem num terreno ocupado na periferia de Milão. Entretanto, após descobrirem petróleo no terreno, a felicidade dos moradores é ameaçada pelo proprietário (o milionário Mobbi), que manda a polícia evacuar o local. Em *Miracolo a Milano*, o milionário Mobbi (Guglielmo Bernabò) é apresentado como uma entidade totalitária, tecnocrática, anti-humana (ele usa um “homem-barômetro” amarrado à fachada de seu palácio. Dois servidores devem soprar suas mãos na noite gelada. E ele comanda pessoalmente as operações de milícia contra os moradores de seus terrenos). Ora, quando tudo parece perdido, Totó recebe um presente dos céus: Lolotta, que se revela uma espécie de anjo-da-guarda do filho adotivo, deixa-lhe uma pomba com poderes milagrosos. “Milagre em Milão” marca o apogeu da parceria entre o roteirista Cesare Zavattini e o cineasta Vittorio De Sica, que juntos fizeram “Ladrões de Bicicleta”, “Umberto D”, “Vítimas da Tormenta”, entre outros filmes memoráveis. Neste filme, De Sica incorpora um caráter fantástico em seu estilo neo-realista. A música-tema original, de Alessandro Cicognini, é quase um hino dos “sem-teto”, proletários miseráveis, excluídos da riqueza social do mundo burguês.

(Fonte: <http://www.telacritica.org/letraM.htm#milagre>)

Título: Os Companheiros

Título Original: *I Compagni*

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 130 min.



Ano de Lançamento: 1963

Direção: Mario Monicelli

Sinopse: Professor percorre a Itália espalhando seu sonho de conscientização política e mobilização dos trabalhadores. Seu esforço culmina numa greve por redução da jornada e melhores salários.

(Fonte: http://cartamaior.uol.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=11300)

Título: Escândalo, Pavor e Chamas

Título Original: The Triangle Factory Fire Scandal

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 100 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 1979

Direção: Mel Stuart

Sinopse: Baseado no incêndio que, em 14 de março de 1911, matou 146 trabalhadoras de tecelagem em Nova York. A história começa a ser contada um dia antes do acidente, quando quatro mulheres relatam seus sonhos.

(Fonte: <http://www.historia.uff.br/nec/vidresist.htm>)

Título: F.I.S.T.

Título Original: F.I.S.T.

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 146 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 1978

Direção: Norman Jewison

Roteiro: Joe Eszterhas e Sylvester Stallone, baseado em estória de Joe Eszterhas

Sinopse: Cleveland, 1937. Durante o começo do movimento operário o idealista Johnny Kovak (Sylvester Stallone) descarrega carga para a companhia de caminhões Consolidated, de Win Talbot (Henry Wilcoxon). Após um quase início de greve, pois os operários eram tratados de forma bem injusta, Kovak acreditou ter feito um acordo, mas no dia seguinte tanto ele quando seu grande amigo Abe Belkin (David Huffman) foram demitidos. Mike Monahan (Richard Herd), um representante do Sindicato Interestadual dos Caminhoneiros (Federation Interstate Truckers - F.I.S.T.) fala com Kovak e lhe diz que precisa de pessoas como ele para conseguir que caminhoneiros se filiem ao sindicato. Após relutar, Kovak e Belkin resolvem aceitar o desafio. Quando uma greve pacífica estava sendo feita na porta da Consolidated, Talbot ordena que a “segurança” entre em ação e Monahan acaba sendo morto. Vendo que só teria chance se revidasse, Kovak se envolve com Vince Doyle (Kevin Conway), um gângster local, que fornece capangas para poder revidar os ataques vindo dos homens de Talbot. Kovak consegue então dobrar a resistência da empresa e obtém várias reivindicações trabalhistas. Em razão do apoio da quadrilha de Doyle, o sindicato fica mais rico e poderoso, com Johnny tendo cada vez mais poder. Esta ascensão chega ao ápice no fim dos anos 50, quando são descobertas irregularidades nas contas de Max Graham (Peter

Boyle), o presidente nacional do sindicato. Kovak força a renúncia dele e se torna o presidente, mas o senador Andrew Madison (Rod Steiger), que preside uma comissão contra a corrupção, está de olho nele.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/fist/fist.asp>)

Título: A Terra Treme

Título Original: Terra trema: Episodio del mare, La, 1948

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 152 minutos

Ano de Lançamento (Itália): 1948

Direção: Luchino Visconti

Sinopse: Jovem pescador se revolta contra a exploração de seus superiores e decide trabalhar por conta própria. Porém, com esta decisão, ele vai enfrentar um império, ao mesmo tempo em que se depara com as dificuldades de uma realidade ainda mais dura.

(Fonte: <http://www.cineplayers.com/filme.php?id=1537>)

Título: Ladrões de Bicicleta

Título Original: Ladri di Biciclette

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 88 minutos

Ano de Lançamento (Alemanha): 1948

Direção: Vittorio de Sica

Sinopse: Um operário desempregado consegue uma vaga na prefeitura como colocador de carretas. Para retirar a bicicleta penhorada, a sua esposa empenha os lençóis. Porém, no primeiro dia de trabalho têm a sua bicicleta furtada. Sai com seu filho a procura nos revendedores de bicicletas usadas. Consegue avistar o ladrão, perseguindo-o por toda Roma num dia de domingo, sem conseguir prendê-lo. Desesperado pela indiferença e zombaria das pessoas, resolve então, roubar uma bicicleta. Totalmente desajeitado é imediatamente preso. Com um final surpreendente onde a solidariedade entre as pessoas impera.

(Fonte: http://www.2001video.com.br/detalhes_produto_extra_dvd.asp?produto=4531)

Título: Domingo Sangrento

Título Original: Bloody Sunday

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 107 minutos

Ano de Lançamento (Inglaterra): 2001

Direção: Paul Greengrass

Roteiro: Paul Greengrass, baseado em livro de Don Mullan



Sinopse: O dia é 30 de janeiro de 1972. Na cidade de Derry, na Irlanda do Norte, os cidadãos saem em passeata pelos direitos humanos. Sem motivo aparente, soldados britânicos atiram e matam 13 pessoas desarmadas e, a princípio, sem qualquer conexão com o IRA, o grupo que luta pela libertação da Irlanda do Norte. Esse episódio é conhecido como Domingo Sangrento e marca o começo do conflito que transformou-se em guerra civil, com muitos atos de violência e terrorismo. O filme acompanha, em estilo seco e realista, a vida de quatro homens envolvidos em ambos os lados do conflito.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/domingo-sangrento/domingo-sangrento.asp>)

Título: A Batalha do Chile

Título Original: La Batalla de Chile

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 272 minutos

Ano de Lançamento: 1975, 1977, 1979

Direção: Patricio Guzmán

Sinopse: Considerado um dos melhores e mais completos documentários latino-americanos, A Batalha do Chile é o resultado de seis anos de trabalho do cineasta Patricio Guzmán. Dividido em três partes (A insurreição da burguesia, O golpe militar e O poder popular), o filme cobre um dos períodos mais turbulentos da história do Chile, a partir dos esforços do presidente Salvador Allende em implantar um regime socialista (valendo-se da estrutura democrática) até as brutais conseqüências do golpe de estado que, em 1974, instaurou a ditadura do general Augusto Pinochet.

(Fonte: http://www.2001video.com.br/detalhes_produto_extra_dvd.asp?produto=11301)

Título: Norma Rae

Título Original: Norma Rae

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 114 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 1979

Direção: Martin Ritt

Roteiro: Harriet Frank Jr. e Irving Ravetch

Sinopse: Verão de 1978. Em Hinleyville, uma pequena cidade sulista, a maioria da classe operária trabalha em uma indústria têxtil, cujas condições de trabalho são intoleráveis. Lá também trabalha Norma Rae (Sally Field), uma mãe solteira que vive com os pais, que também são operários da fábrica. De repente vindo de Nova York chega Reuben Warshowsky (Ron Leibman), um sindicalista que, ao tentar arrumar um quarto em uma família de tecelões, conhece Vernon Witchard (Pat Hingle), o pai de Norma. Vernon trata Reuben de forma grosseira, assim como a maioria da cidade, mas isto não o impede de dizer que Vernon é mal pago e está sendo muito explorado. Esta discussão foi vista por Norma, que não dá importância. Logo eles se veriam novamente,

primeiro quando ela encontra Reuben se hospedando no motel, onde ela foi se encontrar com um namorado, e logo depois quando Reuben a socorre após ela ter sido agredida, por ter terminado o relacionamento. Deste momento em diante surge entre os dois uma amizade que cresce com o engajamento de Norma na luta sindical, que se inicia quando ouve um discurso de Reuben mostrando as vantagens de serem sindicalizados. Paralelamente se casa com Sonny Webster (Beau Bridges), que entende Norma lutar pela criação do sindicato mas isto o deixa inseguro, pois ela passa muito tempo com Reuben.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/norma-rae/norma-rae.asp>)

Título: Luta Decisiva

Título Original: The Big Man

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 116 minutos

Ano de Lançamento (EUA / Escócia / Inglaterra): 1990

Direção: David Leland

Roteiro: Don MacPherson, baseado em livro de William McIlvanney

Sinopse: Durante uma greve um mineiro escocês, Danny Scoular (Liam Neeson), que sempre teve uma reputação inabalada, é preso como agitador e tem seu nome colocado em uma “lista negra”. Desta forma não consegue arrumar emprego, mas o fato de ser sustentado pela mulher, Beth (Joanne Whalley), o deixa constrangido. Ele recebe um convite de um desconhecido muito rico, que oferece muito dinheiro para que ele participe de uma luta ilegal, na qual os lutadores não usam luvas e a luta só termina quando apenas um deles permanece em pé. Danny aceita o convite, apesar disto provocar uma crise no seu casamento. A greve retratada no filme ocorre 1984 e é exemplo dos reflexos da política econômica do governo de Margaret Thatcher.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/luta-decisiva/luta-decisiva.asp>)

Título: A História Oficial

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 113 minutos

Ano de Lançamento (Argentina): 1985

Direção: Luis Puenzo

Sinopse: Na Buenos Aires dos anos 80, Alicia e seu marido Roberto vivem tranqüilamente com Gaby, sua filha adotiva. Porém, após o reencontro com uma velha amiga recém-chegada do exílio, Alicia começa a tomar conhecimento da cruel realidade do regime militar argentino, passando a questionar todas as suas certezas e o que considerava como verdade. Uma realidade para a qual Alicia não estava preparada, mas que agora terá de enfrentar com todas as suas conseqüências.

Um dos mais importantes filmes do cinema político mundial, A História Oficial é vencedor de



vários festivais de cinema internacionais, incluindo o Oscar de Melhor Filme Estrangeiro, além da Palma de Ouro de Melhor Atriz para Norma Aleandro.

(Fonte: http://www.2001video.com.br/detalhes_produto_extra_dvd.asp?produto=10982)

Título: O Esperto Macaco Pinochet Contra os Porcos de La Moneda

Título Original: El Astuto Mono Pinochet Contra La Moneda de Los Cerdos

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 72 minutos

Ano de Lançamento (França / Itália): 2004.

Direção: Bettina Perut e Iván Osnovikoff

Roteiro: Henri-Georges Clouzot e Jérôme Geronimi, baseado em livro de Georges Arnaud

Sinopse Por meio de processos de criação coletiva, dez grupos de crianças e jovens chilenos põem em cena os fatos que cercaram o golpe de Estado chileno de 1973 e o sangrento regime imposto pelo ditador Augusto Pinochet. O resultado é uma surpreendente narração construída pelo fragmentado imaginário daqueles chilenos que nasceram depois desse fato histórico.

Filme selecionado para a Mostra Latino-Americana de Cinema e Direitos Humanos de 2006.

(Fonte: http://www.cinedireitoshumanos.org.br/filmes_filme.htm)

Título: O Salário do Medo

Título Original: Le Salaire De La Peur

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 148 minutos

Ano de Lançamento (França / Itália): 1953.

Direção: Henri-Georges Clouzot

Roteiro: Henri-Georges Clouzot e Jérôme Geronimi, baseado em livro de Georges Arnaud

Sinopse: No quente e poeirento vilarejo de Las Piedras a pobreza está em cada lugar que se olha. Os homens se queimam debaixo de um sol abrasador, enquanto as mulheres fazem as tarefas delas e crianças semi-nuas brincam nas ruas barrentas. A cidade é controlada pela Southern Oil Company (S.O.C.), que lucra às custas da segurança dos aldeões. A uma certa distância de Las Piedras um incêndio num poço de petróleo está incontrolável, assim o chefe americano da S.O.C. na região, Bill O'Brien (William Tubbs), decide parar o incêndio provocando um explosão. Para tanto O'Brien envia dois caminhões, cada um com dois motoristas e quatrocentos litros de nitroglicerina. O risco é tanto que O'Brien ficará satisfeito se um dos caminhões chegar ao destino, pois não há dispositivo de segurança e a estrada é péssima, assim o menor erro irá provocar uma explosão. Para motivar os motoristas, Bill vai pagar para cada um US\$ 2 mil. Após testar as habilidades deles no caminhão, Bill escolhe Mario (Yves Montand), Bimba (Peter van Eyck), Smerloff (Jo Dest) e Luigi (Folco Lulli). Um gângster francês fugitivo, Jo (Charles Vanel), é dispensado, para o desânimo de Mario, que admira muito sua coragem. Apesar de respeitar Jo, Bill lhe explica que não o escolheu por ele estar muito velho para este trabalho, mas promete que se alguém desistir o emprego é dele. Os escolhidos na hora da partida reparam que Smerloff

ainda não veio e, de forma suspeita e conveniente, Jo aparece, usando como pretexto se despedir de Mario. Considerando que Smerloff parece ter desaparecido, Jo fica com seu trabalho. Bill estipula que os caminhões partirão com uma diferença de meia hora entre eles, para prevenir caso aconteça algum acidente. Mario e Jo saem na frente, mas logo no início do percurso Jo se sente indisposto e pára o caminhão. Em pouco tempo são alcançados por Bimba e Luigi, que passam a ir na frente. Mas o verdadeiro problema deles surge quando obstáculos começam a aparecer, sendo que o primeiro é uma íngreme montanha.

A sociedade burguesa hiper-tardia é uma sociedade do risco e do medo. Risco, medo e precariedade são determinações estruturais do trabalho vivo nas condições sócio-históricas do modo de produção capitalista. Eles têm caracterizado a sociabilidade capitalista desde seus primórdios. Entretanto, nos últimos trinta anos de crise estrutural do capital, situações de risco e de medo têm assumido dimensões ampliadas no mundo do trabalho e da reprodução social. Surgem múltiplas formas qualitativamente novas de risco e insegurança do trabalho: insegurança no emprego, no salário, na seguridade social e na representação sindical, como podemos observar não apenas nos países capitalistas do Terceiro Mundo, mas hoje também, do Primeiro Mundo. Entretanto, insegurança e precariedade atingem também a dimensão da subjetividade do homem, instituindo formas particulares-concreta de sócio-metabolismo da barbárie. Podemos até dizer que hoje, o medo tende a ser o afeto da alma humana capaz de constituir a mediação subjetiva das novas formas do consentimento do capitalismo global. Assume várias formas de ser, de acordo com a experiência de vida e as múltiplas temporalidades – passado, presente e futuro – do sujeito estranhado. Ele assume novas configurações psicossociais nas condições históricas da sociedade mercantil desenvolvida e nas subjetividades complexas.

(Fonte: <http://www.telacritica.org/salario.htm>)

Título Original: Braços Cruzados, Máquinas Paradas

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 76 min.

Ano de Lançamento: 1979

Direção: Roberto Gervitz, Sérgio Toledo

Sinopse: Trata da estrutura sindical brasileira, com trechos de filmes da época em que foi criado o Estado Novo. Mostra a campanha eleitoral das três chapas que disputam, em maio de 1978, a diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo e as greves que eclodem durante a campanha sindical. Discute o movimento grevista, seu enquadramento na Legislação Sindical vigente, as propostas das chapas em disputa, bem como as reações dos setores governamentais e empresariais ao movimento. Documenta as eleições sindicais e seu desfecho, com a vitória da chapa da situação. Paralelamente à ação dos metalúrgicos mostra o surgimento de outras manifestações populares como a do Movimento do Custo de Vida, em setembro de 1978. Se encerra com a greve geral dos metalúrgicos paulistas ocorrida em novembro daquele ano.

(Fonte: http://www.fundacaoastrojildo.org.br/filmes/filmes_abrir.asp?cod_filme=211)



Título Original: Peões

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 85 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2004

Direção: Eduardo Coutinho

Sinopse: A história pessoal de trabalhadores da indústria metalúrgica do ABC paulista que tomaram parte no movimento grevista de 1979 e 1980, mas permaneceram em relativo anonimato. Eles falam de suas origens, de sua participação no movimento e dos caminhos que suas vidas trilharam desde então. Exibem souvenirs das greves, recordam os sofrimentos e recompensas do trabalho nas fábricas, comentam o efeito da militância política no âmbito familiar, dão sua visão pessoal de Lula e dos rumos do país.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/peoes/peoes.htm>)

Título: El Salvador: o martírio de um povo

Título Original: Salvador

Gênero: Drama

Ano de Lançamento (EUA): 1986

Direção: Alex Cox

Sinopse: A experiência de um jornalista (Richard Boyle) nos EUA durante a guerra civil em El Salvador em 1980/81. Bastante fiel aos fatos, mostrando como o povo era tratado pelo regime militar do país: os direitos humanos não eram respeitados e crianças, mulheres e clérigos eram assassinados sem a menor cerimônia e com total impunidade. As imagens mostram um povo sem direitos e permite discutir o papel das elites terceiro-mundistas na manutenção do atraso econômico, político e social.

(Fonte: <http://209.85.165.104/search?q=cache:tMpx28zHsKYJ:www.rc.unesp.br/igce/grad/geografia/revista/numero%25207/eg0401rc.pdf+%22Walker,+Uma+Aventura+na+Nicar%C3%A1gua%22&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=2&gl=br>)

Título: Hotel Ruanda

Título Original: Hotel Rwanda

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 121 minutos

Ano de Lançamento (EUA / Itália / África do Sul): 2004

Direção: Terry George

Roteiro: Keir Pearson e Terry George

Sinopse: Em 1994 um conflito político em Ruanda levou à morte de quase um milhão de pessoas em apenas cem dias. Sem apoio da comunidade internacional e seus mecanismos, que supostamente foram criados para evitar tais tragédias, os ruandenses tiveram que buscar saídas em seu próprio cotidiano para sobreviver. Uma delas foi oferecida por Paul Rusesabagina (Don Cheadle), que era gerente do hotel Milles Collines, localizado na capital do país. Contando apenas com sua

coragem, Paul abrigou no hotel mais de 1200 pessoas durante o conflito. Um dos casos mais emblemáticos para pensar as falhas no discurso e no sistema que defende e promove os direitos humanos.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/hotel-ruanda/hotel-ruanda.asp>)

Título: Pão e Rosas

Título Original: Bread and Roses

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 110 minutos

Ano de Lançamento (Inglaterra): 2000

Direção: Ken Loach

Roteiro: Paul Laverty

Sinopse: As irmãs Maya (Pilar Padilla) e Rosa (Elpidia Carrillo), imigrantes mexicanas em situação ilegal, trabalham no serviço de limpeza de um prédio comercial no centro da cidade. O destino colocou Sam (Adrien Brody), apaixonado ativista americano, no seu caminho, o que as leva a uma campanha guerrilheira contra seus patrões. A luta ameaça seu sustento, a família e faz com que corram o risco de serem expulsas do país. O tema do filme de Ken Loach é a luta contra a precarização do estatuto salarial do contingente de trabalhadores subcontratados do setor de serviços que, nas últimas décadas, cresceu bastante nos EUA e nos países capitalistas.

(Fonte: <http://www.telacritica.org/letraP.htm#pao>)

Título: Caballo Entre Grades

Título Original: Caballo Entre Rejas

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 50 minutos

Ano de Lançamento (México): 2006

Direção: Shula Erenberg, Laura Imperiale, Maria Inés Roque

Sinopse: No ano 2000, o governo da Cidade do México recebeu informações sobre a verdadeira identidade do empresário argentino que havia ganho a licitação do Registro Nacional de Veículos (RENAVE), Ricardo Miguel Cavallo. O documentário conta a história deste torturador da Marinha e cúmplice da ditadura argentina, que foi detido no México e extraditado para a Espanha.

Filme selecionado para a Mostra Latino-Americana de Cinema e Direitos Humanos de 2006.

(Fonte: http://www.cinedireitoshumanos.org.br/filmes_filme.htm)

Título Original: Conquista

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 58 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2006



Direção: Flávia Vilela e Felipe Hansen Hutter

Sinopse: Doze camponeses do extremo oeste de Santa Catarina mostram seu cotidiano, seus sonhos e obstáculos, tornando-se personagens cujas histórias compõem uma de muitas trajetórias da luta pela vida no campo.

Filme selecionado para a Mostra Latino-Americana de Cinema e Direitos Humanos de 2006.

(Fonte: http://www.cinedireitoshumanos.org.br/filmes_filme.htm)

Título Original: Correntes

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 58 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2005

Direção: Caio Cavechini, Ivan Paganotti

Sinopse: Trajetórias de trabalhadores do Norte e Nordeste do Brasil inspiram ações dos mais diversos ativistas no combate ao trabalho escravo contemporâneo. Correntes investiga as experiências e a luta diária dos abolicionistas contemporâneos -de auditores do trabalho a ativistas de centros de direitos humanos- tentando alguma reflexão sobre os avanços e os desafios de ser contra-corrente no Brasil.

Filme selecionado para a Mostra Latino-Americana de Cinema e Direitos Humanos de 2006.

(Fonte: http://www.cinedireitoshumanos.org.br/filmes_filme.htm)

Título: O Velho e Jesus: Os Profetas da Rebelião

Título Original: El Viejo y Jesús: Los Profetas de la Rebelión

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 70 minutos

Ano de Lançamento (Venezuela): 2005

Direção: Marcelo Andrade Arreaza

Sinopse: Com um discurso engajado, militante e polêmico, os realizadores deste filme o explicam desta forma: “A vida de dois homens nas ruas de Caracas em meio a uma ofensiva fascista que tenta refrear o processo revolucionário venezuelano, potencializado pela chegada de Hugo Chávez à Presidência. A lírica sábia do Velho e o verbo explosivo de Jesús dão um retrato direto do compromisso libertário do povo venezuelano, que está além da influência de líderes ou de vanguardas iluminadas. Este filme é uma profecia documentada da rebelião que, minuto a minuto, é planejada silenciosamente debaixo das pontes e dos esgotos de um mundo que, cedo ou tarde, se levantará com sede de justiça”.

Filme selecionado para a Mostra Latino-Americana de Cinema e Direitos Humanos de 2006.

(Fonte: http://www.cinedireitoshumanos.org.br/filmes_filme.htm)

Título: Estado do Medo

Título Original: Estado de Miedo

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 94 minutos

Ano de Lançamento (EUA/Peru): 2005

Direção: Pamela Yates

Sinopse: O que uma sociedade livre faz para equilibrar segurança e democracia? Baseado no trabalho da Comissão da Verdade e Reconciliação do Peru, o filme revela o custo humano e social para que um país se lance em uma guerra contra o terrorismo. Mesclando testemunhos pessoais com fatos históricos e material de arquivo, o filme conta a crescente história de violência no Peru e como o medo do terror minou a democracia.

Filme selecionado para a Mostra Latino-Americana de Cinema e Direitos Humanos de 2006.

(Fonte: http://www.cinedireitoshumanos.org.br/filmes_filme.htm)

Título Original: O Homem Invisível

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 52 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2006

Direção: Andréa Velloso

Sinopse: A invisibilidade pública é apresentada por quatro personagens garis e um psicólogo que trabalhou por 11 anos como varredor de rua para desenvolver um livro. Eles contam fragmentos de histórias ouvidas na rua, as sutilezas em lidar com o ciclo do nascimento e morte de plantas e animais e os traumas adquiridos. Os sons amplificados da cidade e das varridas pontuam a interação dessas pessoas com a cidade de São Paulo.

Filme selecionado para a Mostra Latino-Americana de Cinema e Direitos Humanos de 2006.

(Fonte: http://www.cinedireitoshumanos.org.br/filmes_filme.htm)

Título: Crianças Invisíveis

Título Original: All the Invisible Children

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 116 minutos

Ano de Lançamento (Itália): 2005

Direção: Mehdi Charef, Kátia Lund, John Woo, Emir Kusturica, Spike Lee, Jordan Scott, Ridley Scott e Stefano Veneruso

Roteiro: Mehdi Charef, Diogo de Silva, Stribor Kusturica, Cinqué Lee, Joie Lee, Spike Lee, Qiang Li, Kátia Lund, Jordan Scott e Stefano Veneruso

Sinopse: Esta série de curtas mostra a dificuldade de crianças em sobreviver ao enfrentar a realidade das ruas. Seja coletando sucata em São Paulo ou roubando para viver em Nápoles e no interior da Sérvia, os filmes são protagonizados por personagens infantis que lidam com uma dura realidade, na qual crescer muito cedo acaba sendo a única saída.

Formado por 7 curtas realizados no Brasil, Itália, Inglaterra, Sérvia, Burkina Faso, China e Estados Unidos, o projeto de Crianças Invisíveis foi criado para despertar a atenção para o sofrimento



das crianças em situações difíceis por todo o mundo. Todos os diretores trabalharam de graça e parte da renda do filme foi destinada para a Unicef e para o Programa Mundial contra a Fome. Excelente para refletir sobre os direitos sociais e quem realmente os têm assegurado. Trata-se do discurso que fala da universalidade dos direitos humanos se chocando com a triste realidade do capitalismo excludente.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/all-the-invisible-children/all-the-invisible-children.asp>)

Programas de TV

Programa Roda Viva – TV Cultura:

Entrevista com Edgard Morin, renomado sociólogo, antropólogo, filósofo e historiador:
18/12/2000

<http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/resultado.asp?programa=732>

Entrevista com Mary Robinson, Alta Comissária da ONU para Direitos Humanos à época:
24/07/2000

<http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/resultado.asp?programa=712>

Série Direitos de Resposta

Direção: Sérgio Gambier e Giuliano Zanelato, InterVozes.

Idealizado pelos autores signatários da Ação Civil Pública: Intervozes, Ministério Público Federal, ABDDS – Ação Brotar pela Cidadania e Diversidade Sexual; Associação da Parada do Orgulho dos Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros de São Paulo; AIESSP – Associação de Incentivo à Educação e Saúde de São Paulo; CDH – Centro de Direitos Humanos; Identidade – Grupo de Ação pela Cidadania Homossexual.

Ano de Produção: 2006

Roteiro: Fernando Salém

Sinopse: Série de 30 programas veiculados originalmente na Rede TV!, entre dezembro de 2005 e janeiro de 2006, produzida por seis ONGs e pelo Ministério Público Federal. O direito à veiculação da série foi obtido na Justiça em função das constantes ofensas aos direitos humanos exibidas pelo programa Tarde Quente, apresentado por João Kleber. O programa buscou promover os direitos humanos a partir de debates e da veiculação de produções independentes.

Músicas

Canção *Desaparecido*, Manu Chao.

Canção *Pra Não Dizer que Não Falei de Flores*, Geraldo Vandré.

Canção *No Man Is An Island*, Joan Baez.

Canção *Raça Humana*, Gilberto Gil.

Canção *Gente*, Caetano Veloso.

Canção *A Un Semejante*, Mercedes Sosa.

Canção *Comida*, Titãs.

Poesia

Das Utopias. In: QUINTANA, Mário. Nova antologia poética. Rio de Janeiro: Globo, 1989.



LINHA DO TEMPO

Século XVIII: Conquista de direitos civis na Inglaterra.

Século XVIII: Revolução Francesa.

Século XIX: Conquista de direitos políticos na Inglaterra.

1848 – Lançamento do Manifesto Comunista.

1864 – I Convenção de Genebra.

1868 – Fundação da Central Sindical da Inglaterra – TUC.

1875 – Fundação do SPD alemão.

1883 – Conquista dos primeiros direitos sociais na Alemanha.

1888 – Conquista da jornada de 8 horas de trabalho na Austrália.
– Abolição da escravidão no Brasil.

1893 – Mulheres conquistam o direito de voto na Nova Zelândia.

1895 – Fundação da Central Sindical da França – CGT.

Século XX:

1901 – Primeiro Congresso Socialista do Brasil.

1906 – I Congresso Operário do Brasil.

1907 – II Convenção de Genebra.

- 1910** – O Partido Trabalhista da Austrália vence as eleições.
- 1917** – Revolução Russa.
- 1917** – Sociais Democratas suecos ingressam no governo.
– I greve geral no Brasil.
- 1919** – Fundação da OIT.
- 1922** – Fundação do Partido Comunista do Brasil.
- 1923** – Aprovação da Lei Eloy Chaves no Brasil.
- 1929** – III Convenção de Genebra.
- 1930** – Golpe militar e início do primeiro governo de Getúlio Vargas.
- 1936** – Frente Popular vence as eleições na Espanha.
- 1937** – Front Populaire vence as eleições na França.
- 1943** – Aprovação da CLT no Brasil.
- 1945** – Fundação da ONU.
- 1946** – Implantação do Plano Beveridge na Inglaterra e nova Constituição na França.
- 1948** – Aprovação da Declaração Universal dos Direitos Humanos.
– Aprovação da Declaração Americana dos Direitos e Deveres do Homem.
- 1949** – Revolução chinesa.
- 1950** – Aprovação do Convênio Europeu dos Direitos Humanos e Liberdades Fundamentais.
- 1959** – Revolução cubana.
- 1965** – Aprovação da Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial.
- 1966** – Aprovação do Pacto Internacional de Direitos Civis e Políticos.



- 1968** – Revolta Estudantil e Greve Geral na França e em outros países.
– Realização da I Conferência Internacional de Direitos Humanos da ONU.
- 1969** – Aprovação da Convenção Americana sobre Direitos Humanos.
- 1977** – Resolução da ONU contra o regime do Apartheid na África do Sul.
- 1988** – Aprovação de nova Constituição do Brasil.
- 1993** – Realização da II Conferência de Direitos Humanos da ONU.
- 1995** – Realização da III Conferência Mundial sobre a Mulher da ONU.
- 1998** – Criação do Tribunal Penal Internacional.
- 2005** – Unificação dos programas sociais de renda mínima no Brasil.
- 2006** – Criação do Conselho de Direitos Humanos da ONU.

AULA 2 RESENHA

O objetivo desta aula é discutir a atuação dos socialistas em fóruns internacionais, incluindo a Primeira, a II e a III Internacional, passando pela cooperação sindical em escala mundial e chegando até o processo atual de constituição de uma sociedade civil global, onde ONGs e movimentos de contestação ao regime capitalista travam lutas comuns, aproveitando-se das novas redes globais.



AULA 2

OS SOCIALISTAS E A ATUAÇÃO NO PLANO INTERNACIONAL

Kjeld Jakobsen

Para mudar a sociedade, é necessário agir sobre as relações sociais através de intervenção prática, guiada pela teoria científica.

Manifesto Comunista de Marx & Engels, 1848

Desde os primórdios do chamado socialismo científico é possível identificar um forte componente internacionalista nos partidos socialistas e nos sindicatos influenciados por eles que possibilitaram a realização de uma série de intervenções e eventos que marcaram a história.

Os grandes eventos que expressaram esta vocação de transformação social, ora tiveram como protagonistas, os partidos socialistas,¹ ora os movimentos sociais, em particular, o movimento sindical e frequentemente uma combinação de todos estes atores.

Neste sentido o presente texto se propõe a explorar a história da atuação internacional dos socialistas desde a fundação da I Internacional dos Trabalhadores no século XIX até chegar ao Fórum Social Mundial no início do século XXI discutindo os principais eventos que ocorreram, neste meio tempo, bem como suas organizações e bandeiras mais importantes.

¹ Para não termos que detalhar desnecessariamente as posições políticas de todos os partidos mencionados no texto, chamaremos de partidos socialistas os que se apresentam assim, bem como os partidos socialdemocratas e trabalhistas e da mesma forma chamaremos de partidos comunistas os que se reivindicam como tais, independentemente da tendência que adotam.

Entre eles podemos mencionar a II e a III Internacional, a fundação das Confederações Sindicais Internacionais e a cooperação desenvolvida neste meio, o papel dos socialistas na resistência antifascista, a descolonização do Terceiro Mundo e o Movimento dos Países Não-Alinhados, a Internacional Socialista e o Movimento de 1968.

Aqui no nosso continente vale a pena comentar a atual situação governamental, bem como as articulações partidárias como o Foro de São Paulo (FSP) e as articulações sociais como a **Aliança Social Continental (ASC)**.



A I Internacional dos Trabalhadores

- ▶ Fundação e congressos
- ▶ O debate entre anarquistas e marxistas

No dia 28 de setembro de 1864 realizou-se em Londres um encontro de ativistas sindicais, anarquistas e socialistas que debateram a difícil situação da classe operária europeia diante das péssimas condições de trabalho impostas pela revolução industrial e do desemprego que afetava principalmente os trabalhadores do setor têxtil.

A iniciativa surgiu exatamente a partir da necessidade de uma maior articulação dos trabalhadores deste setor industrial na Europa, pois ele se encontrava em crise devido à guerra civil americana que impedia a importação da principal matéria-prima, o algodão. A abertura do evento foi feita por Marx que lançou sua famosa conclamação de que “a

emancipação da classe operária deve ser feita por ela mesma!”

Durante o encontro houve várias discussões sobre condições de trabalho na indústria e a necessidade da redução da jornada de trabalho, embora sem aprovar qualquer decisão formal. No encerramento foi aprovada a criação da **Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT)** que se tornou conhecida como a I Internacional.



Nos dois primeiros congressos da AIT, respectivamente em Genebra e Lausanne, na Suíça, em 1866 e 1867, o assunto da redução da jornada de trabalho voltou à baila com a proposta de fixação de uma jornada de oito horas diárias como sendo suficiente, e a eliminação de todo trabalho noturno, salvo em atividades previstas pela lei.

Em setembro de 1871, durante a guerra entre a Prússia e a França, onde esta seria derrotada, eclodiu a revolta da Comuna de Paris na qual os trabalhadores resistiriam e governariam a cidade durante aproximadamente três meses, na experiência que Marx denominaria de “assalto aos céus”, até que cerca de 30.000 cidadãos foram massacrados pelo exército francês.

A visão marxista foi a que mais se desenvolveu no meio dos trabalhadores, principalmente nos países mais industrializados do norte da Europa, enquanto o anarquismo ainda conseguiu algum espaço nos países mais atrasados quanto ao desenvolvimento econômico e industrial, do sul do continente.

O terceiro congresso da AIT se realizou em Haia na Holanda, em 1872, e decidiu mudar a sede da I Internacional para New York para escapar do ambiente repressivo na Europa daquele momento, o que na prática significou o fim da organização, agravado pela recessão econômica de 1873 que atingiu quase todos os países industrializados e afetou gravemente a

Esta derrota reduziria sobremaneira a influência dos ativistas franceses na I Internacional, ao mesmo tempo em que despontavam as primeiras divergências internas sobre como derrubar a burguesia, opondo os anarquistas e Marx. O último considerava a classe operária como a classe capaz de protagonizar a revolução e assumir o poder do Estado. Os anarquistas, entre eles, Bakunin, denunciavam o Estado como opressor e defendiam que as classes mais exploradas, como os camponeses e outras, poderiam ser a força revolucionária.

Além disso, Marx já defendia a socialização dos meios de produção e o planejamento centralizado, enquanto os anarquistas eram a favor de comunidades autogeridas.

organização operária devido ao desemprego. Em 1876, ocorreu o último congresso da AIT já bastante esvaziado.

Foi uma experiência, que em termos mais práticos durou um pouco mais que nove anos e reunia apenas ativistas, provenientes dos países industrializados da época, mas que

deixou um legado importante ao reconhecer a dimensão internacional da exploração dos trabalhadores e a necessidade de articular uma resposta igualmente internacional.

Por ironia, o país escolhido para sediar a AIT em 1872, os EUA, nunca desenvolveram partidos políticos capazes de desafiar o sistema vigente e proporcionar transformações sociais. No entanto, foi lá que se levou adiante uma poderosa mobilização pela implantação da jornada de trabalho de oito horas em 1886 com muitas greves. Numa delas que terminou

em confronto com a polícia, houve a morte de alguns policiais, nunca devidamente esclarecida, que levou a enorme repressão, prisão e condenação à morte de vários ativistas sindicais em Chicago.

Este fato inspirou, posteriormente, por iniciativa da II Internacional, a celebração mundial do Dia Primeiro de Maio, o Dia Internacional dos Trabalhadores, em homenagem aos ativistas executados, embora, ironicamente, esta data nunca viesse a ser comemorada nos Estados Unidos.

A II Internacional dos Trabalhadores

- ▶ Fundação e congressos
- ▶ O marxismo e a tática eleitoral
- ▶ A contradição entre Estado Nacional e Internacional Socialista
- ▶ A I Guerra Mundial e o fim da II Internacional

Por ocasião da celebração dos cem anos da Revolução Francesa, em julho de 1889 reuniu-se em Paris um congresso operário socialista com o intuito de criar uma nova organização para substituir a AIT. Eram cerca de quatrocentos delegados de 19 países, todos comprometidos com as idéias marxistas e que declararam seu objetivo de emancipar os trabalhadores, abolir o trabalho assalariado, bem como criar uma sociedade na qual

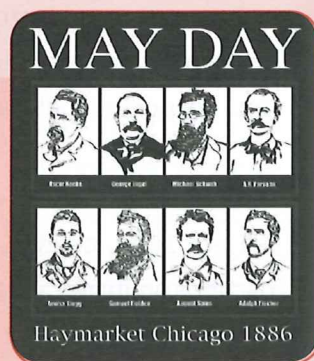
todos os homens e mulheres, independente de seu sexo e nacionalidade, usufruirão da riqueza produzida pelo esforço de todos os trabalhadores. (SASSOON, 1996: xx)

Entre os que assinaram esta declaração política, encontravam-se líderes de partidos socialistas em seus respectivos países como August Bebel e Wilhelm Liebknecht da Alemanha, William Morris da Inglaterra, Victor Adler



da Áustria, Georgii Plekhanov da Rússia, Pablo Iglesias da Espanha, Amilcare Cipriani da Itália, entre muitos outros.

Na resolução aprovada constaram várias reivindicações e propostas que fizeram história como o apoio à jornada de oito horas, abolição do trabalho infantil e igualdade de oportunidade de trabalho e salário entre homens e mulheres. Conforme já mencionado, a Internacional decidiu adotar o dia 1º de maio como o Dia dos Trabalhadores, em homenagem aos **mártires de Chicago**.



Por fim, o congresso assinalou que os capitalistas governavam porque possuíam o poder político e, diante disto, os trabalhadores deveriam disputar o poder nos países aonde possuíam o direito ao voto apoiando os candidatos dos partidos socialistas e onde não o tivessem, deveriam lutar por todos os meios para obter o sufrágio. O uso da força pela classe dominante para impedir esta evolução pacífica em direção a uma sociedade baseada na cooperação, isto é, o socialismo, deveria ser considerado um crime de lesa-humanidade. (SASSOON, 1996: xxi)

Quando este congresso ocorreu, vários partidos socialistas já estavam estabelecidos e alguns inclusive encontravam-se aptos para disputar o espaço eleitoral aonde este existia. Este crescimento normalmente acompanhou o desenvolvimento industrial dos seus respectivos países, embora esta tendência nem sempre se confirmasse.

Por exemplo, o Partido Socialista Português foi fundado em 1871 e é um dos mais antigos, embora a indústria de Portugal fosse quase inexistente na época. Nos EUA e Japão, que despontavam como duas promissoras economias industriais no final do século XIX, nunca se desenvolveu uma tendência socialista relevante.

Ainda durante o período de existência da II Internacional, alguns partidos socialistas chegaram a apresentar uma boa performance eleitoral como o Partido Socialdemocrata Finlandês que obteve 43,1% dos votos em 1913, o Partido Socialdemocrata Sueco que alcançou 36,5% em 1914 e o Partido Socialdemocrata Alemão (SPD) que obteve 34,8% em 1912, entre outros.

O SPD alemão que incluiu os princípios marxistas nos seus estatutos foi elogiado por Engels, em 1895, pelo fato de inteligentemente haver utilizado a arma do sufrágio, “uma das

mais afiadas”, como forma de disputar o poder com a burguesia. Além de chegar a mais de um terço dos votos, possuía mais de um milhão de afiliados em 1914. (ELEY, 2005: 93)

Apesar desta ascensão do socialismo e dos ideais internacionalistas, havia muitas diferenças entre a realidade dos vários partidos devido às diferenças na evolução do capitalismo em cada país e, conseqüentemente, na formação da classe trabalhadora, nas práticas democráticas e nas tendências partidárias, o que tornou difícil para a II Internacional funcionar de fato como um Partido Socialista Internacional. Mais se parecia com uma federação de partidos, e na prática funcionava a partir da experiência nacional de cada partido filiado.

Até 1905 não teve sequer uma secretaria-geral e a única organicidade existente eram os congressos. Cada partido membro possuía muita autonomia e ninguém interferia nos assuntos do partido de outro país, mesmo quando algumas práticas merecessem alguma avaliação. Somente nesse ano, seis anos após a sua fundação, foi estabelecida a Secretaria Socialista Permanente, na cidade de Bruxelas, na Bélgica.

A II Internacional condenava as guerras como conseqüências inevitáveis do sistema

capitalista, mas que desapareceriam junto com o sistema. No entanto, a deflagração da I Guerra Mundial representou o fim da organização, pois, contraditoriamente, muitos partidos socialistas se engajaram nos esforços bélicos de seus respectivos países em nome da defesa da pátria, sendo os casos mais notórios os do SPD alemão que votou a favor dos créditos de guerra solicitados ao parlamento pelo Kaiser Guilherme II e o de importantes dirigentes do Partido Socialista Francês (SFIO) que integraram o governo que dirigiria a guerra contra a Alemanha.

Alguns líderes socialistas que haviam mantido os princípios contrários à guerra, se reuniram em 1915 em Zimmerwald e no ano seguinte em Kienthal, ambas, cidades suíças. Eram poucos representantes e com pouca influência, mas registraram que havia outras visões além da posição adotada anteriormente pelos dirigentes da maioria partidária. Rosa Luxemburgo que compartilhava destas posições não pode comparecer porque se encontrava presa na Alemanha por suas atitudes antimilitaristas, mas **Karl Liebknecht**, outro importante dirigente socialista alemão, ainda conseguiu enviar uma carta saudando o evento.



A III Internacional

- ▶ O encontro de Zimmerwald
 - ▶ A Revolução Russa
 - ▶ O fim da I Guerra e as tentativas revolucionárias na Europa
 - ▶ A reunião de Berna
 - ▶ A reunião de Moscou
 - ▶ A reunião de Viena
-
- ▶ Reforma ou Revolução? O debate entre socialistas e comunistas
 - ▶ A política de Frente Única
 - ▶ Socialismo em um só país
 - ▶ A ascensão do nazifacismo ao poder
 - ▶ A política de Frente Popular
 - ▶ Os socialistas e a II Guerra Mundial

A primeira revolução socialista do mundo ocorreu na Rússia em 1917, um pouco antes do fim da I Guerra Mundial. Quando esta terminou em 1918, a Europa estava sendo varrida por uma onda revolucionária diante da insatisfação dos trabalhadores com os sacrifícios exigidos pela guerra e a crise econômica. Houve tentativas de implantar novos regimes socialistas nos moldes soviéticos em vários países como Alemanha, Hungria e outros.

Em 1917, os revolucionários russos vitoriosos (bolcheviques) derrubaram o czar Nicolau II, assumiram o controle do Parlamento Russo (Duma) e assinaram um acordo de paz com a Alemanha (Brets-Litovsk) muito desfavorável para a Rússia. Apesar disto, os motivos para assiná-lo foi o esgotamento econômico do país devido ao conflito, a falta de identificação dos revolucionários com a motivação da

guerra e o início de uma guerra civil que opôs o Exército Vermelho dos bolcheviques às forças leais ao czar e seus aliados (Exército Branco) que recebiam apoio material e financeiro da França, Inglaterra e outros.

Foi um momento muito duro para a nascente República Soviética, que, além desta guerra civil, tinha que enfrentar um verdadeiro

caos na economia e a falta de produtos básicos. Milhares de russos morreram de fome e doenças nesta época.

No início de 1919 realizaram-se dois congressos socialistas de características muito diferentes. Um no mês de fevereiro, em Berna, que reuniu alguns dos tradicionais partidos socialistas com o propósito de reorganizar a II Internacional, e outro um mês depois, em Moscou, organizado pelo Partido Comunista da União Soviética, com o objetivo de criar um movimento de apoio ao movimento revolucionário em curso.

A convocação do segundo encontro foi extremamente difícil devido à guerra civil e ao isolamento em que a URSS se encontrava. Alguns delegados somente conseguiram chegar quando o evento havia terminado. Os partici-

pantes foram principalmente representantes de tendências internas mais à esquerda dos partidos socialdemocratas insatisfeitos com os rumos reformistas adotados pela direção majoritária desses partidos, incluindo vários dos que haviam estado em Zimmerwald.

O debate entre a visão reformista de Bernstein e a revolucionária de Rosa Luxemburgo expresso no livro dela “Reforma ou Revolução?” ilustra bem o contexto destas cisões.



Participaram do encontro em Moscou 35 organizações de 22 países, a ampla maioria europeus, e esta iniciativa criou a Internacional Comunista (*Comintern*) também conhecida como a III Internacional.

A avaliação corrente era que a revolução se expandiria com certa facilidade a outros países europeus, até porque se ela dera certo num país com o atraso econômico e a debilidade da classe operária como a Rússia, a probabilidade de ocorrer nos países europeus mais industrializados seria bem maior.

Neste sentido, o papel do *Comintern* seria o de orientar esse movimento e submeter os partidos membros, inclusive o PCUS, à tarefa de construir a revolução mundial.

O *Comintern* realizou seu segundo congresso um ano depois e aprovou uma resolução

com 21 condições a serem seguidas dali por diante para se fundar um partido comunista e este ser reconhecido pela internacional.

O resultado do congresso de Berna foi a articulação de um grupo de partidos socialistas, principalmente, dos países do norte da



Europa que havia se mantido neutro durante a guerra e que tinha clareza quanto à sua estratégia de disputar o poder pela via eleitoral. Posteriormente, aderiram novos partidos como o Trabalhista Inglês.

Houve ainda um terceiro grupo de partidos advindos de países que estiveram envolvidos na guerra e que no início da década de 1920

alcançaram sua liberdade de atuação. Era o caso de alguns que também estiveram em Zimmerwald, além dos socialistas austríacos, italianos, os de alguns países balcânicos, entre outros. Eles se articularam a partir de um encontro realizado em Viena e este grupo ficou conhecido como a Internacional de Viena ou a Internacional Dois e Meio.



Os primeiros partidos comunistas europeus foram fundados em 1918 e incluíam o alemão, o austríaco, o húngaro, o grego, o holandês, entre outros. Praticamente todos nasceram de dissidências dos partidos socialistas e o maior de todos desde o começo era o **Partido Comunista da Alemanha (KPD)** que iniciou com mais de cem mil afiliados.



Em 1923 a guerra civil russa tinha terminado a favor dos bolcheviques. A pior parte da crise econômica fora superada e o Novo Plano Econômico (NEP) estava em execução. A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) encontrava-se praticamente consolidada

internamente e o governo soviético assinou acordos de paz com os países capitalistas ocidentais que após o fim da I Guerra haviam apoiado as forças contra-revolucionárias, além de um acordo comercial com a Ingla-

terra. Lênin havia adoecido e **Stalin** era o secretário-geral do PCUS.

As tentativas revolucionárias na Europa Ocidental haviam sido derrotadas ou pela repressão ou por meio de reformas ou ainda pelas duas coisas.

Diante dessa conjuntura, a política desenvolvida por Stalin e Bukharin e adotada pelo *Comintern* a partir de 1924, foi a teoria do desenvolvimento do socialismo em um só país, o que representava uma avaliação diferente daquela de 1919, quando se acreditava que a revolução europeia era eminente.

A revolução havia triunfado somente na URSS. O esforço agora seria voltado para impedir o retorno das forças reacionárias e imperialistas à União Soviética, e o horizonte da revolução nos demais países estava muito mais distante do que se imaginava apenas cinco anos atrás.

Diante dessa análise, o papel mais condizente à real capacidade dos Partidos Comunistas dos outros países, seria o de defender as conquistas da revolução soviética e todas as estratégias adotadas dali em diante partiam dessa premissa. Assim, os partidos comunistas dos diferentes países tornaram-se Seções da III Internacional. Esta visão unilateral se fortaleceu com a crise econômica de 1929 ao colocar de um lado os países capitalistas em ruína e de outro o socialismo em ascensão na URSS. (BOBBIO, 2005: 646)

Neste meio tempo, houve tentativas para que as três articulações socialistas internacionais coordenassem suas iniciativas, porém, as diferenças políticas e o sectarismo eram muito grandes e a coordenação não funcionou. A estratégia defendida pelo *Comintern* para a atuação do movimento comunista mundial, era a da constituição de Frentes Únicas, onde somente caberiam os partidos revolucionários puros. Por exemplo, de acordo com este critério, os socialdemocratas alemães eram considerados “socialfascistas” e os principais “inimigos da classe operária”.

Foi somente depois da ascensão de **Hitler** ao poder na Alemanha e este adotar uma brutal política repressiva contra socialistas e comunistas que a estratégia começou a mudar. A conquista do poder pelo Partido Nacional Socialista (nazista) foi favorecida pela divisão eleitoral entre o SPD e o KPD na eleição de 1933, pois se estivessem unidos, a soma dos seus votos e cadeiras no parlamento teriam impedido Hitler de se tornar chanceler, pelo menos naquele momento.



A partir de 1935 a política de Frente Única foi substituída para a de Frentes Populares Antifascistas, a exemplo do governo republicano na Espanha de 1936 composto por socialistas e comunistas e a 1938, o Front Populaire na França de 1936 a 1937 com o mesmo perfil, a Aliança Libertadora Nacional no Brasil em 1935, entre outros.

No entanto, a década de 1930 foi a de ascensão ao poder de vários regimes fascis-



tas no mundo, além dos casos mais notórios como a Alemanha, Itália e Japão. Entre estes regimes podemos citar Espanha, Portugal, Polônia, Hungria, entre outros.

Ao mesmo tempo, a política adotada pelas principais potências liberais frente à ascensão nazifascista era ambígua, uma vez que havia diversos e poderosos agrupamentos políticos nesses países que defendiam uma aliança entre os países de economia liberal com a Alemanha e Itália para enfrentar e derrotar o regime soviético e a concordância da Inglaterra e França quanto às pretensões territoriais de Hitler sobre a Áustria e a Tchecoslováquia somente fortalecia esta percepção.

Em 1939, para surpresa de todos, embora explicável diante desta ambigüidade, a URSS firmou um Pacto de Não-Agressão com a Alemanha. Quando, no mesmo ano, a Alemanha invadiu a Polônia, a URSS também ocupou a parte oriental deste país, além dos três países bálticos.

Até 1941, uma vez vencida a resistência inicial dos demais países que foram invadidos como a Bélgica, Holanda, Luxemburgo, França, Dinamarca, Noruega, Iugoslávia e Grécia a ocupação alemã foi relativamente tranqüila e usualmente instalaram governos cooperativos com o invasor, normalmente escolhidos entre os políticos de direita simpatizantes do nazismo.

Embora alguma resistência interna à invasão estivesse sendo articulada clandestinamente desde o início, como por exemplo, na Iugoslávia, além de iniciativas tomadas por alguns governantes em exílio no exterior, como o general francês **De Gaulle**, na maioria dos países a resistência efetiva só se iniciou quando a Alemanha atacou a URSS em junho de 1941 e o Tratado de Não-Agressão foi rompido.



É importante registrar também que foi a ação local de muitos socialistas e sindicalistas que pressionaram seus respectivos governos a não aceitar a possibilidade de uma aliança liberal com Hitler para destruir a União Soviética. Quando Hitler decidiu invadir a URSS, enviou secretamente seu colaborador Rudolf Hess para propor um acordo de paz à Inglaterra e solicitar o apoio dos ingleses à invasão. Estas propostas foram recusadas tanto pelo conservador Winston Churchill quanto pelo Partido Trabalhista e pelos sindicatos. (VIZENTINI, 1988: 54)

Esta resistência subterrânea nos países ocupados teve também a participação de setores socialistas, cristãos e monarquistas. Cresceu ainda mais à medida que a maré da guerra virou a favor das potências aliadas. Um marco importante foi o recuo do exército alemão diante de Moscou no final de 1941, embora o momento mais importante da virada somente ocorresse um ano depois quando a resistência soviética em Stalingrado derrotou os atacantes alemães e o Exército Vermelho aprisionou cerca de 200.000 soldados inimigos.

Em vários países que não foram atacados diretamente pelas forças aliadas no final da guerra, como na Iugoslávia e Albânia, foram os grupos de resistência liderados pelos PCs que derrotaram os alemães. Quando o Exército Vermelho entrou na Tchecoslováquia, a resistência local já tinha o domínio da situação.

Os EUA somente entraram na guerra a partir do bombardeio japonês a Pearl Harbor em 1942. A partir de 1943 quando o prognóstico sobre o resultado do conflito já se mostrava favorável aos Aliados, iniciou-se uma série de Conferências entre Inglaterra, URSS e EUA para discutir os rumos da política internacional após a guerra.

A estratégia adotada por Stalin foi a de se mostrar o mais confiável possível e apresentar garantias que não possuía pretensões de exportar a revolução em direção à Europa aproveitando-se da debilidade dos países em guerra. Para reforçar esta demonstração de que sua prioridade era derrotar o nazifascismo, adotou várias medidas, entre elas, a aproximação com o Vaticano e a Igreja Católica Ortodoxa, bem como a extinção do *Comintern*, embora este já tivesse perdido sua importância com a assinatura do Pacto Soviético-Alemão em 1939 e o início da guerra.

A conjuntura pós-guerra

- ▶ As novas organizações mundiais
- ▶ Início da Guerra Fria
- ▶ O *Cominform*
- ▶ Os novos membros do campo do “socialismo real”
- ▶ A fundação da Internacional Socialista (IS)



- ▶ A descolonização
- ▶ O Movimento dos Países Não-Alinhados
- ▶ A IV Internacional

A cooperação entre os países aliados que venceram a guerra em 1945 – a Alemanha se rendeu em maio e o Japão em agosto – ainda durou pouco mais de dois anos, quando uma série de tensões entre EUA e URSS deu início à chamada Guerra Fria em torno de 1947/48.

Mesmo assim, a partir das conversações iniciadas ainda durante a guerra, foi possível criar uma série de instituições mundiais para gerir variados aspectos das relações internacionais, como a Organização das Nações Unidas (ONU) aberta à participação de todos os países, independentemente de suas orientações ideológicas e as instituições de caráter econômico como o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial (Bird) e o Acordo Geral de Comércio e Tarifas (Gatt) aonde somente participariam os países capitalistas.

Do ponto de vista de evolução da organização internacionalista dos socialistas nos

deparamos com um quadro diferente após a guerra, principalmente, devido ao fato de vários países estarem governados naquele momento por partidos socialistas de diferentes matizes.

Neste caso, os países que adotaram os regimes do socialismo real acabaram se organizando em torno de instituições próprias como o **Pacto de Varsóvia**, que era sua aliança militar, e do Comecon que era seu fórum comercial.



Em 1947, criou-se o *Cominform* como uma espécie de Fórum de Informação dos Partidos Comunistas com a participação dos PCs no poder nas democracias populares, além dos influentes PCI da Itália e PCF da França. Entretanto, diante das diferenças políticas que foram surgindo entre o stalinismo e os partidos de outros países como, por exemplo, com Tito na Iugoslávia e Enver Hoxha na Albânia que buscavam rumos

próprios para o socialismo nos Bálcãs e, posteriormente, os conflitos entre a URSS e a China, o *Cominform* se esvaziou.

Os países governados por partidos socialdemocratas, se alinharam com as instituições capitalistas e como neles vigorava a democracia liberal, existia a possibilidade de alternância de poder, inclusive com partidos de direita, o que impedia a formação de alianças de “países socialdemocratas” ao contrário dos países de socialismo real.

Os partidos socialdemocratas tomaram a iniciativa em 1951 de criar a Internacional Socialista (IS) e a reivindicavam como a organização herdeira da II Internacional, embora a rigor se tratasse mais de uma instância de coordenação política e troca de informações entre os partidos socialdemocratas da Europa.

Ela somente se abriria para a filiação a partidos de outros continentes durante a presidência de Willy Brandt entre 1976 e 1992, inspirado pela Revolução Sandinista na Nicarágua

que despertou grande solidariedade no meio político socialdemocrata na Europa, ainda mais diante das ações truculentas do governo Reagan dos EUA contra os sandinistas.

Atualmente, a IS tem sua sede em Londres e possui 161 partidos filiados em todo o mundo, embora seu critério ideológico para aceitação de novos filiados tenha decaído muito, principalmente se considerarmos alguns de seus partidos filiados na América Latina, como o Partido da Revolução Institucional (PRI) do México, a União Cívica Radical da Argentina e o Partido Liberal da Colômbia, entre outros.

No Brasil, o partido filiado à IS, é o Partido Democrático Trabalhista (PDT) desde muitos anos, principalmente, devido aos contatos e prestígio que o ex-governador Leonel Brizola desenvolveu durante o período que viveu no exílio.

Devemos ainda mencionar a IV Internacional que é uma articulação de partidos e agrupamentos políticos de caráter trotskista. Quando Stálin substituiu Lênin na secretaria-geral do PCUS em 1923 devido à enfermidade deste, disputou a indicação para o cargo com Leon Trotsky e ganhou. Além da disputa, uma importante divergência política era sobre a estratégia da revolução mundial, que como já foi mencionado, acabou sendo a estratégia do socialismo em um só país, enquanto Trotsky era defensor da tese da “revolução permanente” até que o socialismo tivesse vencido em todos os países do mundo.



Stalin conseguiu eliminar todos os membros do secretariado (Trotsky, Zinoviev, Kamenov e Bukharin) um a um, após a morte de Lênin. Inicialmente Trotsky foi para o exílio em vários países até ser assassinado no México por um agente stalinista. Porém, ele foi o único além de Lênin e do próprio Stalin que deixou um legado e um grupo de seguidores.

Estes, avaliando a incapacidade da III Internacional de levar a revolução adiante devido à política conciliatória das Frentes Populares e ao Tratado de Não-Agressão entre a URSS e a Alemanha, decretaram o seu fracasso e propuseram a criação de uma nova Internacional, a Quarta.

No entanto, os trotskistas, ao longo dos anos, nunca conseguiram construir uma organização de massas e representativa, além de se dividirem em vários grupúsculos, muitas vezes por motivos de difícil compreensão. Um brasileiro famoso e que aderiu ao trotskismo desde os anos 1930 foi o crítico de arte e um dos fundadores do PT, Mario Pedrosa.



O período do pós-guerra também foi marcado pelo processo de independência de ex-colônias dos países europeus, principalmente, na Ásia e na África e geralmente havia lideranças políticas

socialistas ou no mínimo progressistas envolvidas com esse processo como foi o caso de Gandhi na Índia, **Sukarno** na Indonésia, Patrice Lumumba no Congo, entre outros.

Em muitos casos, a independência foi fruto de lutas armadas dirigidas por líderes socialistas como Ho Chi Min no Vietnã, Ahmed Ben Bella na Argélia, Agostinho Neto em Angola, Amílcar Cabral em Guiné Bissau, além das revoluções socialistas como a chinesa dirigida por Mao Tse Tung, a cubana por Fidel Castro, a Revolução Sandinista na Nicarágua e assim por diante.

Cabe ainda uma menção especial à luta contra os regimes racistas da antiga Rodésia, hoje Zimbabwe, por organizações guerrilheiras de esquerda e da África do Sul, aonde o regime era conhecido como *apartheid*. Neste país houve longos anos de mobilização política e luta armada dirigida pelo Congresso Nacional Africano (CNA), o Partido Comunista Sul Africano (PCSA) e os sindicatos do Congresso dos Sindicatos Sul-Africanos (Cosatu), a maior central sindical e influenciada pelo PCSA.



Apesar de em meados dos anos 1970, uma parte expressiva da humanidade estar governada por regimes socialistas de algum

tipo, incluindo os governos socialdemocratas europeus, não houve a constituição de novas organizações internacionais com o papel de dirigir a luta pelo socialismo, além das experiências já mencionadas.

Mesmo assim, é importante citar o Movimento dos Países Não-Alinhados que ainda existe e que nunca possuiu caráter socialista, embora tenha sido uma iniciativa impulsionada por vários dirigentes políticos progressistas e nacionalistas do Terceiro Mundo, como Nehru, Nasser, Sukarno e outros, preocupados em assegurar um espaço na política internacional

para os países em desenvolvimento, muitos recém-descolonizados, para defender seus interesses sem a necessidade de se alinharem ao bloco capitalista ocidental ou ao bloco hegemônico pela União Soviética.

A origem deste movimento foi a Conferência Ásia-África, convocada pela Birmânia, Ceilão, Índia, Indonésia e Paquistão, realizada em 1955, em Bandung na Indonésia, com o propósito de discutir questões comuns e uma política internacional conjunta destes países que há pouco haviam alcançado a independência.

As preocupações principais eram resistir às pressões das grandes potências e manter sua independência, bem como se opor ao colonialismo ou neocolonialismo e em particular ao domínio ocidental.

Se os convidados para a **Conferência de Bandung** foram escolhidos devido à sua localização geográfica regional, no caso da primeira conferência do Movimento dos Países Não-Alinhados (MPNA) a realizar-se em Belgrado na Iugoslávia em 1961, os critérios para ser convidado eram possuir uma política externa independente baseada na coexistência entre Estados de diferentes sistemas políticos e sociais; apoio aos movimentos de independência nacional; não ser membro de alianças militares multilaterais estabelecidos no marco dos con-

flitos entre as grandes potências; a eventual existência de tratados de defesa com alguma das grandes potências também não poderia ter sido efetuada no contexto destes conflitos e o mesmo se aplicaria no caso da existência



de bases militares de uma grande potência no território do país em questão.

Vinte e cinco países compareceram a I Conferência do MPNA, entre eles países

com governos socialistas como a Iugoslávia. A XIV Conferência, a mais recente, realizou-se em setembro de 2006, na cidade de Havana em Cuba, e o Movimento conta hoje com a participação de 117 membros.

O movimento sindical internacional

- ▶ Origens
- ▶ As três linhas sindicais na história
- ▶ Situação atual
- ▶ Cooperação sindical internacional

Devido ao papel dos sindicatos de defender os direitos e interesses dos trabalhadores, partimos do pressuposto que são, em sua maioria, entidades progressistas e de esquerda, embora com certa frequência alguns de seus dirigentes não defendam políticas de transformação social e se limitem a defender os interesses imediatos dos trabalhadores como emprego e salários. No entanto, his-

toricamente no nível mundial, não há como dissociar os sindicatos do processo de construção do socialismo.

Os sindicatos mais tradicionais que conhecemos têm origem no século XIX, assim como algumas das centrais sindicais ainda existentes, como a CGT francesa e a TUC inglesa.

As primeiras iniciativas de organizar entidades sindicais com caráter supranacional também datam do final do século XIX e reuniam organizações nacionais dos mesmos ramos econômicos, como, por exemplo, a Federação Internacional dos Metalúrgicos (FITIM). No início do século XX chegou a haver algumas dezenas destes Secretariados Profissionais Internacionais (SPIs) que, no entanto, foram se reduzindo por meio de fusões entre elas à medida em que determinadas categorias profissionais iam perdendo relevância, como, por exemplo, marmoreiros, chapeleiros, trabalhadores na indústria de fósforos, entre outras. Atualmente ainda existem dez SPIs, mas agora se chamam Federações Sindicais Internacionais (FSIs).

Na década de 1920 houve três iniciativas diferentes para criar organizações sindicais horizontais supranacionais. Uma foi a Internacional Sindical Vermelha que era uma espécie de *comintern* dos sindicatos influenciados pelos Partidos Comunistas. A segunda foi a Confederação Internacional dos Sindicatos

Cristãos (Cisc) que reunia sindicatos nacionais cujos dirigentes se inspiravam na doutrina social da Igreja Católica baseada na Encíclica *Rerum Novarum*, de Leão XIII.

E a terceira ficou conhecida como a Internacional de Amsterdã, onde tinha sua sede e

reunia basicamente as organizações sindicais de inspiração socialdemocrata e sindicatos independentes.

Essas atividades foram suspensas durante a guerra, mas com o fim dela em 1945 reorganizaram-se duas das antigas entidades, a Cisc e a Federação Sindical Mundial (FSM). Esta última foi composta por organizações sindicais dos países aliados, tanto de inspiração comunista quanto de outras tendências políticas.

Entretanto, em 1948, as centrais sindicais dos países capitalistas, com exceção daquelas influenciadas pelos Partidos Comunistas como a CGT francesa e a CGIL da Itália, entre outras, retiraram-se da FSM e criaram a Confederação Internacional das Organizações Sindicais Livres (CIOSL). A Guerra Fria havia se iniciado e o divisor de águas no caso do movimento sindical foi a posição em relação ao Plano Marshall que era apoiado pelas organizações sindicais dos países beneficiados e oposto pela URSS e, conseqüentemente, pelos PCs, que o consideraram uma intervenção do imperialismo americano na Europa.

Essa divisão no movimento sindical seguiu a lógica da Guerra Fria durante as décadas seguintes, embora várias organizações rompessem com estas influências como a CGIL da Itália que se retirou da FSM com a ascensão do Eurocomunismo e outras, como a CFDT da França e a CSN de Québec que se retiraram da CISC, que, aliás, mudou seu nome para Confederação Mundial do Trabalho (CMT) em 1968 para se livrar, pelo menos na aparência, de sua influência da Igreja. Na verdade, esta mudança de nome, pouco resolveu porque a CMT sempre foi a menor das três organizações e continuou minguando até o início do século XXI.



Até os anos 90, o sindicalismo internacional viveu durante mais de 40 anos marcado por um sindicalismo internacional cujo campo de atuação era definido por identidades político-ideológicas, mais do que por prioridades de atuação sindical. A filiação a qualquer das três confederações internacionais, na prática, significava a opção por um dos lados na Guerra Fria.

Porém, as crises simultâneas dos regimes socialistas burocratizados no Leste Europeu e dos projetos socialdemocratas frente à hegemonia neoliberal nos países desenvolvidos, nos anos 80, criaram um cenário internacional para fortes rearranjos no movimento sindical internacional, onde a FSM perdeu a maioria dos seus filiados e a CIOSL tornou-se a organização sindical internacional hegemônica.

Na década de 90, abaladas as bases que sustentaram o sindicalismo internacional na fase anterior, cresceu a percepção da necessidade de reorganizá-lo a partir de uma agenda estruturada em torno à defesa dos direitos dos trabalhadores em todo o mundo. Mas esse não foi um processo linear, nem homogêneo, em todos os países e regiões.

A filiação da **CUT** do Brasil à CIOSL em 1992 ocorreu neste contexto. Outras centrais sindicais com as quais a CUT vinha mantendo



estreitas relações optaram no mesmo sentido: Cosatu da África do Sul, KCTU da Coreia do Sul, Comisiones Obreras da Espanha, entre outras.

O fato de estas centrais sindicais optarem pela CIOSL como espaço prioritário de atuação não negava que esta organização ainda não estava capacitada para assumir plenamente a feição de uma central sindical mundial estruturada para defender os direitos dos trabalhadores internacionalmente, e que fora dos seus limites ainda havia importantes centrais sindicais nacionais.

Portanto, era necessário dotar o sindicalismo internacional de uma perspectiva que unificasse a visão e ação dos trabalhadores dos países desenvolvidos e dos países em desenvolvimento. No entanto, para realizar essa tarefa foi fundamental fortalecer e estreitar os laços entre as centrais sindicais do mundo subdesenvolvido, o chamado Sul.

Esta mudança na configuração sindical internacional também provocou mudanças no perfil da cooperação sindical internacional, que no período da Guerra Fria também privilegiava o apoio às opções ideológicas, comunistas ou anticomunistas. Com o fim dela, tornou-se possível aplicar recursos em atividades de caráter mais sindical.

Mesmo assim, a cooperação internacional feita com recursos públicos e dirigida a várias áreas diminuiu entre 1990 e 1998 aproximadamente 33% em valores reais, segundo o Banco Mundial. Isto significava que, enquanto o Terceiro Mundo, nesta época, reembolsava U\$ 250 bilhões a título de serviços da dívida externa, recebia apenas U\$ 30 bilhões a título de cooperação.

Apesar do compromisso assumido pelos países desenvolvidos na Conferência Social da ONU em Copenhagen, em 1995, de destinar 0,7% do PIB para cooperação internacional, apenas três países cumprem ou superam esta meta. São Holanda, Dinamarca e Noruega. Inclusive a tendência de outros tem sido a de retração deste percentual.

É fundamental que esta meta seja cumprida e que haja transparência e participação da sociedade na gestão da cooperação, assim como também é importante que os projetos, particularmente os socioeconômicos,

tenham perspectivas de auto-sustentação e consigam envolver atores locais, inclusive institucionais, no seu desenvolvimento.

A solidariedade sindical internacional foi muito importante para apoiar a luta pela re-democratização de países governados por ditaduras, como os da América Latina, entre os anos 1960 e 80. Quem impulsionou esta cooperação foi, principalmente, o movimento sindical europeu, influenciado pelos partidos socialdemocratas.

O último acontecimento ocorrido no cenário sindical internacional foi a fusão entre CIOSL e CMT criando uma organização chamada Confederação Sindical Internacional (CSI) a partir do congresso unitário realizado em Viena em 2006 e que deverá ter desdobramentos nos diferentes continentes com a unificação das suas organizações regionais como a Organização Regional Interamericana de Trabalhadores (ORIT) e a Confederação Latino-Americana do Trabalho (CLAT).



O movimento antiglobalização

- ▶ A “Era da Revolta” dos anos 1960
- ▶ As reações ao neoliberalismo
- ▶ A manifestação de Seattle e outras
- ▶ O Fórum Social Mundial

Os chamados anos dourados do capitalismo chegaram ao fim com a mudança do paradigma fordista de produção em meados dos anos 1970 marcada pelo rompimento dos “Acordos de Bretton Woods” que deram estabilidade para a economia capitalista do pós-guerra. Foi um período de grande crescimento econômico, conquista de direitos sociais e inovação tecnológica.

Um pouco antes do fim dos “anos dourados” ocorreu também um movimento que provocou grandes transformações na cultura, nos costumes e inclusive na política. Um de-

talhe importante foi a participação dos jovens neste movimento, tanto nos locais de trabalho, quanto nas universidades, muitos deles membros de partidos ou grupos de esquerda de variadas tendências.

Os jovens que começaram a trabalhar nos países industrializados nos anos 1960, não haviam vivido as principais lutas pelo reconhecimento dos sindicatos e pelo estabelecimento de contratos coletivos de trabalho. Além disso, eles entraram num mercado de trabalho em transformação devido às novas tecnologias e a pressão pelo aumento de produtividade.

Esta nova realidade e a busca por melhores salários levaram à realização de muitas greves em diversos países, principalmente os desenvolvidos. O número de greves e de grevistas em 1966 ultrapassou facilmente o pico de 1946, que havia sido um ano de muitas mobilizações na tentativa de recuperar as perdas da guerra. Cerca de um terço delas era do tipo “gato selvagem” sem controle dos sindicatos e a violência nos piquetes ampliou-se significativamente, bem como os confrontos com a polícia. Os países onde houve as maiores mobilizações nos anos 1960 foram Itália, Canadá e França.



Nas universidades de vários países, com destaque para a França, ocorria um **movimento por reformas educacionais** além de exigências por mudanças na política. Nos EUA havia uma forte mobilização pela constituição de direitos civis, entre eles o fim da segregação racial que era a prática na maioria dos estados do sul, além de grandes protestos contra a guerra do Vietnã. Na Tchecoslováquia vivia-se em 1968, a Primavera de Praga que era uma tentativa de reformar o regime socialista vigente no sentido de torná-lo mais democrático e autogestionado. Na China era o momento da Revolução Cultural proposta por Mao Tse Tung para aprofundar o caráter proletário da Revolução Chinesa.

Ao lado destas reivindicações e mobilizações conviviam também com transformações culturais e de costumes, entre as quais se destacava a rebeldia dos jovens, expressada na maneira de vestir, no comprimento dos cabelos, no uso de drogas ilegais, entre outras.



Em alguns países, particularmente na América Latina, esta movimentação ocorreu ao lado de ações armadas promovidas por organizações da esquerda revolucionária inspiradas pela Revolução Cubana, de 1959, e que em vários países enfrentaram ferozes ditaduras militares.

A síntese disso tudo foi uma série de reformas, principalmente, na área de direitos civis e no sistema educacional dos países desenvolvidos, bem como a introdução de novos costumes e expressões culturais. No entanto, nos países socialistas mencionados, o resultado da **Primavera de Praga** foi uma intervenção militar soviética e a substituição dos dirigentes tchecos por outros mais fiéis à ortodoxia comunista, e na China acabou-se gerando um clima repressivo desenfreado que penalizou uma série de quadros políticos.



A adoção das teses da luta armada na América Latina, teve como consequência o endurecimento da maioria dos governos militares e a ocorrência de muitos mortos, feridos, presos, **torturados** e exilados pela repressão.



O jornalista Herzog, assassinado por torturadores no CG do Exército (1975).

O novo paradigma neoliberal de acumulação capitalista assumiu formato de programa de governo em 1979 com a eleição de Margareth Thacher para Primeira-Ministra da Inglaterra e trouxe consigo uma série de mudanças na política que pode ser considerada uma verdadeira contra-revolução em relação às conquistas sociais dos anos dourados do capitalismo e da revolução de costumes e cultura dos anos 1960.

Este novo modelo provocou profunda reestruturação na economia, no Estado e

no mercado de trabalho mundial e expôs a má qualidade de vida de uma grande parcela da população mundial. A crise provocada por ataques especulativos contra diversos países entre 1997 e 2000 acabou gerando um grande ceticismo junto à opinião pública, pois a promessa original dos defensores do neoliberalismo de que haveria melhoria nas condições de vida de todos, não se cumpriu. Muito pelo contrário.

Neste quadro, começaram a se organizar manifestações públicas e protestos por ocasião de reuniões de instituições multilaterais como FMI, Banco Mundial e OMC, bem como as reuniões anuais das grandes potências, o G-8; todas consideradas responsáveis pelos problemas econômicos que o mundo enfrentava.

Principalmente, a partir da III Conferência Ministerial da OMC, realizada em Seattle (EUA) em novembro de 1999 o mundo começou a assistir a uma sucessão de manifestações contra a globalização neoliberal numa onda que tem como características:

- participam organizações sociais de diversos tipos;
- em vários casos os sindicatos tiveram forte presença;
- a participação de jovens tem sido uma constante;
- a unidade de ação contra o FMI, o Banco Mundial e/ou a OMC se faz desde perspectivas múltiplas;



- em todas elas tem havido uma participação expressiva de delegações estrangeiras, essas manifestações têm sido internacionais seja pela sua composição seja pelo seu impacto;
- não há um programa político e econômico comum, mas sim uma forte identificação na rejeição ao mundo desenhado pelo neoliberalismo;
- manifestações desse tipo já aconteceram em todos os continentes, mas têm sido particularmente impactantes quando ocorreram em países do capitalismo central;
- começa a surgir uma tendência a que manifestações nacionais ocorram simultaneamente às grandes manifestações internacionalistas;

- entre Seattle em 1999 e Gênova em julho de 2001 houve uma curva ascendente em número de participantes;
- o impacto político das manifestações tem levado os organismos multilaterais internacionais a buscarem “refúgio” longe das grandes concentrações urbanas ou construindo “bunkers” dentro das cidades onde acontecem as reuniões.

Organizações de diversos países e do Brasil, socialistas incluídas, discutiram no ano de 2000 a necessidade de se buscar canalizar toda essa energia política antiglobalização neoliberal para espaços de troca e de articulação entre as organizações que estavam mobilizadas contra o neoliberalismo e suas mazelas, mas que tinham pouca ou nenhuma relação política entre si.

Do reconhecimento dessa necessidade e da identificação de que a conjuntura mundial estava mais do que madura para uma iniciativa de grande porte, surgiu a proposta da realização do **Fórum Social Mundial (FSM)**, como espaço político e não como organização;

para buscar convergências sem que algum setor impusesse decisões aos outros, e ser um dos ins-

trumentos de catalização, embora não o único, desse movimento.

O FSM tem sido amplo e heterogêneo porque há um largo e heterogêneo espectro de posicionamentos críticos à globalização neoliberal. O seu grande desafio é acolher a todos, respeitado um campo de compromissos comuns representado pela Carta de Princípios. A consigna de que “Um outro mundo é possível”, contra a globalização neoliberal e o “pensamento único” tem sido usada em praticamente todos os grandes eventos do movimento social.

Os primeiros três eventos do Fórum ocorreram em Porto Alegre, Brasil. Depois ele se realizou em Mumbai, na Índia, e voltou para Porto Alegre. A quinta edição ocorreu mais ou menos simultaneamente em Bamako, Bogotá e Karachi no Paquistão e a sexta em Nairobi, no Quênia, em janeiro de 2007.

Simultaneamente, dentro do Fórum Social Mundial, alguns movimentos sociais com maior identidade política comum têm buscado construir iniciativas de ações durante o período entre a realização das edições anuais do Fórum.

Dessa visão surgiu no FSM 2001 uma iniciativa articulada pela CUT, MST, Via Campe-



sina, ATTAC – França e Focus on the Global South da Tailândia e que foi aprovada numa plenária de movimentos sociais de vários países, gerando o manifesto “Porto Alegre convoca às mobilizações”, assinado por mais de 150 organizações de todos os continentes. Nele, afirmou-se uma plataforma unitária e um compromisso de atuação comum nas grandes mobilizações antiglobalização neoliberal do período seguinte.

No mesmo sentido, além das organizações sociais, têm-se incorporado também ao FSM setores cada vez mais amplos do sindicalismo internacional porque há uma crescente identificação destes com os objetivos da luta contra a globalização neoliberal e o reconhecimento da necessidade do trabalho unitário com outros movimentos sociais, bem como um sentimento de que é necessário recuperar e atualizar o internacionalismo que marcou os melhores períodos históricos do movimento operário internacional.

Dois iniciativas nas Américas:

a) A Aliança Social Continental

Quando o governo americano, presidido na época por Bill Clinton, organizou a I Cúpula das Américas em Miami em 1994 para discutir, entre outros assuntos, a possibilidade de constituir uma Área de Livre Comércio das Américas (Alca). Já durante a terceira conferência de ministros em Belo Horizonte, em 1997, a iniciativa foi recebida pelo movimento social e pela esquerda com uma grande mobilização de rua em protesto e contrariedade.

No ano seguinte, durante a realização da II Cúpula governamental em Santiago, no Chile, realizou-se uma “Cúpula dos Povos”, que lançou as bases para a organização de uma grande aliança que incluísse todas as organizações sociais, sindicais e não-governamentais que tivessem restrições a um acordo de livre comércio desta envergadura.

A Aliança Social Continental (ASC) tornou-se uma rede continental de organizações, do Canadá à Argentina, que buscou coordenar a campanha contra a Alca, com a participação de redes nacionais com o mesmo perfil de participantes.

Embora esteja descartada a possibilidade da Alca vir a ser aprovada no curto prazo, principalmente devido à postura do Mercosul, a ASC mantém suas atividades e opera a partir de uma estrutura bastante informal e horizontal, a saber: uma assembléia continental, um comitê operativo e uma secretaria geral.

Sua primeira secretaria geral esteve no México sob responsabilidade da Red Mexicana de Acción frente al Libre Comercio (RMalc) e até recentemente esteve sob coordenação da Rede Brasileira pela Integração dos Povos (Rebrip) que delegou esta tarefa para a CUT.

No caso da Alca, o papel principal da ASC era articular a campanha contra o acordo em nível continental, o que ocorria por intermédio

da organização das redes já existentes em nível nacional e da criação de novas redes em países onde ainda não existiam.

A campanha implicava em divulgação, cursos, debates, lobby etc. e não há dúvidas que em determinados momentos a ASC proporcionou um caráter internacional a ela e provocou mobilizações muito importantes.

A ASC está integrada hoje por organizações sociais e sindicais de grande parte dos países do continente americano. Mostrou seu potencial na realização das mobilizações de protesto contra as negociações da Alça, em Buenos Aires, e Quebec em 2001.

A realização da II Conferência dos Povos em Quebec teve grande importância em contraposição à reunião dos presidentes dos 34 países envolvidos na negociação da Alca. Estes, para tentar se isolar das manifestações, esvaziaram uma área central da cidade em torno do local da reunião e que foi cercada, gerando grande indignação junto à população local.

Nesta Conferência dos Povos foi aprovada uma declaração unitária que expressou dois acordos fundamentais: a rejeição ao modelo de integração previsto nas negociações e a exigência de que a opinião dos povos seja ouvida através de processos de consultas democráticas (plebiscitos, referendos etc.).

A partir deste momento o grande desafio foi o de transformar as resoluções em um movimento continental real e para tanto a ASC encaminhou as seguintes iniciativas:

- ampliar a Aliança com a incorporação de novas organizações dos diversos países do continente;
- efetivar a campanha pelo plebiscito. No Brasil isto ocorreu por meio de várias redes nacionais como o Grito dos Excluídos, o MST, a Rebrip, os partidos políticos de esquerda, entre outras;
- acompanhar as negociações oficiais, mantendo atualizada a análise das implicações para nossas nações.

Atualmente, a maior dificuldade da ASC é encontrar um mote comum, como era a Alca, para provocar novas mobilizações e atuações conjuntas.

b) O Foro de São Paulo

- ▶ Origem
- ▶ Participantes

Em julho de 1990, por iniciativa do Partido dos Trabalhadores (PT) do Brasil, realizou-se na cidade de São Paulo um Encontro de Organizações e Partidos de Esquerda da América Latina e Caribe para discutir a nova conjuntura a partir da *débâcle* dos regimes do socialismo real do Leste Europeu.



Compareceram 48 partidos e organizações de todo o continente e decidiu-se repetir este tipo de encontro, sempre com o espírito de debater e respeitar a autonomia e as posições políticas, ideológicas e culturais de cada participante.

A declaração final deste encontro expressou *a vontade de renovar o pensamento socialista e de esquerda, reafirmar seu caráter emancipatório, corrigir concepções equivocadas, bem como superar todas as expressões de burocratismo e ausência da verdadeira democracia social e massiva e também manifestou o compromisso ativo com a validade dos direitos humanos, da democracia e da soberania popular como valores estratégicos que desafiam constantemente as forças progressistas, socialistas e de esquerda a renovar seus pensamentos e ações.*

A reunião seguinte realizou-se no México em 1991, sob os auspícios do Partido da

Revolução Democrática (PRD) e do Partido do Trabalho (PT) e neste encontro decidiu-se denominar a iniciativa de Foro de São Paulo (FSP) devido ao local do primeiro evento e também que estes se repetiriam cada dois anos.

Entre os partidos que são membros do FSP temos o PT, PCdoB, PSB, PPS e PDT no Brasil, Partidos Socialista e Comunista do Chile, o PC cubano, Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional de El Salvador, o PRD e PT do México, a Frente Sandinista de Libertação Nacional da Nicarágua, o PRD do Panamá, a Frente Ampla do Uruguai e vários outros.

Em janeiro de 2007 realizou-se o décimo terceiro encontro em El Salvador com mais de 80 partidos e organizações participantes, o que demonstra, dezessete anos depois, o acerto da iniciativa, principalmente pelo avanço eleitoral que a esquerda alcançou no continente durante este período.

Referências bibliográficas

BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política*, v. I. Brasília: UnB, 2005.

ELEY, Geoff. *Forjando a democracia: A história da esquerda na Europa, 1850 – 2000*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

SASSOON, Donald. *One hundred years of socialism*. Londres: Fontana Press, 1996.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. *A II Guerra Mundial*. Porto Alegre: UFRGS, 1988.

PARA SABER MAIS SOBRE O TEMA

O objetivo deste suplemento é aprofundar o conhecimento dos conteúdos desenvolvidos em aula. Nele, você encontrará indicações e referências de materiais que possibilitam a discussão e oferecem elementos para a reflexão sobre os temas abordados. As obras e textos aqui listados são um complemento daqueles já citados no “Texto de Referência”.

Livros

ARRIGHI, G. *O Longo Século XX, dinheiro, poder e a origem dos nossos tempos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BEAUD, M. *História do capitalismo: de 1500 a nossos dias*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

BELTRAN, Ari Possidonio. *Direito do trabalho e direitos fundamentais*. São Paulo: LTr, 2002.

BERLIN, I. *Pensadores Russos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

BERNER, Jayme. *O Mundo pós-guerra fria*. São Paulo: Scipione, 1994.

BLACKBURN, Robin (Org.). *Depois da queda: o fracasso do comunismo e o futuro do socialismo*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

BLANCO, A. & DORIA, Carlos A. *A Revolução Cubana: de Martí a Fidel (1868 - 1959)*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola, e PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*, v. 2. Brasília e São Paulo: UnB/Imprensa Oficial, 2000.

BOBBIO, Norberto. *A era dos direitos*. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

BOTTOMORE, Tom (Ed). *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.



- BUBER, Martin. *O socialismo utópico*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- CARR, Eric H. *A Revolução Russa de Lênin a Stalin (1917-1929)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- _____. *A revolução Bolchevique*. Porto: Afrontamento, 1977.
- CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultura*. 3 vols.; v. 1, *A Sociedade em Rede*; v. 2, *O Poder da Identidade*; v. 3, *Fim do Milênio*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTRO, Fidel. *La revolución cubana*. México: Ediciones Era, 1976.
- CATANI, Afrânio. *O que É Capitalismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.
- CHAFAREVICH. *El fenómeno socialista*. Madrid: Ensayos Aldaba/EMESA, 1978.
- CHAUÍ, Marilena. *O Que É Ideologia*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.
- COMPARATO, Fábio Konder. *A afirmação histórica dos direitos humanos*. São Paulo: Saraiva, 1999.
- DORNELLES, João Ricardo W. *O que são Direitos Humanos*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- DRACHKOVITCH, Milorad. *O marxismo no mundo moderno*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1966.
- DROZ, Jacques. *História geral do socialismo*. Lisboa: Horizonte, 1976.
- ENGELS, Friedrich. *Do socialismo utópico ao socialismo científico*. Rio de Janeiro: Edições Horizonte, 1945.
- FERREIRA FILHO, Manoel Gonçalves. *Direitos Humanos Fundamentais*. São Paulo: Saraiva, 1996.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.
- HOBSBAWN, Eric (Org.). *História do marxismo*. São Paulo: Paz e Terra, 1991.
- _____. *A Era dos Impérios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- _____. *A era das revoluções. 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- _____. *A era dos extremos. O breve século XX. 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. *Mundos do trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. *Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1979.
- _____. *Os Trabalhadores – Estudos sobre a História do Operariado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- _____. *Revolucionários*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

KRANTZ, Frederick. *A Outra História: Ideologia e protesto popular nos séculos XVII e XIX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

KRIEGLER, Anne. *As Internacionais Operárias (1864-1943)*. Lisboa: Bertrand, 1974.

LIMA, Alceu Amoroso. *Os Direitos do Homem e o Homem sem Direitos*. Petrópolis: Vozes, 1999.

LOWY, Michael. *De Marx ao Ecosocialismo*. In: Revista Marxismo Revolucionário Atual. www.mra.org.br

LUXEMBURGO, Rosa. *Questões de organização da social-democracia russa*. In: Centralismo Democrático. Coimbra: Ed. Centelha, 1979.

MAGNOLI, Demétrio. *O Mundo contemporâneo*. São Paulo: Moderna, 1996.

MARTENS, Ludo. *Stalin: um novo olhar*. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

NETTO, José Paulo. *O que é marxismo*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. *O que é stalinismo*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

OFFE, Claus. *Problemas estruturais do Estado capitalista*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

PERRAULT, Gilles. (Org.). *O livro negro do capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

REIS FILHO, Daniel Aarão. *Uma revolução perdida – A história do socialismo soviético*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1997.

REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (Orgs). *O Século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

REMOND, René. *O século XIX – 1815-1914*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1976.

_____. *O Século XX - De 1914 aos nossos dias*. São Paulo: Cultrix, 1993.

SANDRONI, Paulo. *Novíssimo dicionário de economia*. São Paulo: Best Seller, 1999.

SERVIC, Robert. *Lênin: a biografia definitiva*. São Paulo: Difel, 2006.

SINGER, Paul. *O Capitalismo*. São Paulo, Moderna, 1987.

SPINDEL, Arnaldo. *O que é Comunismo*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

_____. *O que é Socialismo*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

VOLIN. *A Revolução Desconhecida: Nascimento, Crescimento e Triunfo da Revolução Russa (1825-1917)*. São Paulo, Global, 1980.

Manifesto Ecosocialista Internacional. In: www.associacaocaete.org.br



Artigos

BARROS, Flávia Lessa de. *Banco Mundial e ONGS ambientalistas internacionais: ambiente, desenvolvimento, governança global e participação da sociedade civil*. In: Soc. estado, Abr 2005, v. 20. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922005000100014&lng=pt&nrm=iso>

COHEN, Jean L. *Sociedade civil e globalização: repensando categorias*. In: Dados, 2003, v. 46, n. 3. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582003000300001&nrm=iso&lng=pt&tlng=pt>

CRUZ, Sebastião C. Velasco e. *Um outro olhar: sobre a análise gramsciana das organizações internacionais*. In: Rev. bras. Ci. Soc., Fev 2000, v. 15, n. 42. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092000000100003&lng=pt&nrm=iso>

KURZ, Robert. *As luzes do mercado se apagam: as falsas promessas do neoliberalismo ao término de um século em crise*. In: Estud. av., ago. 1993, v. 7, n. 18. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141993000200002&lng=pt&nrm=iso>

LOPES, José Rogério. *Terceiro setor: a organização das políticas sociais e a nova esfera pública*. In: São Paulo Perspec., set. 2004, v. 18, n. 3. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392004000300007&lng=pt&nrm=iso>

SCHERER-WARREN, Ilse. *Das mobilizações às redes de movimentos sociais*. In: Soc. estado., abr. 2006, v. 21, n. 1. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922006000100007&lng=pt&nrm=iso>

SIQUEIRA, Carlos Eduardo, CASTRO, Hermano, ARAÚJO, Tânia Maria de. *A globalização dos movimentos sociais: resposta social à Globalização Corporativa Neoliberal*. In: Ciênc. saúde coletiva, 2003, v. 8, n. 4. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232003000400002&nrm=iso&lng=pt&tlng=pt>

TEJERINA, Benjamín et al. *O movimento pela justiça global na Espanha: ativistas, identidade e cartografia política da alterglobalização*. In: Soc. estado., abr. 2006, v. 21, n. 1. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922006000100004&lng=pt&nrm=iso>

TOSTES, Ana Paula. *Um casamento feliz: direito internacional e sociedade civil global na formação dos regimes internacionais*. In: Rev. Sociol. Polit., nov. 2006, n. 27. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782006000200006&lng=pt&nrm=iso>

Sítios na internet

Enciclopédia Eletrônica Wikipedia – Verbete para Socialismo, disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismo>>

Enciclopédia Eletrônica Wikipedia – Verbete para Sociedade Civil, disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Sociedade_civil>

Sítio “Mundo do Socialismo”, disponível em: <<http://www.moreira.pro.br/pagcent.htm>>

Instituto Rosa Luxemburgo, , disponível em: <<http://www.insrolux.org/>>

Sítio “Gramsci e o Brasil”, disponível em: <<http://www.acesa.com/gramsci/>>

Sítio “comunismo.com.br”, disponível em: <<http://www.comunismo.com.br/>>

Biblioteca Virtual História do Marxismo no Brasil, disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/marxismo/index.htm>>

Sítio “comunism.org”, disponível em: <<http://www.comunism.com/>>

Biblioteca Virtual de Autores Socialistas, disponível em: <<http://www.ucm.es/info/bas/es/marx-eng/>>

Biblioteca Virtual Revolucionária, disponível em: <<http://www.geocities.com/autonomiabvr/index.html>>

Sítio em inglês sobre a história do marxismo e dos movimentos operários “History Archive: a history of the revolutionary working class”, disponível em: <<http://marxists.org/history/>>

Sítio “World Socialist Movement”, disponível em: <<http://www.worldsocialism.org/index.php>>

Centro de Mídia Independente, disponível em: <<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/>>

Fórum Social Mundial, disponível em: <<http://www.forumsocialmundial.org.br/>>

Centros de Pesquisa

Centro de Estudos Marxistas/Unicamp, disponível em: <<http://www.unicamp.br/cemarx/>>

NEILS – Núcleo de Estudos de Ideologias e Lutas Sociais da PUC-SP, disponível em: <<http://www.pucsp.br/neils/>>



- NEG – Núcleo de Estudos da Globalização da Unesp, disponível em: <<http://globalization.cjb.net/>>
- IEA USP (Instituto de Estudos Avançados), disponível em: <<http://www.iea.usp.br/iea/>>
- IUPERJ – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política, disponível em: <<http://www.iuperj.br/>>
- Grupos de Pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco, disponível em: <<http://www.propesq.ufpe.br/propesq/pesquisa/grupo.html>>
- NEC – Núcleo de Estudos Contemporâneos da UFF, disponível em: <<http://www.historia.uff.br/nec/>>
- Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos, disponível em: <<http://www.cebela.org.br/>>
- CEBRAP (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento), disponível em: <<http://www.cebrap.org.br/index.asp>>
- NU-SOL Núcleo de Sociabilidade Libertária/PUC-SP, disponível em: <<http://www.nu-sol.org>>
- CEGeT – Centro de Estudos da Geografia do Trabalho da Unesp, disponível em: <<http://www2.prudente.unesp.br/CEGET/>>
- Fundação Espanhola de Estudos Libertários Anselmo Lorenzo (*Fundación de Estudios Libertarios Anselmo Lorenzo*), disponível em: <<http://www.cnt.es/fal/home.php>>
- Fundação Espanhola de Estudos Marxistas (*Fundación de Investigaciones Marxistas*), disponível em: <http://www.fim.org.es/01_01.php>
- REDEM – Rede de Estudos de Economia Mundial (*Red de Estudios de la Economía Mundial*), disponível em: <<http://www.redem.buap.mx/>>
- Centro de Estudos em Economia e Sociedade da Universidade de Cornell, EUA (*Center for the Study of Economy and Society*), disponível em: <<http://www.economyandsociety.org/contact.shtml>>
- Centro Argentino de Estudos Legais e Sociais (Centro de Estudios Legales y Sociales – CELS), disponível em: <http://www.cels.org.ar/Site_cels/index.html>
- Centro de Estudos Cubanos da Universidade de Tulane, EUA (*Cuban Studies Institute, Tulane University*), disponível em: <<http://cuba.tulane.edu>>
- Centro de Estudos Latino Americanos da Universidade de Harvard, EUA (*David Rockefeller Center for Latin American Studies, Harvard University*), disponível em: <<http://www.fas.harvard.edu/~drclas>>

Programa de Estudos Cubanos da Universidade de Georgetown (*Georgetown University Caribbean Project's Cuba Program*), disponível em: <<http://www.georgetown.edu/sfs/programs/clas/Caribe/Cuba.htm>>

Casa de Estudos do Socialismo, Peru (*Casa de estudios del Socialismo*), disponível em: <<http://www.yachay.com.pe/especiales/mariategui/SUR/index.htm>>

Centro de Estudos Chineses da Universidade de Berkeley, EUA (*Center for Chinese Studies, UC Berkeley*), disponível em: <<http://ieas.berkeley.edu/ccs/>>

GERM – Sítio em português do Grupo de Estudos sobre a Mundialização (*Groupe d'Etudes et de Recherche sur les Mondializations*), disponível em: <<http://www.mondialisations.org/php/public/liste.php?r=59>>

Centro de Estudos Russos da Universidade de Harvard, EUA (*Davis Center for Russian and Eurasian Studies at Harvard*), disponível em: <<http://daviscenter.fas.harvard.edu/>>

Centro de Estudos Russos da Universidade de Columbia, EUA (*The Harriman Institute*), disponível em: <<http://www.harrimaninstitute.org/about/mission.html>>

Centro de Estudos Russos da Universidade de Stanford, EUA, disponível em: <<http://www.stanford.edu/dept/CREES>>

Centro de Estudos Russos da Universidade de Georgetown, EUA, disponível em: <<http://www3.georgetown.edu/sfs/ceres/>>

Centro de Estudos da Sociedade Civil da London School of Economics, Inglaterra (*LSE Centre for Civil Society*), disponível em: <<http://www.lse.ac.uk/collections/CCS/>>

Filmes

Título: 1900

Título Original: Novecento

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 134 min.

Ano de Lançamento (Itália/Alemanha/França): 1976

Direção: Bernardo Bertolucci

Sinopse: O filme faz uma retrospectiva histórica da Itália desde o início do século XX até o término da II Guerra Mundial, com base na vida de Olmo, filho bastardo de camponeses, e Alfredo, herdeiro de uma rica família de latifundiários. Apesar da amizade desde a infância, a origem social fala mais alto e os coloca em pólos política e ideologicamente antagônicos.



Através da vida de Olmo e Alfredo, o filme retrata o intenso cenário político que marcou a Itália e o mundo nas primeiras décadas desse século, representado pelo fortalecimento das lutas trabalhistas ligadas ao socialismo em oposição à ascensão do fascismo.

“Novecento” tornou-se um épico aclamado no mundo inteiro, sendo considerado pela crítica internacional como uma das principais obras do grande cineasta italiano Bernardo Bertolucci.

(Fonte: <http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=170>)

Título: Pelle, O Conquistador

Título Original: Pelle Erobreren

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 158 min.

Ano de Lançamento: 1988

Direção: Bille August

Sinopse: O filme, baseado no livro de Martim Anderson Nexø intitulado Infância, retrata a luta de dois imigrantes suecos – pai e filho – que tentam a sorte na Dinamarca, no final do século XIX. Enfrentando a discriminação dos dinamarqueses, Pelle e seu envelhecido pai, conseguem apenas um emprego mal remunerado e péssimas acomodações numa fazenda, onde vivem um cotidiano freqüentemente cruel, num universo bizarro de camponeses, patrões e mulheres infelizes. O ator Pelle Hvenegaard – que tinha 13 anos à época – foi escolhido entre duas mil crianças. Seu nome coincide com o do personagem porque sua mãe leu o livro durante a gravidez. O filme recebeu tanto a Palma de Ouro em Cannes, quanto o Oscar de filme estrangeiro, feito antes só alcançado por Ran de Akira Kurosawa.

(Fonte: <http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=245>)

Título: A Classe Operária Vai ao Paraíso

Título Original: a Classe Operária va in: Paradiso

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 125 min.

Ano de Lançamento: 1971

Direção: Elio Petri

Sinopse: Lulu é um operário metalúrgico, que perde um dedo em acidente de trabalho e é envolvido em movimento de protesto. Descobre assim a vida sindical. Neste momento, Lulu divide-se entre as tentações da sociedade de consumo e as convocações da esquerda tradicional, numa radiografia do impasse ideológico de muitos trabalhadores. Ganhou o prêmio David di Donatello 1972 de melhor filme, além da Palma de Ouro no Festival de Cannes 1972.

(Fonte: http://www2.uol.com.br/mostra/30/p_exib_filme_355.shtml)

Título: Anna dos 6 aos 18

Título Original: Om 6 do 18

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 80 minutos

Ano de Lançamento (Rússia): 1993

Direção: Nikita Mikháلكov

Sinopse: Anna responde em várias ocasiões de sua vida, dos 6 aos 18 anos, às mesmas perguntas: O que mais ama? O que odeia mais? O que amedronta mais? O que você mais quer? Entre cada sessão de respostas, são mostrados fatos recentes da história da União Soviética, como a morte do presidente Leonid Brejnev, a visita de Kissinger ao país, a ascensão de Gorbachev e o fim da URSS.

(Fonte: <http://www.historia.uff.br/nec/vidcriseso.htm>)

Título: Daens – Um Grito de Justiça

Título Original: Daens

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 138 minutos

Ano de Lançamento (Bélgica, Holanda, França): 1992

Direção: Stijn Coninx

Sinopse: O filme é passado na virada do século, no norte da Bélgica, em plena Revolução Industrial. A história é desenvolvida em torno da vida dos trabalhadores de uma fábrica de tecidos, na cidade de Aalst. Naquele momento as pessoas estavam condenadas a um estado de miséria absoluta. A imagem da exploração de crianças e mulheres nas fábricas é o ponto alto da trama. A vida da sociedade local passa a ter uma nova direção com a chegada de Daens, um padre revolucionário que se muda para a cidade que se muda para a cidade e vai morar na casa de seu irmão jornalista.

(Fonte: http://www.video21.com.br/padrao.php?page=acervos_&res=935)

Título: Germinal

Título Original: Germinal

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 158 min.

Ano de Lançamento (França): 1993

Direção: Claude Berri

Sinopse: No Segundo Império, jovem desempregado desce ao inferno quando aceita emprego em mina. O cruel Chaval, o bondoso Toussaint Maheu e o amor de Catherine fazem parte de um cotidiano de miséria, maus-tratos, alcoolismo e uma rebelião que pode acabar em tragédia. Baseado na obra clássica de Émile Zola, é um retrato do cotidiano duro dos trabalhadores e de suas lutas contra as imposições muitas vezes desumanas do capital.

(Fonte: <http://www.planetaeducacao.com.br/novo/artigo.asp?artigo=54>)



Título: Os Miseráveis

Título Original: Les Misérables

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 131 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 1998

Direção: Billie August

Roteiro: Rafael Yglesias, baseado em livro de Victor Hugo

Sinopse: Baseado na obra homônima de Victor Hugo, destaca a situação social francesa no século XIX. Após cumprir 19 anos de prisão com trabalhos forçados por ter roubado comida, Jean Valjean (Liam Neeson) é acolhido por um gentil bispo (Peter Vaughan), que lhe dá comida e abrigo. Mas havia tanto rancor na sua alma que no meio da noite ele rouba a prataria e agride seu benfeitor, mas quando Valjean é preso pela polícia com toda aquela prata ele é levado até o bispo, que confirma a história de lhe ter dado a prataria e ainda pergunta por qual motivo ele esqueceu os castiçais, que devem valer pelo menos dois mil francos. Este gesto extremamente nobre do religioso devolve a fé que aquele homem amargurado tinha perdido. Após nove anos ele se torna prefeito e principal empresário em uma pequena cidade, mas sua paz acaba quando Javert (Geoffrey Rush), um guarda da prisão que segue a lei inflexivelmente, tem praticamente certeza de que o prefeito é o ex-prisioneiro que nunca se apresentou para cumprir as exigências do livramento condicional. A penalidade para esta falta é prisão perpétua, mas ele não consegue provar que o prefeito e Jean Valjean são a mesma pessoa. Neste meio tempo uma das empregadas de Valjean (que tem uma filha que é cuidada por terceiros) é despedida, se vê obrigada a se prostituir e é presa. Seu ex-padrão descobre o que acontecera, usa sua autoridade para libertá-la e a acolhe em sua casa, pois ela está muito doente. Sentindo que ela pode morrer ele promete cuidar da filha, mas antes de pegar a criança sente-se obrigado a revelar sua identidade para evitar que um prisioneiro, que acreditavam ser ele, não fosse preso no seu lugar. Deste momento em diante Javert volta a perseguí-lo, a mãe da menina morre mas sua filha é resgatada por Valjean, que foge com a menina enquanto é perseguido através dos anos pelo implacável Javert.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/miseraveis-98/miseraveis-98.asp>)

Título: O Encouraçado Potemkin

Título Original: Bronenosets Potyomkin

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 74 minutos

Ano de Lançamento (Rússia): 1925

Direção: Sergei Eisenstein

Roteiro: Nina Agadzhanova e Sergei Eisenstein

Sinopse: Em 1905, na Rússia czarista, aconteceu um levante que pressagiu a Revolução de 1917. Tudo começou no navio de guerra Potemkin quando os marinheiros estavam cansados de serem maltratados, sendo que até carne estragada lhes era dada com o médico de bordo

insistindo que ela era perfeitamente comestível. Alguns marinheiros se recusam em comer esta carne, então os oficiais do navio ordenam a execução deles. A tensão aumenta e, gradativamente, a situação sai cada vez mais do controle. Logo depois dos gatilhos serem apertados Vakulinchuk (Aleksandr Antonov), um marinheiro, grita para os soldados e pede para eles pensarem e decidirem se estão com os oficiais ou com os marinheiros. Os soldados hesitam e então abaixam suas armas. Louco de ódio, um oficial tenta agarrar um dos rifles e provoca uma revolta no navio, na qual o marinheiro é morto. Mas isto seria apenas o início de uma grande tragédia.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/encouracado-potemkin/encouracado-potemkin.htm>)

Título: Arca Russa

Título Original: Russkij Kovcheg

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 97 minutos

Ano de Lançamento (Rússia): 2002

Direção: Aleksandr Sokurov

Roteiro: Boris Khaimsky, Anatoli Nikiforov, Svetlana Proskurina e Aleksandr Sokurov

Sinopse: Nos dias atuais um cineasta é misteriosamente enviado ao museu Hermitage, em São Petersburgo, no ano de 1700. Lá ele encontra um diplomata francês do século XIX, com quem inicia uma jornada pela história da Rússia entre os séculos XVIII e XXI.

“Arca Russa” foi rodado em apenas um dia e em um plano-sequência único, que dura 97 minutos e atravessa 35 salas do museu Hermitage, de São Petersburgo.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/arca-russa/arca-russa.asp>)

Título: Milagre em Milão

Título Original: And Starring Pancho Villa as Himself

Gênero: Drama

Ano de Lançamento (Itália): 1951

Direção: Vittorio De Sica

Sinopse: Fábula clássica de Vittorio De Sica, premiada com a Palma de Ouro de Melhor Filme no Festival de Cinema de Cannes em 1951. Totò (Francesco Golisano) é um órfão que, quando bebê, foi descoberto por Dona Lolotta (Emma Gramatica) em sua horta. A generosa velhinha cria o menino em seu espírito de bondade e pureza de coração. Quando ela morre, Totò passa anos em um orfanato, de onde sai com o ímpeto irresistível de ajudar os miseráveis “sem-teto”, que vivem num terreno ocupado na periferia de Milão. Entretanto, após descobrirem petróleo no terreno, a felicidade dos moradores é ameaçada pelo proprietário (o milionário Mobbi), que manda a polícia evacuar o local. Em Miracolo a Milano, o milionário Mobbi (Guglielmo Bernabò) é apresentado como uma entidade totalitária, tecnocrática, anti-humana (ele usa



um “homem-barômetro” amarrado à fachada de seu palácio. Dois servidores devem soprar suas mãos na noite gelada. E ele comanda pessoalmente as operações de milícia contra os moradores de seus terrenos). Ora, quando tudo parece perdido, Totó recebe um presente dos céus: Lolotta, que se revela uma espécie de anjo-da-guarda do filho adotivo, deixa-lhe uma pomba com poderes milagrosos. “Milagre em Milão” marca o apogeu da parceria entre o roteirista Cesare Zavattini e o cineasta Vittorio De Sica, que juntos fizeram “Ladrões de Bicicleta”, “Umberto D”, “Vítimas da Tormenta”, entre outros filmes memoráveis. Neste filme, De Sica incorpora um caráter fantástico em seu estilo neo-realista. A música-tema original, de Alessandro Cicognini, é quase um hino dos “sem-teto”, proletários miseráveis, excluídos da riqueza social do mundo burguês.

(Fonte: <http://www.telacritica.org/letraM.htm#milagre>)

Título: Os Companheiros

Título Original: I Compagni

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 130 min.

Ano de Lançamento: 1963

Direção: Mario Monicelli

Sinopse: Professor percorre a Itália espalhando seu sonho de conscientização política e mobilização dos trabalhadores. Seu esforço culmina numa greve por redução da jornada e melhores salários.

(Fonte: http://cartamaior.uol.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=11300)

Título: Escândalo, Pavor e Chamas

Título Original: The Triangle Factory Fire Scandal

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 100 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 1979

Direção: Mel Stuart

Sinopse: Baseado no incêndio que, em 14 de março de 1911, matou 146 trabalhadoras de tecelagem em Nova York. A história começa a ser contada um dia antes do acidente, quando quatro mulheres relatam seus sonhos.

(Fonte: <http://www.historia.uff.br/nec/vidresist.htm>)

Título: Reds

Título Original: Reds

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 188 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 1981

Direção: Warren Beatty

Roteiro: Warren Beatty e Trevor Griffiths, baseado em livro de John Reed

Sinopse: Um pouco antes da I Guerra Mundial John Reed (Warren Beatty), um jornalista americano, conhece Louise Bryant (Diane Keaton), uma mulher casada, que larga o marido para ficar com Reed e se torna uma importante feminista. Eles se envolvem em disputas políticas e trabalhistas nos Estados Unidos, e vão para a Rússia a tempo de participarem da Revolução de outubro de 1917, quando os comunistas assumiram o poder. Este acontecimento inspira o casal, que volta aos Estados Unidos esperando liderar uma revolução semelhante. Trata-se da cinebiografia do jornalista americano John Reed que, juntamente com sua esposa, esteve presente na Revolução Russa de 1917 e sonhou em liderar uma revolução semelhante nos Estados Unidos. Dirigido e estrelado por Warren Beatty e com Diane Keaton, Jack Nicholson e Paul Sorvino no elenco. Vencedor de 3 Oscars.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/reds/reds.asp>)

Título: Câmera Olho – Réquiem a Lenin

Título Original: Tri Pesni o Lenine

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 62 minutos

Ano de Lançamento (Rússia): 1934

Direção: Dziga Vertov

Sinopse: Esta compilação dirigida pelo soviético Dziga Vertov, criador do “cinema-olho”, investiga o país do famoso Vladimir Ilich Lenin (1870-1924), em três filmes de curta-metragem que abordam sua vida, carreira política e a importância de sua figura na História. Mudo e em preto e branco.

(Fonte: http://www2.uol.com.br/menuinterativo/lancamentos_julho2001.htm)

Título: Stalin

Título Original: Stalin

Gênero: Drama

Ano de Lançamento (Hungria): 1992

Direção: Ivan Passer

Sinopse: A longa trajetória do ditador soviético Stalin, desde o princípio da Revolução Russa (1917) até sua morte em 1953. Exibição do terror político soviético e da personalidade cruel de Stalin. Ótima reconstituição histórica, cenas filmadas no Kremlin.

(Fonte: <http://www.sobenh.org.br/filmes.htm>)

Título: Greve

Título Original: Statchka

Gênero: Drama

Ano de Lançamento (Rússia): 1924



Direção: Sergei Eisenstein

Sinopse: A ação desenrola-se numa das maiores fábricas da Rússia czarista. Tudo parece calmo: os operários trabalham, a burguesia goza de uma vida rica em prazeres; mas, essa serenidade é só aparente: os contra-mestres percebem que, entre os operários, há uma agitação dissimulada e comunicam à direção da fábrica. A direção por sua vez avisa à polícia. Os espiões infiltram-se na fábrica e na vila operária.

Apelos à luta são lançados pelo comitê. O suicídio de um operário, injustamente acusado pela direção de ter roubado documentos, marca o início da greve. Os operários deixam as fábricas, as máquinas param. Organiza-se uma concentração na floresta. Uma ofensiva da guarda montada fracassa. Ao saber da recusa da administração em satisfazer as reivindicações dos operários, o comitê decide continuar a greve. A polícia incendeia o depósito de vinhos, certa de que os operários esfomeados irão saqueá-lo, o que serviria de pretexto para represálias; entretanto, o plano não funciona.

(Fonte: <http://72.14.209.104/search?q=cache:0n8OcACkhi8J:www.klepsidra.net/klepsidra9/eisenstein.rtf+stalin+filme+ficha&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=1&gl=br>)

Título: Outubro – Dez Dia que Abalaram o Mundo

Título Original: Oktibr – Dessiat Dnei Kotoye Potriasli Mir

Gênero: Drama

Ano de Lançamento (Rússia): 1928

Direção: Sergei Eisenstein e G. Alexandrov

Sinopse: Fevereiro de 1927. Ruiu a autocracia. A estátua de Alexandre III é derrubada. A burguesia, que tomou o poder, canta vitória. Nas igrejas, os sacerdotes desejam êxito ao Governo Provisório. Os soldados russos e alemães fraternizam na frente. Mas os mencheviques e os socialistas-revolucionários atraíam o povo: comprometem-se a continuar a guerra até a vitória final. Reinam a fome e o frio em Petrogrado. Perto da “Estação da Finlândia”, Lênin, de volta, faz um discurso caloroso aos operários, soldados e marinheiros, os quais vieram ao seu encontro.

Em julho, operários, soldados e marinheiros concentram-se muito perto do quartel general dos bolcheviques, situado no palácio Kzesinska. A concentração transforma-se em manifestação. Os alunos da escola militar atiram contra os manifestantes desarmados. A fim de isolar os bairros operários, o Governo Provisório ordena que se levantem as pontes sobre o rio Nêva. A redação do jornal “Pravda” é saqueada, os números recém impressos jogados ao rio. Os bolcheviques são obrigados a entrar na ilegalidade. O ídolo da burguesia, Kerenski, sobe as escadas do Palácio de Inverno, a residência dos tzares e, diante do busto de Napoleão, assume a pose do imperador e general francês. O proletariado de Petrogrado prepara as defesas da cidade contra o ataque do general Kornilov, que se rebelou contra o governo provisório. Os operários armam-se; estão prontos. A aventura de Kornilov acabou-se. Os grandes dias de outubro aproximam-se. Destacamento de insurrectos vão do Estado-Maior da Revolução até o Palácio de Inverno para assaltar o último baluarte da burguesia. Os Cossacos, os alunos das

escolas militares e as mulheres-soldados do “batalhão da morte” defendem o palácio. Durante o assalto, abre-se o Segundo Congresso dos Sovietes. Os delegados chegaram de todos os pontos do país. Os ministros do Governo Provisório, abandonados pelo Primeiro Ministro Kerenski, além de apavorados, dispersam-se. De noite, os agitadores de Smolni penetram no Palácio a fim de convencer os Cossacos a aderir à Revolução. Os destacamentos de operários e soldados levam o combate até os apartamentos dos tzares. Com um sorriso irônico nos lábios, um soldado examina a riqueza do quarto do Tzar, onde, há poucas horas, Kerenski dormia. Os ministros de Kerenski são presos. O poder passa para os soviets.

(Fonte: <http://72.14.209.104/search?q=cache:0n8OcACkhi8J:www.klepsidra.net/klepsidra9/eisenstein.rtf+stalin+filme+ficha&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=1&gl=br>)

Título: Diários de Motocicleta

Título Original: The Motorcycle Diaries

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 128 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 2004

Direção: Walter Salles

Roteiro: Jose Rivera, baseado nos livros de Che Guevara e Alberto Granado

Sinopse: A viagem do jovem Che Guevara pela América do Sul, antes de se tornar um dos ícones da Revolução Cubana.

Che Guevara (Gael García Bernal) é um jovem estudante de Medicina quando, em 1952, decide viajar pela América do Sul com seu amigo Alberto Granado (Rodrigo de la Serna). A viagem é realizada em uma moto, que acaba quebrando após 8 meses. Eles então passam a seguir viagem através de caronas e caminhadas, sempre conhecendo novos lugares. Porém, quando chegam a Machu Pichu, a dupla conhece uma colônia de leprosos e passam a questionar a validade do progresso econômico da região, que privilegia apenas uma pequena parte da população.

Retrato delicado da triste condição comum que se impõe sobre todos os que ficam à margem da prosperidade capitalista e explica a união mundial em torno da busca por uma sociedade mais igualitária.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/diarios-de-motocicleta/diarios-de-motocicleta.asp>)

Título: F.I.S.T.

Título Original: F.I.S.T.

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 146 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 1978

Direção: Norman Jewison

Roteiro: Joe Eszterhas e Sylvester Stallone, baseado em estória de Joe Eszterhas



Sinopse: Cleveland, 1937. Durante o começo do movimento operário o idealista Johnny Kovak (Sylvester Stallone) descarrega carga para a companhia de caminhões Consolidated, de Win Talbot (Henry Wilcoxon). Após um quase início de greve, pois os operários eram tratados de forma bem injusta, Kovak acreditou ter feito um acordo, mas no dia seguinte tanto ele quando seu grande amigo Abe Belkin (David Huffman) foram demitidos. Mike Monahan (Richard Herd), um representante do Sindicato Interestadual dos Caminhoneiros (Federation Interstate Truckers – F.I.S.T.) fala com Kovak e lhe diz que precisa de pessoas como ele para conseguir que caminhoneiros se filiem ao sindicato. Após relutar, Kovak e Belkin resolvem aceitar o desafio. Quando uma greve pacífica estava sendo feita na porta da Consolidated, Talbot ordena que a “segurança” entre em ação e Monahan acaba sendo morto. Vendo que só teria chance se revidasse, Kovak se envolve com Vince Doyle (Kevin Conway), um gângster local, que fornece capangas para poder revidar os ataques vindo dos homens de Talbot. Kovak consegue então dobrar a resistência da empresa e obtém várias reivindicações trabalhistas. Em razão do apoio da quadrilha de Doyle, o sindicato fica mais rico e poderoso, com Johnny tendo cada vez mais poder. Esta ascensão chega ao ápice no fim dos anos 50, quando são descobertas irregularidades nas contas de Max Graham (Peter Boyle), o presidente nacional do sindicato. Kovak força a renúncia dele e se torna o presidente, mas o senador Andrew Madison (Rod Steiger), que preside uma comissão contra a corrupção, está de olho em nele. (Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/fist/fist.asp>)

Título: A Terra Treme

Título Original: Terra trema: Episodio del mare, La, 1948

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 152 minutos

Ano de Lançamento (Itália): 1948

Direção: Luchino Visconti

Sinopse: Jovem pescador se revolta contra a exploração de seus superiores e decide trabalhar por contra própria. Porém, com esta decisão, ele vai enfrentar um império, ao mesmo tempo em que se depara com as dificuldades de uma realidade ainda mais dura.

(Fonte: <http://www.cineplayers.com/filme.php?id=1537>)

Título: Domingo Sangrento

Título Original: Bloody Sunday

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 107 minutos

Ano de Lançamento (Inglaterra): 2001

Direção: Paul Greengrass

Roteiro: Paul Greengrass, baseado em livro de Don Mullan

Sinopse: O dia é 30 de janeiro de 1972. Na cidade de Derry, na Irlanda do Norte, os cidadãos saem em passeata pelos direitos humanos. Sem motivo aparente, soldados britânicos atiram

e matam 13 pessoas desarmadas e, a princípio, sem qualquer conexão com o IRA, o grupo que luta pela libertação da Irlanda do Norte. Esse episódio é conhecido como Domingo Sangrento e marca o começo do conflito que transformou-se em guerra civil, com muitos atos de violência e terrorismo. O filme acompanha, em estilo seco e realista, a vida de quatro homens envolvidos em ambos os lados do conflito.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/domingo-sangrento/domingo-sangrento.asp>)

Título: Norma Rae

Título Original: Norma Rae

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 114 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 1979

Direção: Martin Ritt

Roteiro: Harriet Frank Jr. e Irving Ravetch

Sinopse: Verão de 1978. Em Hinleyville, uma pequena cidade sulista, a maioria da classe operária trabalha em uma indústria têxtil, cujas condições de trabalho são intoleráveis. Lá também trabalha Norma Rae (Sally Field), uma mãe solteira que vive com os pais, que também são operários da fábrica. De repente vindo de Nova York chega Reuben Warshowsky (Ron Leibman), um sindicalista que, ao tentar arrumar um quarto em uma família de tecelões, conhece Vernon Witchard (Pat Hingle), o pai de Norma. Vernon trata Reuben de forma grosseira, assim como a maioria da cidade, mas isto não o impede de dizer que Vernon é mal pago e está sendo muito explorado. Esta discussão foi vista por Norma, que não dá importância. Logo eles se veriam novamente, primeiro quando ela encontra Reuben se hospedando no motel, onde ela foi se encontrar com um namorado, e logo depois quando Reuben a socorre após ela ter sido agredida, por ter terminado o relacionamento. Deste momento em diante surge entre os dois uma amizade que cresce com o engajamento de Norma na luta sindical, que se inicia quando ouve um discurso de Reuben mostrando as vantagens de serem sindicalizados. Paralelamente se casa com Sonny Webster (Beau Bridges), que entende Norma lutar pela criação do sindicato mas isto o deixa inseguro, pois ela passa muito tempo com Reuben.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/norma-rae/norma-rae.asp>)

Título: Luta Desiciva

Título Original: The Big Man

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 116 minutos

Ano de Lançamento (EUA / Escócia / Inglaterra): 1990

Direção: David Leland

Roteiro: Don MacPherson, baseado em livro de William McIlvanney



Sinopse: Durante uma greve um mineiro escocês, Danny Scoular (Liam Neeson), que sempre teve uma reputação inabalada, é preso como agitador e tem seu nome colocado em uma “lista negra”. Desta forma não consegue arrumar emprego, mas o fato de ser sustentado pela mulher, Beth (Joanne Whalley), o deixa constrangido. Ele recebe um convite de um desconhecido muito rico, que oferece muito dinheiro para que ele participe de uma luta ilegal, na qual os lutadores não usam luvas e a luta só termina quando apenas um deles permanece em pé. Danny aceita o convite, apesar disto provocar uma crise no seu casamento. A greve retratada no filme ocorre em 1984 e é exemplo dos reflexos da política econômica do governo de Margaret Thatcher. (Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/luta-decisiva/luta-decisiva.asp>)

Título Original: Braços Cruzados, Máquinas Paradas

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 76 min.

Ano de Lançamento: 1979

Direção: Roberto Gervitz, Sérgio Toledo

Sinopse: Trata da estrutura sindical brasileira, com trechos de filmes da época em que foi criado o Estado Novo. Mostra a campanha eleitoral das três chapas que disputam, em maio de 1978, a diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo e as greves que eclodem durante a campanha sindical. Discute o movimento grevista, seu enquadramento na Legislação Sindical vigente, as propostas das chapas em disputa, bem como as reações dos setores governamentais e empresariais ao movimento. Documenta as eleições sindicais e seu desfecho, com a vitória da chapa da situação. Paralelamente à ação dos metalúrgicos mostra o surgimento de outras manifestações populares como a do Movimento do Custo de Vida, em setembro de 1978. Se encerra com a greve geral dos metalúrgicos paulistas ocorrida em novembro daquele ano. (Fonte: http://www.fundacaoastrojildo.org.br/filmes/filmes_abrir.asp?cod_filme=211)

Título Original: Peões

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 85 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2004

Direção: Eduardo Coutinho

Sinopse: A história pessoal de trabalhadores da indústria metalúrgica do ABC paulista que tomaram parte no movimento grevista de 1979 e 1980, mas permaneceram em relativo anonimato. Eles falam de suas origens, de sua participação no movimento e dos caminhos que suas vidas trilharam desde então. Exibem souvenirs das greves, recordam os sofrimentos e recompensas do trabalho nas fábricas, comentam o efeito da militância política no âmbito familiar, dão sua visão pessoal de Lula e dos rumos do país.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/peoes/peoes.htm>)

Título: El Salvador: o martírio de um povo

Título Original: Salvador

Gênero: Drama

Ano de Lançamento (EUA): 1986

Direção: Alex Cox

Sinopse: A experiência de um jornalista (Richard Boyle) nos EUA durante a guerra civil em El Salvador em 1980/81. Bastante fiel aos fatos, mostrando como o povo era tratado pelo regime militar do país: os direitos humanos não eram respeitados e crianças, mulheres e clérigos eram assassinados sem a menor cerimônia e com total impunidade. As imagens mostram um povo sem direitos e permite discutir o papel das elites terceiro-mundistas na manutenção do atraso econômico, político e social.

(Fonte: <http://209.85.165.104/search?q=cache:tMpx28zHsKYJ:www.rc.unesp.br/igce/grad/geografia/revista/numero%25207/eg0401rc.pdf+%22Walker,+Uma+Aventura+na+Nicar%C3%A1gua%22&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=2&gl=br>)

Título: Edukators

Título Original: Die Fetten Jahre Sind Vorbei

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 126 minutos

Ano de Lançamento (Alemanha): 2004

Direção: Hans Weingartner

Roteiro: Katharina Held e Hans Weingartner

Sinopse: Jan (Daniel Brühl) e Peter (Stipe Erceg) são dois jovens que acreditam que podem mudar o mundo. Eles se auto-denominam “Os Educadores”, rebeldes contemporâneos que expressam sua indignação contra o capitalismo e o sistema político que acompanha seus ciclos de forma pacífica: eles invadem mansões, trocam móveis e objetos de lugar e espalham mensagens de protesto. Jule (Julia Jentsch) é a namorada de Peter, que está passando por problemas financeiros e, por causa deles, está saindo de seu apartamento alugado. Tempos atrás Jule se envolveu em um acidente de carro, que destruiu o carro de um rico empresário. Condenada pela justiça, ela precisa pagar um novo carro no valor de 100 mil euros, o que praticamente faz com que trabalhe apenas para pagar a dívida que possui. Como Peter viaja para Barcelona, Jan vai ajudá-la na mudança. Eles se conhecem melhor e Jan termina por contar a ela a verdade sobre os Educadores. Empolgada com a notícia, Jule insiste que ela e Jan invadam a casa de Hardenberg (Burghart Kloubner), o empresário que a processou. Após uma certa resistência, Jan concorda. Na casa eles agem como os Educadores, mudando os móveis de lugar, mas cometem um grave erro: Jule esquece no local seu celular. No dia seguinte, com Peter já tendo retornado da viagem mas sem saber do ocorrido, Jan e Jule decidem invadir novamente a casa de Hardenberg, para recuperar o celular. Porém o que eles não esperavam era que o empresário os surpreendesse dentro da casa, o que os força a sequestrá-lo.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/educadores/educadores.htm>)



Título: O Que Você Faria?

Título Original: El Método

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 115 minutos

Ano de Lançamento (Argentina / Espanha / Itália): 2005

Direção: Marcelo Piñeyro

Roteiro: Mateo Gil e Marcelo Piñeyro, baseado em peça teatral de Jordi Galcerán

Sinopse: Sete executivos disputam uma única vaga em uma empresa. Eles chegam para o teste de seleção no mesmo dia em que Madri é movimentada devido a marchas de protesto contra a globalização e a política monetária do FMI, que realiza sua reunião no mesmo prédio em que estão. Logo os candidatos são informados que serão submetidos a uma seleção diferente, chamada de Método Grönholm. Nele o grupo é deixado a sós em uma sala, sendo promovidos vários testes via computador que têm por objetivo analisar a interação entre eles. De início todos acreditam ter.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/o-que-voce-faria/o-que-voce-faria.asp>)

Título: Uma Verdade Inconveniente

Título Original: An Inconvenient Truth

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 100 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 2006

Direção: Davis Guggenheim

Sinopse: O ex-vice-presidente dos Estados Unidos Al Gore apresenta uma análise da questão do aquecimento global, mostrando os mitos e equívocos existentes em torno do tema e também possíveis saídas para que o planeta não passe por uma catástrofe climática nas próximas décadas.

O filme é exemplo emblemático da discussão mundial a respeito do aquecimento global e dos impactos da ação humana sobre o meio ambiente. Trata-se de um excelente exemplo dos temas que figuram atualmente na pauta da sociedade civil global.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/verdade-inconveniente/verdade-inconveniente.asp>)

Título: Essa é a Cara da Democracia

Título Original: This Is Democracy

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 72 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 2000

Produção: Big Noise Filmes e CMI

Sinopse: Essa é a Cara da Democracia é um documentário de 72 minutos mostrando os protestos contra a reunião da Organização Mundial do Comércio (OMC) em Seattle (EUA) em 1999. Com

material coletado com mais de 100 ativistas midiáticos diferentes. O filme é uma co-produção da Big Noise Films com o CMI – Seattle.

(Fonte: <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2003/05/253933.shtml>)

Programas de TV

Programa Roda Viva – TV Cultura:

Entrevista com Edgard Morin, renomado sociólogo, antropólogo, filósofo e historiador: 18/12/2000, disponível em: <<http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/resultado.asp?programa=732>>

Entrevista com Lester Salamon, Diretor do Centro de Estudos sobre Sociedade Civil da Universidade Johns Hopkins, EUA: 03/03/2003, disponível em: <<http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/resultado.asp?programa=838>>

Programa especial sobre Aquecimento Global: 12/02/2007, disponível em: <<http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/resultado.asp?programa=1048>>

Entrevista com Toni Negri, cientista social e filósofo italiano dedicado ao estudo da esquerda no mundo globalizado: 15/12/2003, disponível em: <<http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/resultado.asp?programa=879>>

Músicas

Canção *O Mundo*, Zeca Baleiro.

Canção *Canção do Partisan*, Coro do Exército Vermelho.

Canção *Geração Coca-Cola*, Legião Urbana.

Canção *A Internacional*, Pierre Degeyter.

Canção *O Eterno Deus Mudança*, Gilberto Gil.

Canção *Somos Todos Iguais*, Elza Soares.

Canção *Coração Civil*, Milton Nascimento.



LINHA DO TEMPO

Século XIX:

- 1848** – Lançamento do Manifesto Comunista.
- 1864** – Fundação da I Internacional.
- 1871** – Comuna de Paris.
- 1876** – Último congresso da I Internacional.
- 1889** – Fundação da II Internacional.

Século XX:

- 1905** – Criação da Secretaria Geral da II Internacional.
- 1914** – Início da I Guerra Mundial e fim da II Internacional.
- 1915** – Reunião de Zimmerwald.
- 1917** – Revolução Russa.
- 1918** – Fim da I Guerra Mundial.
- 1918** – Tentativas revolucionárias na Europa.
- 1918** – Fundação dos primeiros partidos comunistas europeus.
- 1919** – Congresso Socialista em Berna.
- 1919** – Fundação do Comintern (III Internacional) em Moscou.
- 1920** – Congresso Socialista de Viena.
- 1923** – Fim da guerra civil na URSS.
- 1924** – Teoria do desenvolvimento do socialismo em um só país.
- 1924** – Política de Frente Única dos PCs.

- 1924-1925** – Fundação das Centrais Sindicais Mundiais (CISC, Internacional Vermelha e Internacional de Amsterdã).
- 1929** – Crise econômica mundial.
- 1933** – Hitler assume poder na Alemanha.
- 1935** – Política de Frente Popular dos PCs.
- 1939** – Assinatura do pacto de Não-Agressão entre URSS e Alemanha.
- 1939** – Início da II Guerra Mundial.
- 1942** – Ataque japonês à Pearl Harbor e EUA entram na guerra.
- 1942** – Derrota alemã em Stalingrado.
- 1943** – Fim da III Internacional.
- 1945** – Rendição alemã (maio) e japonesa (agosto).
- 1944** – Criação do FMI e Bird.
- 1945** – Criação da ONU.
- 1945** – Fundação da Federação Sindical Mundial (FSM).
- 1947** – Início da Guerra Fria.
- 1947** – Criação do Cominform.
- 1948** – Criação do GATT.
- 1948** – Fundação da CIOSL.
- 1949** – Revolução chinesa.
- 1951** – Fundação da Internacional Socialista.
- 1955** – Conferência de Bandung.
- 1959** – Revolução cubana.
- 1961** – I Conferência do Movimento dos Países Não-Alinhados.
- 1968** – CISC muda nome para Confederação Mundial do Trabalho (CMT).
- 1968** – “Era da Revolta”.
- 1968** – Primavera de Praga.
- 1975** – Fim da Guerra do Vietnã.
- 1979** – Eleição de Margareth Thacher e Ronald Reagan.



- 1989** – Queda do Muro de Berlim.
- 1990** – Fundação do Foro de São Paulo.
- 1998** – Criação da Aliança Social Continental.
- 1999** – Conferência da OMC em Seattle – EUA.

Século XXI:

- 2001** – Primeiro Fórum Social Mundial.
- 2001** – Conferência do G-8 em Gênova.
- 2006** – Unificação da CIOSL com CMT e criação da CSI.

AULA 3 RESENHA

Este texto procura sintetizar inicialmente as principais formulações teóricas sobre o processo de desenvolvimento socioeconômico. Num segundo momento, e aproveitando-se dos demais textos produzidos neste e nos demais módulos, o texto elenca um conjunto de constrangimentos que hoje devem ser enfrentados para se lograr a ampliação do potencial econômico, social e político do país, juntamente com a redução expressiva das desigualdades sociais e regionais. A partir de então, pode-se pensar numa pauta de temas que deveriam figurar em qualquer projeto de desenvolvimento nacional.



AULA 3

OS SOCIALISTAS E O DESAFIO DO DESENVOLVIMENTO BRASILEIRO

Alexandre de Freitas Barbosa

Os dilemas do desenvolvimento no Brasil atual

- ▶ **A) Principais desafios para o desenvolvimento brasileiro:**
 - ⊙ Situação macroeconômica instável
 - ⊙ Estrutura produtiva heterogênea e subdesenvolvida
 - ⊙ Vários níveis de exclusão social
 - ⊙ Desigualdades regionais abissais
 - ⊙ Privatização do Estado e individualismo congênito: ausência de projeto nacional
- ▶ **B) Estes problemas nos acompanham desde a Colônia, permearam nosso processo de industrialização e foram agravados durante os anos noventa, expressando-se atualmente sob novas formas.**

Depois de abordar diversos temas como ética e democracia, as instituições e o pensamento político brasileiro, a formação histórica do capitalismo, os conceitos de subdesenvolvimento e imperialismo, a evolução da economia brasileira, as várias visões do socialismo historicamente e nos dias de hoje e a atuação dos socialistas na luta pelos direitos humanos, sociais e do trabalho, bem como a sua atuação

no plano internacional, é chegada a hora de esmiuçar os desafios que temos pela frente ao encarar o problema do desenvolvimento no Brasil.

Este texto, ao invés de dar respostas ou de apontar receitas, procura abordar cinco dimensões da vida coletiva que devem ser compreendidas de forma crítica, antes de se

formular uma estratégia transformadora para o Brasil de hoje. São elas: a situação macroeconômica do país, os dilemas de nossa inserção externa, a dívida social, a questão das desigualdades regionais e os impasses da política e do Estado Nacional.

De um lado, não estamos falando de problemas recentes, já que eles nos acompanham desde a colônia, passando pela nação independente e pelo período de industrialização. Mas também é verdade que hoje eles aparecem, de forma ainda mais aguçada, e sob novas facetas.

Ou seja, as nossas desigualdades internas e a nossa inserção externa passiva são ambas

derivadas de um processo de acúmulo histórico, onde as mesmas não foram superadas, tendo sido profundamente agravadas durante a década de noventa. Chegamos então a um ponto morto, onde olhar para as potencialidades do nosso futuro como nação justa e digna torna-se um imperativo, sob pena de perdermos inclusive a originalidade cultural que fomos capazes de criar.

Utilizaremos como apoio as contribuições de Caio Prado Jr., Celso Furtado, Darcy Ribeiro, Florestan Fernandes, José de Souza Martins, Roberto Schwarz, Milton Santos, Carlos Lessa e Tânia Bacelar para discutir os desafios do desenvolvimento brasileiro.

O problema da colonização cultural

É preciso superar a colonização cultural

- ▶ Importação de idéias sem adaptação ao nosso contexto social: tradição brasileira
- ▶ Mimetismo das elites: a importação cultural é reflexo da desigualdade e um traço das elites descomprometidas com o “povo”
- ▶ Mudança nos anos 30: busca da essência nacional ou análise crítica da especificidade do nosso capitalismo
- ▶ Nacionalismo: não significa recusa ao que é estrangeiro, mas atendimento às nossas carências sociais
- ▶ Necessidade de um pensamento crítico que destrinche as nossas contradições e aponte para um projeto nacional.



O primeiro desafio, e que condiciona todos os demais, refere-se à nossa capacidade de nos pensarmos enquanto nação de forma original e não preconceituosa. Refletir sobre a realidade social, não se alijando dela, antes procurando transformá-la por dentro. Esta atitude mental precede qualquer análise sobre os dilemas do mundo “real”.

Celso Furtado nos relata, informado por Gilberto Freyre, como no século XIX fomos colonizados por padrões de consumos, idéias e tecnologias de outras terras. O chique era falar francês, se vestir e pensar à francesa. O Brasil desconhecia o Brasil. Mas este desconhecimento não era gratuito, funcionando como forma de prolongar a desigualdade.

Esta tendência do mimetismo das elites também seria flagrada por Sérgio Buarque de Holanda. O autor se perguntava se a confiança no poder milagroso das idéias importadas não revelaria “um secreto horror à nossa realidade”. As idéias serviriam como fachada para acomodar os privilégios das elites. Os incompatíveis – liberalismo e escravidão – sairiam de mão dadas, e a ideologia aqui sequer buscava esconder. O disparate mostrava-se evidente. O problema era os “outros”, os que não se encaixavam. Invertamos o olhar e o problema passa a ser justamente as nossas elites, mas não somente.

No século XIX, após a Independência, o povo estaria à margem. Libertos, ex-escravos e homens livres pobres, a maioria deles mestiços, viviam à míngua, à sombra de favores, em busca de pequenos trocados. Preservaram-se, contudo, as raízes não-européias de nossa cultura, criadora de uma ocidentalidade própria.

Após a Revolução de 1930, os intelectuais “subiriam o morro” para reencontrar o povo. Muitos iriam glorificá-lo, mal escondendo outras formas de preconceito e de dominação. Mas o Brasil passaria a ser pensado com seus próprios olhos, a partir de seus próprios problemas, utilizando os esquemas teóricos fornecidos pelas ciências sociais. Alguns veriam uma essência ou caráter nacional, enquanto outros veriam um país que faz parte da civilização ocidental e que sempre esteve vinculado ao sistema capitalista internacional, mas que dotado de caminho próprio, seria capaz de fazer as suas próprias escolhas.

Ao escrever a introdução do Censo de 1920, Oliveira Vianna antecipava este novo estado intelectual: era preciso “estudar a origem e a evolução do nosso povo”. E concluía, “se a nossa evolução coincidir com as leis gerais, tanto melhor para a ciência e para nós; se não, ficaríamos, pelo menos, conhecendo-nos a nós mesmos”. Por mais que estivesse preso à suposta objetividade positivista, e hoje seja enquadrado como um dos teóricos

do pensamento político autoritário brasileiro, esta postura “curiosa” contaminaria vários autores após os anos trinta.

Gilberto Freyre, no prefácio à 1ª edição de *Casa Grande & Senzala*, falaria sobre a sua dedicação ao Brasil: “era como se tudo dependesse de mim e dos de minha geração; da nossa maneira de resolver questões seculares”. Celso Furtado menciona num de seus livros autobiográficos que a sua maior obsessão era entender a nossa diferença com os Estados Unidos: “porque eles progrediram e nós ainda lidamos com o nosso atraso”.

Da mesma maneira, Caio Prado Jr. criticaria a assimilação do marxismo no Brasil, sob o signo da abstração, procurando-se apenas posteriormente encaixar nos conceitos gerais a realidade concreta. A partir deste “empirismo das improvisações”, formaram-se “verdadeiras ficções”, completamente isoladas da realidade brasileira, a ponto de pregar a destruição dos “resquícios” feudais e a defesa de uma “revolução democrático-burguesa” nos moldes europeus.

Para o historiador paulista, fazia-se necessária uma revolução genuinamente brasileira que pudesse, a partir da análise das nossas contradições, levar a uma melhoria da organização e das condições de vida da massa

trabalhadora no campo e nas cidades. Outros autores como Florestan Fernandes e Darcy Ribeiro veriam a subordinação cultural como uma forma de manter a estrutura hierárquica de classes e as distâncias sociais.

A classe trabalhadora seria vista pelas elites como massa de manobra, como mera força bruta, não possuindo potencial criativo e nem merecendo se constituir, a partir de uma educação pública e republicana, como agente dotado de cidadania.

A modernização implicava, desta forma, importação de valores culturais ocidentais. O povo era visto como símbolo e causa do nosso atraso. O homem de nossa classe dominante surge “como um enfermo de desigualdade”, no dizer de Darcy Ribeiro.

Aqui o liberalismo, a democracia e o desenvolvimentismo muitas vezes se pervertem para se adequar aos interesses e privilégios de uma classe burguesa anti-republicana. Mas são idéias que se pervertem ou será que o caráter imutável da sociedade brasileira é que faz com que aflore esta sensação de desajuste entre as idéias e o real? Como aponta Roberto Schwarz, não seria a cópia a causa do problema, mas consequência de desigualdades brutais, fazendo com que as elites busquem



os seus referenciais lá fora, de forma a fugir do “Brasil profundo”.

Neste caso, as idéias estão fora do lugar, alheias à nossa realidade, ou servem apenas para atenuar críticas e fazer com que pareçamos modernos, mudando na forma sem superar as nossas contradições essenciais? Elas não são inúteis nem apenas postiças, interagindo com a nova realidade de que fazem parte, depois de internalizadas, inclusive encarnando movimentos sociais e culturais em torno dos seus princípios.

Aliás, não nos esqueçamos que o próprio nacionalismo é importado. Não se trata de rejeitar a cópia e o que é estrangeiro, o que seria impossível e até mesmo fora de propósito. O nacional não chega por subtração do que é estrangeiro, como certa vez afirmou o crítico literário Roberto Schwarz. Trata-se de desenvolver o potencial nacional, dentro de um sistema internacional de poder onde a cultura e a economia possuem um papel estratégico. E não qualquer potencial nacional, pois

este deve dialogar com a classe trabalhadora e os excluídos sociais, com apoio de outros segmentos sociais, podendo o Estado cumprir um papel positivo e renovador.

Mas e a globalização, não teria fechado as possibilidades a esta alternativa? Invertamos o raciocínio: se não definirmos nossas metas nacionais, jamais saberemos o nosso papel nesta nova ordem internacional.

Pensar criticamente e de forma original não significa ler apenas autores brasileiros e ver qualquer idéia não formulada aqui como estrangeira. Os direitos humanos e o combate à discriminação racial e de gênero, o próprio socialismo não surgiram aqui, e nem por isto devem ser vistas como idéias estrangeiras, no sentido de alheias a nossa realidade, não é mesmo? O essencial é aplicar idéias novas e velhas, nacionais e estrangeiras, que sirvam para atenuar os abismos sociais que impedem o Brasil de caminhar no sentido de uma maior autonomia no seu destino como nação.

Situação macroeconômica

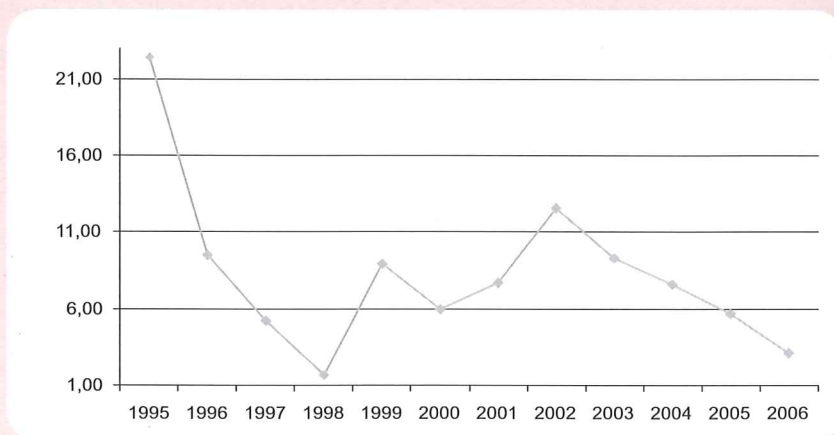
- ▶ Desde 1994, estabilização da inflação
- ▶ Estabilidade monetária, mas não econômica
- ▶ Brasil cresce bem abaixo da média mundial e latino-americana
- ▶ Isto porque a taxa de investimento não cresce

- ▶ Já estão não cresce pelos juros altos e pelo modelo de abertura econômica
- ▶ Não se trata de fechar a economia brasileira
- ▶ Também só reduzir os juros não resolverá todos os problemas

Vejam os indicadores macroeconômicos brasileiros do período recente. Eles chegam tão-somente à superfície do problema, mas nem por isso devem ser desconsiderados. O Brasil logrou estabilizar a inflação em níveis baixos, inferiores a 6%, depois de

2005. Desde 1996, a única vez que a inflação superou a cada dos 10% foi no ano de 2002, depois de uma forte desvalorização da moeda (Gráfico 1). Trata-se, de fato, de um avanço, já que a inflação elevada corrói a renda dos mais pobres.

GRÁFICO 1 – Taxa de inflação no Brasil de 1995 a 2006 (em %)



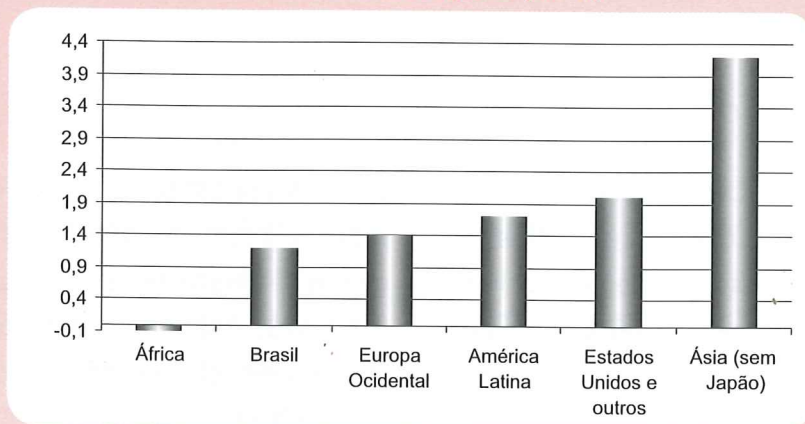
Fonte: Bacen.

Mas olhemos agora o crescimento econômico. O Brasil depois de ter sido a economia que mais cresceu entre 1930 e 1980, passou a crescer depois de então no máximo no mesmo ritmo que a média mundial. De 1990 a 2006, a taxa média de crescimento do PIB foi de 2,5% ao ano, apenas pouco à frente do cres-

cimento populacional, de 1,4% ao ano. Aliás, durante os anos noventa, o crescimento do PIB per capita no Brasil ficou abaixo da média latino-americana e dos países desenvolvidos. “Ganhou” apenas da África, que experimentou uma queda do PIB per capita no período (Gráfico 2).



GRÁFICO 2 – Evolução do PIB per capita (média anual) nos anos 1990
Brasil e outras Regiões (em %)



Fonte: Cepal e IBGE.

Trata-se efetivamente de um problema. Uma nação só pode gerar emprego e incrementar o montante investido em infra-estrutura, saneamento básico e políticas sociais – geralmente realizado com o apoio do setor público – se crescer de forma dinâmica. Para tanto, a taxa de investimento deve crescer, ampliando a criação de nova capacidade produtiva. Precisamos de mais máquinas, equipamentos e infra-estrutura se quisermos produzir mais bens de consumo no futuro. Mas a taxa de investimento no Brasil situa-se abaixo dos 20%. Mas por que isto? Ora, porque a economia não cresce, o que não estimula novos investimentos. Voltamos então ao ponto de partida.

Mas por que a economia não cresce, impedindo os investimentos de se elevarem? Porque os juros mantêm-se altos e a renda dos trabalhadores não cresce de forma vigorosa. Ambos os fatores implicam um baixo volume

de crédito. De fato, o país possui uma das mais baixas relações crédito do setor bancário/PIB do mundo, de apenas cerca de 30%.

Todos estes fatores econômicos estão relacionados e explicam porque o Brasil logrou a estabilidade monetária, mas ainda encontra-se distante da estabilidade econômica. Vejamos porquê.

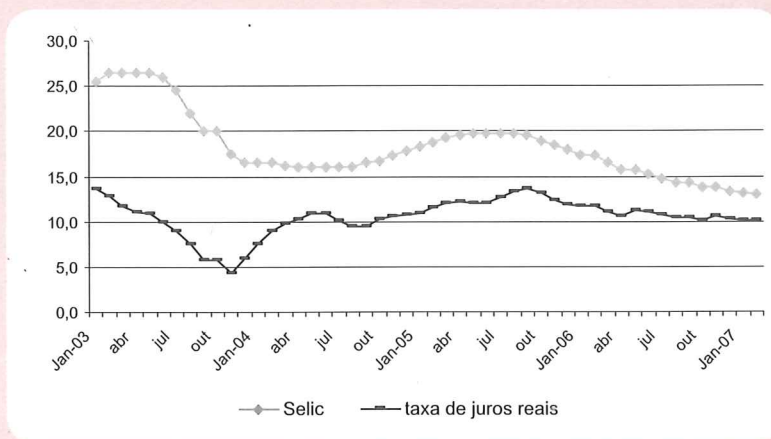
O dilema do Brasil está nos juros altos. Eles se mantêm há tanto tempo – apesar das mudanças de forças políticas e sociais que chegam ao poder – que podemos falar que existe uma forte agremiação econômica que defende a sua manutenção. Trata-se do Partido dos Juros Altos.

Apesar de os juros serem menores na presente década quando se compara com a segunda década dos anos noventa, observa-se

que eles raramente caem abaixo do número mágico de 10% em termos reais (ou seja, descontada a inflação) (Gráfico 3). Aí acende a luz vermelha, pois a economia cresce e o desemprego cai. A inflação elevada foi substituída pelo medo da inflação. Na verdade, por trás deste suposto medo do retorno da

inflação existe a preocupação de parte da elite financeira. Ela precisa a todo custo travar a possibilidade de expansão e diversificação da produção com expansão do emprego e da massa salarial, pois isto reduziria a rentabilidade daqueles que vivem do ganho fácil proporcionado pelos juros altos.

GRÁFICO 3 – Taxa de juros básica e real (descontada a inflação) no Brasil de 2003 a 2006 (em %)



Fonte: Bacen.

Os juros altos encarecem o crédito, impedem a elevação do consumo e elevam os gastos com o giro da dívida pública, já que esta é remunerada pelos juros. Se os juros são altos, o Estado gasta menos com estradas, postos de saúde e com a segurança pública. Por isso a economia está travada e não cresce.

Mas existe alguém contra o crescimento econômico? Não seria simples apenas reduzir

os juros? Ainda que não seja simples, parece algo viável. Por que não se pensa num conjunto de ações que permitam então a redução dos juros?

Aí teríamos que nos perguntar, mais uma vez, a quem e por que interessam os juros altos? Boa parte dos bancos e dos fundos de investimento no Brasil investem em títulos da dívida pública. Uma remuneração fácil e asse-



gurada que não precisa passar pela incerteza de comprar máquinas e produzir bens que não sabemos se serão comprados. Além disso, os bancos emprestam às famílias pobres e aos pequenos empresários endividados a taxas de juros ainda maiores do que as cobradas pelo governo. Drenam, assim, renda do setor produtivo e dos assalariados.

Mas lembremos que os bancos não são apenas vilões. Eles atuam frente a incentivos que são definidos pelo governo. Por sua vez, não nos esqueçamos que este imenso capital em busca de ganho fácil é hoje composto principalmente por grandes empresários nacionais e internacionais e por membros das classes médias altas, que valorizam a sua renda ao comprar ações na bolsa e títulos da dívida do governo.

Este rentismo é um dos principais males do Brasil de hoje. Impede a ampliação do crédito para o setor produtivo e para a ampla massa de consumidores, e compromete parte expressiva dos recursos do Estado. O país gasta hoje um valor equivalente a 8% do PIB apenas para pagar o serviço da sua dívida.

Ninguém está sugerindo que o Brasil dê um calote na sua dívida, que hoje se situa em torno de 49% do PIB. Por outro lado, não há como negar que a redução dos juros aumentaria o investimento, o consumo e a arrecadação do Estado. Contribuiria para atacar alguns de nossos problemas sociais, elevar o nível de emprego e resolver parte da “briga” clientelista por recursos, a partir da reintrodução do conceito de planejamento.

A redução dos juros não traria inflação. Se realizada de forma programada, ela liberaria mais recursos para investimentos, permitindo a contratação de novos trabalhadores e a elevação da demanda. Mas esta demanda seria satisfeita pela oferta gerada pelos novos investimentos.

A redução dos juros traria problemas se capitais saíssem do país, levando a uma desvalorização do real. Ora, mas é justamente o contrário que vem acontecendo desde 2004. O poder de compra do real vem se elevando. Ao subir os juros, poderíamos contribuir inclusive para resolver um outro problema, o do real valorizado.

Ainda a vulnerabilidade externa

O problema da vulnerabilidade externa

- ▶ O Brasil está “brincando com fogo”, ao deixar o câmbio se valorizar de forma tão rápida e descontrolada

- ▶ Se isto ajuda a inflação, porque os produtos importados ficam mais baratos?
- ▶ O país tende a exportar empregos, além de tornar mais caros os nossos produtos quando eles ingressam nos mercados externos
- ▶ O Brasil está recebendo muito dólar por meio do superávit comercial (as exportações continuam altas pelos preços elevados das *commodities*) e da entrada de capital financeiro que vem em busca de nossos juros elevados
- ▶ Reduzir os juros ajuda a desvalorizar a moeda
- ▶ Mas o problema principal é que estamos exportando apenas produtos de baixo valor agregado, cujos preços oscilam bastante; e nos tornando importadores dos produtos de maior produtividade, que pagam melhores salários
- ▶ Durante os anos noventa, as multinacionais que vieram para o Brasil estavam em busca de compra de ativos e não necessariamente voltadas para a expansão da capacidade produtiva
- ▶ Exportar e receber investimentos externos é importante, mas o país precisa estabelecer as suas prioridades, para não ficar refém das decisões das empresas multinacionais ou dos países desenvolvidos

Por que um real valorizado pode trazer impactos negativos para a economia? De um lado, é importante lembrar que o real valorizado tem contribuído no período recente (de 2004 a primeiro semestre de 2007) para manter a inflação em patamares baixos. Por outro lado, setores como têxtil/vestuário e calçados acusam queda do nível de emprego e aumento da informalidade pela inundação

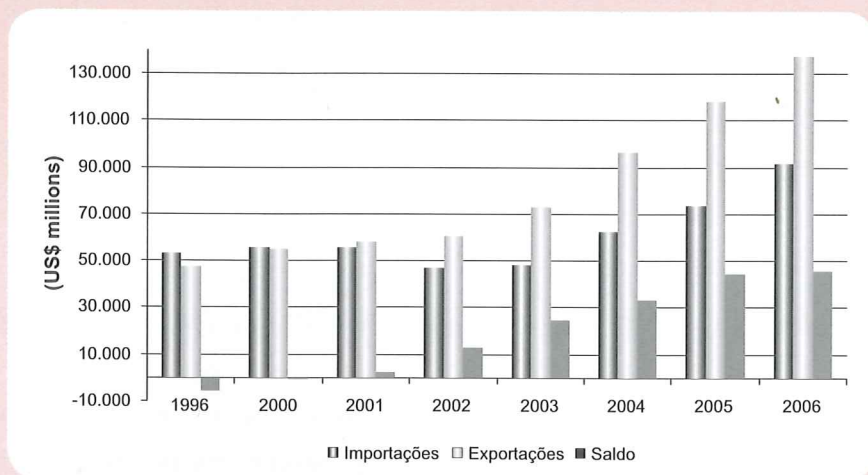
de produtos importados. Ao mesmo tempo, os produtos brasileiros ficam menos competitivos lá fora. O Brasil, um importante exportador de produtos manufaturados, perde espaço nos mercados externos para outros países, especialmente para a China. Reduz-se, desta forma, o potencial de aumento da produção e do emprego gerado por uma economia internacional em crescimento.



Mas o Brasil, ainda assim, não tem apresentado superávits comerciais? Analisemos os dados com cautela. Entre 1998 e 2005, as exportações brasileiras mais do que duplicaram.

O país deixou de ser deficitário e passou a ser superavitário (Gráfico 4). A desvalorização do câmbio, em alguma medida, contribuiu para este desempenho.

GRÁFICO 4 – Exportações, importações e balança comercial no Brasil (em US\$ milhões)



Fonte: Secex.

De 2004 em diante, continuamos fortemente superavitários, mas graças a dois fatores. Elevação dos preços das *commodities* agrícolas e minerais e exportações das multinacionais, com plantas no país, para os países latino-americanos. A se continuar o câmbio valorizado, esta situação tende a se alterar, comprometendo a nossa capacidade de exportar produtos de maior valor agregado. Exportando produtos de baixo valor agregado, ficaremos reféns das oscilações dos preços internacionais.

Ou seja, o real se valoriza porque entra muito dólar no Brasil por meio dos superávits comerciais, do capital financeiro (que vem

por conta dos juros altos e do rendimento no mercado acionário) e também em virtude dos empréstimos internacionais para empresas brasileiras rentáveis e exportadoras.

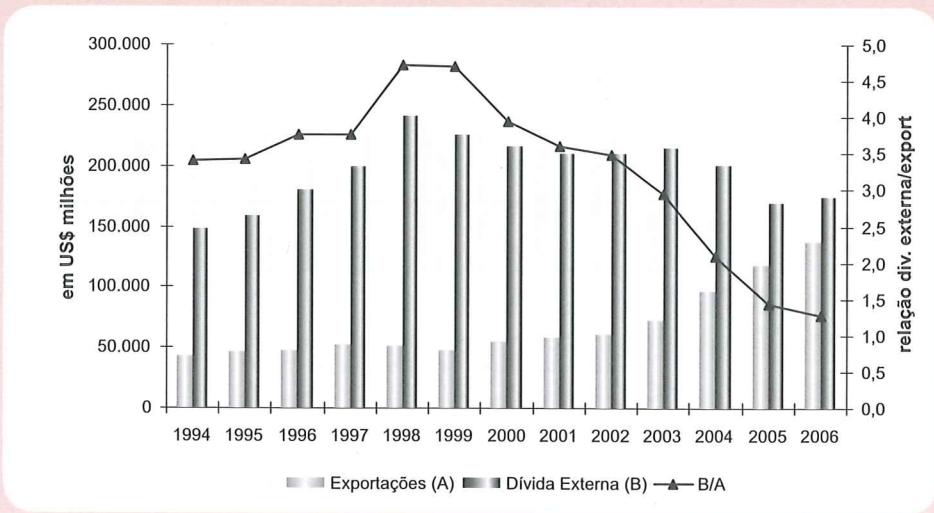
Em síntese, esta enxurrada de dólares permitiu ao Brasil zerar a sua dívida com o FMI e reduzir bastante a relação dívida externa/exportações (Gráfico 5), mas não tem trazido crescimento econômico. O mercado interno é substituído por importados mais elaborados e muitas empresas multinacionais adiam investimentos. Além disso, qualquer crise internacional – desaquecimento da China, desaceleração dos Estados Unidos, ou ainda, uma

nova elevação dos preços do petróleo – pode corrigir exageradamente o câmbio, trazendo de volta riscos inflacionários.

O país, apesar de apresentar indicadores externos, bem melhores do que os verificados no pós-Plano Real – o que se deve à desvalo-

rização do real em 1999 e 2002 e à bonança internacional pós-2003 – não tem se utilizado desta vantagem para acelerar o crescimento interno, com expansão dos setores de maior produtividade, que permitiriam maiores níveis de emprego e maiores salários.

GRÁFICO 5 – Exportações, dívida externa (em US\$ milhões) e relação dívida externa/exportações (em número de vezes)



Fonte: Bacen.

Vejamos agora a questão das empresas multinacionais. A análise deste tema, geralmente sujeita a debates de alto teor ideológico, deve se concentrar no papel destas empresas para o desenvolvimento nacional, trazendo ou não consigo transferência de tecnologia, elevação das exportações e maior adensamento das cadeias produtivas locais – ou seja, comprando peças e componentes fabricados no país.

Lembremos ainda, que gostemos ou não, das 500 maiores empresas multinacionais, mais de 400 se encontram em atuação no país.

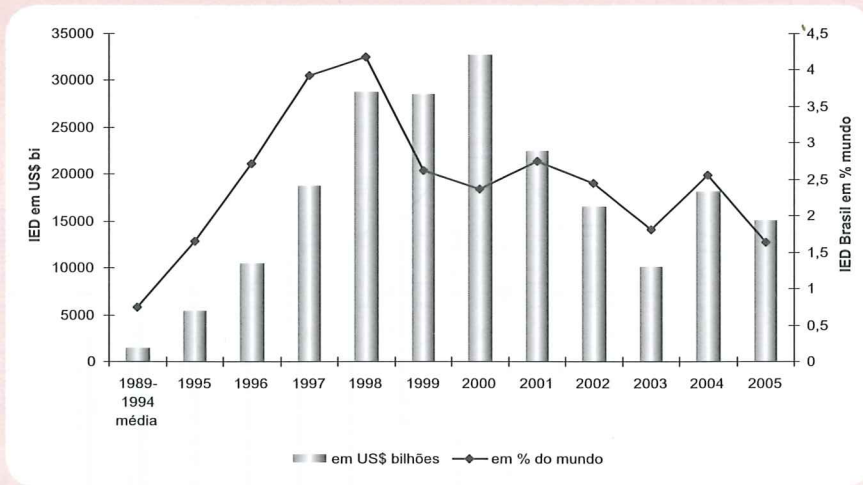
O problema é que durante os anos 90 os investimentos destas empresas não trouxeram aumento expressivo da capacidade produtiva. Mais de 50% destes investimentos estiveram voltados para a compra de ativos de empresas



nacionais, privadas ou estatais. O pico de investimentos externos no país se deu entre 1998 e 2000, no auge das privatizações, recuando depois de então (Gráfico 6). A história recente do país tende a mostrar que os investimentos

externos por si só não trazem crescimento econômico. O contrário parece mais correto: quanto maior o crescimento econômico, maior o potencial do mercado interno, o que atrai novos capitais para o Brasil.

GRÁFICO 6 – Investimentos externos diretos no Brasil (em US\$ bilhões) e participação do IED no Brasil e no mundo (em %)



Fonte: Unctad.

Hoje parece difícil fazer com que se cresça o mercado interno e as exportações sem a contribuição das empresas multinacionais – que respondem por cerca de 20% das vendas, quando se consideram as 300 maiores empresas em atuação no país. Este percentual é bastante superior, ficando entre 80% e 100% nos setores mais dinâmicos: automotivo, eletroeletrônico, telecomunicações,

informática, telefonia celular, farmacêutica e química.

Contudo, o país não dispõe de uma política de desenvolvimento que faça com que estes investimentos assegurem uma maior conexão com as empresas nacionais e tragam uma maior geração de empregos e a melhoria das condições de trabalho.

A estrutura produtiva brasileira

► Modernização seletiva com acentuada heterogeneidade

- ▶ Abertura dos anos noventa: trouxe um processo de desindustrialização relativa, com avanço dos setores intensivos em recursos naturais; o Brasil virou importador dos produtos de maior valor agregado e de vanguarda tecnológica
- ▶ Avanço do agronegócio e da extração mineral: setores intensivos em capital, com pouca geração de empregos e baixos salários. Trazem divisas, mas não contribuem para a geração de empregos de qualidade e para reduzir a desigualdade
- ▶ Hoje, quase 60% do PIB brasileiro concentra-se no setor de serviços. Aumentou a participação dos setores privatizados – energia elétrica, telecomunicações e setor financeiro. Paralelamente, verificou-se a precarização do emprego e um aumento exorbitante das tarifas, chancelado pelas ditas agências reguladoras
- ▶ Inserção externa: o Brasil é uma economia que apresenta perfil de “global trader”. Faz comércio com todas as áreas do mundo. Mais recentemente, aumentou a participação dos países da América Latina e de outros países do Sul do planeta como destino das exportações brasileiras
- ▶ Nova tendência: multinacionais brasileiras cada vez mais ativas nos mercados externos. Importante assegurar que estas empresas aumentam e diversifiquem as suas atividades no mercado interno
- ▶ Grande desafio: aproveitamento do mercado interno potencial e ocupação crescente dos mercados internacionais

Como definir a estrutura produtiva do Brasil nos dias de hoje? O Brasil continua contando com uma economia diversificada. Depois dos anos noventa, alguns de seus segmentos se modernizaram, enquanto em outros o Brasil

se transformou num importador global ou se tornou espaço livre de regras para a atuação de empresas multinacionais, já que a regulação do Estado se mostra insuficiente.



TABELA 1 – Participação de alguns setores de atividade no PIB brasileiro (em %)

	1991	1994	1998	2003
Agropecuária	6,9	8,6	7,8	9,4
Ind. extrativa mineral	1,4	0,9	0,6	3,7
Ind. transformação	22,0	23,5	19,7	23,0
Serviço utilidade pública	2,3	2,7	3,0	3,2
Serviços	61,1	56,3	59,2	53,8

Fonte: IBGE/Contas Nacionais.

A partir da Tabela 1, podem-se visualizar algumas das principais transformações da nossa estrutura produtiva no período recente.

Um primeiro elemento a ser destacado é a perda de participação da indústria de transformação ao longo dos anos noventa no total do valor gerado pelo país. Esta redução da participação esteve relacionada ao choque competitivo entre 1994 e 1998, mas voltou a uma posição razoável depois da desvalorização. Lembremos que em boa parte das economias que crescem dinamicamente, a indústria continua jogando um papel estratégico.

Ainda assim, os setores que mais ampliam a sua participação na indústria brasileira nos últimos dez anos são siderurgia, indústria do açúcar e especialmente petróleo e petroquímica. Em compensação, caiu a participação de setores como eletroeletrônicos, automotivo e farmacêutico. Trata-se de uma especialização regressiva da indústria brasileira, cada vez menos concentrada nos setores dinâmicos e intensivos em tecnologia.

Paralelamente, no mesmo período, a agricultura e a indústria extrativa mineral passaram a elevar o seu produto acima da média brasileira, que como vimos ficou aquém da média mundial. Estes setores são geralmente puxados por empresas altamente intensivas em capital – o agronegócio e as mineradoras – geradoras de poucos empregos em termos relativos, e geralmente com baixos salários, mas com uma competitividade impressionante no mercado internacional. Veremos também, mais à frente, como na ponta destas cadeias agropecuárias avançadas, encontram-se bóias-frias e trabalhadores familiares em situação de penúria.

A partir de 2004, o Brasil transformou-se na terceira maior potência agrícola mundial, perdendo apenas para os Estados Unidos e a União Européia. Os subsídios destes países, mas também do Japão, procuram barrar os produtos brasileiros justamente por causa de nossa competitividade. Não custa lembrar que hoje o Brasil é o maior exportador mundial não só de café, mas também de suco de laranja, do

complexo soja, carne bovina, frango e tabaco, voltando a assumir posições importantes em produtos como o algodão. Além disso, o país possui metade de sua terra agricultável ainda não utilizada.

Uma outra tendência dos anos noventa é o aumento da participação no PIB dos serviços de utilidade pública – energia, telefonia, água e saneamento (incluídos no grupo indústria pelo IBGE) – muitos dos quais privatizados e dispendo de escassa regulação. O setor de serviços como um todo – descontando-se os segmentos acima – responde hoje por quase 55% do PIB brasileiro, englobando desde atividades rentáveis no setor financeiro, transporte, marketing, publicidade e consultoria empresarial, passando pela administração pública e pelos serviços sociais, até chegar a um amplo e precário setor de serviços pessoais e domésticos. Como veremos mais adiante, também nos anos noventa, os principais geradores de emprego foram as atividades mais precárias e não tanto as novas atividades de serviços modernos, ainda que ambas tenham se expandido de forma significativa.

Apenas uma política de desenvolvimento capaz de associar o crédito do BNDES – que

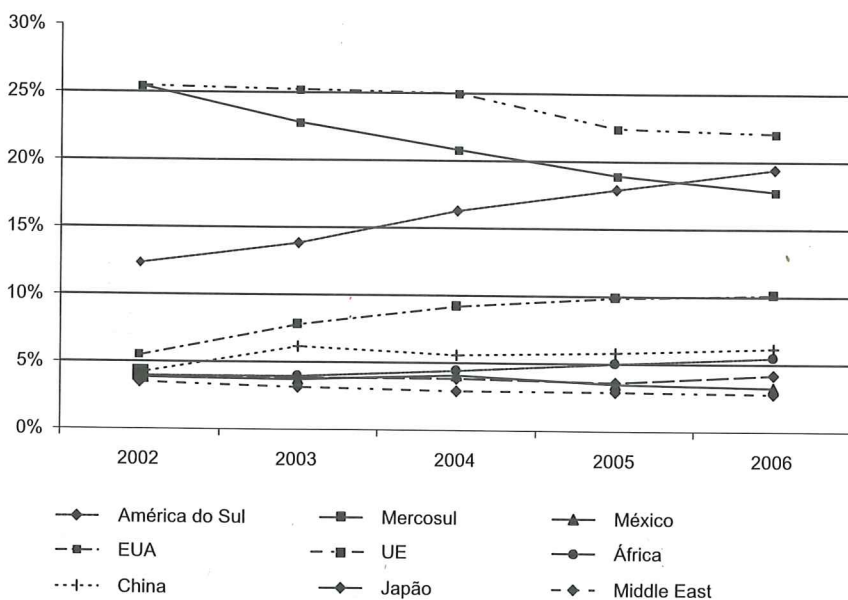
hoje possui mais recursos disponíveis que o Banco Mundial – com uma política industrial e agrícola, e combinar na medida do possível o agronegócio com a agricultura familiar, além de universalizar o acesso aos bens de utilidade pública e aos serviços sociais, podem ampliar o mercado interno.

Ao mesmo tempo, o Brasil pode e deve ocupar nichos crescentes no mercado internacional. Uma política externa de diversificação dos parceiros comerciais também se faz necessária, já que, como veremos, o Brasil é um típico *global trader*, não podendo concentrar as suas fichas num único mercado.

No caso das exportações, observa-se que o país vem de fato diversificando o destino de suas exportações. Quando se soma a América do Sul com o México, observa-se que a América Latina já respondia, em 2006, por 23% das exportações brasileiras, contra 22% no caso da União Européia e 18% para os Estados Unidos. China e África juntas já representam 12% de nossas exportações (Gráfico 7). A atual política cambial, entretanto, compromete a continuidade desta estratégia.



GRÁFICO 7 – Participação dos vários destinos nas exportações totais brasileiras (em %)



Fonte: Secex/MDIC.

Outra tendência recente está relacionada às empresas brasileiras multinacionais que vêm se tornando importantes investidoras internacionais. Este fato está relacionado a um conjunto de fatores: posição vantajosa destas empresas num mercado interno pouco dinâmico, altos níveis de competitividade e de domínio tecnológico, acesso a recursos naturais e aproveitamento das vantagens oferecidas pelo mercado internacional. Esta novidade não é necessariamente negativa, devendo-se assegurar que tais empresas gerem novos mercados para produtos brasileiros e contribuam para uma maior densidade da cadeia produtiva nacional nas suas operações internas, além de condições

de trabalho e níveis salariais condizentes com os seus níveis de produtividade.

Uma outra característica estrutural da economia brasileira é a existência de um imenso potencial de expansão não aproveitado. A recente expansão da economia no período 2000-2006, ainda que insuficiente, quando associada a um aumento do salário mínimo, do emprego formal e das transferências de renda, tem permitido elevar o consumo das famílias mais pobres, especialmente em regiões como o Norte e o Nordeste, elevando o consumo de bens de consumo não-duráveis e duráveis.

Em síntese, o país ainda não logrou desenvolver um modelo de desenvolvimento que tenha como uma de suas variáveis estratégicas o aumento do potencial de consumo dos mais pobres.

A concentração de renda, de um lado, permite a propagação de uma pequena elite – geralmente branca, concentrada no Sudeste e que vive dos altos salários exponenciados pela renda financeira. De outro, impede o país de ampliar tanto a sua base de consumo, como de transformar a cidadania em um conceito

relacionado com as condições de trabalho e o acesso a bens sociais públicos de qualidade.

Para atacar este quadro, deve-se ter em conta a estrutura tributária que penaliza os mais pobres, além do setor financeiro que arrocha no longo prazo o potencial de consumo destes segmentos, o papel do mercado de trabalho que estabelece discriminações de sexo, raça e condição social, e do sistema educacional que expulsa estudantes a se converterem numa força de trabalho bruta e excessivamente explorada.

A nova cara da exclusão social

- ▶ Resultados das reformas econômicas, da abertura e da inserção passiva no cenário internacional
- ▶ Eliminação do emprego na indústria e na agricultura (nesta última, especialmente na agricultura familiar)
- ▶ Expansão do emprego no setor de serviços: geralmente ocupações pouco qualificadas, informais e de baixos salários
- ▶ Desemprego aberto elevado de cerca de 10% e níveis de informalidade de 50% dos trabalhadores ocupados
- ▶ Menos da metade dos trabalhadores ocupados contribuem com a previdência
- ▶ Queda da renda real dos ocupados pós-1999, com lenta recuperação a partir de 2004
- ▶ De cada 10 trabalhadores brasileiros ocupados, sete recebem até 2 salários mínimos ou são considerados sem rendimentos (vinculados, geralmente, a estabelecimentos familiares)



- ▶ O aumento da escolaridade não assegurou expansão dos empregos ou melhoria da renda dos trabalhadores
- ▶ O mercado de trabalho contribui para ampliar a exclusão social no Brasil
- ▶ Pauperização da classe operária e encolhimento da classe média
- ▶ 30% da população brasileira é considerada pobre; 2/3 desta vive nas regiões metropolitanas ou nas áreas urbanas
- ▶ A desigualdade pessoal da renda mantém-se como um traço característico do país. Além disso, a participação dos salários na renda nacional é cada vez menor

As reformas econômicas dos anos noventa associaram-se às nossas heranças históricas para gerar uma sociedade onde a desigualdade passou a ser cada vez mais naturalizada, enquanto o individualismo tende a corroer as possibilidades de transformação coletiva. Começamos a olhar o problema da exclusão social pela ótica do mercado de trabalho.

Durante os anos noventa, os níveis de desemprego triplicaram, passando de 3% para 10%, quando analisamos o indicador para o conjunto do país. Pela primeira vez na história do país, parcela importante da população economicamente ativa encontra-se à procura de emprego, não realizando nenhuma atividade remunerada. Paralelamente, a informalidade passa a atingir mais de 50% daqueles que possuem uma ocupação. Observa-se ainda que o desemprego é maior para as mulheres, negros e jovens, e pessoas com primeiro e segundo

grau completos, ainda que tenha crescido mais rapidamente para homens, brancos, adultos com mais de 40 anos e pessoas com curso superior.

Apesar da elevação da renda média dos ocupados nos anos iniciais do Plano Real, estes ganhos foram eliminados durante o período de 1998 a 2003. De 2004 em diante, a renda média dos trabalhadores voltou a crescer, mas partindo de patamares muito baixos. Como resultado, observa-se um aumento da produtividade não compensado pelo aumento da renda dos trabalhadores. Tal processo teria sido ainda mais traumático caso o salário mínimo não tivesse elevado o seu poder de compra desde a metade da década passada.

Ressalte-se, de qualquer maneira, que hoje cerca de 31% dos trabalhadores ocupados recebem uma renda de no máximo um salário

mínimo, enquanto aqueles que recebem mais de 1 e até 2 salários mínimos representam outros 28%. Se considerarmos, ainda, os 11% de trabalhadores sem rendimentos (geralmente ocupados em estabelecimentos familiares no campo e nas cidades), chegamos à seguinte conta: de cada 10 trabalhadores ocupados no Brasil 7 recebem até, no máximo, dois salários mínimos ou não recebem uma renda monetária, ao menos diretamente.

A situação do mercado de trabalho brasileiro para o ano de 2004 pode ser descrita da

seguinte maneira. Dos 84,4 milhões de trabalhadores ocupados, quase 60% encontram-se no setor de serviços, 21% na agropecuária, 14,3% na indústria de transformação e 6,3% na construção civil. Quando se considera o grau de informalidade, segundo o critério de contribuição à previdência, este situa-se ao nível de 65,3% na indústria, contra 12% na agricultura. A renda média na indústria supera a da agricultura em cerca de 3 vezes, enquanto o setor de serviços já responde pela maior renda média de todos os setores.

TABELA 2 – Emprego total, grau de formalização (em % dos ocupados) e renda média (em R\$ de 2004) por setores de atividade – Brasil, 2004

	Emprego (N. absolutos)	Distribuição de emprego (em %)	Grau de formalização	Renda Média
Agrícola	17.733.835	21,0	12	230
Ind. transformação	12.049.072	14,3	65,3	699
Construção civil	5.354.375	6,3	28,9	534
Serviços	49.231.586	58,4	56,2	754
TOTAL	84.368.868	100,0	47,3	622

Fonte: Pnad/IBGE.

Entretanto, analisando com mais detalhe o setor de serviços, observa-se ser este o mais heterogêneo de todos, congregando postos de trabalho nos extremos da escala de remuneração. A partir dos dados de 2004, observa-se que os serviços de comércio e reparação, domésticos, outros serviços, alojamento e

alimentação – que se destacam pelos baixos níveis de renda e elevados níveis de informalidade – representam 47% dos ocupados neste setor. Por outro lado, os trabalhadores dos serviços e administração pública representam 20% do total de ocupados. O núcleo de empregos que exigem alta qualificação e



pagam altos salários neste setor não supera a casa dos 10%.

Desta forma, num momento de ajuste do nível de emprego na indústria e na agricultura, este setor recebeu tanto os trabalhadores da classe média assalariada – ex-empregados de empresas estatais e privadas, poucos dos

quais se transformaram em consultores de altos salários – como parte da classe operária que muitas vezes viu seu nível de renda e suas condições de trabalho se deteriorarem, assumindo atividades de caráter eventual ou autônomas sem qualquer estabilidade. Presenciou-se desta forma um processo de mobilidade social descendente.

TABELA 3 – Distribuição do emprego no setor de serviços – Brasil, 2004

	(N. absolutos)	em %
Total setor serviços	50.232.067	100,0
Comércio e reparação	14.653.228	29,2
Serviços sociais	7.409.338	14,8
Serviços domésticos	6.472.484	12,9
Outros serviços	4.295.174	8,6
Administração pública	4.203.854	8,4
Alojamento e alimentação	3.023.059	6,0
Transporte	2.987.230	5,9
Serviços técnicos-profissionais	2.625.596	5,2
Serviços auxiliares	2.154.706	4,3
Instituições de crédito	999.692	2,0
Serviços de diversão, rádio e televisão	547.461	1,1
Comunicações	506.625	1,0
Serviços de utilidade pública	353.620	0,7

Fonte: Pnad/IBGE.

No caso da indústria de transformação, três processos paralelos tiveram lugar. Um primeiro de enxugamento ou quebra de empresas que levou à demissão de cerca de 2 milhões de trabalhadores na década. Um segundo, de terceirização, na maioria das vezes associado à piora sensível dos níveis de renda e das condições de trabalho. E um terceiro,

de precarização via contratação direta de trabalhadores sem carteira e até de autônomos – como no caso dos setores de confecção e calçados – para a execução das atividades produtivas.

A agricultura eliminou um contingente ainda maior de trabalhadores, reduzindo em

26% o total de ocupados no setor entre 1992 e 2002, a maioria dos quais nas atividades de natureza familiar. Dos 16 milhões de empregos existentes no ano de 2002, representando 20% dos trabalhadores ocupados do país, estima-se que 60% estão vinculados à pequena produção rural, enquanto 28% encontram-se direta ou indiretamente empregados pelo agronegócio, sendo que destes trabalhadores apenas metade possuía vínculo permanente e nem todos contavam com carteira assinada.

Ressalve-se que, no período recente, o agronegócio vem se expandindo de forma dinâmica, gerando poucos empregos, a maioria dos quais com condições sociais e trabalhistas bastante abaixo da média brasileira, enquanto a agricultura familiar continua penalizada pelos juros elevados – apesar dos programas do governo federal, cujos empréstimos são cobrados a taxas menores – pelo baixo crescimento potencial do mercado interno e pela tendência de elevação dos preços da terra.

TABELA 4 – Distribuição dos ocupados e do saldo acumulado do emprego no ramo agrícola por posição na ocupação – 1992 e 2002

Posição na Ocupação	1992	%	2002	%	Saldo 2002-1992	%
Empregado permanente	2.917.606	15,7	2.353.825	14,6	(563.781)	23,1
Empregado temporário	2.205.951	11,9	2.073.622	12,8	(132.329)	5,4
Conta-própria	4.541.417	24,4	4.208.729	26,1	(332.688)	13,6
Empregador	585.406	3,1	430.461	2,7	(154.945)	6,3
Trabalhador não-remunerado	5.123.681	27,6	3.976.055	24,6	(1.147.626)	46,9
Trabalhador na produção para o próprio consumo	3.211.416	17,3	3.097.810	19,2	(113.606)	4,6
Total	18.585.477	100,0	16.140.502	100,0	(2.444.975)	100,0

Fonte: Pnad/IBGE.

Quando analisamos os trabalhadores urbanos, a partir dos dados do Censo 2000, segundo os dados censitários, percebemos que menos de metade dos trabalhadores possuíam um vínculo no mercado de trabalho com carteira assinada, assegurando-lhes os principais di-

reitos sociais e trabalhistas. Se somarmos os trabalhadores sem carteira assinada com os trabalhadores autônomos, estes já perfazem 17,3 milhões de pessoas no Brasil urbano, contra 15,6 milhões de trabalhadores vinculados ao setor organizado do mercado de trabalho.



Em síntese, foi o mercado de trabalho brasileiro que “pagou a conta” de um ajuste econômico caracterizado pelo baixo crescimento, pela desnacionalização do parque produtivo e pela elevada vulnerabilidade externa. O Brasil continua sendo uma economia de baixos salários, contando agora também com desemprego e informalidade generalizados, o que coloca desafios para o financiamento de políticas sociais, especialmente no caso da previdência. Hoje, apenas 47% dos trabalhadores ocupados contribuem com a previdência. Este fato – além de explicar boa parte do déficit tão alardeado pelos economistas liberais – trará uma pressão para o gasto social no futuro, quando estes trabalhadores estiverem em idade de se aposentar.

Mas a forma mais perversa de exclusão social verifica-se por meio do trabalho infantil e do trabalho extremamente precário desenvolvido pelos jovens brasileiros. Mais uma vez, de acordo com os dados da Pnad/IBGE, observa-se que o Brasil possui cerca de 2,2 milhões de trabalhadores entre 5 e 14 anos. Quanto ao emprego juvenil, este se caracteriza pelos baixos salários e pelos elevados níveis de informalidade e rotatividade.

Assim, existem novas formas de exclusão social que atingem segmentos com inserção precária nas grandes metrópoles, os quais muitas vezes possuem níveis de escolaridade mé-

dios, vivendo num contexto de esgarçamento dos valores coletivos e rodeados pela violência urbana característica das periferias das grandes cidades brasileiras. Para José de Souza Martins, ao invés de defini-los negativamente como excluídos, seria melhor falar de uma inclusão precária num sistema que encontra formas cada vez mais perversas de valorização do capital.

A título de ilustração, 35% dos trabalhadores ocupados brasileiros possuem ao menos o secundário completo, o que tem se mostrado insuficiente para assegurar um emprego decente, antes pelo contrário.

Mesmo a recuperação do emprego formal pós-1999, se trouxe uma estabilização do desemprego e uma queda da informalidade, tem se mostrado insuficiente para superar a herança deixada pelos anos noventa. O mercado de trabalho vem melhorando na superfície, mas se depara com um imenso exército industrial de reserva – composto por trabalhadores desempregados, subutilizados ou inseridos temporariamente em atividades mal-remuneradas, mas disponíveis para o trabalho – que representa cerca de 30% da população economicamente ativa.

Agora olhemos um pouco para a pobreza e a concentração de renda. Esta dinâmica excludente do mercado de trabalho, associada a uma expansão suficiente das políticas

de educação, saúde, saneamento básico, habitação e de infra-estrutura básica, opera como um fator limitador dos efeitos positivos gerados pelas políticas de transferência de renda, tanto por meio da previdência rural, dos benefícios de prestação continuada (para idosos e deficientes de baixa renda) e do Programa Bolsa Família.

Em 2004, cerca de 54 milhões de brasileiros encontravam-se em situação de pobreza, segundo definição do Ipea, totalizando 30% da população brasileira. Cerca de 2/3 da população considerada pobre situava-se nas regiões metropolitanas e nas demais áreas urbanas. Em algumas regiões metropolitanas, o nível de pobreza chega a 60% da população como no caso de Recife. Mesmo em São Paulo, este percentual situava-se em 38%.

Quanto à desigualdade de renda, o Brasil continua sendo um dos campeões mundiais neste quesito. A renda média dos 10% mais pobres é cerca de 40 vezes menor que a dos 10% mais ricos. Apesar da queda no período recente, é importante ressaltar que estamos falando de uma sutil melhora da distribuição pessoal da renda entre aqueles que vivem de trabalho. Os mais pobres – ainda que afetados por várias formas de exclusão social – têm

tido a sua renda incrementada pela valorização do salário mínimo, pela baixa inflação e pelas políticas de concentração de renda. Enquanto isso, os 10% mais ricos que vivem do trabalho – ou seja, a classe média – vê seus rendimentos decaírem pela incapacidade do país em gerar empregos mais qualificados e de se posicionar de forma competitiva nos setores mais intensivos em tecnologia.

Por outro lado, quando se analisa a distribuição funcional da renda, a divisão entre lucros e salários, os últimos têm perdido espaço na renda nacional, aumentando os lucros das grandes empresas internacionalizadas e do capital financeiro, que se aproveita do aumento constante da carga tributária.

O Brasil está, portanto, ainda bastante distante de inaugurar um modelo de desenvolvimento, que aproveite o potencial do mercado interno, promova uma inserção externa mais qualificada, e possa aumentar – junto com o crescimento econômico e dos níveis de produtividade – o nível de salários e o volume de gasto social. Por enquanto, a exclusão social se expande sob várias formas, permitindo inclusive novas formas de discriminação racial e de gênero.



Os vários “brasis”

As desigualdades regionais

- ▶ Problema regional: surge no Brasil do século XX com a industrialização e as migrações regionais
- ▶ Nos anos setenta: áreas mais pobres integradas ao movimento do capitalismo no Brasil
- ▶ Abertura dos anos noventa: rompimento do elos de integração produtiva nacional, guerra fiscal e salve-se quem puder (cada estado ou região procura se aproveitar das novas possibilidades de inserção internacional)
- ▶ A questão regional não é mais o Nordeste. Cada estado do Brasil possui uma questão regional, um pólo produtivo desestruturado e concentrador de exclusão social
- ▶ Diferenças regionais em termos de renda per capita apenas atenuadas nos anos noventa
- ▶ O mercado de trabalho nas regiões menos desenvolvidas é mais informal e concentra baixos salários. Mas a exclusão social se expande também para as grandes metrópoles das áreas mais desenvolvidas do país

Até o século XIX, o Brasil pode ser encarado como um arquipélago de regiões com escassa conexão em termos econômicos. Apenas com a industrialização, já no século XX, é que a questão regional passa a fazer parte da agenda nacional. Criara-se, então, um mercado interno integrado que tendia a ampliar as desigualdades de renda entre o Sudeste dinâmico e o Nordeste atrasado. Era ao menos assim que se via a questão regional brasileira nos anos cinquenta.

Celso Furtado deu uma contribuição relevante para se entender os mecanismos pelos quais esta desigualdade se reproduzia. A criação da Sudene, em 1959, surgiu desta reflexão. Entretanto, tal instituição seria desvirtuada pelos militares, que drenaram recursos fiscais aproveitados por empresas de outras regiões, que se expandiram pelo Nordeste e Norte do Brasil. A mudança da capital para Brasília permitiu que o capitalismo brasileiro adentrasse regiões até então inóspitas ou apenas parcialmente integradas ao seu movimento.

A verdade é que, a partir dos anos setenta, o Nordeste integra-se ao movimento da economia brasileira, industrializando-se parcialmente, nos segmentos que satisfaziam a demanda do Sudeste, mas acirrando-se o quadro de desigualdade. O moderno e o arcaico reproduziam-se no Nordeste, mas também de forma ampliada no conjunto do Brasil, já que as migrações populacionais contribuíam para conter os salários no centro dinâmico. A cidade de São Paulo acabou por se tornar uma metrópole hipermoderna, rodeada por um mar de exclusão social na sua periferia. A tal ponto, que Furtado quando volta do exílio, nos anos oitenta, profere a seguinte frase: “o Nordeste é o espelho onde a imagem do Brasil se reflete com brutal nitidez”.

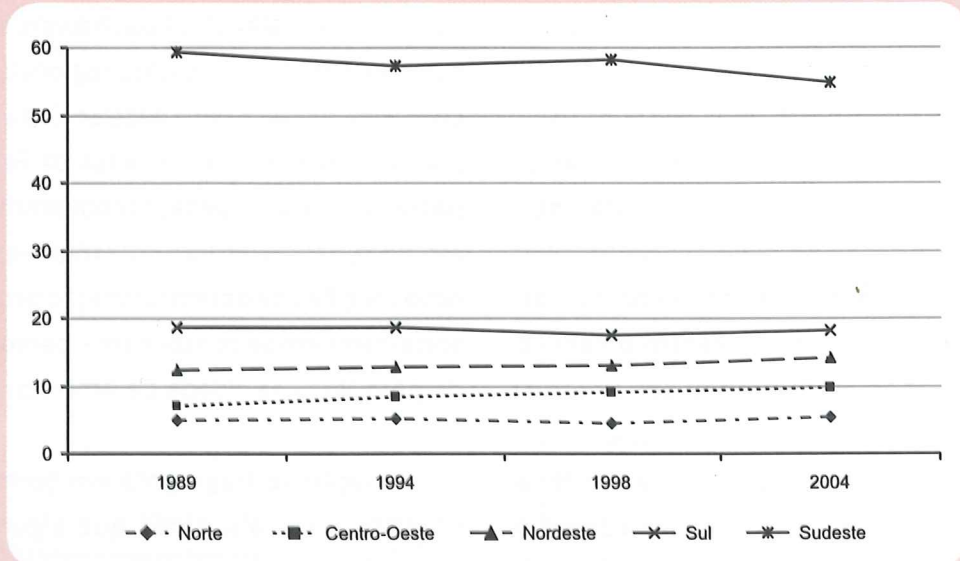
Com a abertura dos anos noventa, os elos de integração entre as regiões se enfraquecem, perdendo vigor o mercado interno. Os vários estados da Federação procuram de forma desesperada, por meio de renúncias fiscais, atrair para os seus territórios empresas multinacionais, e se aproveitar das possíveis

vantagens abertas por uma maior integração internacional. Neste contexto, a questão regional torna-se mais complexa. Na verdade, passam a existir várias questões regionais no país, conforme ressalta Tânia Bacelar. Cada uma das grandes regiões e dos estados da Federação passa a contar com pedaços competitivos – por exemplo, a fruticultura nordestina – enquanto novas regiões de desestruturação produtiva e social também se consolidam – como no caso do pólo têxtil da cidade de Americana.

A nação se fragmenta em termos econômicos e sociais, ainda que alguns pólos produtivos possam se afirmar como zonas privilegiadas em termos econômicos e sociais. Pode-se inclusive afirmar que a abertura econômica dos anos noventa, junto com a redução do papel do Estado, impediu uma verdadeira desconcentração da renda nacional, já que as zonas mais dinâmicas e com maior infra-estrutura continuaram recebendo as atividades de maior produtividade e concentrando os empregos mais qualificados e de maiores salários.



Gráfico 8 – Evolução da participação das grandes regiões no PIB do Brasil – 1989 a 2004



Fonte: IBGE/Contas Regionais.

Se é verdade que a região Sudeste perdeu participação no PIB nacional (Gráfico 8), isto se deve ao fato de que aí estava concentrada a indústria mais avançada e diversificada, sofrendo, portanto, mais com a abertura e a estagnação econômica. Mas ressalte-se ainda que a suave perda de participação desta região, apenas se deu no período pós-1999, quando a expansão do agronegócio e das atividades de mineração contribuíram para elevar a participação das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste na renda nacional. Por outro lado, é importante deixar claro que estas atividades são pouco geradoras de emprego e altamente

concentradoras de renda. Lembremos finalmente que as regiões Sudeste e Sul continuam concentrando 3/4 da renda nacional.

Conforme a Tabela 5, a seguir, em termos de renda per capita, observa-se que o Nordeste encontra-se a um nível 50% inferior à média brasileira, enquanto o Sudeste coloca-se num patamar 30% superior à média nacional. Se compararmos os estados de Maranhão e São Paulo, o primeiro possui uma renda per capita equivalente a apenas 20% da observada no segundo.

Tabela 5 – Renda per capita e número índice – Brasil e Grandes Regiões, 2004

	Renda per capita (em R\$)	Número índice (Brasil=100)
Nordeste	4.927	50,6
Norte	6.500	66,8
Brasil	9.729	100,0
Centro-Oeste	10.394	106,8
Sul	12.081	124,2
Sudeste	12.540	128,9

Fonte: IBGE/Contas Regionais.

Estas diferenças expressam-se, sobretudo, em termos de mercado de trabalho. O Norte e o Nordeste possuem maiores taxas de informalidade e uma concentração dos trabalhadores nos estratos de baixos salários. As regiões metropolitanas destas regiões possuem elevadas taxas de desemprego e pobreza. Por outro lado, Rio de Janeiro e São Paulo transformaram-se recentemente em núcleos de expansão da pobreza e da precariedade, em virtude da adoção de um modelo econômico excludente.

Tudo isto indica que qualquer tentativa de se pensar um novo projeto de desenvolvimento, que enfrente a exclusão social e possa se mostrar dinâmico em termos de expansão econômica e de diversificação produtiva, deve levar em consideração um planejamento estatal, onde a questão regional deve jogar um papel estratégico.

A privatização do Estado e da sociedade, e a ausência de um projeto nacional

- ▶ Instituições políticas mais sólidas, normalidade eleitora e sociedade civil mais organizada a partir dos anos oitenta
- ▶ Mas o Brasil está longe de ter uma democracia consolidada!
- ▶ Confusão entre o público e o privado (escândalos de corrupção são apenas o lado mais visível desta realidade)
- ▶ Privatização do Estado veio junto com qualquer perspectiva de regulação pública e da sociedade civil



- ▶ Estigmatização dos valores coletivos e da noção de solidariedade
- Desprezo pelos sindicatos, partidos, pelas políticas sociais e pelo Estado Nacional
- ▶ Nova sociabilidade: defesa do eficientismo, do individualismo e de ações voluntárias
- ▶ Investir no “social” – que parece separado da economia – é símbolo de prestígio
- ▶ Avanço do discurso histórico que defende a inevitabilidade e inexorabilidade da globalização
- ▶ Ausência de projeto nacional: Poder Executivo se curva a acordos com forças oligárquicas, muitas representadas pelo Legislativo, sob o discurso da governabilidade

Se os problemas de fragilidade econômica, vulnerabilidade externa, insuficiente desenvolvimento produtivo e tecnológico, extrema desigualdade de renda, inclusive entre as regiões, gerando uma massa populacional expressiva em condições de exclusão social não é uma novidade no Brasil, este quadro foi agravado durante os anos noventa, como vimos anteriormente. Mas não se trata apenas de uma questão de grau, já que alguns problemas se apresentam sob novas facetas.

O Brasil, durante os anos noventa, presenciou uma modernização produtiva seletiva, que ampliou a heterogeneidade tecnológica. Se os indicadores externos parecem ter melhorado no início do século XXI, o Brasil não conseguiu se tornar um produtor e exportador de bens de alto valor agregado. A economia cresce e

se mantém estável apenas quando conta com o apoio da conjuntura internacional.

Em termos sociais, surgiu uma massa de desempregados e a informalidade se tornou a regra. A pobreza reduziu-se em alguma medida, pela queda da inflação e o aumento das transferências de renda, mas novas formas de exclusão social apareceram. A estabilidade da desigualdade nos indicadores disponíveis oculta um processo de financeirização onde aqueles que aplicam no mercado financeiro aumentam a sua renda, enquanto a renda disponível dos pobres decresce em virtude dos elevados níveis de endividamento. Mesmo a recuperação do emprego formal, no período recente, tem se mostrado incapaz de reduzir o desemprego de forma substancial, tal o excedente de força de trabalho existente no país.

Mas os anos noventa também trouxeram mudanças políticas não menos importantes. De um lado, as instituições políticas mostraram-se mais sólidas. O país já chega a 18 anos depois de sua primeira eleição direta para presidente com funcionamento regular dos três poderes. As eleições transformaram-se num fato cotidiano, enquanto representantes de todos os segmentos da sociedade civil assumem cargos no Legislativo e no Executivo. O Judiciário atua de forma independente, enquanto a mídia acompanha minuciosamente os atos dos representantes dos poderes públicos.

Ainda assim, seria bastante prematuro afirmar que o Brasil possui uma democracia consolidada. Os males de nossa formação histórica – relacionados à confusão entre o público e o privado – assumiram uma dimensão fantástica. Por todos os lados, e não apenas nos escândalos acompanhados durante os governos Collor, FHC e Lula, observa-se uma privatização sistêmica do Estado.

Ou seja, mais importante que o processo de privatização das empresas estatais, que vendeu US\$ 100 bilhões em ativos durante os anos noventa, a gestão pública passou a se pautar por critérios privados. As agências reguladoras, muitas vezes, preocuparam-se mais em assegurar tarifas rentáveis para as novas

empresas privadas – de telefonia e energia elétrica, por exemplo – do que estabelecer condições mínimas de concorrência e critérios para a universalização dos serviços.

Paralelamente, houve uma estigmatização ideológica dos funcionários públicos e da atuação do Estado em geral, considerado necessariamente ineficiente e corrupto. Interessante seria sugerir o contrário: a privatização do Estado, sem controle, talvez tenha potencializado novas formas de corrupção. Neste sentido, muitas das agências reguladoras cumpriram o papel oposto que se esperava delas. Funcionaram como intermediadoras dos interesses privados.

Mais grave ainda, houve um ataque contra instituições públicas e valores coletivos. A legislação trabalhista passou a ser a culpada pelo desemprego e o aposentado pelo INSS os responsáveis pelo déficit fiscal, e consequentemente, pelos juros altos. Termos como empreendedorismo, *marketing* pessoal e empregabilidade tenderam a jogar o ônus do ajuste econômico sob a ineficiência dos indivíduos.

Instaurou-se assim o “salve-se quem puder”, culpando os trabalhadores e os empresários como preguiçosos e ineficientes. O sistema econômico teria se modernizado, ao contrário



da sociedade. O problema seria de cultura – burocrática, estatista e conformista – assumindo-se as novas tendências (desemprego e informalidade) como custos inevitáveis da “globalização”, encarada não como um processo histórico e passível de intervenção, mas como uma nova condição que afeta todos os países indistintamente.

A legislação trabalhista, o sistema previdenciário, os sindicatos e os partidos, o Estado Nacional, as políticas sociais em geral passaram a ser vistas como entraves. O individualismo sobrepôs-se aos valores de solidariedade e de transformação social. O microempresário, o consultor privado e o trabalhador informal tornaram-se heróis que apenas não trouxeram a modernidade pela intervenção de instituições ditas arcaicas. Privatizou-se inclusive a utopia. O vencedor passou a ser quem enriquece com o menor custo, não aqueles que desenvolvem ações coletivas. Investir no “social” passou a ser lucrativo. E a filantropia das empresas e da classe média favorecida pretendeu mostrar a insuficiência e a limitação de qualquer ação pública.

Para além do conservadorismo da política econômica, um conservadorismo cotidiano passou a considerar qualquer iniciativa, para além do espaço privado, como utópica e ineficiente. Enquanto isso, surgiu uma nova elite de empresários, de consultores e assalariados

de altos salários que vivem do Estado – seja pelos juros vantajosos, seja pelas obras públicas e pela conexão com as oligarquias políticas e regionais – ou então pelas novas opções criadas pela abertura econômica. O *self-made man* do Brasil atual guarda pouca relação com indivíduo empreendedor do discurso liberal. Banqueiros sem capital, empresas favorecidas pela privatização e sindicalistas com conexões financeiras revelam as limitações da ordem democrática brasileira, o que é ainda mais agravado pela ausência ou insuficiência do Estado em relação aos grupos mais vulneráveis socialmente. O liberalismo vale para os de baixo, enquanto os de cima são financiados pela proteção estatal.

Por trás deste esgarçamento dos valores coletivos, encontra-se a mais completa ausência de um projeto nacional. O poder Executivo vive de acordos de pouca envergadura com segmentos do Legislativo. Todas as forças políticas – em termos ideológicos e regionais – devem ser contempladas. Os investimentos públicos raramente contam com planejamento, dependendo de negociações localizadas com grupos oligárquicos. Daí a impressão de que os partidos todos se parecem quando chegam ao poder.

Finalmente, boa parte da mídia passa a assumir uma posição interessada no esquema financeiro-econômico predominante, passando a imagem de que todos os políticos “são

iguais”. Contribui para se difundir a opinião de que não há alternativas.

Estes impasses políticos tornam mais difícil a superação de um cenário de semi-estagnação econômica, enquanto a classe média enco-

lhe e a classe operária se torna cada vez mais segmentada e dividida entre um núcleo cada vez menor respaldado pelos sindicatos e um amplo segmento de informais e terceirizados que lutam pela sobrevivência, sem qualquer respaldo institucional.

Considerações finais

- ▶ Consciência crítica dos problemas nacionais
- ▶ Compreensão das contradições do capitalismo brasileiro
- ▶ Alianças internacionais com forças progressistas
- ▶ Defesa de um projeto nacional alternativo que parta da necessidade de elevação do poder econômico, social e político da massa trabalhadora

Este texto procurou elencar os principais problemas que impedem o país de prosseguir a sua trajetória de construção de uma nação. Para tanto, esta deve ser capaz de se pensar de forma independente e soberana, a partir de seus principais problemas, podendo se aproveitar de experiências e teorias formuladas em outros contextos, desde que adaptadas à nossa realidade. A primeira tarefa, e que precede a todas as outras, é a de romper com a tradição de colonização cultural.

Em termos macroeconômicos, o principal desafio é incorporar a massa de trabalhadores subaproveitados de forma digna, a partir do trabalho e do acesso a políticas sociais.

A vitalização do mercado interno é condição necessária para tanto, sem descuidar da possibilidade de o país ocupar novos nichos no mercado internacional, inclusive nos setores de vanguarda tecnológica. Investimento em pesquisa e educação, políticas industriais e agrícolas, de desenvolvimento regional e reforma agrária cumprem um papel estratégico. Romper as coordenadas estreitas – juros altos e câmbio valorizado – da política econômica atual também contribui, pois permite destravar energias produtivas e sociais hoje congeladas.

A superação da vulnerabilidade externa é outra tarefa impostergável. Trata-se aqui de ir além da miragem dos indicadores econômicos,



conformando-se o país numa economia que incrementa a produtividade, os níveis de renda e emprego, utilizando-se dos investimentos externos e do comércio em benefício próprio.

Estes fatores funcionam como pré-condição para a superação da exclusão social e da desigualdade, hoje naturalizadas. Por sua vez, a melhoria das condições de trabalho e do acesso às políticas sociais é estratégica para a conformação de uma sociedade mais justa. Importa lembrar ainda que estas políticas só adquirem sentido se o país lograr uma desconcentração econômica de fato, permitindo a valorização das regiões até hoje excluídas dos ganhos do desenvolvimento.

Todos estes desafios exigem que se reconheça a necessidade de um projeto nacional, para o que a recuperação do investimento e da regulação pública se mostra fundamental. Indivíduos empreendedores e empresas competitivas apenas não fazem uma nação.

Movimentos sociais, partidos políticos, uma elite intelectual, um Estado Nacional e um empresariado comprometido com o país devem fazer parte desta empreitada coletiva.

Os socialistas brasileiros de hoje – num momento em que o socialismo sofre profundas críticas e que o capitalismo avança de forma vigorosa, porém excludente – devem, na sua ação, partir das contradições expressas pelo sistema em escala nacional, sem deixar de estabelecer relações com os grupos progressistas de outros países e de intervir nas organizações internacionais que chancelam a nossa posição independente.

O desafio que temos pela frente é o de estabelecer as condições para uma sociedade mais justa e soberana. Analisar o real para transformá-lo, num sentido que contribua para o aumento do poder econômico, social e político da massa trabalhadora.

Bibliografia Geral

BACELAR, Tânia. Revisitando a Questão Regional, in: *Cadernos do Desenvolvimento*, n. 1, Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, Rio de Janeiro, 2006.

FERNANDES, Florestan. *A Revolução Burguesa no Brasil*. 3. ed., Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. 16. ed., Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1973.

FURTADO, Celso. *Cultura e Desenvolvimento em Época de Crise*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

- FURTADO, Celso. *A Fantasia Desfeita*. 2. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- HOLLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 7. ed., Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1973.
- LESSA, Carlos. A Civilização Brasileira como Sonho, in: *Economia Brasileira: Perspectivas do Desenvolvimento*. São Paulo: Centro Acadêmico Visconde de Cairu FEA-USP, 2005.
- MARTINS, José de Souza. *A Sociedade Vista do Abismo: Novos Estudos sobre Exclusão, Pobreza e Classes Sociais*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- POCHMANN, Marcio et. al. *Atlas da Estratificação Social no Brasil*, v. 2. São Paulo: Cortez, 2007.
- PRADO Jr. Caio. *A Revolução Brasileira*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1966.
- RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: a Formação e o Sentido do Brasil*, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SANTOS, Milton. *A Urbanização Brasileira*, 5. ed., São Paulo: Edusp, 2005.
- SCHWARZ, Roberto. *Que Horas São? Ensaios*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1989.
- VIANNA, Oliveira. *Evolução do Povo Brasileiro*. 4. ed., Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1956.



PARA SABER MAIS SOBRE O TEMA

O objetivo deste suplemento é aprofundar o conhecimento dos conteúdos desenvolvidos em aula. Nele, você encontrará indicações e referências de materiais que possibilitam a discussão e oferecem elementos para a reflexão sobre os temas abordados. As obras e textos aqui listados são um complemento daqueles já citados no “Texto de Referência”.

Livros

BRESSER PEREIRA, Luiz Carlos. *Economia Brasileira: Uma Introdução Crítica*. São Paulo: Editora 34, 1997.

CAVALCANTI C. (Org.). *Desenvolvimento e natureza: Estudos para uma sociedade sustentável*. Brasília: Cortez/Fund. Joaquim Nabuco, 1995.

FRANCO, Gustavo. *O Desafio Brasileiro*. São Paulo: Editora 34, 1999.

FURTADO, Celso. *O mito do desenvolvimento econômico*. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

_____. *Formação Econômica do Brasil*. São Paulo: Editora Nacional, 1974.

_____. *Pequena introdução ao desenvolvimento econômico*. São Paulo: Nacional, 1980.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1936.

HOBSBAWN, Eric. *Era dos Extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JONES, H. *Modernas teorias do crescimento econômico: uma introdução*. São Paulo: Atlas, 1979.

KAY, Geoffrey. *Desenvolvimento e Subdesenvolvimento: uma análise marxista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

MARTINS, José de Souza. *A Sociedade Vista do Abismo: Novos Estudos sobre Exclusão, Pobreza e Classes Sociais*. Petrópolis: Vozes, 2002.

OFFE, Claus. *Problemas estruturais do Estado capitalista*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

OLIVEIRA, Francisco de. *A Economia Brasileira: Crítica à Razão Dualista*. Petrópolis: Vozes, 1987.

PNUD. *Relatório das Nações Unidas – Índice de Desenvolvimento Humano*. 1997.

PNUD. *Atlas do desenvolvimento humano no Brasil*. Brasília, 1998.

POCHMANN, Márcio et. al. *Atlas da Exclusão Social*. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. *Atlas da Nova Estratificação Social: Classe Média, Desenvolvimento e Crise*. São Paulo: Cortez, 2006.

PRADO JRÚNIOR, Caio. *História Econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Livraria Martins, 1942.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: a Formação e o Sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RICUPERO, Rubens. *O Brasil e o Dilema da Globalização*. São Paulo: Senac, 2001.

RODRIGUES, Octávio. *Teorias do subdesenvolvimento da Cepal*. Rio de Janeiro: Forense, 1991.

ROXBOROUGH, Ian. *Teorias do Subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

SCHUMPETER, J. *A teoria do desenvolvimento econômico*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

SANDRONI, Paulo. *Traduzindo o Economês: Para Entender a Economia Brasileira na Época da Globalização*. São Paulo: Best Seller, 2000.

SANTOS, Milton. *A Urbanização Brasileira*. São Paulo: Edusp, 2005.



SOUZA, Nali de J. de . *Desenvolvimento Econômico*. São Paulo: Atlas, 1993.

SUZIGAN, Wilson. *Indústria Brasileira. Origem e Desenvolvimento*. São Paulo: Hucitec, 2000.

Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil IPEA/IBGE/Fundação João Pinheiro – A economia brasileira em perspectiva, 1998.

Artigos

ALBUQUERQUE, Roberto Cavalcanti de. *Estratégia de desenvolvimento e combate à pobreza*. In: Estud. av., ago 1995, v. 9, n. 24. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141995000200004&lng=pt&nrm=iso>

COUTINHO, Maurício Chalfin. *Incursões marxistas*. In: Estud. av., abr. 2001, v. 15, n. 41. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142001000100005&lng=pt&nrm=iso>

FREIRE, Carlos Eduardo Torres. *Razões e ficções do desenvolvimento / Brasil, México, África do Sul, Índia e China: diálogo entre os que chegaram depois*. In: Tempo Soc., nov. 2004, v. 16, n. 2. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702004000200016&lng=pt&nrm=iso>

GEHLEN, Ivaldo. *Políticas públicas e desenvolvimento social rural*. In: São Paulo Perspec. , 2004, v. 18, n. 2. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392004000200010&nrm=iso&lng=pt&tlng=pt>

LAMPREIA, Luiz Felipe. *Relatório brasileiro sobre desenvolvimento social*. In: Estud. av., ago. 1995, v. 9, n. 2. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141995000200003&lng=pt&nrm=iso>

POCHMANN, Marcio. *Proteção social na periferia do capitalismo: considerações sobre o Brasil*. In: São Paulo Perspec., 2004, v. 18, n. 2. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392004000200002&nrm=iso&lng=pt&tlng=pt>

Mas os anos noventa também trouxeram mudanças políticas não menos importantes. De um lado, as instituições políticas mostraram-se mais sólidas. O país já chega a 18 anos depois de sua primeira eleição direta para presidente com funcionamento regular dos três poderes. As eleições transformaram-se num fato cotidiano, enquanto representantes de todos os segmentos da sociedade civil assumem cargos no Legislativo e no Executivo. O Judiciário atua de forma independente, enquanto a mídia acompanha minuciosamente os atos dos representantes dos poderes públicos.

Ainda assim, seria bastante prematuro afirmar que o Brasil possui uma democracia consolidada. Os males de nossa formação histórica – relacionados à confusão entre o público e o privado – assumiram uma dimensão fantástica. Por todos os lados, e não apenas nos escândalos acompanhados durante os governos Collor, FHC e Lula, observa-se uma privatização sistêmica do Estado.

Ou seja, mais importante que o processo de privatização das empresas estatais, que vendeu US\$ 100 bilhões em ativos durante os anos noventa, a gestão pública passou a se pautar por critérios privados. As agências reguladoras, muitas vezes, preocuparam-se mais em assegurar tarifas rentáveis para as novas

empresas privadas – de telefonia e energia elétrica, por exemplo – do que estabelecer condições mínimas de concorrência e critérios para a universalização dos serviços.

Paralelamente, houve uma estigmatização ideológica dos funcionários públicos e da atuação do Estado em geral, considerado necessariamente ineficiente e corrupto. Interessante seria sugerir o contrário: a privatização do Estado, sem controle, talvez tenha potencializado novas formas de corrupção. Neste sentido, muitas das agências reguladoras cumpriram o papel oposto que se esperava delas. Funcionaram como intermediadoras dos interesses privados.

Mais grave ainda, houve um ataque contra instituições públicas e valores coletivos. A legislação trabalhista passou a ser a culpada pelo desemprego e o aposentado pelo INSS os responsáveis pelo déficit fiscal, e consequentemente, pelos juros altos. Termos como empreendedorismo, *marketing* pessoal e empregabilidade tenderam a jogar o ônus do ajuste econômico sob a ineficiência dos indivíduos.

Instaurou-se assim o “salve-se quem puder”, culpando os trabalhadores e os empresários como preguiçosos e ineficientes. O sistema econômico teria se modernizado, ao contrário



Mas os anos noventa também trouxeram mudanças políticas não menos importantes. De um lado, as instituições políticas mostraram-se mais sólidas. O país já chega a 18 anos depois de sua primeira eleição direta para presidente com funcionamento regular dos três poderes. As eleições transformaram-se num fato cotidiano, enquanto representantes de todos os segmentos da sociedade civil assumem cargos no Legislativo e no Executivo. O Judiciário atua de forma independente, enquanto a mídia acompanha minuciosamente os atos dos representantes dos poderes públicos.

Ainda assim, seria bastante prematuro afirmar que o Brasil possui uma democracia consolidada. Os males de nossa formação histórica – relacionados à confusão entre o público e o privado – assumiram uma dimensão fantástica. Por todos os lados, e não apenas nos escândalos acompanhados durante os governos Collor, FHC e Lula, observa-se uma privatização sistêmica do Estado.

Ou seja, mais importante que o processo de privatização das empresas estatais, que vendeu US\$ 100 bilhões em ativos durante os anos noventa, a gestão pública passou a se pautar por critérios privados. As agências reguladoras, muitas vezes, preocuparam-se mais em assegurar tarifas rentáveis para as novas

empresas privadas – de telefonia e energia elétrica, por exemplo – do que estabelecer condições mínimas de concorrência e critérios para a universalização dos serviços.

Paralelamente, houve uma estigmatização ideológica dos funcionários públicos e da atuação do Estado em geral, considerado necessariamente ineficiente e corrupto. Interessante seria sugerir o contrário: a privatização do Estado, sem controle, talvez tenha potencializado novas formas de corrupção. Neste sentido, muitas das agências reguladoras cumpriram o papel oposto que se esperava delas. Funcionaram como intermediadoras dos interesses privados.

Mais grave ainda, houve um ataque contra instituições públicas e valores coletivos. A legislação trabalhista passou a ser a culpada pelo desemprego e o aposentado pelo INSS os responsáveis pelo déficit fiscal, e consequentemente, pelos juros altos. Termos como empreendedorismo, *marketing* pessoal e empregabilidade tenderam a jogar o ônus do ajuste econômico sob a ineficiência dos indivíduos.

Instaurou-se assim o “salve-se quem puder”, culpando os trabalhadores e os empresários como preguiçosos e ineficientes. O sistema econômico teria se modernizado, ao contrário



da sociedade. O problema seria de cultura – burocrática, estatista e conformista – assumindo-se as novas tendências (desemprego e informalidade) como custos inevitáveis da “globalização”, encarada não como um processo histórico e passível de intervenção, mas como uma nova condição que afeta todos os países indistintamente.

A legislação trabalhista, o sistema previdenciário, os sindicatos e os partidos, o Estado Nacional, as políticas sociais em geral passaram a ser vistas como entraves. O individualismo sobrepôs-se aos valores de solidariedade e de transformação social. O microempresário, o consultor privado e o trabalhador informal tornaram-se heróis que apenas não trouxeram a modernidade pela intervenção de instituições ditas arcaicas. Privatizou-se inclusive a utopia. O vencedor passou a ser quem enriquece com o menor custo, não aqueles que desenvolvem ações coletivas. Investir no “social” passou a ser lucrativo. E a filantropia das empresas e da classe média favorecida pretendeu mostrar a insuficiência e a limitação de qualquer ação pública.

Para além do conservadorismo da política econômica, um conservadorismo cotidiano passou a considerar qualquer iniciativa, para além do espaço privado, como utópica e ineficiente. Enquanto isso, surgiu uma nova elite de empresários, de consultores e assalariados

de altos salários que vivem do Estado – seja pelos juros vantajosos, seja pelas obras públicas e pela conexão com as oligarquias políticas e regionais – ou então pelas novas opções criadas pela abertura econômica. O *self-made man* do Brasil atual guarda pouca relação com indivíduo empreendedor do discurso liberal. Banqueiros sem capital, empresas favorecidas pela privatização e sindicalistas com conexões financeiras revelam as limitações da ordem democrática brasileira, o que é ainda mais agravado pela ausência ou insuficiência do Estado em relação aos grupos mais vulneráveis socialmente. O liberalismo vale para os de baixo, enquanto os de cima são financiados pela proteção estatal.

Por trás deste esgarçamento dos valores coletivos, encontra-se a mais completa ausência de um projeto nacional. O poder Executivo vive de acordos de pouca envergadura com segmentos do Legislativo. Todas as forças políticas – em termos ideológicos e regionais – devem ser contempladas. Os investimentos públicos raramente contam com planejamento, dependendo de negociações localizadas com grupos oligárquicos. Daí a impressão de que os partidos todos se parecem quando chegam ao poder.

Finalmente, boa parte da mídia passa a assumir uma posição interessada no esquema financeiro-econômico predominante, passando a imagem de que todos os políticos “são

iguais”. Contribui para se difundir a opinião de que não há alternativas.

Estes impasses políticos tornam mais difícil a superação de um cenário de semi-estagnação econômica, enquanto a classe média enco-

lhe e a classe operária se torna cada vez mais segmentada e dividida entre um núcleo cada vez menor respaldado pelos sindicatos e um amplo segmento de informais e terceirizados que lutam pela sobrevivência, sem qualquer respaldo institucional.

Considerações finais

- ▶ Consciência crítica dos problemas nacionais
- ▶ Compreensão das contradições do capitalismo brasileiro
- ▶ Alianças internacionais com forças progressistas
- ▶ Defesa de um projeto nacional alternativo que parta da necessidade de elevação do poder econômico, social e político da massa trabalhadora

Este texto procurou elencar os principais problemas que impedem o país de prosseguir a sua trajetória de construção de uma nação. Para tanto, esta deve ser capaz de se pensar de forma independente e soberana, a partir de seus principais problemas, podendo se aproveitar de experiências e teorias formuladas em outros contextos, desde que adaptadas à nossa realidade. A primeira tarefa, e que precede a todas as outras, é a de romper com a tradição de colonização cultural.

Em termos macroeconômicos, o principal desafio é incorporar a massa de trabalhadores subaproveitados de forma digna, a partir do trabalho e do acesso a políticas sociais.

A vitalização do mercado interno é condição necessária para tanto, sem descuidar da possibilidade de o país ocupar novos nichos no mercado internacional, inclusive nos setores de vanguarda tecnológica. Investimento em pesquisa e educação, políticas industriais e agrícolas, de desenvolvimento regional e reforma agrária cumprem um papel estratégico. Romper as coordenadas estreitas – juros altos e câmbio valorizado – da política econômica atual também contribui, pois permite destravar energias produtivas e sociais hoje congeladas.

A superação da vulnerabilidade externa é outra tarefa impostergável. Trata-se aqui de ir além da miragem dos indicadores econômicos,



conformando-se o país numa economia que incrementa a produtividade, os níveis de renda e emprego, utilizando-se dos investimentos externos e do comércio em benefício próprio.

Estes fatores funcionam como pré-condição para a superação da exclusão social e da desigualdade, hoje naturalizadas. Por sua vez, a melhoria das condições de trabalho e do acesso às políticas sociais é estratégica para a conformação de uma sociedade mais justa. Importa lembrar ainda que estas políticas só adquirem sentido se o país lograr uma desconcentração econômica de fato, permitindo a valorização das regiões até hoje excluídas dos ganhos do desenvolvimento.

Todos estes desafios exigem que se recoloque a necessidade de um projeto nacional, para o que a recuperação do investimento e da regulação pública se mostra fundamental. Indivíduos empreendedores e empresas competitivas apenas não fazem uma nação.

Movimentos sociais, partidos políticos, uma elite intelectual, um Estado Nacional e um empresariado comprometido com o país devem fazer parte desta empreitada coletiva.

Os socialistas brasileiros de hoje – num momento em que o socialismo sofre profundas críticas e que o capitalismo avança de forma vigorosa, porém excludente – devem, na sua ação, partir das contradições expressas pelo sistema em escala nacional, sem deixar de estabelecer relações com os grupos progressistas de outros países e de intervir nas organizações internacionais que cancelam a nossa posição independente.

O desafio que temos pela frente é o de estabelecer as condições para uma sociedade mais justa e soberana. Analisar o real para transformá-lo, num sentido que contribua para o aumento do poder econômico, social e político da massa trabalhadora.

Bibliografia Geral

BACELAR, Tânia. Revisitando a Questão Regional, in: *Cadernos do Desenvolvimento*, n. 1, Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, Rio de Janeiro, 2006.

FERNANDES, Florestan. *A Revolução Burguesa no Brasil*. 3. ed., Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. 16. ed., Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1973.

FURTADO, Celso. *Cultura e Desenvolvimento em Época de Crise*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

- FURTADO, Celso. *A Fantasia Desfeita*. 2. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- HOLLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 7. ed., Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1973.
- LESSA, Carlos. A Civilização Brasileira como Sonho, in: *Economia Brasileira: Perspectivas do Desenvolvimento*. São Paulo: Centro Acadêmico Visconde de Cairu FEA-USP, 2005.
- MARTINS, José de Souza. *A Sociedade Vista do Abismo: Novos Estudos sobre Exclusão, Pobreza e Classes Sociais*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- POCHMANN, Marcio et. al. *Atlas da Estratificação Social no Brasil*, v. 2. São Paulo: Cortez, 2007.
- PRADO Jr. Caio. *A Revolução Brasileira*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1966.
- RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: a Formação e o Sentido do Brasil*, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SANTOS, Milton. *A Urbanização Brasileira*, 5. ed., São Paulo: Edusp, 2005.
- SCHWARZ, Roberto. *Que Horas São? Ensaio*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1989.
- VIANNA, Oliveira. *Evolução do Povo Brasileiro*. 4. ed., Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1956.



PARA SABER MAIS SOBRE O TEMA

O objetivo deste suplemento é aprofundar o conhecimento dos conteúdos desenvolvidos em aula. Nele, você encontrará indicações e referências de materiais que possibilitam a discussão e oferecem elementos para a reflexão sobre os temas abordados. As obras e textos aqui listados são um complemento daqueles já citados no “Texto de Referência”.

Livros

BRESSER PEREIRA, Luiz Carlos. *Economia Brasileira: Uma Introdução Crítica*. São Paulo: Editora 34, 1997.

CAVALCANTI C. (Org.). *Desenvolvimento e natureza: Estudos para uma sociedade sustentável*. Brasília: Cortez/Fund. Joaquim Nabuco, 1995.

FRANCO, Gustavo. *O Desafio Brasileiro*. São Paulo: Editora 34, 1999.

FURTADO, Celso. *O mito do desenvolvimento econômico*. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

_____. *Formação Econômica do Brasil*. São Paulo: Editora Nacional, 1974.

_____. *Pequena introdução ao desenvolvimento econômico*. São Paulo: Nacional, 1980.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1936.

HOBSBAWN, Eric. *Era dos Extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JONES, H. *Modernas teorias do crescimento econômico: uma introdução*. São Paulo: Atlas, 1979.

KAY, Geoffrey. *Desenvolvimento e Subdesenvolvimento: uma análise marxista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

MARTINS, José de Souza. *A Sociedade Vista do Abismo: Novos Estudos sobre Exclusão, Pobreza e Classes Sociais*. Petrópolis: Vozes, 2002.

OFFE, Claus. *Problemas estruturais do Estado capitalista*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

OLIVEIRA, Francisco de. *A Economia Brasileira: Crítica à Razão Dualista*. Petrópolis: Vozes, 1987.

PNUD. *Relatório das Nações Unidas – Índice de Desenvolvimento Humano*. 1997.

PNUD. *Atlas do desenvolvimento humano no Brasil*. Brasília, 1998.

POCHMANN, Márcio et. al. *Atlas da Exclusão Social*. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. *Atlas da Nova Estratificação Social: Classe Média, Desenvolvimento e Crise*. São Paulo: Cortez, 2006.

PRADO JRÚNIOR, Caio. *História Econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Livraria Martins, 1942.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: a Formação e o Sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RICUPERO, Rubens. *O Brasil e o Dilema da Globalização*. São Paulo: Senac, 2001.

RODRIGUES, Octávio. *Teorias do subdesenvolvimento da Cepal*. Rio de Janeiro: Forense, 1991.

ROXBOROUGH, Ian. *Teorias do Subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

SCHUMPETER, J. *A teoria do desenvolvimento econômico*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

SANDRONI, Paulo. *Traduzindo o Economês: Para Entender a Economia Brasileira na Época da Globalização*. São Paulo: Best Seller, 2000.

SANTOS, Milton. *A Urbanização Brasileira*. São Paulo: Edusp, 2005.



SOUZA, Nali de J. de . *Desenvolvimento Econômico*. São Paulo: Atlas, 1993.

SUZIGAN, Wilson. *Indústria Brasileira. Origem e Desenvolvimento*. São Paulo: Hucitec, 2000.

Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil IPEA/IBGE/Fundação João Pinheiro – A economia brasileira em perspectiva, 1998.

Artigos

ALBUQUERQUE, Roberto Cavalcanti de. *Estratégia de desenvolvimento e combate à pobreza*. In: *Estud. av.*, ago 1995, v. 9, n. 24. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141995000200004&lng=pt&nrm=iso>

COUTINHO, Maurício Chalfin. *Incursões marxistas*. In: *Estud. av.*, abr. 2001, v. 15, n. 41. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142001000100005&lng=pt&nrm=iso>

FREIRE, Carlos Eduardo Torres. *Razões e ficções do desenvolvimento / Brasil, México, África do Sul, Índia e China: diálogo entre os que chegaram depois*. In: *Tempo Soc.*, nov. 2004, v. 16, n. 2. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702004000200016&lng=pt&nrm=iso>

GEHLEN, Ivaldo. *Políticas públicas e desenvolvimento social rural*. In: *São Paulo Perspec.*, 2004, v. 18, n. 2. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392004000200010&nrm=iso&lng=pt&tlng=pt>

LAMPREIA, Luiz Felipe. *Relatório brasileiro sobre desenvolvimento social*. In: *Estud. av.*, ago. 1995, v. 9, n. 2. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141995000200003&lng=pt&nrm=iso>

POCHMANN, Marcio. *Proteção social na periferia do capitalismo: considerações sobre o Brasil*. In: *São Paulo Perspec.*, 2004, v. 18, n. 2. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392004000200002&nrm=iso&lng=pt&tlng=pt>

SACHS, Ignacy. *Em busca de novas estratégias de desenvolvimento*. In: *Estud. av.*, 1995, v. 9, n. 25. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141995000300004&nrm=iso&lng=pt&tlng=pt>

STEINER, João E. *Conhecimento: gargalos para um Brasil no futuro*. In: *Estud. av.*, abr. 2006, v. 20, n. 56. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000100007&lng=pt&nrm=iso>

Periódicos

Dossiê Projeto Brasil – Alternativas para o século XXI, Revista da USP, 47, 2000. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/n47/numero47.html>>

Sítios na internet

Revista Eletrônica “Desafios do Desenvolvimento”, uma parceria IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) e Pnud (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). Disponível em: <<http://www.desafios.org.br/>>

Sítio do Pnud (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/>>

TV – Pesquisa (Coordenada pelo professor João Luiz van Tilburg, da PUC-Rio, a TV-Pesquisa permite acesso a um banco de dados completo e atualizado das notícias, reportagens, editoriais e colunas veiculadas na imprensa sobre a televisão brasileira, de 1967 a 2001). Disponível em: <<http://www.tv-pesquisa.com.puc-rio.br>>

IBEGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>



ECONOMIA EM FOCO – Boletim semestral do Centro de Conjuntura e Política Econômica do Instituto de Economia da Unicamp. Disponível em: <http://www.eco.unicamp.br/asp-scripts/boletim_cecon/boletim_cecon.asp>

IPEA DATA – Base de Dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Disponível em: <<http://www.ipeadata.gov.br/ipeaweb.dll/ipeadata?94436859>>

Biblioteca CEPAL (Comissão Econômica para a América do Sul e o Caribe). Disponível em: <<http://www.eclac.cl/biblioteca/default.asp>>

Sítio “Gramsci e o Brasil”. Disponível em: <<http://www.acesa.com/gramsci/>>

Biblioteca Virtual História do Marxismo no Brasil. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/marxismo/index.htm>>

Biblioteca Virtual de Autores Socialistas. Disponível em: <<http://www.ucm.es/info/bas/es/marx-eng/>>

Centros de Pesquisa

CPDOC FGV – RJ (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil). Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm/>>

IEA USP (Instituto de Estudos Avançados). Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/iea/>>

CEBRAP (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento). Disponível em: <<http://www.cebrap.org.br/index.asp>>

CEDEC (Centro de Estudos de Cultura Contemporânea). Disponível em: <<http://www.cedec.org.br/>>

Centro de Estudos Brasileiros/Unicamp. Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/ceb/index.htm>>

Centro de Estudos Marxistas/Unicamp. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/cemarx/>>

NU-SOL Núcleo de Sociabilidade Libertária/PUC-SP. Disponível em: <<http://www.nu-sol.org>>

NEILS – Núcleo de Estudos de Ideologias e Lutas Sociais da PUC-SP – <http://www.pucsp.br/neils/>

CEGeT – Centro de Estudos da Geografia do Trabalho da UNESP. Disponível em: <<http://www2.prudente.unesp.br/CEGET/>>

Núcleos de Estudos em Ciência Política da Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: <<http://www.politicahoje.com/politica/nucleos.php>>

IUPERJ – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política. Disponível em: <<http://www.iuperj.br/>>

Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília. Disponível em: <www.unb.br/pol/>

CEBELA (Centro Brasileiro de Estudos da América Latina). Disponível em: <www.cebela.org.br>

CESIT – Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho da Unicamp. Disponível em: <<http://www.eco.unicamp.br/cesit/index2.html>>

GEEIN – Grupo de Estudos de Economia Industrial da UNESP. Disponível em: <<http://geein.fclar.unesp.br/>>

Centro de Estudos Brasileiros da Universidade de Oxford (*Centre for Brazilian Studies, Oxford University*). Disponível em: <<http://www.brazil.ox.ac.uk/papers.html>>

Instituto Brasil do The Woodrow Wilson International Center for Scholars (*Brazil Institute*). Disponível em: <http://www.wilsoncenter.org/index.cfm?topic_id=1419&fuseaction=topics.home>

Centro de Estudos Brasileiros da Universidade do Texas/Austin (*Brazil Center*). Disponível em: <<http://www.utexas.edu/cola/insts/llilas/brazil/index/>>

Centro de Estudos Latino Americanos da Universidade de Harvard, EUA (*David Rockefeller Center for Latin American Studies, Harvard University*). Disponível em: <<http://www.fas.harvard.edu/~drclas>>



Filmes

Título Original: Sua Excelência, o Candidato

Gênero: Comédia

Tempo de Duração: 108 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 1991

Direção: Ricardo Pinto e Silva

Sinopse: Adaptação da peça teatral homônima de Jandira Martini e Marcos Caruso – após jornalistas noticiarem a realização de convenções em Brasília para os partidos escolherem seus candidatos à presidência, inicia-se então uma série de acusações entre os candidatos e líderes de partidos políticos.

(Fonte: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=344MUR003>)

Título Original: Vocação do Poder

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 110 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2005

Site Oficial: www.vocacaodopoder.com.br

Direção: Eduardo Scorel e José Joffily

Sinopse: A campanha realizada por 6 candidatos ao cargo de vereador do Rio de Janeiro durante as eleições municipais de 2004. Um panorama das ações de cada candidato durante todo o processo eleitoral, desde as convenções partidárias até a apuração dos votos.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/vocacao-do-poder/vocacao-do-poder.asp>)

Título Original: Intervalo Clandestino

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 95 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2005

Direção: Eryk Rocha

Sinopse: O estado de espírito do povo brasileiro diante da realidade social e política do país. O documentário se desenvolve junto à população, no ritmo acelerado do cotidiano. A câmera circula pela malha urbana do Rio de Janeiro e capta uma atmosfera pré-eleitoral contraditória. Em meio ao caos cotidiano a atenção se volta para pessoas comuns de diversas profissões que, através de depoimentos e impressões, tecem comentários e reflexões sobre as perspectivas políticas do país.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/intervalo-clandestino/intervalo-clandestino.htm>)

Título Original: O Espetáculo Democrático

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 40 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2003

Direção: Guilherme César

Sinopse: A partir do registro da posse do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o vídeo procura refletir a respeito dos últimos 15 anos de nossa história política. O “Brasil democrático” é discutido através de imagens de campanhas eleitorais, entrevistas com parte da velha e da nova burocracia estatal, marqueteiros e com brasileiros pertencentes a diferentes movimentos sociais. Qual é o desafio da sociedade brasileira frente ao primeiro governo supostamente de esquerda, popular e até socialista?

(Fonte: <http://felco.guardachuva.org/node/31>)**Título Original: Quanto Vale ou é por Quilo?**

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 104 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2005

Site Oficial: www.quantovaleoueporquilo.com.br

Direção: Sérgio Bianchi

Roteiro: Sérgio Bianchi, Eduardo Benaim e Newton Canitto, baseado no conto “Pai Contra Mãe”, de Machado de Assis

Sinopse: Uma analogia entre o antigo comércio de escravos e a atual exploração da miséria pelo marketing social, que forma uma solidariedade de fachada. No século XVII um capitão-do-mato captura uma escrava fugitiva, que está grávida. Após entregá-la ao seu dono e receber sua recompensa, a escrava aborta o filho que espera. Nos dias atuais uma ONG implanta o projeto Informática na Periferia em uma comunidade carente. Arminda, que trabalha no projeto, descobre que os computadores comprados foram superfaturados e, por causa disto, precisa agora ser eliminada. Candinho, um jovem desempregado cuja esposa está grávida, torna-se matador de aluguel para conseguir dinheiro para sobreviver.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/quanto-vale-ou-e-por-quilo/quanto-vale-ou-e-por-quilo.asp>)**Título Original: Central do Brasil**

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 112 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 1998

Direção: Walter Salles

Roteiro: João Emanuel Carneiro e Marcos Bernstein



Sinopse: Mulher (Fernanda Montenegro) que escreve cartas para analfabetos na estação Central do Brasil, no Rio de Janeiro, ajuda menino (Vinícius de Oliveira), após sua mãe ser atropelada, a tentar encontrar o pai que nunca conheceu, no interior do Nordeste. A emocionante viagem de Dora e Josué pelo coração do Brasil tem como cenário a dicotomia campo/cidade e as questões econômicas e sociais do país.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/central-do-brasil/central-do-brasil.asp>)

Título Original: Fala Tu

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 74 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2004

Direção: Guilherme Coelho

Roteiro: Nathaniel Leclery

Sinopse: Macarrão, 33 anos, apontador do jogo do bicho, duas filhas, morador do morro do Zinco e torcedor do Fluminense. Toghum, 32 anos, vendedor de produtos esotéricos, budista e morador de Cavalcante. Combatente, 21 anos, moradora de Vigário Geral, frequentadora da Igreja do Santo Daime e operadora de telemarketing. Durante 9 meses, entre 2002 e 2003, uma equipe filmou o dia-a-dia destes três cariocas da Zona Norte, que batalham e sonham em fazer da sua música, o rap, o seu ganha-pão. O resultado é uma crônica composta pelo cotidiano, letras e dramas deste três personagens.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/fala-tu/fala-tu.htm>)

Título Original: O Invasor

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 97 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2001

Direção: Beto Brant

Roteiro: Marçal Aquino, Beto Brant e Renato Ciasca, baseado em livro de Marçal Aquino

Sinopse: Gilberto, interpretado por Alexandre Borges, e Ivan (Marco Ricca), são sócios que possuem participação minoritária numa empresa de construção civil e que decidem contratar um matador de aluguel, Anísio (Paulo Miklos), para eliminar o sócio majoritário. Após cumprir a tarefa, assassinando também a mulher do sócio, Anísio, que tem sonhos de subir na vida, decide visitar (ou invadir) a empresa de Gilberto e Ivan, conclamando-se empregado dela. Drama urbano do Brasil neoliberal, retratando a degradação ética-moral das relações pessoais (e de negócios) na sociedade brasileira na década de 1990. É a expressão de uma sociedade burguesa hipertardia em crise há mais de vinte anos que cultiva a cultura da barbárie social que perpassa todas as classes (e grupos) sociais. O filme mostra um neoliberalismo que não é apenas uma política ou economia, mas uma sociabilidade de mercado, que tende a dissolver relações ético-morais entre pessoas na família e no trabalho. Em O Invasor, está claro a completa ausência do Estado na vida social (e quando ele aparece, está corrompido). Percebe-se a completa imersão das pessoas na selva metropolitana. Com trilha musical principal do

rapper Sabotage, O Invasor é um painel pessimista de uma burguesia paulistana imersa em seus particularismos, acuada e distante da periferia, e que, de repente, vê-se invadida por um visitante inoportuno da marginalia metropolitana.

(Fonte: <http://www.telacritica.org/letral.htm#invasor>)

Título Original: Garotas do ABC

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 124 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2004

Direção: Carlos Reichenbach

Roteiro: Carlos Reichenbach e Fernando Bonassi

Sinopse: Aurélia (Michelle Valle) é uma jovem tecelã negra, que trabalha em uma indústria têxtil recém-saída da concordata e que é fã do astro Arnold Schwarzenegger. Ao seu redor se desenvolvem os três eixos narrativos do filme: a família de Aurélia (pai, mãe, irmão, tia e sobrinha), as colegas dela (a tecelagem e o clube operário que freqüentam) e o bando racista que acompanha o seu namorado fascista.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/garotas-do-abc/garotas-do-abc.asp>)

Título Original: Caixa Dois

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 83 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2007

Site Oficial: www.dezenove.net/pr_bens.htm

Direção: Bruno Barreto

Sinopse: Luiz Fernando, rico banqueiro, consegue um ganho extra de cinqüenta milhões de reais numa transação de investimentos em Precatórios. Como o doleiro encarregado de descontar o cheque e enviar os dólares para sua conta em Zurique entra em coma, o banqueiro decide usar sua linda secretária, de quem é amante, como “laranja”. Mas a situação se complica quando, ao fazer o depósito, um dígito errado faz com que os cinqüenta milhões caiam na conta de uma mulher honesta e trabalhadora cujo marido acaba de ser demitido por medidas de economia no processo de automação do banco de Luiz Fernando. E ela promete endurecer o jogo, recusando-se a fazer o estorno e gerando complicações hilariantes.

(Fonte: <http://www.cinepop.com.br/filmes/caixadois.htm>)

Título Original: Cronicamente Inviável

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 101 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2000



Site Oficial: www.inviavel.com.br

Direção: Sérgio Bianchi

Roteiro: Gustavo Steinberg e Sérgio Bianchi

Sinopse: O filme mostra trechos das histórias de 6 personagens, mostrando a dificuldade de sobrevivência mental e física em meio ao caos da sociedade brasileira, que atinge a todos independentemente da posição social ou da postura assumida.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/cronicamente-inviavel/cronicamente-inviavel.asp>)

Título Original: Cidade de Deus

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 135 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2002

Site Oficial: www.cidadedededeus.com.br

Direção: Fernando Meirelles

Co-direção: Katia Lund

Roteiro: Bráulio Mantovani

Sinopse: Buscapé é um jovem pobre, negro e muito sensível, que cresce em um universo de muita violência. Buscapé vive na Cidade de Deus, favela carioca conhecida por ser um dos locais mais violentos da cidade. Amedrontado com a possibilidade de se tornar um bandido, Buscapé acaba sendo salvo de seu destino por causa de seu talento como fotógrafo, o qual permite que siga carreira na profissão. É através de seu olhar atrás da câmera que Buscapé analisa o dia-a-dia da favela onde vive, onde a violência aparenta ser infinita.

(Fonte: <http://www.adorocinemabrasileiro.com.br/filmes/cidade-de-deus/cidade-de-deus.asp>)

Título Original: Atos dos Homens

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 78 minutos

Ano de Lançamento (Brasil / Alemanha / Holanda): 2006

Direção: Kiko Goifman

Roteiro: Kiko Goifman

Sinopse: Um raio x da violência na Baixada Fluminense, no estado do Rio de Janeiro. O cotidiano de moradores da região, que convivem com uma grande desigualdade social e a banalização da morte, que se torna algo corriqueiro para a resolução de conflitos.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/atos-dos-homens/atos-dos-homens.asp>)

Título Original: Conquista

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 58 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2006

Direção: Flávia Vilela e Felipe Hansen Hutter

Sinopse: Doze camponeses do extremo oeste de Santa Catarina mostram seu cotidiano, seus sonhos e obstáculos, tornando-se personagens cujas histórias compõem uma de muitas trajetórias da luta pela vida no campo.

Filme selecionado para a Mostra Latino-Americana de Cinema e Direitos Humanos de 2006. (Fonte: http://www.cinedireitoshumanos.org.br/filmes_filme.htm)

Título Original: Correntes

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 58 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2005

Direção: Caio Cavechini, Ivan Paganotti

Sinopse: Trajetórias de trabalhadores do Norte e Nordeste do Brasil inspiram ações dos mais diversos ativistas no combate ao trabalho escravo contemporâneo. Correntes investiga as experiências e a luta diária dos abolicionistas contemporâneos – de auditores do trabalho a ativistas de centros de direitos humanos – tentando alguma reflexão sobre os avanços e os desafios de ser contra-corrente no Brasil.

Filme selecionado para a Mostra Latino-Americana de Cinema e Direitos Humanos de 2006. (Fonte: http://www.cinedireitoshumanos.org.br/filmes_filme.htm)

Título Original: O Homem Invisível

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 52 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2006

Direção: Andréa Velloso

Sinopse: A invisibilidade pública é apresentada por quatro personagens garis e um psicólogo que trabalhou por 11 anos como varredor de rua para desenvolver um livro. Eles contam fragmentos de histórias ouvidas na rua, as sutilezas em lidar com o ciclo do nascimento e morte de plantas e animais e os traumas adquiridos. Os sons amplificados da cidade e das varridas pontuam a interação dessas pessoas com a cidade de São Paulo.

Filme selecionado para a Mostra Latino-Americana de Cinema e Direitos Humanos de 2006. (Fonte: http://www.cinedireitoshumanos.org.br/filmes_filme.htm)

Título: Crianças Invisíveis

Título Original: All the Invisible Children

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 116 minutos

Ano de Lançamento (Itália): 2005

Direção: Mehdi Charef, Kátia Lund, John Woo, Emir Kusturica, Spike Lee, Jordan Scott, Ridley Scott e Stefano Veneruso



Roteiro: Mehdi Charef, Diogo de Silva, Stribor Kusturica, Cinqué Lee, Joie Lee, Spike Lee, Qiang Li, Kátia Lund, Jordan Scott e Stefano Veneruso

Sinopse: Esta série de curtas mostra a dificuldade de crianças em sobreviver ao enfrentar a realidade das ruas. Seja coletando sucata em São Paulo ou roubando para viver em Nápoles e no interior da Sérvia, os filmes são protagonizados por personagens infantis que lidam com uma dura realidade, na qual crescer muito cedo acaba sendo a única saída.

Formado por 7 curtas realizados no Brasil, Itália, Inglaterra, Sérvia, Burkina Faso, China e Estados Unidos, o projeto de Crianças Invisíveis foi criado para despertar a atenção para o sofrimento das crianças em situações difíceis por todo o mundo. Todos os diretores trabalharam de graça e parte da renda do filme foi destinada para a Unicef e para o Programa Mundial contra a Fome.

Excelente para refletir sobre os direitos sociais e quem realmente os têm assegurados, tanto nas metrópoles brasileiras quanto em outros centros urbanos.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/all-the-invisible-children/all-the-invisible-children.asp>)

Título Original: Os 12 Trabalhos

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 90 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2007

Direção: Ricardo Elias

Roteiro: Ricardo Elias, baseado em roteiro original de Ricardo Elias e Cláudio Yoshida e com a colaboração de Hilton Lacerda e Arthur Autran

Sinopse: Heracles é um jovem negro, que vive na periferia de São Paulo e que gosta de desenhar. Há 2 meses ele deixou a Febem e agora procura uma ocupação. Por indicação de seu primo Jonas, Heracles passa a trabalhar como motoboy. Em seu período de experiência ele precisa realizar 12 tarefas pela cidade de São Paulo. Para realizá-las Heracles precisa lidar com o preconceito, a burocracia e sua própria falta de malícia no novo serviço.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/12-trabalhos/12-trabalhos.asp>)

Título Original: De Passagem

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 87 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2003

Direção: Ricardo Elias

Roteiro: Cláudio Yoshida e Ricardo Elias

Sinopse: Jeferson (Sílvio Guindane) e Washington são irmãos e amigos de Kennedy desde crianças. Quando crescem Jeferson entra no Colégio Militar do Rio de Janeiro, enquanto que Washington e Kennedy entram para o tráfico de drogas. Após receber a notícia da morte de Washington, Jeferson volta a São Paulo e, juntamente com Kennedy, sai numa viagem pela

cidade procurando o corpo de Washington. Nesta viagem Jeferson e Kennedy lembram um acontecimento importante do passado.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/de-passagem/de-passagem.asp>)

Título Original: Uma Onda no Ar

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 92 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2002

Direção: Helvécio Ratton

Roteiro: Jorge Durán e Helvécio Ratton

Sinopse: Jorge, Brau, Roque e Zequiél são quatro jovens amigos que vivem em uma favela de Belo Horizonte e sonham em criar uma rádio que seja a voz do local onde vivem. Eles conseguem transformar seu sonho em realidade ao criar a Rádio Favela, que logo conquista os moradores locais por dar voz aos excluídos, mesmo operando na ilegalidade. O sucesso da rádio comunitária repercute fora da favela, trazendo também inimigos para o grupo, que acaba enfrentando a repressão policial para a extinção da rádio.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/onda-no-ar/onda-no-ar.asp>)

Título Original: Ônibus 174

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 133 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2002

Direção: José Padilha

Sinopse: Uma investigação cuidadosa, baseada em imagens de arquivo, entrevistas e documentos oficiais, sobre o seqüestro de um ônibus em plena zona sul do Rio de Janeiro. O incidente, que aconteceu em 12 de junho de 2000, foi filmado e transmitido ao vivo por quatro horas, paralisando o país. No filme a história do seqüestro é contada paralelamente à história de vida do seqüestrador, intercalando imagens da ocorrência policial feitas pela televisão. É revelado como um típico menino de rua carioca transforma-se em bandido e as duas narrativas dialogam, formando um discurso que transcende a ambas e mostrando ao espectador porque o Brasil é um país é tão violento.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/onibus-174/onibus-174.asp>)

Título Original: Amarelo Manga

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 100 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2003

Direção: Cláudio Assis

Roteiro: Hilton Lacerda



Sinopse: No subúrbio de Recife, Lígia (Leona Cavalli) acorda já mal humorada, pois terá de suportar mais um dia servindo fregueses, que às vezes a bolinam no bar onde trabalha. Quando o dia terminar, só lhe restará voltar ao seu pequeno quarto, em um anexo do bar, e dormir para suportar a mesma coisa no dia seguinte. Paralelamente Kika (Dira Paes), que é muito religiosa, está freqüentando um culto enquanto seu marido, Wellington (Chico Diaz), um cortador de carne, decanta as virtudes da sua mulher enquanto usa uma machadinha para fazer seu serviço. Neste instante no Hotel Texas, que também fica na periferia da cidade, Dunga (Matheus Nachtergaele), um gay que é apaixonado por Wellington, varre o chão antes de começar a fazer a comida. Na verdade ele é a pessoa mais polivalente no Texas, pois faz de tudo um pouco. Um hóspede do Hotel Texas, Isaac (Jonas Bloch), sente um grande prazer em atirar em cadáveres, que lhe são fornecidos por Rabecão, um funcionário do I.M.L. Apesar de decantar Kika, isto não impede de Wellington ter uma amante, que está cansada da situação e quer que ele tome logo uma decisão. Já Dunga pretende conseguir Wellington de outra forma, ou seja, fazendo um trabalho em um terreiro, assim de uma vez só ele “dá uma rasteira” na mulher e na amante. Isaac vai se encontrar no bar com Rabecão para lhe avisar que pode levar o cadáver. Lá ele conhece Lígia e sente vontade de ir com ela para a cama, mesmo com Rabecão lhe avisando que ninguém ali transou com ela.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/amarelo-manga/amarelo-manga.asp>)

Título Original: Anjos do Sol

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 92 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2006

Direção: Rudi Lagemann

Roteiro: Rudi Lagemann

Sinopse: Maria (Fernanda Carvalho) é uma jovem de 12 anos, que mora no interior do nordeste brasileiro. No verão de 2002 ela é vendida por sua família a um recrutador de prostitutas. Após ser comprada em um leilão de meninas virgens, Maria é enviada a um prostíbulo localizado perto de um garimpo, na floresta amazônica. Após meses sofrendo abusos, ela consegue fugir e passa a cruzar o Brasil através de viagens de caminhão. Mas ao chegar no Rio de Janeiro a prostituição volta a cruzar seu caminho.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/anjos-do-sol/anjos-do-sol.asp>)

Título Original: Latitude Zero

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 85 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2001

Direção: Toni Venturi

Roteiro: Di Moretti, baseado em texto de Fernando Bonassi

Sinopse: Lena (Débora Duboc), grávida de oito meses e abandonada pelo ex-amante, o Coronel Mattos da Polícia Militar paulista, é dona de um esquecido bar de beira de estrada pelo qual os

caminhões passam ao largo. Certo dia, ela conhece Vilela (Cláudio Jaborandy), expulso da PM e procurado pela Justiça por um crime que cometeu na cidade de São Paulo. O Coronel Mattos, superior de Vilela, é um personagem virtual que está permanentemente rondando o presente deles. Dois outros elementos ainda compõem a tessitura da trama: a paisagem inóspita e o intermitente choro do bebê, que aos poucos torna a existência do casal insuportável.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/latitude-zero/latitude-zero.asp>)

Título Original: O Caminho das Nuvens

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 87 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2003

Direção: Vicente Amorim

Roteiro: David França Mendes

Sinopse: Romão (Wagner Moura) é um caminhoneiro que está desempregado no momento. Sem conseguir emprego e tendo que sustentar sua mulher Rose (Cláudia Abreu) e seus cinco filhos, ele decide partir em busca de um local onde possa conseguir o sonhado emprego que lhe pagará o salário de R\$ 1000,00. Romão e sua família partem então numa jornada de 3200 km, saindo de Santa Rita, na Paraíba, até o Rio de Janeiro de bicicleta.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/caminho-das-nuvens/caminho-das-nuvens.asp>)

Título Original: À Margem da Imagem

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 72 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2003

Direção: Evaldo Mocarzel

Roteiro: Evaldo Mocarzel e Maria Cecília Loschiavo dos Santos

Sinopse: Documentário sobre as rotinas de sobrevivência, o estilo de vida e a cultura dos moradores de rua de São Paulo, abordando temas como exclusão social, desemprego, alcoolismo, loucura, religiosidade e, como sugere o próprio título, o roubo da imagem dessas comunidades, promovendo assim uma discussão ética dos processos de estetização da miséria.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/a-margem-da-imagem/a-margem-da-imagem.htm>)

Título Original: À Margem do Concreto

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 85 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2006

Direção: Evaldo Mocarzel



Roteiro: Evaldo Mocarzel e Marcelo Moraes

Sinopse: Uma análise sobre os sem-teto e os movimentos de moradia na cidade de São Paulo, através da atuação de várias lideranças que promovem atos de ocupação e que estão fazendo justiça com as próprias mãos.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/a-margem-do-concreto/a-margem-do-concreto.asp>)

Título Original: 500 Almas

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 109 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2005

Direção: Joel Pizzini

Roteiro: Joel Pizzini

Sinopse: O delicado processo de reconstrução da memória e da identidade dos índios Guatós, atualmente dispersos pela região pantaneira.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/500-almas/500-almas.asp>)

Título Original: Pro Dia Nascer Feliz

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 88 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2006

Direção: João Jardim

Roteiro: João Jardim

Sinopse: As situações que o adolescente brasileiro enfrenta na escola, envolvendo preconceito, precariedade, violência e esperança. Adolescentes de 3 estados, de classes sociais distintas, falam de suas vidas na escola, seus projetos e inquietações.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/pro-dia-nascer-feliz/pro-dia-nascer-feliz.asp>)

Título Original: Babilônia 2000

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 90 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2001

Direção: Eduardo Coutinho

Sinopse: Na manhã do último dia de 1999, uma equipe de filmagens sobe o Morro da Babilônia, no Rio de Janeiro. Lá existem duas favelas, Chapéu Mangueira e Babilônia, as únicas situadas na orla de Copacabana e cujos moradores podem acompanhar ao vivo o reveillon de Copacabana. Durante 12 horas, as câmeras da equipe de filmagens acompanham os preparativos locais para o reveillon, assim como ouve os moradores locais a fim de saber as expectativas deles para o ano 2000 e para que possam fazer um balanço de suas vidas.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/babilonia-2000/babilonia-2000.asp>)

Título Original: Meninas

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 71 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2006

Direção: Sandra Werneck

Roteiro: Bebeto Abrantes

Sinopse: A diretora Sandra Werneck acompanha por um ano a vida de três jovens que engravidaram muito cedo. Evelin, 13 anos, está grávida de um jovem de 22 anos que deixou o tráfico de drogas recentemente. Luana, 15 anos, declara que planejou sua gravidez, pois desejava ter um filho só para ela. Edilene, 14 anos, espera um filho de Alex, que também engravidou sua vizinha Joice. Ao longo de um ano é acompanhado o cotidiano destas três jovens.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/meninas/meninas.asp>)

Título Original: Carandiru

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 148 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2003

Direção: Hector Babenco

Roteiro: Hector Babenco, Fernando Bonassi e Victor Navas, baseado em livro de Dráuzio Varela

Sinopse: Baseado no livro de Dráuzio Varela, o filme conta a história de um médico (Luiz Carlos Vasconcelos) se oferece para realizar um trabalho de prevenção a AIDS no maior presídio da América Latina, o Carandiru. Lá ele convive com a realidade atrás das grades, que inclui violência, superlotação das celas e instalações precárias. Porém, apesar de todos os problemas, o médico logo percebe que os prisioneiros não são figuras demoníacas, existindo dentro da prisão solidariedade, organização e uma grande vontade de viver.

“Carandiru” recria um dos episódios mais trágicos e violentos da história do país: o assassinato de 111 presos durante a intervenção da polícia do Estado de São Paulo em um dos blocos do presídio, que se encontrava sob o controle de presos rebelados.

Trata-se de um retrato provocante da realidade da situação carcerária no Brasil, com foco especial na inexistência de direitos daqueles que estão atrás das grades.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/carandiru/carandiru.asp>)

Título Original: Prisioneiro da Grade de Ferro (Auto-Retratos)

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 123 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2003

Direção: Paulo Sacramento

Roteiro: Paulo Sacramento



Sinopse: O diretor Paulo Sacramento apresenta o sistema carcerário brasileiro visto do lado de dentro. Um ano antes da desativação da Casa de Detenção do Carandiru, detentos aprendem a utilizar câmeras de vídeo e documentam o cotidiano do maior presídio da América Latina. (Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/prisioneiro-da-grade-de-ferro/prisioneiro-da-grade-de-ferro.htm>)

Programas de TV

Programa Roda Viva – TV Cultura:

Entrevista com o Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva: 16/10/2006. Disponível em: <<http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/resultado.asp?programa=1030>>

Entrevista com o Ex-Presidente Fernando Henrique Cardoso: 06/02/2006. Disponível em: <<http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/resultado.asp?programa=991>>

Entrevista com Guido Mantega, Ministro da Fazenda: 18/12/2006. Disponível em: <<http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/resultado.asp?programa=1040>>

Entrevista com Marina Silva, Ministra do Meio Ambiente: 13/03/2006. Disponível em: <<http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/resultado.asp?programa=996>>

Entrevista com Eduardo Campos, Ministro da Ciência e Tecnologia à época: 25/10/2004. Disponível em: <<http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/resultado.asp?programa=924>>

Entrevista com Miguel Altieri, professor da universidade da Califórnia em Berkley e coordenador do Programa de Agricultura Sustentável da ONU para Ásia, África e América Latina: 26/04/2004. Disponível em: <<http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/resultado.asp?programa=898>>

Entrevistas com Darcy Ribeiro: 17/04/1995, 28/01/1991, 20/06/1988. Disponível em: <<http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/busca.asp?txtBusca=darcy&imageField.x=0&imageField.y=0>>

Entrevista com o cientista político Bolivar Lamounier: 21/11/2005. Disponível em: <<http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/resultado.asp?programa=981>>

Entrevista com Francisco de Oliveira, sociólogo, economista e um dos mais respeitados intelectuais da esquerda brasileira: 01/12/2003. Disponível em: <<http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/resultado.asp?programa=877>>

Músicas

Canção *Carta à República*, Milton Nascimento.

Canção *Retirante*, Gilberto Gil.

Canção *Relampiano*, Lenine.

Canção *Miséria SA*, O Rappa.

Canção *Comunidade Carente*, Zeca Pagodinho.

Canção *Meu Guri*, Chico Buarque.

Canção *De Frente Pro Crime*, João Bosco.

Canção *Aluga-se*, Raul Seixas.

Canção *Violência*, Titãs.

Canção *Aos Nossos Filhos*, Elis Regina.

Poesia

Para a Liberdade e Luta. LEMINSKI, Paulo. Disponível em: <http://www.nossacasa.net/literatura/default.asp?autor=Paulo%20Leminski&grupo=1>>



LINHA DO TEMPO

Séculos XI a XIV:

Economia: Desagregação do sistema feudal

Séculos XV:

1453 – Turcos otomanos conquistam Constantinopla, marcando o fim da Idade Média

1455 – Termina a Guerra dos Cem Anos e começa, na Inglaterra, a Guerra das Rosas

1455 – Impressão da Bíblia de Guttenberg

1469 – Fernando de Aragão e Isabel de Castela se casam, começando o processo de unificação da Espanha

1492 – Árabes e judeus expulsos da Espanha. Cristóvão Colombo chega à América

1494 – Portugal e Espanha assinam o Tratado de Tordesilhas

1500 – População mundial: 400 milhões (demografia)

1500 – Chegada dos portugueses às terras que futuramente se chamariam Brasil

Século XVI

1500 1530 1549 1572 1580 1600

<p>POLÍTICA</p>	<p>Brasil: 1530 – estabelecimento das Capitãncias Hereditárias 1531 - Expedição Maritim Afonso de Souza marca o início da colonização 1532 - Fundação de São Vicente, primeira vila brasileira 1536- Fundação do povoado de Santos 1548 – Capitania da Bahia transformada em Capitania da Coroa e capital da Colônia / - instalado o Governo Geral da Colônia</p>	<p>Brasil: 1549 – Fundação da cidade de Salvador 1554 - Fundação de São Paulo 1565 – Fundação da cidade do Rio de Janeiro</p>	<p>1572 – divisão do Brasil em dois governos: um sediado na Bahia outros do Rio de Janeiro 1577 – reunificação do governo do Brasil com sede na Bahia</p>	<p>1580 – Unificação de Portugal e Espanha, formação da União Ibérica</p>
<p>ECONOMIA</p>	<p>Séculos XVI a XVIII: - Transição para o capitalismo, - Acumulação primitiva, - Estados Absolutistas, - Gestão de uma economia-mundo;</p>	<p>Início do povoamento e produção agrícola de cana-de-açúcar (Brasil)</p>	<p>O desenvolvimento da pecuária propicia o avanço para as áreas do interior (Brasil)</p>	<p>Lavoura da cana-de-açúcar e engenhos de açúcar: base da grande propriedade rural (Brasil)</p>
<p>SOCIEDADE</p>	<p>1513 - NICOLAU MAQUIAVEL escreve o "O Príncipe"</p>	<p>1534 - Fundação da ordem dos jesuítas (Brasil) - Início do conflito entre índios e portugueses</p>	<p>- Fundação dos colégios Jesuítas (Brasil) 1568 – início do tráfico regular de escravos negros para o nordeste do Brasil</p>	<p>1596 – primeiras incursões de bandeirantes paulistas à região de Minas Gerais (Brasil)</p>



Século XVII

1600	1620	1650	1670	1690	1700
------	------	------	------	------	------

POLÍTICA	<p>1608 – nova divisão do Brasil em duas administrações: Norte e Sul</p> <p>1612 – reunificação administrativa do Brasil</p> <p>1618 - Guerra dos Trinta Anos começa na Europa</p>	<p>1648 - O Tratado de Westfália põe fim a Guerra dos Trinta Anos</p>		<p>1688 - Revolução Gloriosa irrompe na Inglaterra</p> <p>1689 - Bill of Rights (A primeira carta de direitos, foi formulada na Inglaterra do século XVII)</p>	
ECONOMIA	<p>Séculos XVI a XVIII:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Transição para o capitalismo. - Acumulação primitiva, - Estados Absolutistas, - Geração de uma economia-mundo; 		<p>1655 – adoção de medidas para o cultivo do cacão em terras baixas (Brasil)</p>		<p>1693 – descoberta das primeiras minas de ouro em Minas Gerais (Brasil)</p> <p>1695 – garantia da posse das minas de ouro aos seus descobridores (Brasil)</p> <p>1699 – criada a cobrança do “quinto” (imposto sobre o ouro) - (Brasil)</p>
SOCIEDADE	<p>1612 – invasão francesa no Maranhão (Brasil)</p> <p>1624 – invasão holandesa na Bahia (Brasil)</p>	<p>1645 – insurreição dos luso-brasileiros contra o domínio holandeses (Brasil)</p> <p>1649 – derrota dos holandeses (Brasil)</p>	<p>1651 - THOMAS HOBBS escreve o “Leviatã”</p>		<p>1690 - JOHN LOCKE escreve “Dois Tratados sobre o Governo Civil”</p>

Século XVIII



POLÍTICA	<p>Séculos XVI a XVIII:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Transição para o capitalismo, - Acumulação primitiva, - Estados Absolutistas, - Gestão de uma economia-mundo; <p>1719 – criação das Casas de Fundição (Brasil)</p>		<p>1750 – Assinatura do Tratado de Madri que revogou o Tratado de Tordesilhas</p> <p>1759 – extinção das Capitânias Hereditárias (Brasil)</p> <p>1763 – transferência da capital da colônia para a cidade do Rio de Janeiro (Brasil)</p>	<p>1775 - Começa a Guerra da Independência nos EUA</p> <p>1776 - É assinada a Declaração de Independência, nos EUA</p> <p>1787 - Constituição norte-americana é promulgada</p> <p>1789 - Revolução Francesa: fim da Idade Moderna e início da Contemporânea</p>	<p>1792 - Proclamação da República Francesa</p>
ECONOMIA	<p>1730 – criação do monopólio estatal sobre extração de diamantes (Brasil)</p>	<p>1748 - Montesquieu publica sua mais importante obra política «O Espírito das Leis».</p>	<p>1762 – ROUSSEAU lança "O Contrato Social"</p>	<p>1780-1840: Primeira Revolução Industrial</p>	
SOCIEDADE			<p>1776 - ADAM SMITH publica "A Riqueza das Nações"</p> <p>1789 – Inconfidência Mineira (Brasil)</p> <p>1781 - KANT publica "Crítica da Razão Pura"</p>		



Século XIX		1820	1830	1860	1880	1900
POLÍTICA	<p>1808 - Corte portuguesa chega ao Brasil fugindo de Napoleão; abertura dos portos brasileiros</p> <p>1815 - Brasil elevado a Reino Unido de Portugal e Algarve</p>	<p>1821 - Retorno da Corte portuguesa a Portugal</p> <p>1822 - Independência do Brasil</p> <p>1823 - EUA declaram a Doutrina Monroe</p> <p>1824 - Promulgada a 1ª. Constituição brasileira</p>	<p>1831 - D. Pedro I abdica do trono do Brasil</p> <p>1840 - Golpe da Maioridade - D. Pedro II assume o trono, com apenas 14 anos (Brasil)</p>	<p>1870 - Lançamento do Manifesto Republicano - fundação do Partido Republicano</p> <p>1864 - Fundação da I Internacional, com a participação de Marx e Engels.</p>	<p>1888 - Abolição da escravidão legal no Brasil</p> <p>1889 - Proclamação da República (Brasil)</p> <p>1889 - Criada em Paris a II Internacional (ou Internacional Socialista).</p> <p>1891 - Promulgada a 2ª Constituição do Brasil</p> <p>1894 - Eleito Prudente de Moraes, primeiro presidente civil do Brasil</p>	<p>1882 - Brasil torna-se grande exportador de borracha</p> <p>1896 - valorização do café (figura do barão do café com amplos poderes sobre a terra, as pessoas e a política) - (Brasil)</p> <p>1899 - desvalorização da moeda em favor da economia cafeeira (Brasil)</p>
	<p>1808 - Fundação do Banco do Brasil</p> <p>- assinatura de alvará permitindo a instalação de indústrias no Brasil</p>	<p>Exportação de café em escala considerável (Brasil)</p>	<p>1840-1888: Economia cafeeira escravista (Brasil)</p> <p>1848-1914: Pax Britânica com expansão do capitalismo e consolidação da divisão int'l do trabalho. / Formação dos grandes blocos de capital financeiro e expansão do imperialismo moderno</p>	<p>1865-1870 - Guerra do Paraguai</p> <p>1867 - Karl Marx publica "O Capital"</p> <p>1872 - Primeiro recenseamento no Brasil</p> <p>Crescimento da população urbana das classes médias e operária (Brasil)</p>	<p>1893-1895 - Revolta Federalista no Rio Grande do Sul (Brasil)</p> <p>1893-1897 - Revolta de Canudos (Brasil)</p> <p>1899 - fluxo migratório: 3 milhões de imigrantes entram no Brasil</p>	
SOCIEDADE	<p>1817 - RICARDO escreve "Princípios de Economia Política e Tributação"</p> <p>1817 - Revolução Pernambucana (Brasil)</p>	<p>1820 - Revolução Liberal do Porto (Brasil)</p> <p>1824 - Confederação do Equador (Brasil)</p> <p>1825-28 - Guerra da Cisplatina (Brasil)</p>	<p>1832-1835: A Cabanada</p> <p>1835-1840: Cabanagem</p> <p>1835-1845: Rev. Farroupilha</p> <p>1837-1838: Sabinada</p> <p>1838-1841: Balaiada</p> <p>1848-1849 - Insurreição Praieira</p> <p>1848 - Marx e Engels publicam "O Manifesto Comunista"</p> <p>1848 - STUART MILL escreve "Princípios de Economia Política"</p>			

Século XX (primeira metade 1900-1950)

1900

1930

1950

<p>POLÍTICA</p>	<p>1914 - Começa, na Europa, a Primeira Guerra Mundial 1917 - Começa a Revolução Russa 1919 - Fundação das Ligas das Nações 1919 - Primeiro congresso da III Internacional, em Moscou. 1920 - Oliveira Vianna: "Populações meridionais do Brasil" (crítica do pensamento autoritário à República Velha) 1922 - Fundação da União Soviética – URSS 1924 – Morte de Lênin, início da ascensão de Stalin ao poder, Trotsky organiza a Oposição de Esquerda. 1928 - Stalin assume o poder na União Soviética</p>	<p>Revolução de 1930 marca o início da Era Vargas (Brasil) 1932 – Mulher adquire o direito de voto (Brasil) 1934- Promulgada a 3ª Constituição do Brasil 1936 - Sérgio Buarque de Holanda: "Raízes do Brasil" (renovação da vida brasileira nos anos 30)- (postura política democrata radical) 1937 - Instalação do Estado Novo (Brasil) 1937 - 4ª Constituição Bras. Outorgada por Getúlio Vargas 1938 - Fundação da IV Internacional 1939-45 - Segunda Guerra Mundial 1942 - Brasil entra na Segunda Guerra 1942 - Caio Prado Jr.: "Formação do Brasil contemporâneo" (renovação da vida brasileira dos anos 30)- (postura política socialista) 1946 - Posse do Gen. Dutra, eleito em 1945, após a renúncia de Vargas 1946 – Promulgação da 5ª Constituição Brasileira 1949: Triunfo da revolução chinesa</p>
<p>ECONOMIA</p>	<p>1905 - política de valorização do café (Brasil) 1913 - Ford desenvolve a linha de produção nas suas fábricas 1917-1929: Período do entre-guerras. - A Alemanha derrotada e humilhada é obrigada a pagar valores elevados em indenizações de guerra a outros países europeus. - Fortalecimento estadunidense e declínio da hegemonia inglesa. - Surgimento do <i>american way of life</i>, do consumo de massa e difusão do rádio. 1929 - Quebra da Bolsa de Nova York 1888-1930: Economia cafeeira capitalista (Brasil)</p>	<p>1929-1933: Europa e Estados Unidos fragilizados por uma crise financeira sem precedentes 1933-1939: Ascensão de Hitler e do nazismo na Alemanha seguida de forte retomada do crescimento econômico no país. - New Deal nos Estados Unidos forjando a superação da Crise de 1929. - Os danos sociais da crise permitiram o surgimento de um pensamento burguês não-liberal (Keynes e outros); 1933-1955: Industrialização no Brasil "Etapa 1": industrialização restringida 1940 – Instituição do salário mínimo (Brasil) 1941 – Fundação da Cia Siderúrgica Nacional – CSN (Brasil) 1944 – Conf de Breton Woods institui o padrão dólar-ouro como base do sist. Monetário internacional</p>
<p>SOCIEDADE</p>	<p>1900 - População mundial: 1.550.000 1910 – boom da borracha provoca Migração (Brasil) 1906- Fundação da COB, Central Operária Brasileira 1910 – A Revolta da Chibata (Brasil) 1912-1916 – Guerra do Contestado (Brasil) 1917-1919 – Greves Operárias (Brasil) 1922 – Revolta dos Dezoito do Forte (Brasil) 1922 – Fundação do PCB (Brasil)</p>	<p>1932 – Revolução Constitucionalista em São Paulo (Brasil) 1933 - eleitos 20 dep. socialistas à As. Nac. Constituinte pelos partidos socialistas estaduais (Brasil) 1935 – Intentona Comunista (Brasil) 1938 – Levante Integralista (Brasil) 1943 – Cons. das Leis do Trabalho – CLT (Brasil) 1945 – Nasce a Esquerda Democrática, União Democrática Socialista e o Partido da Esquerda Democrática (Brasil) 1947-Nasce o PSB na II Conv. do Partido da Esquerda Democrática (Brasil)</p>



Século XX (segunda metade 1950-1964)

1950	1960	1964
POLÍTICA	<p>1950 - Vargas é eleito presidente (Brasil) 1954 - Vargas comete suicídio (Brasil) 1955 - Começa a Guerra do Vietnã 1955 - Juscelino Kubitschek eleito presidente (Brasil) 1959 - Castro lidera a Revolução Cubana</p>	<p>Brasil: 1960 - Kubitschek inaugura Brasília 1961 - Jânio Quadros renuncia à presidência 1960 - Inauguração de Brasília, a nova capital do Brasil 1961 - (Jan.) Jânio Quadros assume a Pres da República (Ago.) renuncia, assumindo o vice João Goulart</p>
ECONOMIA	<p>Abertura de empresas multinacionais (Brasil) 1953 - Fundação da Petrobrás (Brasil)</p> <p>1945-1973: - Surgimento da Guerra Fria e divisão do mundo em blocos. - No Ocidente democrático-liberal, espalhamento do padrão industrial norte-americano (american way of life), crescimento do número e do volume de negócios das empresas multinacionais e reconstrução da Europa. - Consolidação da Segunda Revolução Industrial e, devido à situação histórica, constituição do Estado de Bem-Estar Social (países desenvolvidos) e dos Trinta Anos Dourados do capitalismo. - No Brasil, a políticas keynesianas pareciam ter dominado os ciclos e os problemas mais graves do capitalismo dos países desenvolvidos. - O sistema financeiro mundial criado após a guerra (sistema de Bretton Woods) tem plena vigência;</p>	<p>Abertura de empresas multinacionais (Brasil)</p>
SOCIEDADE	<p>1955 - Fundação das Ligas Camponesas (Brasil)</p>	<p>1962 - Formação do Comando Geral dos Trabalhadores - CGT (Brasil) 1966 - Revolução cultural na China</p>

Século XX (segunda metade 1964-1990)

1964

1984

1990

<p>Brasil: 1964 - João Goulart é deposto do poder pelos militares – (Golpe militar). 1965 - O Partido Socialista Brasileiro foi extinto pela ditadura militar 1965 - Abolido o pluripartidarismo e instituído o bipartidarismo: Arena e MDB 1965 – durante a ditadura militar (até 1985), em nível partidário, os socialistas atuaram dentro do MDB 1967 - Aprovada pelo Congresso a 6.ª Constituição Brasileira e Fechamento do Congresso: decretado o AI-5 1978 – Fim do AI-5</p> <p>POLÍTICA</p>	<p>1985 - Tancredo Neves é eleito pelo colégio eleitoral. José Sarney, o vice, assume interinamente – (Morte de Tancredo)-(Brasil) 1985 – Reorganização do PSB através de manifesto encabeçado por antigos fundadores da Esquerda Democrática 1989 - Queda do muro de Berlim 1991 - Fim da União Soviética 1986 - Eleição para a Assembléia Nacional Constituinte - encarregada de estabelecer a nova Constituição para o Brasil 1988 - Promulgada a Constituição de 1988 1989 – 1.ª eleição direta para Presidente da República, depois do Golpe Militar de 64. Eleito Fernando Collor de Mello</p>	1990
<p>1968 – Crescimento da dívida externa brasileira 1973-1980: Derrocada do sistema de Bretton Woods gerada pela nova nação hegemônica (Estados Unidos). - Crise do petróleo. - Início do processo de abertura dos mercados financeiros internacionais e da desregulamentação financeira; 1956-1980: Industrialização no Brasil "Etapa 2.: Industrialização pesada</p> <p>ECONOMIA</p>	<p>- Plano cruzado (Brasil) - Plano Collor (Brasil) 1980-1990: Estados Unidos elevam juros e abrem mercado financeiro. São acompanhados por demais países ricos, gerando um processo de globalização financeira e recessão. - A reação de Japão e Alemanha inicia e conduz a globalização produtiva. A partir daí, políticas neoliberais, ampliação e espalhamento da desregulamentação financeira, expansão das multinacionais e do comércio mundial levam a ampliação das desigualdades entre e intra-países. - FMI socorre os países pobres endividados internacionalmente para que não levem a quebras de grandes praças financeiras mundiais;</p>	
<p>1968 – Greves dos metalúrgicos de MG e SP (Brasil) 1968 – Primavera de Praga 1968 – Protestos dos estudantes em Paris 1983 - Internet é criada 1978 – Reinício do movimento grevista a partir do ABC paulista (Brasil) 1983 – Fundação da Central Única dos Trabalhadores – CUT (Brasil) 1984 – Campanha das "Diretas Já" (Brasil)</p> <p>SOCIEDADE</p>		

Século XX (Década de 90)

1990	2000
POLÍTICA	<p><u>Brasil:</u></p> <p>1992 - Fernando Collor sofre o processo de impedimento (<i>impeachment</i>), assumindo seu vice, Itamar Franco</p> <p>1994/5 – Eleição e posse na Presidência Fernando Henrique Cardoso</p> <p>1998 – Reeleição de Fernando Henrique Cardoso</p>
ECONOMIA	<p>1994 a 2006: Plano Real, aprofundamento da abertura e reformas econômicas (Brasil)</p> <p>1990 em diante:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Abertura financeira dos países de renda média e retorno da liquidez internacional. - Entrada dos países latino-americanos na globalização.
SOCIEDADE	

Século XXI

2000

2005

2007

...

POLÍTICA	<p>2003 - Assume a presidência Luiz Inácio Lula da Silva (Brasil)</p>	<p>2006 - Reeleição de Luiz Inácio Lula da Silva (Brasil)</p>	
ECONOMIA	<p>1994 a 2006: Plano Real, aprofundamento da abertura e reformas econômicas (Brasil)</p>	<p>2006 em diante: superação ou "convivência" com o modelo econômico neoliberal? (Brasil)</p>	
SOCIEDADE			



AULA 4 RESENHA

Nesta aula são discutidas as conseqüências para o movimento socialista do desaparecimento do sistema soviético e da predominância do credo neoliberal. O objetivo é o de apontar algumas das novas formulações realizadas no campo socialista neste novo cenário político. Aponta ainda as contradições presentes no atual momento do capitalismo e que não têm sido motivo de análise por parte dos autores liberais.

AULA 4

O SOCIALISMO DEPOIS DA QUEDA DO MURO DE BERLIM

Robério Paulino

Esclarecimento

- ▶ Em cima de acontecimentos tão recentes em termos de escala histórica, não se podem afirmar verdades ou conclusões, pois a tarefa de entender as causas e lições do colapso do *socialismo real* não é tarefa para um homem só, mas sim uma construção coletiva que levará ainda muito tempo
- ▶ Esta aula procura apenas pontuar modestamente alguns tópicos considerados importantes para discussão, levantados por determinados autores após a queda do sistema soviético, sobre os novos caminhos e desafios colocados para o socialismo no século XX

É muito difícil falar sobre o que ainda não aconteceu e pouco ou quase nada se escreveu. O colapso do que se chamou de *socialismo real* é ainda muito recente e suas conseqüências e lições só serão entendidas mais claramente com o passar do tempo, o que dá ao historiador a vantagem do olhar em perspectiva. Assim como a Revolução Russa e a constituição da URSS foram elementos estruturantes fundamentais da realidade política e social do século XX, seu

desaparecimento vem implicando importantes mudanças estruturais no mundo, que se sentirão ainda talvez por décadas. Cabe aqui, portanto, antes de tudo, um esclarecimento de que, em cima de acontecimentos tão recentes em termos de escala histórica, não se podem afirmar verdades ou conclusões, pois a tarefa de entender as causas e lições daquele processo não é tarefa para um homem só, mas sim uma construção coletiva que levará ainda muito



tempo. Além do que nas ciências sociais não existe uma única verdade, mas o enriquecedor embate de idéias. Dito isto, este texto procura apenas pontuar modestamente alguns tópicos considerados importantes para discussão, levantados por determinados autores após o a queda do sistema soviético, sobre os novos caminhos e desafios colocados para o socialismo no século XX. Sem negar aqui as grandes

conquistas sociais trazidas pelo advento das experiências socialistas do século XX, o que se coloca com certeza é uma necessidade de um reexame rigoroso das práticas e idéias que levaram por fim ao seu esgotamento, como condição para que o socialismo volte a reencontrar a humanidade como uma alternativa de organização societária superior ao capitalismo em todos os aspectos.

As conseqüências do colapso do *socialismo real*

- ▶ Os inimigos do socialismo (Fukuyama, por exemplo) passaram a apresentar propositalmente a queda dos regimes do Leste Europeu não como o fim de um modelo apenas, de uma experiência determinada que terminou por se esgotar, mas como *fim do socialismo*, como de comprovação da impossibilidade de qualquer tentativa de superação do capitalismo, ou seja, como o triunfo definitivo deste, como o “fim da história” (sic)
- ▶ A partir de então as posições a favor da livre concorrência e da privatização das empresas estatais e todas as atividades sociais ganham força, abrindo espaço para a onda neoliberal que presenciamos no terreno econômico
- ▶ O fim da URSS abriu espaço para a redução das concessões capitalistas e para o ataque ao Estado de Bem-Estar Social por parte dos liberais
- ▶ Dentro da esquerda, muitos setores abandonaram a sua posição inicial, que era a de construção de uma sociedade socialista, por deixarem de acreditar em sua viabilidade e passaram a defender uma administração mais humana e mais democrática do capitalismo

- ▶ Entretanto, as contradições geradas pelo capitalismo atual, como a fome, a miséria, as guerras, a desigualdade social, a opressão, permanecem. Não foram nem serão solucionadas por este
- ▶ Por isso, como afirma Carlos Nelson Coutinho, “o necessário reexame da herança do modelo stalinista não deve se confundir de nenhum modo com o abandono do socialismo, confusão e abandono, infelizmente, também hoje em moda na esquerda”

O colapso do chamado *socialismo real*, representado pela queda do **Muro de Berlim** e pelo colapso da URSS e o retorno ao capitalismo dos países que compunham a esfera soviética ou o “campo socialista”, como a China, por exemplo, abre muitas questões de discussão para a humanidade em geral e para os socialistas em particular. A primeira questão colocada é a propósito da validade das idéias de Marx e da teoria socialista, não no sentido se estas correspondem ou não à realidade a respeito da validade de suas análises, mas se

suas proposições são de fato aplicáveis como meio de transformação da sociedade.



Os inimigos do socialismo passaram a apresentar propositalmente a queda dos regimes do Leste Europeu não como o fim de um modelo apenas, de uma experiência determinada que terminou por se esgotar, mas como o *fim do socialismo*, como de comprovação da impossibilidade histórica de qualquer tentativa de superação do capitalismo, ou seja, como o triunfo definitivo deste. Não é apenas um regime de inspiração socialista que desaparece, mas a confiança política na possibilidade de sua implantação. O fim do “comunismo” soviético e o retorno dos antigos países ditos socialistas ao capitalismo foram apresentados como o triunfo da economia de mercado, do liberalismo econômico.



A partir de então, as posições a favor da livre concorrência ganham força, abrindo espaço para a onda neoliberal que presenciamos atualmente no terreno econômico. O capitalismo e seus defensores se livram de um modelo de contestação, da possibilidade de algo diferente deste, de uma nova sociedade, baseada na propriedade coletiva e em novas formas de relações de produção, entre outras coisas. O fim da URSS abriu espaço para



a redução das concessões capitalistas e para o ataque aos sistemas de Estado de Bem-Estar Social por parte dos liberais. **Eric Hobsbawm** afirma:

O principal efeito de 1989 é que o capitalismo e os ricos pararam de ter medo. Tudo o que fez com que a democracia ocidental valesse a pena para seus povos – previdência social, o Estado de Bem-Estar Social e a desigualdade de oportunidades – resultou do medo. Medo dos pobres e do maior e mais bem organizado bloco de cidadãos dos Estados industrializados – os trabalhadores; medo de uma alternativa que existia na realidade e que podia realmente se espalhar, notavelmente na forma do comunismo soviético. Medo da instabilidade do próprio sistema.¹

Por outro lado, dentro da esquerda, muitos setores abandonaram a sua posição inicial, que era a de construção de uma sociedade socialista, por deixarem de acreditar em sua viabilidade e passaram a defender uma administração mais humana e mais democrática do capitalismo, por compreenderem que esta passou a ser, na época atual, a única alternativa possível, ou seja, o colapso do socialismo real reforçou as posições de reforma do capitalismo e abandono da perspectiva socialista.

A discussão sobre a inviabilidade ou falência do socialismo é a primeira questão que os teóricos que ainda estão comprometidos com o socialismo procuraram responder. A primeira resposta que pode ser dada a essa questão – e ao que parece, foi essa a primeira preocupação dos defensores do socialismo – é a de diferenciar o *socialismo real* do socialismo proposto por Marx que, em essência, era totalmente diverso daquele. A esse respeito, Ralph Miliband afirma:

Na essência do pensamento de Marx, há a insistência de que o socialismo, sem mencionar o comunismo, implica a subordinação do Estado à sociedade; e mesmo a ditadura do proletariado, na perspectiva de Marx, deve ser entendida como tudo menos um governo popular sem mediação.²

1 MILLIBAND, Ralph. In: BLACKBURN (Org.). *Depois da queda*. SP: Paz e Terra, 1992, p. 28.

2 BOBBIO, Norberto. In: BLACKBURN (Org.). *Depois da queda*. SP: Paz e Terra, 1992, p. 19.

Isso destoa completamente do que aconteceu nos regimes do Leste Europeu, onde o Estado hipertrofiado era monopolizado pelo

Partido Comunista único e gerido de maneira ditatorial, como mostramos na aula 2 deste módulo.

O segundo argumento para responder a crítica capitalista sobre a inviabilidade do socialismo é apontar que, apesar do fracasso do *socialismo real*, as contradições geradas pelo capitalismo atual, como a fome, a miséria, as guerras, a desigualdade social, a opressão, permanecem, não foram nem serão solucionadas por este.



Segundo **Norberto Bobbio**:

Os pobres e desvalidos continuam condenados a viver em um mundo de terríveis injustiças, esmagados

por magnatas econômicos inatingíveis e, ao que parece, imutáveis, dos quais sempre dependem as autoridades políticas, mesmo que formalmente democráticas. Em um mundo assim, julgar que a esperança da revolução desgastou-se, e acabou exatamente porque a utopia comunista fracassou, é sinônimo de fechar os olhos para não ver.³

Afinal, para os socialistas, cada vez mais fica explícito que o capitalismo não tem condições de solucionar as suas próprias contradições. Vejam-se as crises que geraram as guerras

mundiais no século XX com milhões de mortos e destruição, a desigualdade social dentro dos países e entre eles, a agressão à Natureza que ameaça a vida no planeta. Daí a necessidade da construção de uma nova sociedade, baseada em novas relações de produção. Mais do que a sua possibilidade, o que os socialistas apontam em primeiro lugar, é a necessidade de superação do capitalismo para salvar a raça humana e o planeta de sua irracionalidade. Este também foi um grande papel do socialismo, o de apontar os problemas do capitalismo e mostrar que estes só são solucionáveis dentro de uma nova sociabilidade.

É interessante lembrar, como afirma **Carlos Nelson Coutinho**, que **o necessário reexame da herança do stalinismo não deve se confundir de nenhum modo com o abandono do marxismo, confusão e abandono, infelizmente, também hoje em moda.**⁴



3 COUTINHO, C.N. *Prefácio a Contra a corrente*. São Paulo, Cortez, 2000. <http://www.artnet.com.br/gramsci>

4 HOBBSBAWM, E. In: BLACKBURN (Org.). *Depois da queda*. SP: Paz e Terra, 1992, p. 97.



As conquistas das experiências socialistas do século passado

- ▶ A Revolução Russa e demais revoluções socialistas operaram, sem dúvida grandes transformações sociais em favor das massas nos países onde se deram e também, indiretamente, nos países ocidentais. Grandes foram os avanços em terrenos como educação, saúde, habitação e na ciência e na tecnologia
- ▶ A URSS derrotou os nazistas na II Guerra Mundial. Sem o Exército Vermelho, as chances de derrotar os poderes do Eixo eram inexistentes (Hobsbawm)
- ▶ A Revolução Russa teve o papel de acelerar o tempo histórico. Obrigou os governos dos países capitalistas ocidentais a adiantar o passo em suas concessões como o estabelecimento de uma legislação trabalhista, a criação de sistemas de proteção e previdência social, redução do desemprego, elevação dos salários e melhoria do nível de vida da classe trabalhadora

As revoluções socialistas do século passado, apesar de seu esgotamento na última década do século, não foram de nenhuma forma de pouca significação para a humanidade e para os povos que as realizaram. A Revolução Russa e demais revoluções socialistas operaram, sem dúvida grandes transformações sociais em favor das massas nos países onde se deram e também, indiretamente, nos países ocidentais. Grandes foram os avanços em terrenos como educação, saúde, habitação e na ciência e na tecnologia. As revoluções colocaram nas mãos de milhões de seres humanos e especialmente de milhões de crianças dos países atrasados, pela primeira vez, escovas de dente, cadernos e lápis, além de serviços de saúde pública,

coisa que o mercado capitalista por si só, com sua lógica concentradora de renda e riqueza, jamais teria feito. Para isso, bastaria observar e comparar o que era a Rússia do começo do século e a Rússia de hoje, o que era a China de antes de 1949 e a China de hoje e os avanços sociais alcançados, por exemplo, em Cuba, apesar do atraso em outras áreas.

Mas as conquistas das formações socialistas do século anterior não se restringem aos seus países; se estenderam ao Ocidente tanto em termos políticos quanto especialmente no terreno social. A URSS derrotou os nazistas na II Guerra Mundial. Hobsbawm lembra:

Sem os sacrifícios da União Soviética e de seus povos, o capitalismo liberal ocidental contemporâneo (fora os Estados Unidos isolados) agora consistiria de um conjunto de variações de regimes autoritários e fascistas, ao invés de um conjunto de variações de regimes liberais. Sem o Exército Vermelho,

as chances de derrotar os poderes do Eixo eram inexistentes. Talvez a história decidirá que a realização mais duradoura da Revolução de Outubro foi a de tornar ‘o mundo desenvolvido’ novamente seguro para a ‘democracia burguesa’.⁵

O medo de uma revolução nos países mais avançados da Europa também levou a que seus governos fizessem inúmeras concessões sociais às classes trabalhadoras desses países. A Revolução Russa teve o papel de acelerar o tempo histórico.

Além de apressar o desenvolvimento das forças produtivas na URSS, que inicialmente era bem baixo, ainda obrigou os governos dos países capitalistas a adiantar o passo em suas concessões como o estabelecimento de uma legislação trabalhista, a criação de sistemas de proteção e previdência social, redução do desemprego, elevação dos salários e melhoria do nível de vida da classe trabalhadora. Ade-

mais de uma necessidade de criar demanda pela produção da sua indústria, o Estado de Bem-Estar Social foi também uma maneira que o Ocidente encontrou de garantir que a imensa classe trabalhadora dos seus países, já bem organizada e politizada, não se inclinasse pelo socialismo. O keynesianismo deve ser visto também como uma política de contenção da influência socialista no Ocidente.

Algumas possíveis causas do colapso do sistema soviético ou *socialismo real*

- ▶ O atraso material e cultural da velha Rússia. Marx e Engels esperavam o advento da revolução primeiramente nos países capitalistas adiantados, mas ela começou por um país atrasado

5 HOBBSBAWM, E. In: BLACKBURN (org). *Depois da queda*. SP: Paz e Terra, 1992, p. 97.



- ▶ A agressão externa, os elevados gastos militares com a guerra civil num primeiro momento e depois com a constante ameaça de novas agressões. A URSS perdeu 26 milhões de vidas na II Guerra, enquanto os EUA perderam menos de 1 milhão. A Guerra Fria parece ter exaurido a economia da URSS
- ▶ Outro fator parece ter sido o isolamento. O socialismo, como já se viu, só poderia ser uma formação mundial; não poderia haver *socialismo em um só país*
- ▶ O caráter ditatorial do regime soviético, a falta de democracia na sociedade, parece ter sido um elemento fundamental, se não o decisivo, para sua derrocada ao final do século
- ▶ Hobsbawm aponta três fatores que para ele influenciaram na derrocada do regime soviético. O primeiro foi a incapacidade do socialismo de gerar uma economia de alta tecnologia, e o seu fracasso na produção em massa de bens de consumo. O segundo foi que, numa era de economia transnacional e de comunicação globais, já não era mais possível ocultar informações da população a respeito da situação no resto do mundo, em termos materiais e de liberdade política. O terceiro foi que com a sua desaceleração econômica e a continuidade de seu relativo atraso em termos de produtividade e eficiência, já não foi mais possível a URSS sustentar sua posição de potência e competir sozinha com todo o capitalismo ocidental

Outra questão a que os marxistas estão tendo que se dedicar com afinco – e daí surgiram as mais variadas posições – é a respeito das

causas do colapso do socialismo soviético. Um conjunto de causas parece ter contribuído para levar o sistema soviético à desagregação.

Para Eric Hobsbawm, a queda do Muro de Berlim significou o fim de uma era em que a história mundial girava em torno da URSS. Por isso chamou o século XX de breve século XX. Várias são as razões que podem ser arroladas para uma evolução tão contraditória e para a falência do modelo stalinista.

Uma primeira causa parece ter sido o atraso material e cultural da velha Rússia. Marx e Engels esperavam o advento da revolução primeiramente nos países capitalistas adiantados, mas ela começou por um país atrasado.

A Rússia não tinha as forças produtivas desenvolvidas o suficiente para construir o socialismo. Na Rússia, o capitalismo era ainda incipiente e subsistiam elementos de modos de produção pré-capitalistas. A necessidade de criar as condições objetivas necessárias à implantação de uma economia socialista exigia uma industrialização acelerada, a construção da base material necessária ao socialismo. Esta por sua vez, aliada à necessidade de defesa contra os ataques externos, levou a uma extrema centralização do poder do Estado, que tinha o papel de organizar essa industrialização, levou à militarização das relações sociais. Isso terminou por ser feito de maneira desumana e autoritária. De início esses foram os primeiros problemas com que os bolcheviques se depararam. Em seguida surgiram inúmeros outros, como a agressão externa, os elevados gastos militares com a guerra civil num primeiro momento e depois com a constante ameaça de novas agressões.

A outra questão foi exatamente a agressão permanente que a URSS sofreu. A guerra civil quase destruiu a economia do país. Dez anos foram necessários só para recuperar o

mesmo nível de 1913. Na II Guerra Mundial os soviéticos perderam 26 milhões de vidas, enquanto os Estados Unidos não perderam nem 1 milhão. A destinação do que o país tinha de melhor e do maior volume de recursos para a indústria pesada e para o complexo industrial militar não foi uma opção livre, mas derivava do medo permanente das agressões que o país sofreu. A Guerra Fria e a corrida armamentista parecem ter exaurido a economia soviética e está na base de seu colapso. Além do que, ao militarizar as relações sociais não permite a prática da democracia. Isso obrigou a URSS a desviar recursos de outros setores da economia para investir na indústria armamentista bem como na subsistência de seu exército. Além de impedir o investimento necessário para atender ao setor social.

Outro fator parece ter sido o isolamento. O socialismo, como já se viu, só poderia ser uma formação mundial; não poderia haver *socialismo em um só país*. Lênin e os bolcheviques sabiam que o triunfo definitivo da Revolução Russa dependia da vitória da revolução nos demais países da Europa, em especial na Alemanha, que era mais industria-



lizada. A derrota ou simplesmente a ausência de revoluções nos demais países desenvolvidos da Europa também foi um fator que levou ao isolamento da Rússia e contribuiu para a posterior derrocada do seu regime. O reformismo que tomou conta das grandes organizações sindicais no Ocidente a partir das concessões à classe trabalhadora serviu, de fato, para inviabilizar revoluções nesses países e manter isolada a Revolução Russa.

A burocracia política da URSS ao defender o *socialismo num só país*, talvez não soubesse, mas estava assinando a sua sentença de morte. A experiência Russa parece demonstrar que Marx estava correto em suas afirmações de que o socialismo só poderia se dar a partir de uma sociedade onde o capitalismo estivesse plenamente desenvolvido e de que só poderia sobreviver se tivesse um caráter mundial.

O caráter ditatorial do regime soviético, a falta de democracia na sociedade, parece ter sido um elemento fundamental, se não o decisivo, para sua derrocada ao final do século.

Se num primeiro momento a extrema centralização do poder do Estado permitiu que se implantasse uma industrialização audaciosa, num segundo momento foi um entrave fatal para a continuidade do desenvolvimento das forças produtivas na URSS. Além de levar a população a se opor ao regime policial, per-

mitiu que esta identificasse comunismo com ditadura e se colocasse a favor de seu fim e não se opusesse ao retorno ao capitalismo. A luta por liberdades democráticas terminou por solapar a propriedade nacionalizada e permitir uma privatização das mais radicais sob orientação neoliberal.

Hobsbawm aponta três fatores que para ele influenciaram na derrocada do regime soviético. O primeiro foi a incapacidade do socialismo de gerar uma economia de alta tecnologia, e o seu fracasso na produção em massa de bens de consumo. O segundo foi que, numa era de economia transnacional e de comunicações globais, já não era mais possível ocultar informações da população a respeito da situação no resto do mundo, em termos materiais e de liberdade política. O terceiro foi que com a sua desaceleração econômica e a continuidade de seu relativo atraso em termos de produtividade e eficiência, já não foi mais possível a URSS sustentar sua posição de potência e competir sozinha com todo o capitalismo ocidental.

As lições que a história parece indicar

As lições que a história parece indicar/A necessidade da mais ampla democracia e da liberdade no socialismo

- ▶ A socialismo, que denunciava a opressão e a injustiça do mundo capitalista e que prometia a construção de uma sociedade mais justa e mais humana, tornou-se, depois de certo tempo, o seu oposto. O “socialismo” soviético foi um sistema ditatorial e burocrático
- ▶ De acordo com Ralph Miliband, dentro dos marcos do capitalismo a democracia está subordinada às relações de classe, é extremamente limitada
- ▶ Para Bobbio, a democracia socialista não deve prescindir dos valores do liberalismo capitalista, pelo contrário, os supera; a democracia só pode ser atingida levando as exigências do liberalismo à máxima radicalidade
- ▶ Carlos Nelson Coutinho não compartilha com essa posição de Bobbio. Para ele a democracia não existe sem socialismo e aquela não deve ser identificada com liberalismo
- ▶ A primeira lição que pode ser tirada do colapso do socialismo soviético, portanto, é que um verdadeiro socialismo precisa ser mais democrático que o capitalismo
- ▶ Uma democracia socialista deveria ser organizada a partir da participação efetiva dos membros da sociedade civil controlando o Estado, como preconizava Gramsci

Aparentemente, as questões que mais têm preocupado os marxistas após a queda do Muro de Berlim dizem respeito às lições que devem ser tiradas do colapso do *socialismo real*, ou seja, quais foram os erros cometidos

ali e o que deve ser superado para que se possa construir um socialismo de fato. Alertando que essa deve ser uma discussão coletiva e que o que segue aqui são posições iniciais para debate, podemos apontar pelo menos três



aspectos que, ao que tudo indica, os teóricos marxistas têm repensado após a queda do Muro de Berlim, no sentido de apontar como

deve ser uma sociedade socialista, oposta ao modelo soviético.

A necessidade da mais ampla democracia e da liberdade no socialismo

O primeiro, parte da caracterização do socialismo soviético como um sistema autoritário e burocrático. O socialismo, que denunciava a opressão e a injustiça do mundo capitalista e que prometia a construção de uma sociedade mais justa e mais humana, tornou-se, depois de certo tempo, o seu oposto. A ditadura stalinista foi um regime tão cruel quanto o das mais cruéis ditaduras capitalistas. Isso permitiu aos teóricos do

capitalismo afirmar que o socialismo é um regime essencialmente autoritário, e que a democracia é exclusiva do capitalismo. Um fator que contribuiu com o surgimento da burocracia e para a consolidação de um regime totalitário na URSS foi o fato de que na Rússia o povo não havia tido nenhuma experiência prévia com a democracia. Suas referências eram o patriarcalismo e a autocracia, frutos de relações sociais pré-capitalistas.

Apesar das imensas limitações da democracia burguesa, da sua incapacidade de gerar igualdade social, da ditadura que existe dentro das empresas capitalistas no dia-a-dia, de todas as ditaduras que o capitalismo apoiou no século XX, como vimos na América Latina, a democracia burguesa pôde parecer mais democrática não por seus próprios méritos, mas porque a qualidade de seu opositor nesta esfera era muito pior. Ou seja, o regime stalinista forneceu os argumentos contra o socialismo aos capitalistas.

Não é correto afirmar que a democracia é exclusiva do capitalismo, nem que o socialismo é um regime autoritário. Primeiro, porque dentro dos marcos do capitalismo a democracia está subordinada às relações de classe, é extremamente limitada. De acordo com Ralph Miliband:

A democracia burguesa, em um contexto de dominação de classe, é na maioria das

vezes transformada em um instrumento de dominação, fornecendo às classes dominantes um valioso elemento de legitimação. Também, a democracia burguesa é corrompida pelas práticas autoritárias a que freqüentemente recorrem os governos nas sociedades capitalistas; e é vulnerável à abrogação quando formas democráticas ameaçam tornar-se um desafio sério à dominação de classe.⁶

6 MILLIBAND, Ralph. In: BLACKBURN (org). *Depois da queda*. SP: Paz e Terra, 1992, p. 28.

A sua opção pela democracia real os socialistas devem mostrar desde hoje, dentro das democracias capitalistas. O modelo de democracia representativa hoje vigente mantém a alienação do povo em relação ao poder político do Estado. Uma sociedade é mais democrática quanto mais prescinde do modelo representativo em detrimento de uma participação mais direta e cotidiana da sociedade civil na gestão do Estado. A representatividade, em um determinado grau é inevitável, evidentemente. Mas deveria ser mantida sob limites e sob rigorosa supervisão dos demais membros da sociedade para garantir que fosse a mais democrática o possível. Uma tarefa dos socialistas seria, portanto, a de defender e alargar as conquistas democráticas obtidas dentro do capitalismo. Travar as suas lutas dentro da democracia burguesa, participando ativamente das eleições, mas sem alimentar ilusões e sem esquecer que o motor desta luta vem das ruas, da luta extra-parlamentar. Os objetivos de participação na democracia burguesa seriam o de apontar e criticar as suas limitações, tanto no que se refere a questões eleitorais e constitucionais, quanto às diversas formas de exploração e opressão possibilitadas pela organização hierárquica da vida em todas as suas esferas. E, principalmente, propor uma sociedade capaz de superá-las. Achar que a luta pela democracia no capitalismo está encerrada é um erro, como alerta Milliband:

A noção de que a batalha pela democracia já foi vencida nos sistemas capitalistas democráticos, com exceção de algumas reformas eleitorais e constitucionais às margens, simplesmente em virtude de se terem alcançado o sufrágio universal, a competição política aberta e eleições regulares é uma noção profundamente limitante e debilitante que tem servido extremamente bem às forças conservadoras e que precisa ser exposta e contestada.⁷

Em relação à questão das liberdades obtidas dentro do capitalismo liberal, elas constituem o pré-requisito da democracia, segundo Norberto Bobbio. Para estes autores, a democracia socialista não deve prescindir dos valores do liberalismo capitalista, pelo contrário, os supera; a democracia só pode ser atingida levando as exigências do liberalismo à máxima radicalidade. Bobbio fala a respeito das quatro liberdades básicas do homem que seriam a base de uma democracia liberal: a liberdade individual, a de imprensa e de opinião, a de reunião e a de associação. Para ele a maior prova do fracasso do *socialismo real* consiste no fato de que todos os que se rebelaram contra ele tinham essas liberdades básicas como exigência. O que mais uma vez demonstra que as exigências da população no Leste Europeu não eram contra o socialismo e sim contra aquele modelo de socialismo que

7 MILLIBAND, Ralph. In: BLACKBURN (org). *Depois da queda*. SP: Paz e Terra, 1992, p. 30.



abria mão das liberdades básicas do homem, conquistadas e asseguradas a duras penas dentro da democracia liberal.

Carlos Nelson Coutinho não compartilha com essa posição de Bobbio. Para ele a democracia não existe sem socialismo e não deve ser identificada com liberalismo:

(...) se sem democracia não há socialismo, tampouco há democracia plena e consolidada sem socialismo, ou seja, sem a superação da sociedade de classes, fundada na exploração e na alienação. O socialismo não é um abstrato ‘conjunto de valores’ que

orientaria a utópica tarefa de ‘melhorar’ o capitalismo (...)⁸

Ele afirma que alguns setores da esquerda, no caso ele se refere à esquerda brasileira, cometem o equívoco de pensar que é necessário optar entre o socialismo ou a democracia.

Para tais segmentos, já não se trata de articular socialismo e democracia, mas simplesmente de afirmar que o socialismo tornou-se peça de museu, a ser enterrado junto com o século XX, não restando assim à esquerda outra tarefa além daquela de ‘compatibilizar capitalismo e justiça social’.⁹

A primeira lição que pode ser tirada do colapso do socialismo soviético, portanto, é que um verdadeiro socialismo precisa ser mais democrático que o capitalismo.

Mas não é suficiente afirmar que o socialismo deve se basear na democracia, mas sim apontar a partir de qual modelo democrático ele deve ser construído. Uma democracia socialista deveria ser organizada a partir da participação efetiva dos membros da sociedade civil controlando o Estado, como preconizava Gramsci. Os regimes de tipo soviético não foram mais democráticos apenas por não terem assegurado a participação do povo nos órgãos de poder. Mas se não o foram é porque esses órgãos estavam submetidos a um rigoroso controle por parte do Estado e do partido, não gozando de nenhuma autonomia, ou seja, a classe trabalhadora e a sociedade estavam órfãs em sua representação frente ao Estado.

Para garantir uma gestão realmente democrática do Estado, no socialismo, seria necessário incentivar muitos tipos de associações

e organizações autônomas da sociedade, que mantivessem formas de **poder político fora do Estado**. Dessa forma, os organismos de poder

8 COUTINHO, C.N. *Prefácio a Contra a corrente*. São Paulo, Cortez, 2000. <http://www.artnet.com.br/gramsci>

9 Idem.

popular, gozando de autonomia em relação ao Estado, poderiam fiscalizá-lo e, ambos os poderes, se complementariam. **O que só poderia ser assegurado, obviamente, se fossem**

mantidas as liberdades democráticas fundamentais, como a liberdade de imprensa, de crítica e de reunião, por exemplo.

Socialismo e humanismo

As lições que a história parece indicar/socialismo e humanismo

- ▶ O capitalismo subordina o homem à economia, fomentando assim o egoísmo, destruindo as relações humanas. Na linha de produção o corpo humano é uma mera extensão da máquina
- ▶ No aspecto das relações humanas, o socialismo soviético não conseguiu se diferenciar do capitalismo, sendo tão cruel quanto este
- ▶ Não se deve, esquecer, como fez o regime soviético, de que o socialismo é, antes de qualquer coisa, uma forma de humanismo. O socialismo não prescinde dos ideais de fraternidade, igualdade, solidariedade e justiça, inerentes ao humanismo
- ▶ Um verdadeiro socialismo deve se distinguir tanto do capitalismo quanto do socialismo soviético. Em primeiro lugar, deve resguardar elevados valores humanos, deve mostrar que as pessoas são mais importantes do que a produção. O autêntico socialismo deve fomentar a solidariedade e a fraternidade, já que o ser humano é um ser social, em oposição ao egoísmo

Outra lição importante que se pode tirar do colapso do *socialismo real* é a respeito do **caráter humano que deve ter uma democracia socialista**, ou seja, de que não se deve esquecer, como fez o regime soviético, **de que o socialismo é, antes de qualquer coisa, uma forma de humanismo**. O socialismo não

prescinde dos ideais de fraternidade, igualdade solidariedade e justiça, inerentes ao humanismo; estes também constituem sua gênese, como o fim da exploração do homem pelo homem e da opressão que resulta dessa exploração.



O capitalismo subordina o homem à economia, fomentando assim o egoísmo, destruindo as relações humanas. Na linha de produção o corpo humano é uma mera extensão da máquina. Desde a Revolução Industrial e especialmente ao longo do século XX, o capitalismo cumpriu o papel de, através da ciência, criar inúmeras formas de aumentar a produção, introduzindo novas máquinas que aumentaram a produtividade e a rentabilidade do capitalismo.

No entanto, o tempo de trabalho do trabalhador não diminuiu com a incorporação de novas tecnologias na produção. Os trabalhadores manejam novas máquinas, que exigem um maior esforço físico por parte desses e a produtividade do capitalismo aumentou muito porque as novas tecnologias permitiram aos capitalistas o aumento da extração da mais-valia relativa dos trabalhadores.

Seu tempo de trabalho não aumentou, mas a produção e o esforço físico que os tra-

balhadores têm que fazer cotidianamente aumentaram muito com os avanços do capitalismo. Dessa maneira, o tempo livre que lhes resta, embora seja o mesmo cronologicamente, é muito menos produtivo do ponto de vista pessoal e social, já que os trabalhadores estão mais cansados. Os trabalhadores dentro da fábrica ou empresa não passam de mais uma máquina, mais um objeto. O aumento do desemprego estrutural também cria uma espécie de concorrência desumana entre os trabalhadores.

Além de levar ao aumento da violência de parte do setor de trabalhadores marginalizado da sociedade, o capitalismo também fomenta o preconceito e a opressão das minorias étnicas e das mulheres como forma de aumentar a exploração. Enfim, a lógica do capitalismo é a da produtividade sem limites, no menor tempo possível, em detrimento das relações humanas.

Nesse aspecto das relações humanas, o socialismo soviético não conseguiu se diferenciar do capitalismo, sendo tão cruel quanto este e, em diversos aspectos esta crueldade foi maior devido à falta de democracia desse regime. A lógica da produtivida-

de sem limites, acima do elemento humano também imperou na URSS a partir dos anos 30. As minorias também foram brutalmente perseguidas pelo regime soviético, pois seu caráter ditatorial possibilitou isso com muito menos entraves que enfrentaria a democracia

burguesa. O stalinismo perseguiu de maneira implacável desde seus opositores políticos, desde os trotskystas até os xamãs da Sibéria,

oprimiu, prendeu e matou aos milhões desde camponeses até homossexuais.

Um verdadeiro socialismo deve se distinguir tanto do capitalismo quanto do socialismo soviético. Em primeiro lugar, em seu resguardo dos valores humanos, em mostrar que as pessoas são mais importantes do que a produção. O autêntico socialismo deve fomentar a solidariedade e a fraternidade, já que o ser humano é um ser social, em oposição ao egoísmo. Deve mostrar que as pessoas são mais importantes que os objetos e que elas valem por aquilo que são e não pelo quanto podem consumir, que é a lógica do capitalismo. Deve incentivar o desenvolvimento pessoal do indivíduo, ao invés de exigir que ele se sacrifique para produzir cada vez mais e mais excedentes.

Os socialistas começam a perceber que uma nova sociabilidade deve se assentar sobre relações mais amáveis entre os indivíduos, sobre a delicadeza nas relações pessoais. Ao ser questionado sobre qual motivo o levou a iniciar sua militância política, um militante socialista chamado Adam Schaff deu uma resposta que ilustra muito bem o que significa o papel dos socialistas nesse sentido.

Penso que em meu caso – e o considero muito representativo – desempenhou um grande papel a minha sensibilidade dian-

te da injustiça social que me rodeava... e a aceitação de um determinado sistema de valores que encabeçava o princípio judeu-cristão do amor ao próximo (...). Esta sensibilidade teve um peso decisivo em minha orientação (...) Sem o amor ao próximo, sem um fundamento moral e sem a disposição de combater toda a injustiça que causa sofrimentos aos homens, a idéia do socialismo se transforma em algo estéril que facilmente pode degenerar-se, como nos demonstraram as deformações do chamado socialismo real (...).¹⁰

10 SCHAFF citado por HECKER, A. *Afinal, de que tradição eles estão falando?* www.scielo.br



Capitalismo, socialismo e ecologia: um perigoso alerta

As lições que a história parece indicar/Capitalismo, socialismo e ecologia: um perigoso alerta

- ▶ O capitalismo com sua lógica de competição desenfreada e busca incessante de maiores lucros está destruindo a Natureza de maneira cada vez mais avassaladora
- ▶ A ação do capitalismo está levando a um grau de degradação da Natureza que se continuar no mesmo ritmo poderá em breve ser irreversível, como vêm mostrando a ONU e os cientistas
- ▶ Na URSS, a questão ecológica também não foi tratada com seriedade; a lógica da industrialização acelerada e do rápido desenvolvimento das forças produtivas também não levou em conta os limites da Natureza
- ▶ O capitalismo é, portanto, para os ecossocialistas, um modo de produção *insustentável*
- ▶ O socialismo precisa ser complementado com uma forte visão ecológica

Outro ponto sobre o qual os marxistas passaram a refletir mais após a queda do *socialismo real* é a questão ecológica. O capitalismo com a sua lógica de competição desenfreada e busca incessante de maiores lucros está destruindo a Natureza de maneira cada vez mais avassaladora. A lógica da produção em massa, da produção cada vez maior de excedentes para o mercado, não respeita a Natureza e seus limites.

Para desenvolver a tecnologia e aumentar a produção o capitalismo degrada as demais forças produtivas, o ser humano e a Natureza. A lógica consumista do capitalismo leva as pessoas a tratarem a Natureza como um obje-

to, como um mero meio de consumo, algo do que se extrai apenas, sem se preocupar com sua capacidade de reposição e com o restante da vida animal no planeta. Se o capitalismo se sujeitasse a formas de produção que não

degradassem a Natureza teria uma queda na sua produtividade e na sua rentabilidade, o que não é interessante nos marcos desse sistema. A ação do capitalismo está levando a um grau de degradação da Natureza que se continuar no mesmo ritmo poderá em breve ser irreversível, como vêm mostrando a ONU e os cientistas.

O **efeito estufa**, o aquecimento global, o degelo das calotas polares, o desmatamento que transforma dia-a-dia quilômetros de florestas em áreas desérticas, além de terem efeitos diretos na qualidade de vida dos seres humanos, são sinais de que a Natureza não consegue se recompor na mesma medida em que é explorada, que não consegue repor os recursos que lhe são extraídos. A humanidade caminha para um desastre vital ambiental. As possíveis conseqüências que uma exploração desenfreada da Natureza poderiam ter num futuro já estão acontecendo hoje. Isso, felizmente, tem levado a um início de conscientização das questões ecológicas por parte do movimento socialista.

A humanidade atingiu agora o ponto em que pode de fato destruir a biosfera – a habitação de plantas, animais e humanos

no globo – ou pelo menos mudá-la para pior de formas imprevisíveis e dramáticas. O ‘efeito estufa’ é algo com que todos nós temos que aprender a conviver. Isto é o resultado de crescimento econômico desmedido em passo acelerado. É verdade, a teoria socialista sempre foi a favor disto e a prática socialista, especialmente no Leste Europeu, produziu poluição maciça. Mas o capitalismo, diferentemente do socialismo, compromete-se pela sua natureza ao crescimento sem limites.¹¹

Na URSS, a questão ecológica também não foi tratada com seriedade; a lógica da industrialização acelerada e do rápido desenvolvimento das forças produtivas também não levou em conta os limites da Natureza. A explosão da **usina nuclear de Chernobyl** foi o maior exemplo disso e serviu para dar uma série de argumentos para deslegitimar e enfraquecer o sistema soviético, o de que esse era mal planejado e mal organizado e o de que era destrutivo, inclusive em relação à Natureza. Mas o socialismo foi pioneiro em apontar e denunciar o caráter predatório do capitalismo.



11 HOBBSBAWM, E. In: BLACKBURN (Org.). *Depois da queda*. SP: Paz e Terra, 1992, p. 266.



Na Europa, prevalece uma polêmica entre os marxistas e os ecologistas chamados “verdes”. Para esses, o marxismo compartilha da visão capitalista do *produtivismo*, da visão mecânica de que o desenvolvimento das forças produtivas levaria à abundância e assim resolveria todas as demandas da sociedade.

Michael Lowy, um dos principais teóricos do ecossocialismo, afirma que esta crítica do marxismo por parte dos “verdes” está correta só em parte porque o marxismo pouco levou em conta a ação destruidora da industrialização sobre a Natureza. **As técnicas de produção capitalistas destroem o meio ambiente.** Os marxistas da primeira metade do século XX viam com admiração os métodos do taylorismo e do fordismo e a forma como estes desenvolviam as forças produtivas. O modelo de gestão fordista teve grande receptividade na URSS, o próprio Lênin afirmava que o desenvolvimento do socialismo deveria se dar a partir dos métodos já alcançados pelo capitalismo.

Por outro lado, para Lowy, a crítica dos “verdes” está incorreta, pois, segundo ele, cabe ao marxismo denunciar a degradação da Natureza que é reflexo da lógica da produção capitalista:

(...) foi Marx que denunciou a lógica capitalista

de produção, a acumulação do capital, das riquezas e das mercadorias como objeto em si. A própria idéia de socialismo – ao contrário de suas miseráveis contrafações burocráticas – é a de uma produção de valores de uso, de bens necessários à satisfação de necessidades humanas. Para Marx, o objetivo supremo do progresso técnico não é o crescimento infinito de bens [‘o ter’], mas a redução da jornada de trabalho e o aumento do tempo livre [‘o ser’].¹²

Assim, **o socialismo precisa ser complementado com uma visão ecológica.** Lowy faz, no entanto, uma série de críticas aos que pensam que a questão ecológica pode ser resolvida nos marcos do capitalismo.

O problema é que as proposições feitas por uma parte da ecologia européia são realmente insuficientes ou levam a impasses. Sua principal fraqueza é a de ignorar a conexão entre o produtivismo e o capitalismo, o que conduz à ilusão de um ‘capitalismo limpo’ ou de reformas capazes de controlar



12 LOWY, Michael. *De Marx ao Ecossocialismo*. www.mra.org.br

seus ‘excessos’ [por exemplo, as ecotasas]. Ou então, tomando como pretexto a imitação pelas economias burocráticas de comando, do produtivismo ocidental acabam considerando o capitalismo e o

‘socialismo’ como variantes do mesmo modelo – um argumento que perdeu seu interesse após o desmoronamento do pretenso ‘socialismo real’.¹³

O socialismo deve, para os ecossocialistas, abrir mão da noção de progresso baseada na industrialização sem limites. Não deve se ocupar apenas das demandas imediatas dos trabalhadores, por melhores rendas e melhores condições de vida, sem levar em consideração a preservação dos recursos naturais que não são renováveis. Deve buscar um equilíbrio entre ambos e buscar um desenvolvimento sustentável, que além de garantir melhorias para a humanidade, leve em consideração as outras espécies e os outros elementos presentes na Natureza. Eles se opõem à concepção de domínio da Natureza pelo homem e defendem uma nova concepção de trabalho que ao invés de explorar a Natureza, tenha por objetivo, estimular seu desenvolvimento.

Isso se daria a partir do momento em que a sociedade passasse a desenvolver novas relações de produção que não fossem degradantes às forças produtivas, ou seja, sob relações de produção verdadeiramente socialistas. Os ecossocialistas, como M. Thuswoll, defendem uma sociedade baseada num socialismo humanista e ecológico.¹⁴

Trata-se primeiro do desaparecimento dos (anti)modelos ‘socialistas’ que prejudicavam a utilização da teoria de Marx para fins de crítica radical do capitalismo. O segundo acontecimento foi a liberalização completa do capitalismo, sob a batuta dos mercados financeiros tornados globais, que se saldou por uma inversão da relação de forças a favor do capital e em detrimento do trabalho. O terceiro acontecimento é a convergência das mobilizações populares e das lutas sociais contra os danos da mundialização capitalista, nomeadamente identificando



Para **Jean-Marie Harribey**, foram três acontecimentos que, em conjunto, possibilitaram a fusão do marxismo com a ecologia:

13 Idem.

14 THUSWOLL, M. *Evitar o desastre ambiental é tarefa para agora*. <http://www.terrazul>



com clareza as paradas das negociações no seio da Organização Mundial de Comércio: a recusa da mercantilização do mundo e da privatização dos seres vivos contém em si o

questionamento dos dois termos da crise que atingem sobretudo as populações mais desfavorecidas: social e ecológico.¹⁵

Para desenvolver um socialismo ecológico, ou uma ecologia marxista, é necessário que o movimento socialista se adapte ao novo momento histórico em que está inserido, que supere a noção de que apenas a coletivização dos meios de produção é o suficiente, mas que passe a considerar as relações sociais com mais seriedade. Da mesma forma, outros teóricos da ecologia, como os “verdes” não poderiam incorrer no erro de acreditar que a preservação da Natureza poderia se dar dentro do modo de produção capitalista.

Existem condições materiais naturais que são indispensáveis à atividade humana, independente do modo de produção. Os ecossocialistas se propõem a redefinir os objetivos de uma produção socialista levando em consideração a questão ecológica; defendem que esse é o verdadeiro princípio do socialismo. Contudo, se opõem às alternativas que se proponham às reformas do capitalismo, tanto quanto ao produtivismo do regime burocrático soviético. Isso seria possível impondo limites ao desenvolvimento, de maneira sustentável, o que não significaria escassez ou privações. No *Manifesto Ecosocialista Internacional* pode-se encontrar:

Objetivo é a transformação das necessidades, uma profunda mudança de dimensão

qualitativa, não quantitativa. Do ponto de vista da produção de mercadorias, isso se traduz em uma valorização dos valores de uso em detrimento dos valores de troca – um projeto de relevância de longo prazo baseado na atividade econômica imediata.¹⁶

A única maneira de superar a crise gerada pelo capitalismo seria, sob o modo de produção socialista, desenvolver uma produção ecológica, pois o capitalismo não é capaz de resolver suas próprias e contradições e a questão ecológica é uma contradição para um modo de produção baseado na acumulação. O capitalismo é, portanto, para os ecossocialistas, um modo de produção *insustentável*. Além de terem extração altamente poluidora, os combustíveis fósseis, como o petróleo, já

15 HARRIBEY, J. *Marxismo ecológico ou ecologia política marxiana*. <http://resistir.info>

16 *Manifesto Ecosocialista Internacional*.

têm data para acabar. A energia atômica, devido ao acúmulo de lixo atômico por milhares de anos, também deve ser descartada.

Seria mais democrática a adoção de fontes de energias renováveis como a solar, no entanto isso não interessaria ao capitalismo, pois ela é gratuita. Uma sociedade baseada nos preceitos do ecossocialismo também precisaria ser mais democrática, pois seria baseada na livre associação dos produtores, como preconizava Marx. Dessa forma, ela libertaria os seres humanos de todas as formas de opressão e exploração, deixando-os assim em harmonia com a Natureza.

O movimento operário, no entanto, com exceção de alguns partidos e organizações de esquerda e socialdemocratas, mantém ainda uma visão produtivista e progressista. Isso leva um setor do movimento ecologista a ver o movimento operário como determinantemente produtivista. Mas existem mudanças que, embora incipientes, já começam a se mostrar.

Nesse sentido, os movimentos sociais têm já uma visão bem mais avançada, principalmente aqueles ligados diretamente à questão agrária, tanto por se dedicarem à dura crítica ao agronegócio e aos seus malefícios, tanto sociais quanto ecológicos quanto por pensarem novas formas de produção coletivas e mais democráticas. O ecossocialismo se dá concretamente na luta dos movimentos sociais, populares e ambientalistas contra as empresas e governos que degradam o meio ambiente. Para os ecossocialistas, as raízes

do ecossocialismo estão no Brasil, na luta de Chico Mendes pela preservação da Amazônia e nas lutas do MST.

O ecossocialismo deve unir o movimento operário-sindical e ecológico e, através da aliança entre os ecologistas e os socialistas, superar o anti-humanismo naturalista do movimento ecológico bem como a lógica progressista e produtivista do marxismo. Os socialistas e os ecologistas devem se unir para lutar por reformas imediatas, mesmo que isso não signifique resolver as contradições ecológicas do capitalismo, primeiro porque em relação ao meio ambiente não se pode perder tempo, segundo, porque as reivindicações de caráter ecológico podem assumir formas de transição para uma economia socialista.

Lowy aponta qual seria **uma plataforma em comum pela qual deveriam lutar os so-**



cialistas e os ecologistas, no sentido de conter a degradação ambiental e assim combater o capitalismo.

- 1) Defesa do transporte coletivo: Os meios de transportes coletivos gratuitos ou mais baratos seriam a maneira de resolver o problema no trânsito rodoviário que enfrentam as grandes cidades, além de eliminar grandes agentes de poluição, que são os meios de transportes individuais como os carros e as motocicletas.
- 2) Luta contra as dívidas ao FMI: As dívidas que o FMI e o Banco Mundial impõem

aos países do Hemisfério Sul têm consequências sociais e ecológicas, como a destruição dos recursos naturais destinados à exportação, por exemplo..

- 3) Defesa da saúde pública: A luta contra a poluição é uma questão de saúde pública, combater a poluição da água e do ar pelas grandes empresas, é forma de garantir a saúde da população.
- 4) Redução da jornada de trabalho: A redução da jornada de trabalho resolveria o problema do desemprego e garantia o tempo livre do indivíduo em detrimento da lógica da acumulação.

Atualizar as análises sobre o capitalismo atual

- ▶ Outra questão que despertou a atenção dos teóricos marxistas no último período é o que diz respeito ao caráter do capitalismo na atualidade
- ▶ Segundo István Mészáros, para se pensar uma ação coerente contra o capitalismo do século XXI, faz-se necessário apontar com detalhes as peculiaridades que o capitalismo assume nessa época
- ▶ Limites à possibilidade de concessões por parte do capitalismo. Está limitado o espaço para reformas. Se no século XX foi possível aos trabalhadores terem algumas reivindicações atendidas, e avanços nas suas condições de vida, hoje essas conquistas parciais, segundo Mészáros, não teriam êxito. Qualquer reivindicação parcial, hoje em dia, teria que desafiar o “sistema do capital como tal” já que a “auto-expansão produtiva” não é mais uma possibilidade

Para além das lições que se possam tirar da falência do *socialismo real*, outra questão que despertou a atenção dos teóricos marxistas no último período é o que diz respeito ao carácter do capitalismo na atualidade. A queda do Muro de Berlim foi decisiva para que os marxistas revissem seus pressupostos e os adequassem a atual fase do capitalismo. No entanto, faz-se necessário também identificar como o capitalismo se desenvolve nessa fase e para isso não é mais suficiente amparar-se no *O Capital* de Marx. Este serve como um pressuposto básico para esclarecer como se desenvolve a engrenagem do capitalismo em qualquer época, porém surge a necessidade, para se pensar uma ação coerente contra o capitalismo do século XXI, de apontar com detalhes as peculiaridades que o capitalismo assume nessa época. Surge assim, a necessidade de se elaborar um “Capital do século XXI”. Foi esta a tarefa a que se propôs István Mészáros, em sua obra

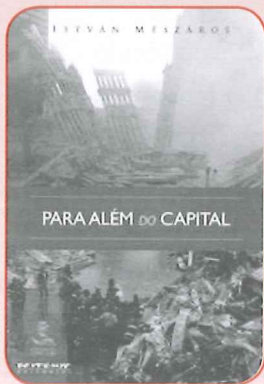
Para Além do Capital.

O autor faz uma diferenciação entre os conceitos de capital e capitalismo e afirma que, foi a confusão entre esses dois conceitos que

permitiu a derrota de todas as experiências revolucionárias do século XX.

(...) ‘capital’ é uma categoria dinâmica e a força social a ela correspondente aparece – na forma de capital ‘monetário’, ‘mercantil’ etc. – vários séculos antes de a formação social do CAPITALISMO enquanto tal emergir e se consolidar. De fato, Marx estava muito interessado em apreender as especificidades históricas das várias formas do capital e suas transições de uma a outra, até que finalmente o CAPITAL INDUSTRIAL se torne a força dominante do metabolismo socioeconômico e objetivamente defina a fase clássica da formação capitalista.¹⁷

O capital é, portanto, um fenômeno anterior ao capitalismo e posterior em alguns casos, como nos regimes do Leste Europeu, que romperam com o capitalismo, sem conseguir superar o capital. O capitalismo é uma das formas que o capital assume. **Mészáros** afirma o mesmo em relação à produção de mercadorias: esta não deve ser identificada com a produção capitalista de mercadorias. A primeira é anterior à segunda exigindo assim



17 MÉSZÁROS, István. *Para além do Capital*. SP: Boitempo, 2002, p. 1064



uma definição precisa das especificidades históricas do modo capitalista de produção de mercadorias. A necessidade dessas definições tem por justificativa, do ponto de vista prático, o fato de que ambos, capital e mercadoria, sobrevivem ao fim do capitalismo e subsistem numa fase pós-capitalista. A estratégia socialista, para Meszáros, se dá de duas formas. A primeira diz respeito aos objetivos históricos fundamentais e a segunda, aos objetivos imediatamente realizáveis.

Os primeiros se voltam para o estabelecimento da sociedade socialista, que representa qualitativamente uma ‘nova forma histórica’ (Marx), que implica avançar para além do próprio capital, superando

assim, efetivamente, o mundo do capital propriamente dito, enquanto os últimos são forçados a definir seu alvo apenas como o ataque e a superação das forças dominantes do capitalismo, permanecendo, necessariamente, num sentido vitalmente importante, no interior dos parâmetros estruturais do capital. Em contraste, sem a reestruturação do arcabouço estrutural do capital, inerente não apenas a um dado mecanismo econômico, mas ao sociometabolismo herdado em geral – realizável somente como um processo histórico complexo, com todas as suas contradições e potenciais retrocessos e perturbações –, é inconcebível levar o projeto socialista à sua efetivação apropriada.¹⁸

As características negativas do capital já não podem mais ser ignoradas. Se no século XX foi possível aos trabalhadores terem algumas reivindicações atendidas e avanços nas suas condições de vida, hoje essas conquistas parciais não teriam êxito. Qualquer reivindicação parcial, hoje em dia, teria que desafiar o “sistema do capital como tal” já que a “auto-expansão produtiva” não é mais uma possibilidade.

As reivindicações dos diversos setores por questões específicas estão relacionadas à questão do trabalho, no sentido de oposição à ordem do capital. O capital só pode fazer concessões em relações a temas que são “integráveis” à sua lógica e que possibilitem a sua expansão. Problemas como a questão ecológica e a opressão das mulheres não podem

ser solucionados nos marcos do capital, pois não são integráveis a este. Contudo, apenas o fato de que essas demandas não são integráveis ao capital, não garante a vitória destas. Apesar de suas limitações, o trabalho, ou seja, os trabalhadores organizados é o único movimento que pode apresentar uma alternativa ao capital, segundo Meszáros.

18 MÉSZÁROS, István. *Para além do Capital*. SP: Boitempo, 2002, p. 1.065

(...) a transferência da lealdade dos socialistas desiludidos da classe trabalhadora para os chamados ‘novos movimentos sociais’ (hoje valorizados em oposição ao trabalho e desprezando todo o seu potencial emancipador) deve ser considerada prematura e ingênua. Os movimentos de questão única, mesmo quando lutam por causas não-integráveis, podem ser derrotados e marginalizados um a um, porque não podem alegar estar representando uma alternati-

va coerente e abrangente à ordem dada como modo de controle sociometabólico e sistema de reprodução social. Isto é o que faz o enfoque no potencial emancipador socialista do trabalho mais importante hoje do que nunca.¹⁹

Mészáros aponta **quatro questões que são elementos centrais para se entender as grandes contradições do capitalismo hoje:**

- 1) O antagonismo entre o capital transnacional e os Estados nacionais que, apesar dos esforços para uma globalização, continua irreconciliável
- 2) O impacto catastrófico do capital sobre a Natureza
- 3) A incapacidade do sistema do capital, inclusive de suas variantes pós-capitalistas, de resolver a questão da opressão da mulher
- 4) O desemprego crônico

Bibliografia

BOBBIO, Norberto. O reverso da utopia. In: BLACKBURN (Org.). *Depois da queda*. SP: Paz e Terra, 1992.

BLACKBURN, Robin (Org.). *Depois da queda: o fracasso do comunismo e o futuro do socialismo*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultura*. 3 vols.; v. 1, *A Sociedade em Rede*; v. 2, *O Poder da Identidade*; v. 3, *Fim do Milênio*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COUTINHO, Carlos N. *Prefácio a Contra a corrente*. São Paulo, Cortez, 2000. In: <http://www.artnet.com.br/gramsci>

¹⁹ MÉSZÁROS, István. *Para além do Capital*. SP: Boitempo, 2002, p. 95



GORENDER, Jacob. *O Fim da URSS. Origens e fracasso da Perestroika*. 2. ed., São Paulo: Atual, 1992.

HARRIBEY, Jean-Marie. *Marxismo ecológico ou ecologia política marxiana*. In: <http://resistir.info>

HECKER, Alexandre. Afinal, de que tradição eles estão falando? *Revista Brasileira de História*. V. 18, n. 35. São Paulo, 1998. In: www.scielo.br

HOBBSBAWN, Eric. *Era dos extremos. O breve século XX. 1914-1991*. 2. ed., São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

_____. Adeus a tudo aquilo. In: BLACKBURN (Org.). *Depois da queda*. SP: Paz e Terra, 1992.

_____. Renascendo das cinzas. In: BLACKBURN (Org.). *Depois da queda*. SP: Paz e Terra, 1992.

LAQUEUR, Jaques. *O Fim de um sonho*. São Paulo: Best Seller, 1995.

LOWY, Michael. De Marx ao Ecosocialismo. In: *Revista Marxismo Revolucionário Atual*. www.mra.org.br

MANDEL, Ernest. *El poder y el dinero: Contribución a la teoría de la posible extinción del Estado*. México. D.F.: Siglo Veinteuno Editores, 1994.

MEDVEDEV, Roy. *Era inevitável a Revolução Russa?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

MÉSZÁROS, István. *Para além do Capital*. SP: Boitempo, 2002.

MILIBAND, Ralph. Reflexões sobre a crise dos regimes comunistas. In: BLACKBURN (Org.). *Depois da queda*. SP: Paz e Terra, 1992.

NOVE, Alec. *A economia do socialismo possível*. São Paulo: Ática: 1989.

PALMEIRA, Vladimir. *URSS: existe socialismo nisto?* Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

REIS FILHO, Daniel Aarão. *Uma revolução perdida – A história do socialismo soviético*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1997.

SWEEZY, Paul. *A sociedade pós-revolucionária*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THUSWOLL, Maurício. *Evitar o desastre ambiental é tarefa para agora*. In: <http://www.terrazul>

TRATENBERG, Maurício. *Reflexões sobre o socialismo*. São Paulo: Moderna, 1986.

Vários. *Manifesto Ecosocialista Internacional*. In: www.associacaocaete.org.br

PARA SABER MAIS SOBRE O TEMA

O objetivo deste suplemento é aprofundar o conhecimento dos conteúdos desenvolvidos em aula. Nele, você encontrará indicações e referências de materiais que possibilitam a discussão e oferecem elementos para a reflexão sobre os temas abordados. As obras e textos aqui listados são um complemento daqueles já citados no “Texto de Referência”.

Livros

ARRIGHI, G. *O Longo Século XX, dinheiro, poder e a origem dos nossos tempos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BEAUD, M. *História do capitalismo: de 1500 a nossos dias*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BERNER, Jayme. *O Mundo pós-guerra fria*. São Paulo: Scipione, 1994.

BLÁCKBURN, Robin (org). *Depois da queda: o fracasso do comunismo e o futuro do socialismo*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola, e PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*, v. 2. Brasília e São Paulo: UnB/Imprensa Oficial, 2000.

BOND, Rosana & VESENTINI, José Willian. *A Crise do mundo socialista*. São Paulo: Ática, 1994.

BRZEZINSKI, Zbigniew. *EUA x URSS: o grande desafio*. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 1989.



- CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultura*. 3 vols.; v. 1, *A Sociedade em Rede*; v. 2, *O Poder da Identidade*; v. 3, *Fim do Milênio*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CATANI, Afrânio. *O que É Capitalismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.
- CHAUÍ, Marilena. *O Que É Ideologia*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.
- COUTINHO, Carlos N. *Prefácio a Contra a corrente*. São Paulo, Cortez, 2000. In: <http://www.artnet.com.br/gramsci>
- DREIFUSS, R. *A época das perplexidades*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- FERNANDES, Luís. *O enigma do socialismo*. Rio de Janeiro: Mauad, 2000.
- GORBATCHEV, M. *Perestroika*. Rio de Janeiro: Best-Seller, 1987.
- HARRIBEY, Jean-Marie. *Marxismo ecológico ou ecologia política marxiana*. In: <http://resistir.info>
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.
- HOBSBAWN, Eric (Org). *História do marxismo*. São Paulo: Paz e Terra, 1991.
- _____. *A era dos extremos. O breve século XX. 1914-1991*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- _____. *Revolucionários*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- HUNTINGTON, Samuel. *O choque das civilizações e a recomposição da ordem internacional*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.
- KARNAL, Leandro. *A Guerra Fria*. São Paulo: FTD, 2000.
- KENNEDY, Paul. *Ascensão e queda das grandes potências*. São Paulo: Campus, 1989.
- LANDES, David. *A riqueza e a pobreza das nações*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- LAQUEUR. *O Fim de um sonho*. São Paulo: Best Seller, 1995.
- LEWIN, Moshe. *O fenômeno Gorbachev*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.
- LOWY, Michael. *De Marx ao Ecosocialismo*. In: Revista *Marxismo Revolucionário Atual*. www.mra.org.br
- MAGNOLI, Demétrio. *O Mundo contemporâneo*. São Paulo: Moderna, 1996.
- MEDVEDEV, Zhores. *Gorbachev*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

- NETTO, José Paulo. *O que é marxismo*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- OFFE, Claus. *Problemas estruturais do Estado capitalista*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- OLIC, Nelson Bacic. *A Desintegração do leste; URSS, Iugoslávia, Europa Oriental*. São Paulo: Moderna, 1993.
- ORWELL, G. 1984. São Paulo: Ática, 1984.
- PERRAULT, Gilles. (Org.). *O livro negro do capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- POLANYI, Karl. *A Grande Transformação*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1980.
- POMAR, V. *O enigma chinês: capitalismo ou socialismo*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1987
- PRZEWORSKI, A. *Capitalismo e social-democracia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- RAMONET, Ignácio. *Geopolítica do Caos*. São Paulo: Vozes, 1998.
- REIS FILHO, Daniel Aarão. *Uma revolução perdida – A história do socialismo soviético*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1997.
- _____. *O manifesto 150 anos depois*. São Paulo: Perseu Abramo, 1998.
- REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (Orgs.). *O Século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- REMOND, René. *O Século XX - De 1914 aos nossos dias*. São Paulo: Cultrix, 1993.
- RUFIN, Jean-Christophe. *O Império e os novos bárbaros*. Rio de Janeiro: Record, 1991.
- SANDRONI, Paulo. *Novíssimo dicionário de economia*. São Paulo: Best Seller, 1999.
- SINGER, Paul. *O Capitalismo*. São Paulo, Moderna, 1987.
- SPINDEL, Arnaldo. *O que é Comunismo*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- _____. *O que é Socialismo*. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- THUSWOLL, Maurício. *Evitar o desastre ambiental é tarefa para agora*. In: <http://www.terrazul>
- VICENTINO, Cláudio. *Rússia, antes e depois da URSS*. São Paulo: Scipione, 1995.
- Manifesto Ecosocialista Internacional*. In: www.associacaocaete.org.br



Artigos

BATISTA JR, Paulo Nogueira. *Mitos da “globalização”*. In: Estud. av., v. 12, n. 32. São Paulo, jan./apr. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141998000100012&nrm=iso&lng=en&tlng=pt>

HECKER, Alexandre. *Afinal, de que tradição eles estão falando?* In: Rev. bras. Hist., 1998, v. 18, n. 35. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881998000100017&lng=pt&nrm=iso>

KURZ, Robert. *As luzes do mercado se apagam: as falsas promessas do neoliberalismo ao término de um século em crise*. In: Estud. av., ago. 1993, v. 7, n. 18 Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141993000200002&lng=pt&nrm=iso>

LIMA, Maria Regina Soares de. *Teses Equivocadas sobre a Ordem Mundial Pós-Guerra Fria*. In: Dados, 1996, v. 39, n. 3 Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52581996000300005&lng=pt&nrm=iso>

LINZ, Juan J. e STEPAN, Alfred. *Estados em vias de integração e de desintegração*. In: Estud. av., abr 1992, v. 6, n. 14 Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141992000100005&lng=pt&nrm=iso>

MERTILIK, Pavel. *Privatização tcheca: de propriedade pública a propriedade pública em cinco anos?*. In: Estud. av., dez 1996, v. 10, n. 28. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141996000300006&lng=pt&nrm=iso>

MIGUEL, Luis Felipe. *Utopias do pós-socialismo: esboços e projetos de reorganização radical da sociedade*. In: Rev. bras. Ci. Soc., jun. 2006, v. 21, n. 61. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092006000200005&lng=pt&nrm=iso>

NOGUEIRA, João Pontes. *A guerra do Kosovo e a desintegração da Iugoslávia: notas sobre a (re)construção do Estado no fim do milênio*. In: ev. bras. Ci. Soc., out 2000, v. 15, n. 44. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092000000300008&lng=pt&nrm=iso>

SANTOS, Tania Steren dos. *Globalização e exclusão: a dialética da mundialização do capital*. In: Sociologias n. 6 Porto Alegre jul./dez. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222001000200008&lng=pt&nrm=iso>

SERGILLO, Angelo. *Zyuganov: figura emblemática dos problemas dos comunistas russos pós-soviéticos*. In: Rev. Bras. Hist., Dez 2005, v. 25, n. 50. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882005000200002&lng=pt&nrm=iso>

_____. *A confusão esquerda/direita no mundo pós-Muro de Berlim: uma análise e uma hipótese*. In: Dados, 2004, v. 47, n. 3. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582004000300006&lng=pt&nrm=iso>

Artigos de jornal

“Fidel escreve carta de 10 páginas elogiando socialismo de mercado”. *Folha Online*, São Paulo, 29, abril, 2007. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u106905.shtml>>

Sítios na internet

Enciclopédia Eletrônica Wikipedia – Verbete para Socialismo. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismo>>

Sítio “Mundo do Socialismo”. Disponível em: <<http://www.moreira.pro.br/pagcent.htm>>

Instituto Rosa Luxemburgo. Disponível em: <<http://www.insrolux.org/>>

Sítio “Gramsci e o Brasil”. Disponível em: <<http://www.acesa.com/gramsci/>>

Sítio “comunismo.com.br”. Disponível em: <<http://www.comunismo.com.br/>>

Biblioteca Virtual História do Marxismo no Brasil. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/marxismo/index.htm>>



Sítio “comunism.org”. Disponível em: <<http://www.comunism.com/>>

Biblioteca Virtual de Autores Socialistas. Disponível em: <<http://www.ucm.es/info/bas/es/marx-eng/>>

Biblioteca Virtual Revolucionária. Disponível em: <<http://www.geocities.com/autonomiabvr/index.html>>

Sítio em inglês sobre a história do marxismo e dos movimentos operários “History Archive: a history of the revolutionary working class”. Disponível em: <<http://marxists.org/history/>>

Sítio “World Socialist Movement”. Disponível em: <<http://www.worldsocialism.org/index.php>>

Centros de Pesquisa

Centro de Estudos Marxistas/UNICAMP – <http://www.unicamp.br/cemarx/>

NEILS – Núcleo de Estudos de Ideologias e Lutas Sociais da PUC-SP – <http://www.pucsp.br/neils/>

NEG – Núcleo de Estudos da Globalização da UNESP – <http://globalization.cjb.net/>

IEA USP (Instituto de Estudos Avançados) – <http://www.iea.usp.br/iea/>

IUPERJ – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política – <http://www.iuperj.br/>

Grupos de Pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco – <http://www.propesq.ufpe.br/propesq/pesquisa/grupo.html>

NÊC - Núcleo de Estudos Contemporâneos da UFF – <http://www.historia.uff.br/nec/>

Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos – <http://www.cebela.org.br/>

CEBRAP (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento) – <http://www.cebrap.org.br/index.asp>

NU-SOL Núcleo de Sociabilidade Libertária/PUC-SP – <http://www.nu-sol.org>

Fundação Espanhola de Estudos Libertários Anselmo Lorenzo (*Fundación de Estudios Libertarios Anselmo Lorenzo*) – <http://www.cnt.es/fal/home.php>

Fundação Espanhola de Estudos Marxistas (*Fundación de Investigaciones Marxistas*) – http://www.fim.org.es/01_01.php

REDEM – Rede de Estudos de Economia Mundial (*Red de Estudios de la Economía Mundial*) – <http://www.redem.buap.mx/>

Centro de Estudos em Economia e Sociedade da Universidade de Cornell, EUA (*Center for the Study of Economy and Society*) – <http://www.economyandsociety.org/contact.shtml>

Centro de Estudos Cubanos da Universidade de Tulane, EUA (*Cuban Studies Institute, Tulane University*) – <http://cuba.tulane.edu>

Centro de Estudos Latino Americanos da Universidade de Harvard, EUA (*David Rockefeller Center for Latin American Studies, Harvard University*) – <http://www.fas.harvard.edu/~drclas>

Programa de Estudos Cubanos da Universidade de Georgetown (*Georgetown University Caribbean Project's Cuba Program*) – <http://www.georgetown.edu/sfs/programs/clas/Caribe/Cuba.htm>

Casa de Estudos do Socialismo, Peru (*Casa de estudios del Socialismo*) – <http://www.yachay.com.pe/especiales/mariategui/SUR/index.htm>

Centro de Estudos Chineses da Universidade de Berkeley, EUA (*Center for Chinese Studies, UC Berkeley*) – <http://ieas.berkeley.edu/ccs/>

GERM – Sítio em português do Grupo de Estudos sobre a Mundialização (*Groupe d'Etudes et de Recherchessur les Mondializations*) – <http://www.mondialisations.org/php/public/liste.php?r=59>

Centro de Estudos Russos da Universidade de Harvard, EUA (*Davis Center for Russian and Eurasian Studies at Harvard*) – <http://daviscenter.fas.harvard.edu/>

Centro de Estudos Russos da Universidade de Columbia, EUA (*The Harriman Institute*) – <http://www.harrimaninstitute.org/about/mission.html>

Centro de Estudos Russos da Universidade de Stanford, EUA – <http://www.stanford.edu/dept/CREES>

Centro de Estudos Russos da Universidade de Georgetonw, EUA – <http://www3.georgetown.edu/sfs/ceres/>



Filmes

Título: Dr. Fantástico

Título Original: Dr. Strangelove or How I Learned to Stop Worrying and Love the Bomb

Gênero: Comédia

Tempo de Duração: 93 minutos

Ano de Lançamento (Inglaterra): 1964

Direção: Stanley Kubrick

Roteiro: Stanley Kubrick, Terry Southern e Peter George, baseado em livro de Peter George

Sinopse: Enlouquecido pela Guerra Fria, um general acredita que ficou impotente devido à sabotagem comunista dos reservatórios de água e por isso ordena um ataque nuclear à União Soviética. Dirigido por Stanley Kubrick (Lolita) e com Peter Sellers e George C. Scott no elenco. Recebeu 4 indicações ao Oscar. Dr. Fantástico é baseado no livro “Alerta Vermelho”, escrito pelo ex-tenente da Força Aérea Britânica Peter George, que lançou o livro sob o pseudônimo de Peter Bryant em 1958.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/dr-fantastico/dr-fantastico.asp>)

Título: O Sol da Meia-Noite

Título Original: White Nights

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 131 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 1985

Direção: Taylor Hackford

Roteiro: James Goldman e Eric Hughes, baseado em estória de James Goldman

Sinopse: Nikolai Rodchenko (Mikhail Baryshnikov) é um bailarino russo exilado nos Estados Unidos. Quando seu avião sofre uma pane e pousa em território soviético, a Sibéria, ele é aprisionado pela KGB. Lá tem contato com um bailarino americano, que desertou do exército na época da Guerra do Vietnã, foi morar em Moscou e está casado com uma russa.

Ficção que tem como pano de fundo a Guerra Fria em seus últimos anos, com o mundo ainda tencionado entre dois pólos opostos.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/sol-da-meia-noite/sol-da-meia-noite.htm>)

Título: Moscou em Nova York

Título Original: Moscow on the Hudson

Gênero: Comédia

Tempo de Duração: 112 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 1984

Direção: Paul Mazursky

Roteiro: Paul Mazursky e Leon Capetanos

Sinopse: Vladimir Ivanoff (Robin Williams), um saxofonista do circo de Moscou, sente uma incrível falta de liberdade em seu país. Quando o circo faz uma exibição em Nova York Anatoly Cherkasov (Elya Baskin), o palhaço do circo, pensa em desertar e pedir asilo, mas não consegue por ter uma crise nervosa. Mas Vladimir toma uma decisão: desertar quando vão fazer compras na loja de departamentos Bloomingdale's, onde é ajudado por Lionel Witherspoon (Cleavant Derricks), uma guarda de segurança da loja que o convida a ficar em sua casa. Ivanoff faz uma lenta e dolorosa transição de cidadão russo para americano, sendo ajudado por Lucia Lombardo (Maria Conchita Alonso), uma vendedora da loja que acaba se tornando sua namorada. Lucia é italiana e sonha logo em ter sua cidadania legalizada. Vladimir também é ajudado por Orlando Ramirez (Alejandro Rey), um advogado especialista em imigração que há vinte anos atrás fugiu de Cuba em um pequeno barco. Vladimir vai se acostumando com os novos hábitos e conhece o estranho e apaixonante *american way of life*.

O filme, que recebeu uma indicação ao Globo de Ouro na categoria de Melhor Ator para Robin Williams, permite pensar sobre uma percepção que circulava no discurso de muitos em meados dos anos 80: a insustentabilidade do socialismo real frente ao que o capitalismo pode oferecer ao indivíduo e ao mundo.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/moscou-em-ny/moscou-em-ny.asp>)

Título: Dragões de Sangue

Título Original: Vanishing Son

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 90 minutos

Ano de Lançamento (UEUA): 1994

Direção: Jonh Nicollela

Sinopse: Ao fugir da repressão política na China, dois jovens estudantes emigram para os EUA em busca de uma vida mais digna. Através de uma inteligente combinação de crítica social e filmes de ação, o filme descreve de forma realista a situação dos emigrantes que buscam nos EUA o paraíso da liberdade, mas têm de enfrentar a violência, a corrupção e o racismo.

(Fonte: <http://www.historia.uff.br/nec/vidcriseso.htm>)

Título: Salada Russa em Paris

Título Original: Salades Russes

Gênero: Comédia

Tempo de Duração: 87 minutos

Ano de Lançamento (França/Rússia): 1993



Direção: Youri Mamin

Roteiro: Youri Mamin, Arkadi Tigai

Sinopse: São Petersburgo: Nikolai (Sergei Dontsov) foi despedido de seu emprego como professor de música. Sem dinheiro para pagar o aluguel, vive em uma academia até encontrar um lugar que caiba em seu orçamento. Finalmente, ele consegue um quarto conjugado com Gorokhov (Victor Mikhalkov). A última pessoa que ocupou o quarto, uma idosa, morreu um ano antes e seu gato continua trancado no quarto. Mesmo morando sozinho, o felino está gordo e bastante saudável. Como? Logo Nikolai e o amigo Gorokhov descobrem o mistério: há uma janela no fundo do armário do quarto: uma janela secreta que se abre para os telhados de Paris. Lá, Nicole, uma bela taxidermista, observa o constante vai-e-vem dos russos, que se empolgam com os bens de consumo do mundo livre. Mas Tchijov acaba se apaixonando pela moça e tem pouco tempo para decidir-se por ela, pois em breve a janela mágica irá se fechar e desaparecer pelos próximos vinte anos.

(Fonte: http://www.estacaovirtual.com/distribuidora/filmes_old/saladarussa.html)

Título: Taxi Blues

Título Original: Taksi-Blyuz

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 110 minutos

Ano de Lançamento (URSS/França): 1990

Direção: Pavel Lungin

Sinopse: Moscou, início da Perestroika, após tomar um desfalque de um saxofonista alcoólatra em uma corrida durante a noite anterior, um taxista rude resolve procurar o músico e os dois vão aos poucos desenvolvendo uma “amizade” conflituosa e tumultuada. O filme é uma longa discussão sobre os antagonismos e as carências entre cidadãos de diferentes classes e posturas, no caso o trabalhador e o artista, na Rússia em processo da abertura econômica e reestruturação política.

(Fonte: <http://melhoresfilmes.com.br/filmes/taxi-blues>)

Título: Tão Longe, Tão Perto

Título Original: Faraway, So Close

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 140 minutos

Ano de Lançamento (Alemanha): 1993

Direção: Wim Wenders

Sinopse: Vencedor do Grande Prêmio do Júri do festival de Cannes 1993, “Tão Longe, Tão Perto” é a história de um anjo que vem à terra a procura de um antigo amigo celestial que se transformou em humano ao apaixonar-se por uma bela trapezista. Chegando à cidade de Berlim, vê a dura realidade do pós-Guerra Fria e acaba engajado em um combate fatal para proteger os mortais que ele ama.

(Fonte: <http://www.webcine.com.br/filmessi/taoloper.htm>)

Título: Anna dos 6 aos 18

Título Original: Om 6 do 18

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 80 minutos

Ano de Lançamento (Rússia): 1993

Direção: Nikita Mikhálkov

Sinopse: Anna responde em várias ocasiões de sua vida, dos 6 aos 18 anos, às mesmas perguntas: O que mais ama? O que odeia mais? O que amedronta mais? O que você mais quer? Entre cada sessão de respostas, são mostrados fatos recentes da história da União Soviética, como a morte do presidente Leonid Brejnev, a visita de Kissinger ao país, a ascensão de Gorbachev e o fim da URSS.

(Fonte: <http://www.historia.uff.br/nec/vidcriseso.htm>)

Título: Cidade Zero

Título Original: Gorod Zero

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 100 minutos

Ano de Lançamento (URSS): 1988

Direção: Karen Chakhnazarov

Sinopse: Um engenheiro moscovita viaja para cidade interiorana com a missão de convencer um indústria local a fazer mudanças práticas nos aparelhos de ar condicionado que fabrica. Seus planos esbarram na burocracia e sua vida pessoal é envolvida em um misterioso caso de suicídio. Curioso e inteligente filme do período da perestroika.

(Fonte: <http://www.historia.uff.br/nec/vidcriseso.htm>)

Título: Arca Russa

Título Original: Russkij Kovcheg

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 97 minutos

Ano de Lançamento (Rússia): 2002

Direção: Aleksandr Sokurov

Roteiro: Boris Khaimsky, Anatoli Nikiforov, Svetlana Proskurina e Aleksandr Sokurov

Sinopse: Nos dias atuais um cineasta é misteriosamente enviado ao museu Hermitage, em São Petersburgo, no ano de 1700. Lá ele encontra um diplomata francês do século XIX, com quem inicia uma jornada pela história da Rússia entre os séculos XVIII e XXI.

“Arca Russa” foi rodado em apenas um dia e em um plano-sequência único, que dura 97 minutos e atravessa 35 salas do museu Hermitage, de São Petersburgo.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/arca-russa/arca-russa.asp>)



Título: Adeus, Lênin!

Título Original: Good Bye, Lenin!

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 118 minutos

Ano de Lançamento (Alemanha): 2003

Direção: Wolfgang Becker

Roteiro: Wolfgang Becker e Bernd Lichtenberg

Sinopse: Em 1989, pouco antes da queda do muro de Berlim, a Sra. Kerner (Katrin Sab) passa mal, entra em coma e fica desacordada durante os dias que marcaram o triunfo do regime capitalista. Quando ela desperta, em meados de 1990, sua cidade, Berlim Oriental, está sensivelmente modificada. Seu filho Alexander (Daniel Brühl), temendo que a excitação causada pelas drásticas mudanças possa lhe prejudicar a saúde, decide esconder-lhe os acontecimentos e elabora um plano para que ela acredite que tudo continua exatamente como antes.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/adeus-lenin/adeus-lenin.asp>)

Título: Nono Pelotão

Título Original: 9 Rota

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 130 minutos

Ano de Lançamento (Rússia / Ucrânia / Finlândia): 2005

Direção: Fyodor Bondarchuk

Roteiro: Yuri Korotkov

Sinopse: Anos 80. A sangrenta luta entre soviéticos e mujahidin, no Afeganistão, levou à morte milhares de soldados de ambos os lados. O cansado oficial Khokkol (Fyodor Bondarchuk) acompanha a luta dos jovens soldados soviéticos que, acreditando estar servindo ao país, morrem em uma batalha ocorrida na montanha conhecida como “cume 3234”.

Foi o 1º filme feito na Rússia pós-comunista a ultrapassar a marca de US\$ 20 milhões nas bilheterias locais e representou a Rússia na disputa pelo Oscar 2007 de melhor filme estrangeiro.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/9-pelotao/9-pelotao.asp>)

Título: O Que Fazer em Caso de Incêndio?

Título Original: Was Tun, Wenn's Brennt?

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 100 minutos

Ano de Lançamento (Alemanha): 2002

Direção: Gregor Schnitzler

Roteiro: Stefan Dähnert e Anne Wild

Sinopse: Na Alemanha da década de 80, um grupo de amigos seguiam ideais anárquicos, invadindo prédios e desafiando as autoridades. 15 anos depois eles estão completamente

diferentes e tem uma vida encaminhada, mas precisarão se reunir para evitar que descubram que são os autores da detonação de uma bomba caseira colocada por eles em uma mansão abandonada anos atrás.

Uma imagem comovente e divertidíssima da alemanhã, da reunificação até os dias atuais, construída a partir dos encontros e desencontros de um grupo de amigos muito especial.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/o-que-fazer-em-caso-de-incendio/o-que-fazer-em-caso-de-incendio.asp>)

Título: Suite Havana

Título Original: Suite Habana

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 80 minutos

Ano de Lançamento (Cuba): 2003

Direção: Fernando Pérez

Roteiro: Fernando Pérez

Sinopse: Sem entrevistas, diálogos ou narrativas, o cotidiano de dez moradores da cidade de Havana é registrado por 24 horas, numa demonstração da diversidade dos grupos sociais que formam a população da capital cubana. Como numa suíte – forma musical composta por várias danças ou partes, o cineasta Fernando Pérez reúne as várias histórias adicionando sons eletrônicos e ruídos urbanos de máquinas, automóveis, utensílios domésticos, rádios e TVs. Trata-se de um retrato do dia-a-dia da cidade, que possibilita a reflexão sobre o cenário que envolve a entrada do que sobrou do socialismo real no século XXI.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/suite-habana/suite-habana.asp>)

Título: Nada Mais

Título Original: Nada +

Tempo de Duração: 96 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 2001

Direção: Carlos Cremata

Sinopse: Ir ou não ir? Esta é a questão enfrentada por Carla Pérez quando ganha a Loteria dos Vistos, que lhe permitirá emigrar para os Estados Unidos.

(Fonte: <http://www.bb.com.br/appbb/portal/bb/ctr/rptg/ReportagemDetalhe.jsp?Reportagem.codigo=3260>)

Título: La Vida es Silbar

Título Original: La Vida es Silbar

Tempo de Duração: 106 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 1998



Direção: Fernando Pérez

Sinopse: Bébé, uma garota de 18 anos, é feliz e não entende por que os outros não são. Ela conta as histórias de Mariana, Julia e Elpidio, três personagens que não são felizes na Havana deste fim de século.

(Fonte: <http://www.bb.com.br/appbb/portal/bb/ctr/rptg/ReportagemDetalhe.jsp?Reportagem.codigo=3260>)

Título: Guantanamera

Título Original: Guantanamera

Gênero: Comédia

Tempo de Duração: 101 minutos

Ano de Lançamento (Cuba, Espanha, Alemanha): 1995

Direção: Tomás Gutiérrez Alea,

Sinopse: Na Cuba atual, quando tem início uma grave crise de combustível, a burocracia dominante cria normas para os funerais dos cidadãos. O transporte de defunto se torna um problema, e Afonso (Carlos Cruz) formula um intrincado plano para resolver a situação. Com uma morte inesperada em sua família, Afonso inaugura o novo sistema de transporte funerário levando o corpo de Guantanamo até Havana em uma peregrinação com situações tanto cômicas como absurdas, de forma que a vida de ninguém nunca será a mesma.

Uma sátira fina composta pelo mestre do cinema cubano, Gutiérrez Alea, sobre o cotidiano de seu país. Num tom debochado e romântico, o filme trata do quão distante Cuba está da realidade internacional.

(Fonte: http://www.2001video.com.br/detalhes_produto_extra_dvd.asp?produto=13378)

Título: Kolya – Uma Lição de Amor

Título Original: Kolya

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 108 minutos

Ano de Lançamento (Tchecoslováquia/França/Inglaterra): 1996

Direção: Jan Sverák

Sinopse: Na Tchecoslováquia de 1988, às vésperas da evasão das tropas russas, o violoncelista Louka, um solteiro convicto, é demitido da Orquestra Filarmônica da cidade e ganha a vida tocando em funerais. Por razões financeiras, casa-se com a filha de um coveiro para que ela obtenha a cidadania checo e passa a cuidar do filho da mulher quando esta foge para o Ocidente. A convivência com o menino Kolya muda radicalmente a vida de Louka, que aprende uma inesquecível lição de amor. Com seu roteiro inteligente e ótimas atuações de todo o elenco, esse belíssimo drama familiar conquistou platéias e prêmios em todo o mundo. A direção é do renomado cineasta checo Jan Sverák, cujo filme *Lições da Infância* foi indicado ao Oscar de Melhor Filme Estrangeiro. (Fonte: <http://www.historia.uff.br/nec/vidcriseso.htm>)

Título: Banhos

Título Original: Xizhao

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 92 minutos

Ano de Lançamento (China): 1999

Direção: Zhang Yang

Roteiro: Shangjun Cai, Yinan Diao, Xin Huo, Fendou Lin e Zhang Yang

Sinopse: Abandonado pelo filho mais velho, que foi para Shenzhen tentar melhor sorte, pai de família fica em Beijing cuidando do filho retardado e exercendo a profissão de mestre de uma casa de banho. Acreditando que o pai tinha morrido, o filho mais velho volta para Beijing e descobre a importância da casa de banho para a comunidade.

Num filme delicado, a rotina de casa de banhos chinesa, um dos poucos lugares em que a tradição resiste ao avanço da modernidade, é símbolo de um mundo em transformação.

(Fonte: http://www2.correioweb.com.br/cw/2001-06-19/mat_42426.htm)

Título: Amores Brutos

Título Original: Amores Perros

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 153 minutos

Ano de Lançamento (México): 2000

Direção: Alejandro González-Iñárritu

Roteiro: Guillermo Arriaga

Sinopse: Na Cidade do México, um terrível acidente automobilístico ocorre. A partir deste momento, três pessoas envolvidas no acidente se encontram e têm suas vidas mudadas para sempre. Um deles é o adolescente Octavio (Gael García Bernal), que decidiu fugir com a mulher de seu irmão, Susana (Vanessa Bauche), usando seu cachorro Cofi como veículo para conseguir o dinheiro para a fuga. Ao mesmo tempo, Daniel (Álvaro Guerrero) resolve abandonar sua esposa e filhas para ir viver com Valeria (Goya Toledo), uma bela modelo por quem está apaixonado. Também se envolve no acidente Chivo (Emilio Echevarría), um ex-guerrilheiro comunista que agora atua como matador de aluguel, após passar vários anos preso. Ali, em meio ao caos, ele encontra Cofi e vê a possibilidade de sua redenção.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/amores-brutos/amores-brutos.asp>)

Título Original: Nós Que Aqui Estamos Por Vós Esperamos

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 73 min.

Ano de Lançamento (Brasil): 1999

Direção: Marcelo Masagão



Sinopse: “Nós que aqui estamos por vós esperamos” é um filme-memória sobre o século XX, a partir de recortes biográficos reais e ficcionais de pequenos e grandes personagens que viveram neste século. Este filme pretende discutir a banalização da morte e por correspondência direta, da vida. Noventa e cinco por cento das imagens são de arquivo: Filmes antigos, fotos e reportagens de TV. O filme não tem um locutor e nem depoimentos orais dos personagens envolvidos. A sonorização é toda realizada com música, efeitos sonoros e silêncios.

(Fonte: <http://www2.uol.com.br/filmememoria/ficha.htm>)

Título Original: Ilha das Flores

Gênero: Curta-metragem

Tempo de Duração: 12 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 1989

Direção: Jorge Furtado

Roteiro: Jorge Furtado

Sinopse: Um tomate é plantado, colhido, vendido e termina no lixo da Ilha das Flores, entre porcos, mulheres e crianças. Curta-metragem premiadíssimo do gaúcho Jorge Furtado, o filme retrata com ironia o mundo em que vivemos: uma sociedade em rede, interligada por mercados, gentes, coisas e idéias. Um exemplo da sociedade moldada pelos fluxos do capitalismo atual construído por Furtado com maestria e muito senso de humor. Este curta está disponível para exibição online em www.portacurtas.com.br.

(Fonte: <http://www.curtagora.com/filme.asp?Codigo=560&Ficha=Completa>)

Título: As Invasões Bárbaras

Título Original: Les Invasions Barbares

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 99 minutos

Ano de Lançamento (Canadá): 2003

Direção: Denys Arcand

Roteiro: Denys Arcand

Sinopse: À beira da morte e com dificuldades em aceitar seu passado, Rémy (Rémy Girard) busca encontrar a paz. Para tanto recebe a ajuda de Sébastien (Stéphane Rousseau), seu filho ausente, sua ex-mulher e velhos amigos. Vencedor do Oscar de Melhor Filme Estrangeiro, o filme mostra com delicadeza a desilusão de uma geração combativa que assiste ao despedaçar das ideologias que defenderam durante décadas e ao triunfo do capitalismo.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/invasoes-barbaras/invasoes-barbaras.htm>)

Título: Babel

Título Original: Babel

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 142 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 2006

Direção: Alejandro González-Iñárritu

Roteiro: Guillermo Arriaga, baseado em idéia de Guillermo Arriaga e Alejandro González Iñárritu

Sinopse: Um ônibus repleto de turistas atravessa uma região montanhosa do Marrocos. Entre os viajantes estão Richard (Brad Pitt) e Susan (Cate Blanchett), um casal de americanos. Ali perto os meninos Ahmed (Said Tarchani) e Youssef (Boubker At El Caid) manejam um rifle que seu pai lhes deu para proteger a pequena criação de cabras da família. Um tiro atinge o ônibus, ferindo Susan. A partir daí o filme mostra como este fato afeta a vida de pessoas em vários pontos diferentes do mundo: nos Estados Unidos, onde Richard e Susan deixaram seus filhos aos cuidados da babá mexicana; no Japão, onde um homem (Kôji Yakusho) tenta superar a morte trágica de sua mulher e ajudar a filha surda (Rinko Kinkuchi) a aceitar a perda; no México, para onde a babá (Adriana Barraza) acaba levando as crianças; e ali mesmo, no Marrocos, onde a polícia passa a procurar suspeitos de um ato terrorista. O mundo globalizado e seus processos contraditórios de fragmentação e integração permeiam este filme vencedor do Globo de Ouro de 2006. É um retrato contundente dos reflexos do caráter desagregador do capitalismo mundializado de hoje sobre o indivíduo.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/babel/babel.asp>)

Título: Koyaanisqatsi - Uma Vida Fora de Equilíbrio

Título Original: Koyaanisqatsi - Life out of Balance

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 87 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 1983

Direção: Godfrey Reggio

Sinopse: O diretor Godfrey Reggio filmou em locações por todos os EUA em busca de cenas da natureza ou espaços com intervenções do homem que mostrem desequilíbrio. Em imagens arrebatadoras, em câmera lenta ou acelerada, Reggio desfila um admirável mundo novo, sem qualquer diálogo, que é comentado de forma inesperável pela trilha sonora do compositor Philip Glass.

(Fonte: <http://www.e-petropolis.com.br/cultvideo/busca2.php?tipo1=02&genero1=05>)

Título: Powaqqatsi – Vida em Transformação

Título Original: Powaqqatsi

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 90 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 1988



Direção: Godfrey Reggio

Sinopse: Imagens e sons reconstroem a diversidade cultural e social do mundo. Uma continuação de Koyaanisqatsi, o filme utiliza imagens fortes como as de Serra Pelada, no Brasil, para destacar movimentos de massas e o capitalismo impresso nas paisagens do terceiro mundo. (Fonte: <http://www.e-petropolis.com.br/cultvideo/busca2.php?tipo1=02&genero1=05>)

Programas de TV

Série **Alô Escola – TV Cultura:**

Equipe de produção internacional:

Produzido por: Via Le Mond (D.B.) Inc. com a participação de: La Sept (France)

Concepção original: Daniel Bertolino e Catherine Viau

Roteiro: Catherine Viau

The Multimedia Group of Canada

Equipe de produção TV Cultura:

Roteiro: Fernando Navarro, Dora Karam

Episódios:

Cenas do Século XX: O Levante da Hungria

(<http://www.tvcultura.com.br/aloescola/historia/cenasdoseculo/internacionais/hungria-olevanteda.htm>)

Cenas do Século XX: Lech Walesa e o Solidariedade

(<http://www.tvcultura.com.br/aloescola/historia/cenasdoseculo/internacionais/lechwalesa-solidariedade.htm>)

Cenas do Século XX: A Primavera de Praga

(<http://www.tvcultura.com.br/aloescola/historia/cenasdoseculo/internacionais/praga-primaverade.htm>)

Cenas do Século XX: A Reunificação da Alemanha

(<http://www.tvcultura.com.br/aloescola/historia/cenasdoseculo/internacionais/alemanha-reunificacao.htm>)

Cenas do Século XX: O Muro de Berlim

(<http://www.tvcultura.com.br/aloescola/historia/cenasdoseculo/internacionais/murodeberlim.htm>)

Cenas do Século XX: República Popular da China

(<http://www.tvcultura.com.br/aloescola/historia/cenasdoseculo/internacionais/china.htm>)

Guerra Fria

(<http://www.tvcultura.com.br/aloescola/historia/guerrafria/index.htm>)

Músicas

Canção *Fim da História*, Gilberto Gil.

Canção *Como Nossos Pais*, Elis Regina.

Canção *Miss Sarjevo*, U2.

Canção *Americanos*, Caetano Veloso.

Canção *It's The End Of The World As We Know It (And I Feel Fine)*, R.E.M.

Canção *Alô, Liberdade*, Chico Buarque.

Poesia

Vou-me embora pra Pasárgada. In: BANDEIRA, Manuel. Estrela da Vida Inteira. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1989.



LINHA DO TEMPO

Antecedentes:

- ▶ O Socialismo Depois da III Internacional
- ▶ O Socialismo no Terceiro Mundo

1864 – Fundação da AIT (Associação Internacional dos Trabalhadores), a I Internacional, com a participação de Marx e Engels.

1871 – Comuna de Paris

1889 – Criada em Paris a II Internacional (ou Internacional Socialista).

1903 – O POSDR se dividiu em dois grupos, um ligado a Lênin, que levou o nome de **bolchevique** (maioria, por terem maioria de votos no congresso do Partido) e outro ligado aos dirigentes Martóv e Plekhanov, que ficou conhecido como **menchevique** (minoria).

1905 – Primeira onda da Revolução Russa

1912 – Montenegro declara guerra à Turquia e torna guerra mundial iminente

1914 – Explode a I Guerra Mundial, como consequência da fase e das disputas imperialistas entre as potências capitalistas. Alemanha derrotada terá que pagar os prejuízos de guerra, pelo Tratado de Versalhes.

Os partidos da II Internacional aprovam os créditos de guerra aos seus governos, negando as teses internacionalistas. Lênin e Rosa de Luxemburgo dizem que II Internacional faliu após isso. Ao final da guerra, a Alemanha, derrotada, terá que pagar os prejuízos de guerra, pelo Tratado de Versalhes.

1915 – setembro: Conferência de Zimmerwald, na Suíça.

1916 – Conferência em Kienthal. Essas duas conferências lançaram as bases do que seria depois a III Internacional, com Lênin, Rosa de Luxemburgo, Trotsky.

1917 – Revolução Russa

- ▶ **Fevereiro:** Revolução democrático-burguesa

► **Julho:** o príncipe Lvov foi substituído por Kerensky

► **Outubro:** Revolução Socialista

1918-março – Irrompe a Guerra Civil, que se estendeu até 1921. Durante este período predominou o regime do Comunismo de Guerra, baseado nas requisições da produção camponesa e no racionamento.

1919-março – Tratado de Brest- Litovsk, Rússia sai da guerra. Paz com a Alemanha.

1919-março – Primeiro congresso da III Internacional, em Moscou.

1921 – Vitória do Exército Vermelho na Guerra Civil e Início à **Nova Política Econômica**, a **NEP**. Os demais partidos soviéticos foram banidos em 1921.

1922 – Fundação da União Soviética – URSS

► Final do ano: afastamento de Lênin, por doença. Stalin assume a Secretaria Geral do Partido Comunista Russo

1923-24 – Debate entre Preobrajensky e Bukharin acerca dos caminhos para o avanço econômico.

1924 – Morte de Lênin abre caminho para Stalin. Trotsky organiza a Oposição de Esquerda. Stalin já tinha sob controle o aparato do partido.

1925 – Trotsky é destituído de seu cargo no Comissariado do Povo

1926 – Zinoviev e Kamenev rompem com Stalin e junto com a Oposição de Esquerda compõem a Oposição Unida.

1927 – Stalin derrota definitivamente e massacra qualquer oposição.

1928 – Começam as medidas da Coletivização Forçada da terra

1929 – Trotsky foi exilado.

► Início do Primeiro Plano Quinquenal (1929-1933) de industrialização acelerada. Na década de 30 foram desenvolvidos outros três planos quinquenais

1938 – Fundação da IV Internacional

1940 – Início da II Guerra Mundial

► Assassinato de Trotsky

1943 – A III Internacional foi dissolvida por Stalin

1945 – termina a II Guerra Mundial



1948 – O *Bogotazo* na Colômbia

- ▶ A Iugoslávia rompe com a União Soviética

1949 – triunfo da revolução chinesa

1950 – começa a guerra da Coreia

- ▶ Começa governo Jacobo Arbenz na Guatemala
- ▶ Fundado o Partido Comunista da Bolívia

1951 – independência da Líbia

1952 – *Pele negra, máscaras brancas*, de Frantz Fanon

- ▶ Revolução boliviana

1953 – fim da guerra da Coreia

- ▶ Independência do Camboja
- ▶ Ataque ao Quartel Moncada em Cuba

1954 – batalha de Dien Bien Phu

- ▶ Golpe de Estado contra Jacobo Arbenz na Guatemala

1955 – Conferência Afro-Asiática de Bandung

1956 – independência do Sudão e do Marrocos

- ▶ O MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) é “oficialmente” fundado
- ▶ Reunião do XX Congresso do PCUS, com as denúncias contra Stálin

1957 – independência de Gana

- ▶ Movimento das Cem Flores na China

1958 – independência da República Popular da Guiné

- ▶ Grande Salto para a Frente, na China

1959 – triunfo da revolução cubana

1960 – independência do Congo belga, da Somália, do Mali, do Benin, da Nigéria, de Níger, de Burkina Fasso, da Costa do Marfim, do Chade, da República Centro-Africana, do Congo, do Gabão, do Senegal e da Mauritânia

- ▶ *Guerra de guerrilhas*, de Che Guevara

1961 – invasão da Baía dos Porcos

- ▶ Declaração do caráter socialista da revolução cubana

- ▶ Independência da Mauritânia e de Sierra Leoa
- ▶ *Os condenados da terra*, de Frantz Fanon
- ▶ A FSLN (Frente Sandinista de Libertação Nacional) é fundada por Carlos Amador Fonseca, na Nicarágua
- ▶ Che Guevara se torna ministro das Indústrias de Cuba

1962 – Crise dos Mísseis em Cuba

- ▶ Independência de Ruanda, Burundi, Argélia e Uganda
- ▶ A Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique) é fundada
- ▶ Cuba é expulsa da OEA naquele ano

1963 – independência do Quênia

- ▶ *Pasajes de la guerra revolucionaria*, de Che Guevara

1964 – Golpe Militar no Brasil

- ▶ Independência do Malauí, da Zâmbia e da Tanzânia
- ▶ Surge o Khmer Vermelho
- ▶ Criação do ELN na Colômbia

1965 – Che Guevara vai lutar no Congo

- ▶ Invasão de São Domingos
- ▶ Fundação do novo Partido Comunista de Cuba

1966 – Che Guevara vai lutar na Bolívia

- ▶ Criação das Farc na Colômbia
- ▶ Revolução Cultural na China
- ▶ Conferência Tricontinental em Cuba

1967 – Che Guevara é assassinado na Bolívia

1968 – Primavera de Praga

- ▶ Protestos de estudantes em maio, em Paris

1969 – assassinato de Carlos Marighella

- ▶ Reunião do IX Congresso do PC chinês, com a reorganização do partido



- 1970** – O socialista Salvador Allende ganha as eleições no Chile
- ▶ Fundação do Partido Comunista Sendero Luminoso, por Abimael Guzmán, no Peru
- 1971** – A China entra na ONU
- 1973** – golpe de Estado no Chile
- ▶ Independência da Guiné Bissau
 - ▶ Os Estados Unidos abandonam o Vietnã
 - ▶ Golpe militar no Uruguai
- 1975** – independência de São Tomé e Príncipe, de Moçambique, de Cabo Verde, de Camarões e de Angola
- ▶ Os vietcongs tomam Saigon, decretando o fim da guerra no Vietnã
 - ▶ O Khmer Vermelho entra em Phnom Pehn, capital do Camboja
- 1976** – assassinato de Carlos Fonseca Amador
- 1978** – assassinato de Pedro Joaquín Chamorro na Nicarágua
- ▶ O PC chinês decide adotar uma economia “socialista” de mercado
- 1979** – triunfo da revolução nicaraguense
- Fuga de Anástasio Somoza da Nicarágua
- 1980** – quatro organizações guerrilheiras e o Partido Comunista de El Salvador se unem para formar a FMLN, em El Salvador
- ▶ Combate ao culto da personalidade de Mao
- 1989** – Queda do Muro de Berlin e início da assimilação da antiga Alemanha Oriental, que fazia parte do bloco soviético, pela Alemanha Ocidental, capitalista.
- ▶ Massacre na Praça da Paz Celestial, na China
- 1991** – o fim da União Soviética.
- ▶ Dezembro – Declarado formalmente por Gorbachev o fim da União Soviética

PRODUÇÃO EDITORIAL



Produção e edição final
Tereza Vitale

Diagramação
Heonir S. Valentim

CLSW 302 – Bloco B – Sala 123 – Ed. Park Center
CEP 70673-612 – Setor Sudoeste – Cruzeiro, DF
Telefax: (61) **3033-3704 / 9986-3632**
e-mail: tereza@intertexto.net
editorial.abare@gmail.com

A publicação dos textos do **Curso de formação, atualização e capacitação política** abre uma nova fase da FJM na qual pretende-se, por meio da TV João Mangabeira, em curso on-line, proporcionar aos socialistas não só instrumentos de reflexão e formação pessoais, mas instrumentos para organizar grupos de estudo, formação e atuação política nos mais diversos segmentos da sociedade.

Em especial, esse primeiro curso, organizado em quatro módulos, visa abrir uma ampla discussão sobre o movimento socialista mundial e nacional, e seus atuais desafios. Pretende, de forma acadêmica, apresentar, histórica e conjunturalmente, elementos de discussão, desafios, interrogações, e não diretrizes ou soluções.

Dessa forma, a atual direção da FJM objetiva cumprir a missão dessa instituição de auxiliar o Partido Socialista Brasileiro na formação de seus quadros e de todos os que acreditam no socialismo, na liberdade e na democracia.

A Fundação João Mangabeira (FJM), criada em 1990, tem como meta colocar, na agenda política nacional, a discussão sobre o socialismo no Brasil, para todas as pessoas que sonham e lutam por uma sociedade de liberdade, justiça e paz, independentemente de suas filiações partidárias.

**“O socialismo não é um dogma.
O socialismo é uma civilização, uma atitude em relação
às questões mais importantes de nossa vida.
Paz. Justiça. Igualdade. Humanismo”.**



Sede própria - SHIS QI 5 Conjunto 2 Casa 2
CEP 71615-020 - Lago Sul - Brasília, DF
Telefax: (61) 3365-4099/3365-5277/3365-5279
www.fjmangabeira.org.br
www.tvjoaomangabeira.com.br